



RACHEL
VAN DYKEN

Desafío

SUMA
de libros

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

RACHEL
VAN DYKEN

o Desafio

Tradução
Flora Pinheiro



Copyright © 2013 by Rachel Van Dyken

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Publicado mediante acordo com Grand Central Publishing, Nova York, NY, EUA.
Todos os direitos reservados.

Todos direitos desta edição reservados à
EDITORA OBJETIVA LTDA.

Rua Cosme Velho, 103

Rio de Janeiro — RJ — CEP: 22241-090

Tel.: (21) 2199-7824 — Fax: (21) 2199-7825

www.objetiva.com.br

Título original

The Wager

Capa

Marcela Perroni sobre layout original

Imagem de capa

LatinStock | Felix Wirth

Revisão

Caroline Mori

Carolina Rodrigues

Eduardo Carneiro

Coordenação de e-book

Marcelo Xavier

Conversão para e-book

Freitas Bastos

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

D995d

Dyken, Rachel van

O desafio [recurso eletrônico] / Rachel van Dyken ; tradução Flora Pinheiro. - 1.

ed. - Rio de Janeiro : Objetiva, 2015.

recurso digital

Tradução de: *The Wager*

Formato: epub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

291p. ISBN 978-85-8105-269-4 (recurso eletrônico)

1. Amor - Ficção americana. 2. Casamento - Ficção americana. I. Pinheiro, Flora.
II. Título.

15-19679 CDD: 813 CDU: 821.111-3

Sumário

Capa
Folha de Rosto
Créditos
Dedicatória
Agradecimentos
Prólogo
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19

Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
Capítulo 40
Capítulo 41
Capítulo 42
Capítulo 43
Capítulo 44
Capítulo 45
Capítulo 46
Capítulo 47
Capítulo 48
Capítulo 49
Capítulo 50
Capítulo 51
Capítulo 52
Capítulo 53
Capítulo 54
Capítulo 55

Capítulo 56

Capítulo 57

Capítulo 58

Capítulo 59

Capítulo 60

Capítulo 61

Capítulo 62

Capítulo 63

Epílogo

Para vovó Nadine. Você é minha verdadeira inspiração para esta série. Muito obrigada por ser uma avó tão maravilhosa, ousada e amorosa! É uma benção tê-la em minha vida. Que venham muitos anos depois desses 86, vovó! E muito obrigada por ir a todas as noites de autógrafo comigo. Você realmente é uma das minhas melhores amigas. Tenho certeza de que quero ser sua vice quando você concorrer a presidente... Nunca é tarde demais, não é mesmo?

Agradecimentos

Antes de tudo, preciso agradecer a Deus por permitir que eu realize meu sonho todos os dias da minha vida. Ainda acordo e me belisco e ainda me ajoelho em gratidão. Sem Ele, não sou nada.

Muito obrigada a minha editora, Lauren Plude. Não tenho palavras para dizer como é divertido trabalhar com você! Além de ser uma editora maravilhosa, você realmente se importa com tudo o que faz, e isso é visível. Seu encorajamento é uma bênção incrível. Já disse isto antes e digo outra vez: amo muito você! Estou deixando tudo meio constrangedor...

Grand Central Publishing... Uau, nem sei o que dizer! Eu me sentia como a aluna nova no primeiro dia de aula. Vocês superaram minhas expectativas (e ainda superam!). Dos capistas à equipe de publicidade, não consigo agradecer o suficiente a maneira como me acolheram e fizeram com que eu me sentisse em casa. Obrigada, obrigada por se arriscarem e me proporcionarem esta oportunidade maravilhosa, que é escrever para vocês! É de fato uma honra.

Meu marido, Nate, e melhor amigo: muito obrigada por não arrancar o computador de mim quando estou digitando às três da madrugada. De verdade. Preciso ser sincera: fiquei preocupada quando você escondeu meu *e-reader*. Mas, graças a Deus, você tem sido maravilhoso durante esta jornada de prazos e momentos insanos! Você é, e sempre será, meu herói. É o homem que escrevo em cada história. É perfeito. Eu o amo do fundo do meu coração. Obrigada por ser não somente um marido, mas também um

parceiro, e não apenas um amante, mas meu melhor amigo. Devo tudo a você, porque você me deu tudo.

E, finalmente, ao restante da família. Obrigada por acreditarem em mim! Liza Tice, Laura Heritage, Kristin Van Dyken, Julie Sherwood e Tiffany Davis. Meus primeiros revisores e as pessoas que leram o começo desta série e acreditaram nela. Amo vocês.

Prólogo

Verão de 2002

— Jake! Me segura! Me segura! — gritou Char, preparando-se para cair de costas durante o exercício de confiança no acampamento do último ano do ensino fundamental.

Fazia anos que tinha uma quedinha por Jake. Agora que estava terminando o nono ano e começaria o ensino médio no outono, as coisas pareciam estar melhorando. De pernas depiladas, novo batom rosa nos lábios e um rabo de cavalo alto, ela sabia que estava bonita. E Jake logo, logo saberia também, assim que ela caísse (literalmente) em seus braços.

— Hã... ok — respondeu Jake, atrás dela. — Estou quase pronto.

— Ok. — Sentindo-se nervosa de repente, Char respirou fundo algumas vezes. — Vou cair!

— Pode vir! — avisou Jake.

Char sentiu o vento nas costas quando endireitou o corpo e se jogou para trás. Mas não parou de cair: não havia nada que a pudesse amparar. Bateu na grama com um baque e olhou para cima.

Amy Stevens enrolava uma mecha de cabelo entre os dedos, rindo de algo que Jake dizia. Aquele cara tinha a capacidade de concentração de um peixinho-dourado!

— Seu babaca! — Char bateu com o punho no chão. — Jake? Somos parceiros, e existe um motivo para o fato de essa atividade se chamar exercício de confiança! Você deveria ter me segurado!

Ele arregalou os olhos.

— Ai, droga! Me desculpe, Char. Amy não sabia o que era para fazer e não tinha parceiro, então eu disse que ela poderia ficar com a gente.

— Ah, mas...

— Nossa, Jake, ainda bem que me ofereci para ser sua parceira! Vamos precisar de duas pessoas para segurar essa garota. Ela parece uma baleia inchada. — Amy riu e cutucou Jake, o que fez o estômago de Char embrulhar. Ela sabia que não era tão magra quanto Amy ou as outras garotas. Umedeceu os lábios, insegura, e sofreu a dor da rejeição que se abateu sobre ela. Enquanto o silêncio se prolongava, sentiu as lágrimas que brotavam e um nó na garganta.

Char olhou para ele, que estava com as bochechas um pouco vermelhas, mas Jake não disse nem uma palavra. Ele não a defendeu. Ele não fez nada.

Talvez essa tenha sido a pior parte.

A total falta de reação.

Ele poderia ter rido da piada também. Isso ao menos deixaria Char irritada o suficiente para socar a cara dele. Em vez disso, Jake a olhou com pena, como se o que Amy dissera fosse verdade.

Como se concordasse com aquilo, mas não soubesse de que modo dizer isso a ela.

Char sentiu os olhos se encherem de lágrimas, então os baixou à grama, que já lhe causava coceira.

— E aí, gente, estão prontos para o exercício?

Kacey foi até eles e sorriu, deixando Char ainda mais insegura. A única garota em quem Jake confiava era Kacey. Char e Jake compartilhavam a melhor amiga, o que era uma droga, na opinião de Char. Fazia com que ela sempre se sentisse sobrando, como se fosse um brinquedo estranho e com defeito, que nunca se encaixava em lugar nenhum.

Jake abraçou a recém-chegada.

— Estávamos só aquecendo.

— Legal. — Kacey olhou para Char. — Vamos lá! Levante-se daí, preguiçosa!

Amy caiu na gargalhada.

— Exercício, Char. Já ouviu falar nisso?

Kacey olhou de cara feia para Amy e estendeu a mão para Char.

— Ignore. Ela só está chateada porque seus peitos são maiores que os dela.

Revirando os olhos, Char se levantou e deu uma última olhada na direção de Jake. Era o fim da quedinha que sentia por ele. De verdade. Afinal, que garota quer se apaixonar por um cara que não a resgata quando ela mais precisa dele?

Ela queria um homem como os que via nos filmes e na TV. Um herói de verdade, que a salvasse. Homens de verdade usavam armas e espadas para lutar pelas mulheres que amavam. No ano anterior, quando a turma assistiu ao filme *Romeu e Julieta*, Char precisou esconder as lágrimas que escorriam por seu rosto durante a última cena. Era aquilo que ela queria: um homem tão apaixonado que a seguisse até o outro mundo! Na época, quando disse aquilo em voz alta, Jake a olhou como se ela fosse maluca. Bem, ele é que iria se dar mal, no final das contas! Char encontraria o homem da sua vida! E, por ela, Jake Titus poderia... morrer.

Capítulo 1

Dias de hoje

— Vovó, que merda você está fazendo? — Enquanto pegava as duas malas gigantescas, a enorme bolsa Coach rosa e o que mais parecia um animal morto que por vezes andava pendurado na cabeça da avó, Jake praguejava mais uma vez.

— Olhe a língua, Jake! — Vovó Nadine ergueu os ombros e o empurrou, abrindo caminho até o guichê de passagens.

Ah, não. Não mesmo. Pelo amor de Deus, não! Jake olhou ao redor à procura de Aileen, sua última conquista amorosa, que o acompanhara na festa de noivado de seu irmão, Travis.

— Sim, preciso de uma passagem só de ida — anunciou vovó em voz alta, dirigindo-se à atendente da companhia aérea Alaska Airlines. Jake assistia à cena com um misto de horror e pânico enquanto a avó comprava um assento no mesmo voo dele. *Tomara que o cartão seja recusado. Tomara. Tomara.*

— Aqui está — disse a atendente maligna ao entregar o cartão de embarque e sorrir. Jake a encarou, irritado. Depois encarou a avó.

— Não. — Ele balançou a cabeça quando vovó Nadine se aproximou, risonha. — Você não vai — sustentou Jake. E cruzou os braços, firme.

— Vou, sim. — Vovó sacudiu o cartão de embarque bem na cara dele e sorriu. — Agora pegue as minhas malas.

— Mas...

— Jakey? — Aileen foi até ele, quase desfilando. Vestindo uma saia do tamanho que não deveria ser permitido em lugares públicos,

especialmente em aeroportos, ela ajeitou o penteado e parou ao seu lado. O cabelo tingido de loiro se mantinha no lugar com o uso de ao menos duas latas de spray fixador e, a julgar por sua incapacidade de andar em linha reta, Aileen ainda trazia a embriaguez da noite anterior.

Vovó abriu um sorriso.

— Que maravilha! Parece que sua vagabunda chegou.

Jake grunhiu e cobriu o rosto com as mãos. Não tinha como sair dessa. Sua avó acabaria fazendo com que ele levasse um tiro.

Terra da vingança feminina, aqui vou eu.

— O que você disse? — Aileen colocou as mãos na cintura e balançou a cabeça para vovó de um jeito estranho, quase caindo dos saltos. *Ah, aquilo não era bom! Não era nada bom.*

Vovó deu um tapinha simpático no braço da jovem.

— Queridinha, sou eu que preciso de aparelho auditivo, não você. Acabei de chamá-la de vagabunda. Quer que eu soletre? — A velha senhora cutucou Jake. — De onde saiu essa? Da feira de empregos para nível médio? — Então, vovó começou a soletrar a plenos pulmões: — V-A-G-A-B-U-N-D-A.

Ela estava mesmo soletrando “vagabunda” em um aeroporto internacional? E ainda por cima para a namorada dele? Ou melhor, caso? O que Aileen era, afinal?

Droga, ele nem sabia o sobrenome dela!

O que devia ser um mau sinal.

— Pois saiba que...

— Jake, estou com fome. Me leve para comer. — Vovó enlaçou o braço no dele e começou a puxá-lo em direção aos seguranças com mais força do que deveria ter uma mulher de 86 anos.

— Mas e eu? — Atrás dos dois, Aileen fez beicinho.

Vovó parou de andar e se virou.

— Queridinha, tenho certeza de que você é capaz de encontrar outra excelente distração até a hora do voo. Este aqui já tem dona.

Aileen bufou.

— Não achei que seu gosto fosse tão duvidoso — disse para Jake.

Ele abriu a boca para explicar “*Essa é a minha avó*”. Porém, antes que tivesse tempo de falar, a avó lhe deu um grande beijo na

bochecha e beliscou seu traseiro.

— Ah, queridinha! Você nem imagina do que esse aqui gosta! — E deu uma piscadela.

Deus do céu! Vovó tinha acabado de piscar e sugerir que Jake era seu... ele nem conseguia concluir o pensamento. Horrorizado, viu os olhos de Aileen se arregalarem. Abriu a boca para responder, mas a avó lhe deu um tapa na bunda que o empurrou na direção contrária.

Seu carma estava finalmente acertando as contas. E na forma de uma mulher de 86 anos com batom nos dentes. Mas que merda!

Capítulo 2

— Respire, Char. Respire. Inspire, expire... pronto.

Char tentava normalizar a respiração, mas estava tendo bastante dificuldade, pois sua irmã lhe dava tapas nas costas sempre que ela abria a boca.

— Passe o saco de papel. — Char arrancou o saco das mãos da irmã e começou a respirar ali dentro, devagar. Finalmente, depois de dois minutos pensando que fosse morrer, o ataque de pânico passou.

— Melhor? — sussurrou Beth.

— Não. — Char mordeu o lábio e olhou para o corredor. O mesmíssimo corredor por onde, minutos antes, Jake Titus passara. Ele chegara a olhar para ela e abrir um sorriso educado antes de continuar o caminho até seu assento.

Um sorriso.

Era tudo o que ela merecia. Um sorriso educado. O fato de o avião ter escolhido aquele exato momento para passar pela maior turbulência da história só piorou as coisas.

Mas a cereja do bolo, o que realmente fez com que aquele fosse o pior dia de sua vida, foi quando os peitos da comissária de bordo acidentalmente — até parece! — pularam da blusa e bateram bem na cara de Jake.

Aquele homem precisava ser castrado. Ele era a encarnação do sexo, e todos ao seu redor ficavam cientes disso. Mesmo Jake não sendo uma celebridade, as mulheres se sentiam atraídas para ele como ratos para o queijo.

E ela já tinha sido um desses ratos.

— Babaca! — murmurou para si mesma, cerrando os punhos.

Mas aquilo fora anos atrás. Ela já estava calejada. Além de mais forte e mais sábia.

Sim, mais forte. Era uma figura pública, pelo amor de Deus! Tinha capacidade de agir como se estivesse tudo *bem*, e era exatamente isso que iria fazer.

E estava mesmo tudo bem.

Tudo muito, muito, muito bem.

— Char? — Beth a cutucou. — Você está se balançando para a frente e para trás de novo. Quer que eu pegue o saco?

— Não precisa. — Char sentiu os lábios se abrirem em um sorriso. — Já volto.

Beth estendeu o braço para bloquear a saída da irmã.

— Não. Não mesmo. Você está com aquela cara de louca. E eu realmente não quero que você seja presa. Como sua irmã e futura dama de honra, não vou me perdoar se eu deixar que você passe.

— Compro uma bolsa Louis Vuitton para você.

— Por outro lado... você é adulta e pode tomar as próprias decisões. Pode ir! — Beth ergueu o braço. — Preta. Vou querer a preta.

Char revirou os olhos e andou até o assento de Jake.

O aviso de AFIVELAR OS CINTOS não estava mais aceso, então Char estava liberada. Tinha praticado aquele discurso desde o encontro fatal no ano anterior. Ela queria mais que um casinho de uma noite, e Jake... Bem, ele queria um casinho de uma noite e um "obrigada!". Char nunca contou nada a Kacey, a amiga em comum, e jurou que levaria o segredo para o túmulo. Quer dizer, a não ser que visse Jake outra vez, o que mudaria tudo.

Ela já tinha se perguntado o que diria se o encontrasse de novo. Como ele reagiria? Será que pediria desculpas por ter sido um babaca? Ou que nem mesmo se lembraria dela? Parecia que ele nem a tinha reconhecido! Tudo bem que ela estava com o cabelo mais comprido, mas rostos não mudam.

Infelizmente.

Ela teria mesmo era de pedir a mudança a Deus. Jake, porém, precisava de mais que uma cara nova: precisava era de um coração naquele corpo musculoso!

Char olhou os passageiros que estavam sentados algumas fileiras atrás dele. Havia um copo d'água na mesinha reclinável em frente a uma garota.

— Oi, querida, posso pegar isto aqui?

— Ah, meu Deus! — A garota, que parecia ter uns 12 anos, começou a bater palmas, animada. — Você não é aquela mulher do noticiário?

— Sou, sim. — Char costumava adorar quando era reconhecida, mas não naquele momento. Precisava passar despercebida. Tentou ignorar o sorriso animado no rosto da garota, mas falhou. Aceitando o destino, puxou conversa. — Você deve assistir bastante ao noticiário, hem?

— Não. — A garota soltou um suspiro. — Mas mamãe e papai riram bastante naquela vez que você caiu da cadeira. Disseram que aquilo tinha acontecido por causa de bebida.

Ah, que maravilha! Será que todo o mundo tinha visto aquele vídeo no YouTube? A gravação fora na noite seguinte ao encontro com Jake. Os dois só saíram porque ela ficara com pena dele, o que tinha sido a primeira decisão ruim, logo sucedida pela segunda: levar uma garrafa de tequila e acordar em um quarto de hotel sem nada além de um bilhete de agradecimento e uma ressaca pavorosa. Por sorte conseguiu chegar ao trabalho na hora certa.

Mas não fora por sorte que tivera dois milhões de visualizações no YouTube e recebera convite para participar do programa *Today*, apresentado por Kathie Lee e Hoda, que, em vez do vinho habitual, educadamente serviram a Char shots de tequila, em homenagem à noite de horrores de sua convidada.

— Eu não estava bêbada — explicou ela. — Eu estava... cansada, estressada com o trabalho e... — Meu Deus! Ela ia mesmo perder a cabeça diante de uma garota de 12 anos? — Quer saber? Não importa. Que tal ganhar cinco pratas?

— Cinco pratas?

— Me dê essa água que eu lhe dou cinco pratas.

— Quero dez.

Char a olhou feio.

A garota retribuiu o olhar. Certo. Dez dólares pela chance de se sentir melhor quanto ao fato de Jake ter sido um babaca? Feito. Negócio fechado!

Enfiou a mão no bolso de trás e retirou uma nota de vinte. Droga.

A garota arrancou a nota de suas mãos antes que ela tivesse a chance de fazer qualquer coisa. Resmungando, Char pegou o copo e foi até o assento de Jake.

Mais duas fileiras.

Finalmente. Char parou ao lado de Jake e pigarreou.

Ele não olhou para cima.

Ela pigarreou outra vez.

Enfim ele levantou a cabeça, bem devagar. Ficou de queixo caído.

— Char?

— Jake — ronronou ela.

— Como vai? Quer dizer, faz tanto tempo! — O sorriso de Jake não chegou aos olhos.

Na verdade, fazia onze meses, uma semana e cinco dias. Mas quem é que estava contando? Não ela.

— Faz mesmo, não é? — Ela se apoiou no assento.

— A gente devia sair e botar o papo em dia! — Ele a olhou de cima a baixo antes de tossir e desviar o olhar.

— Devia mesmo — concordou ela e, antes de perder a coragem, derramou toda a água do copo bem na calça dele. — Mas não saio com idiotas que me abandonam depois do sexo.

— Mas que...

Ele começou a se levantar bem no momento em que Char apertava o botão para chamar um comissário de bordo.

— Oi, desculpe-me. Parece que Jake Titus acabou de fazer xixi nas calças. Você poderia nos ajudar?

Ao redor dos dois, era possível ouvir risadinhas abafadas, e Char sorriu para Jake, que estava boquiaberto. Ele estendeu a mão na direção de uma senhora distinta que estava sentada ao seu lado.

— Ora, ora! — Char se apoiou na poltrona e sussurrou: — Parece que hoje em dia você vai atrás de todo tipo de mulher, não é

mesmo?

— Ah, vai mesmo — concordou a senhora. — Sabia que ele teve coragem de levar uma vagabunda à festa de noivado do irmão?

Deus queira que essa senhora esteja falando de outra pessoa, não de si mesma!

— Eu, hã... — Char precisou de um momento para se recuperar. — Na verdade, acredito sim.

— E sabe o que mais? — A mulher se inclinou sobre a poltrona do neto, desvencilhando-se de sua mão. Jake revirou os olhos, mas ficou em silêncio.

— O quê? — Quem quer que fosse aquela louca, Char gostava dela. Muito. Pena que Jake fosse partir seu coração. Sem querer julgar, mas... sério que ele saía com mulheres com mais que o dobro da idade dele?

— A namoradina dos tempos de escola vai se casar com o irmão dele. Ele tenta fingir que não liga, mas uma avó percebe a verdade. — Ela deu um tapinha na mão de Jake.

Ah... avó? Espere aí. Aquela era a famosa vovó Nadine, de quem Kacey sempre falava? Mesmo tendo crescido relativamente próxima da família Titus, Char nunca chegara a conhecer a senhora... até então.

— Então... — Vovó se recostou na poltrona. — Vou dar um jeito nele.

Jake gemeu.

— Quer dizer que vai castrá-lo?

— Ah, querida. — Vovó quase engasgou de tanto rir. — Castração é a melhor coisa que poderia acontecer a esse garoto. Sabia que até já procurei um cinto de castidade?

Jake gemeu outra vez.

— Meu Deus, salve-me do sexo feminino!

— Sexo. — Char bufou com desdém. — Foi isso que o deixou nesta situação, não foi?

E neste exato momento a comissária de bordo escolheu se aproximar.

— Onde está o rapazinho que molhou as calças? — Ela trazia nas mãos um belo par de fraldas.

Vovó e Char apontaram para Jake.

Capítulo 3

Carma. Ah, como ele odiava o carma! Era isso que estava acontecendo com ele. Afinal de contas, um cara só pode galinhar pelo mundo até certo ponto: alguma hora Deus começa a castigar, a matar ou, no caso de Jake, a lançar a praga das mulheres sentimentais.

— Eu não... — Jake limpou a garganta e continuou, em um sussurro: — Não foi um acidente. Esta mulher aqui é que me atacou. — Ele apontou para Char.

A comissária de bordo olhou para os dois:

— Com o quê, senhor?

— Água — respondeu vovó no lugar dele. — Ela jogou água nele.

— Hã... — A moça se remexeu, nervosa. — E por acaso o senhor... Quer dizer, o senhor quer apresentar queixa?

— A quem? — Char riu. — A que autoridade? E o que ele vai fazer? Usar uma arma de choque em mim, por eu ter jogado água na parte do corpo favorita desse senhor? — Ela apontou para a cara de Jake e riu. — Sério!? Não é como se eu tivesse dito “bomba”.

— Ah, droga! — Pressionando o ponto entre os olhos, Jake se pôs a ouvir enquanto a palavra “bomba” era repetida aos murmúrios nas várias poltronas atrás dele. Em pouco tempo, como se literalmente atingido por uma bomba, todo o avião ficou imerso em caos.

— Senhora! — A comissária de bordo ergueu as mãos diante de Char. — Fique calma. Preciso que a senhora fique calma. Por acaso está com uma bomba?

— O quê? — Ela pareceu confusa. — Por que eu estaria com uma bomba?

Bom. Ao menos Char tinha o bom senso de parar de falar quando...

— E se eu estivesse com uma, acha que seria idiota a ponto de ficar gritando isso por aí?

Alarme falso. Aquela mulher não tinha bom senso, nem fazia o menor sentido. Como ele pôde esquecer? Estava falando de *Char*. Ela adotava cachorros cegos e chorava durante os comerciais idiotas da cantora Sarah McLachlin sobre resgate de animais. Estava claro que bom senso não era um de seus pontos fortes.

— Senhora! Preciso que pare de gritar. — A comissária de bordo gesticulou para alguém atrás de si. Em questão de segundos, surgiu um homem de jeans e camisa branca. Bem, não parecia justo chamá-lo de homem, apenas, já que era bem provável que o cara comesse criancinhas no jantar. Até Jake se remexeu na poltrona, pouco à vontade, e evitou contato visual com o desconhecido.

— É você que está dizendo que vai bombardear o avião? — perguntou o homem.

— O quê!? — Char olhou para Jake, pedindo ajuda. E, para ser sincero, ajudá-la parecia ser a coisa certa a fazer, apesar de tudo.

Mas aquela mulher tinha *acabado* de jogar água nele e de acusá-lo de ter sofrido um "acidente".

E teve também aquela vez, ainda no ensino médio, que ela espalhou o boato de que Jake não praticava esportes porque tinha medo de que, quando estivesse nu no vestiário, alguém descobrisse que ele tinha partes íntimas femininas.

Então talvez ele não estivesse muito propenso a ajudar.

— Jake! — Char acertou-o no ombro. — Ajude aqui!

Com um sorriso maldoso, ele ia começar a responder, mas vovó tapou sua boca antes que desse tempo de falar.

— São esses dois. Os dois têm bombas. — Assim que disse isso, vovó Nadine começou a chorar.

Lágrimas de verdade.

No instante imediato, Jake teve as mãos atadas por um laço de segurança e, na sequência, viu-se forçado a comer amendoins, que

lhe foram dados por um homem cujas mãos eram maiores que seu rosto, porque ele quase desmaiou. Ah, que ótimo, um colapso nervoso! Este era só mais um acontecimento a somar aos que deviam estar sendo os piores meses de sua vida!

Antes do quase desmaio, a última coisa de que se lembrava era de ter ouvido Char falar alguma idiotice sobre ele estar precisando de proteínas. E, por algum motivo — talvez porque tudo estivesse girando —, Jake não conseguiu abrir a boca a tempo de dizer que odiava amendoins.

Agora, ele tentava se decidir sobre o que seria pior: o fato de haver um homem forçando algo para dentro de seu corpo, ou o fato de os dedos desse homem serem mais macios que qualquer outra coisa que ele já tenha sentido tocar seus lábios. O que trazia à tona a grande questão: para começo de conversa, por que aqueles dedos estavam roçando seus lábios? E por que pareciam tão...?

Mas que droga! Jake apertou os apoios de braço do assento e fez uma careta. Será que ele estava mudando de time?

— Chega desse amor.... Quer dizer, amendoim! — *Merda.*

Char espiou por cima do homem e pareceu espantada.

— Você acabou de dizer “chega desse am...”.

— Não! — Jake forçou uma risada e tentou se afastar o máximo possível do homem, que estava sentado entre os dois. — Eu disse “amendoim”.

— Não disse, não. — Char abriu um sorriso.

— Disse, sim.

— Não, não disse.

— Por favor, podem tirar esse negócio de mim? — perguntou Jake, batendo nos descansos de braço. Os lacres não afrouxavam de jeito nenhum e já estavam deixando marcas. — Não estamos carregando bombas! Minha avó é louca! De verdade! Vocês não têm ideia do que ela é capaz.

— E a *fruta* não caiu muito longe da árvore — resmungou Char.

— Você pode parar? — Jake espiou por cima do agente de segurança. — Estou tentando tirar a gente dessa situação. O mínimo que você podia fazer era ajudar, ou pelo menos se desculpar!

— Me desculpar? — Char arregalou os olhos. — Me desculpar? — Suas narinas inflaram quando ela se inclinou o máximo que os lacres permitiram e lançou um olhar de fúria para Jake. — Estou surpresa por você ao menos saber que essa palavra existe!

Jake bufou com desdém.

— Sei que existe, mas não sou eu o culpado, aqui.

— Deus do céu! Tenho vontade de dar um tapa no seu rosto com tanta força que...

— Dar um tapa no meu rosto? Que idiota fala desse jeito? A velha Char de sempre, que só fala, mas não faz nada. Além disso, suas mãos estão literalmente atadas. Posso falar o que quiser, e você vai ter que ficar aí sentada me ouvindo. Na verdade...

Jake parou de falar e direcionou para Char todo o efeito de seu sorriso de astro de cinema, brilhante como mil sóis. Os dentes brancos e perfeitamente alinhados se destacaram no rosto quando ele umedeceu o lábio inferior, lentamente, e se inclinou, provocador. Uma mecha de cabelo escuro caiu sobre um de seus olhos. Droga, aquele homem era tão atraente que era quase um crime!

— Não me venha com essa, Jake Titus! Não se atreva. Eu vou, eu vou...

Jake abriu um bocejo.

— Estou esperando.

— Eu vou...

Então foi isso que aconteceu: Jake se virou para o agente de segurança e tentou pigarrear, mas, por algum motivo, não conseguiu. De repente, foi como se ele tivesse engolido algodão, era o que parecia.

— *Thar...* — Sua língua parecia enorme. — *Thar, eu...*

— Meu Deus! — gritou Char, debatendo-se na poltrona. — Ah... Jake! Ah... Senhor Agente de Segurança!

— Randall. Eu me chamo Randall. — O homem estendeu a mão e, ao perceber que Char estava algemada, riu. O agente de segurança não conseguia ver o que estava acontecendo com Jake. Estranho... era quase como se ele não estivesse conseguindo respirar. Talvez fosse por causa da altitude. Ele tentou engolir a

saliva outra vez. Merda. Estava cada vez mais difícil respirar. Mas o que era aquilo?

— Jake! — gritou Char, dessa vez mais alto. Então deu um chute no agente, para conseguir sua atenção. — Veja bem... Randall? Estamos com um problema. Você tem cinco segundos para evitar que uma pessoa morra sob sua supervisão.

— *Morrer!* — Fez Jake. Meu Deus do céu! Char ia matá-lo? O avião estava caindo? Bem, não era como se ele tivesse muitos motivos pelos quais viver, agora que a avó ameaçara acabar com sua carreira caso ele não tomasse jeito. Era morrer nas mãos dela ou, ao que parecia, nas mãos de alguma outra mulher rejeitada. Preferia tentar a sorte com Char a enfrentar a ira de uma mulher de 86 anos que usava batom suficiente para riscar o contorno do cadáver do neto e poupar o trabalho da polícia.

Já até podia ver a manchete do jornal: "Jake Titus, playboyzinho milionário, deserdado pela família, morre em acidente de avião com migalhas de amendoim por todo o rosto." Não que fossem encontrar as migalhas, considerando que seu corpo provavelmente seria incinerado e... Quando foi que sua vida tinha ficado tão deprimente?

Ele culpava o casamento iminente do irmão. Tudo fora ladeira abaixo desde que seu irmão pedira em casamento sua melhor amiga de infância.

— Perdão? — O agente de segurança se endireitou, o que arrancou Jake do estado distraído de sonhar acordado. Ou, melhor dizendo, de ter pesadelos acordado.

— Olhe! — Char indicou Jack com a cabeça.

Então era assim que ele ia morrer? Pelas mãos de Char, uma mulher rejeitada. Bem, na prática seria pelas mãos perturbadoramente macias do agente de segurança aérea que o fizera comer amendoins. Como será mesmo que sua vida tinha virado uma novela mexicana, hem?

— Senhor, acalme-se. — O agente arregalou os olhos, levantou-se e bateu a cabeça no teto, então praguejou e saiu correndo. Jake o seguiu com o olhar. Caramba. Qual era o problema dele? Será que estava assim tão preocupado com a ameaça de morte de Jake?

— *Ha-ha* — disse ele. — É ixo aí. E agora? Voxê vai me envenenar? Foi mal, gaota, eu meio que extou do ado xerto da perfeição.

Os lábios carnudos de Char se contorceram em um sorriso desdenhoso.

— É, lá se vão minhas desculpas.

— Por que motivo? — Jake se endireitou no assento. Mexendo-se um pouco, talvez conseguisse respirar melhor.

Char soltou um xingamento abafado, deu de ombros e olhou para o outro lado.

Estava quente naquele avião? O que estava acontecendo com sua boca? Suas mãos tinham começado a coçar muito. Ele olhou para baixo e ficou atônito, encarando as mãos.

Elas estavam muito inchadas, como as do Mickey Mouse.

— MAX QUE DROGA! — Ele se debateu com violência. — *Mia mon, mia mon!*

— Mon? — Uma senhora se virou para encarar os dois.

Char assentiu solenemente.

— Por favor, perdoe meu amigo. Ele acha que fala francês.

O pânico crescia à medida que ficava mais difícil respirar. Será que ele estava sofrendo uma reação alérgica, ou apenas surtando? Nunca antes passara por nada parecido com isto que sentia agora. Olhou para o corredor e notou que vovó chegava trazendo alguma coisa. Ótimo. Era só o que faltava: ser esfaqueado pela própria avó! Será que suas experiências em aviões nunca seriam normais?

— Não se preocupe, Jake. — A velha senhora apontou para ele e assentiu com a cabeça. — Vovó vai cuidar disso. — Ela ergueu uma das mãos. Jake fechou os olhos. Talvez fosse só um pesadelo. Talvez suas mãos não estivessem realmente algemadas. Talvez ele estivesse sofrendo um colapso nervoso e...

— *Fia da mãe!* — gritou Jake quando vovó cravou a agulha em sua coxa, aproveitando-se do buraco na calça jeans. Bem, se não morresse, com certeza ele iria desmaiar de dor. Só coisas boas o esperavam...

Quando a pressão diminuiu e a agulha desapareceu — graças a Deus! —, ele abriu um olho, depois o outro, e viu que vovó estava

parada à sua frente, segurando o que só poderia ser descrito como um instrumento de tortura.

— Ele era alérgico quando criança. Acho que foi o estresse... — Ela fez um som que parecia querer dizer “Puxa vida, tadinho!” e se virou para Char. — Obrigada, querida. Não sei o que teria acontecido se você não tivesse avisado a Randall que Jake estava prestes a morrer.

— Você salvou o dia, senhora. — O lábio inferior de Randall tremia e ele assentia com a cabeça, olhando para o chão.

Vocês só podem estar de brincadeira.

Todos voltaram a atenção para Jake.

Ele podia jurar que o avião inteiro tinha mergulhado em um silêncio mortal. Um silêncio bem curto, na verdade, já que o voo de Portland a Seattle durava menos de uma hora.

— Jake. — Vovó suspirou. — Não tem nada que você queira dizer a Char?

Você é louca? Você quase me matou? Vou estrangular você? Resmungando, ele se virou para olhar a mulher, olhá-la de verdade. Mas que droga! Ela ainda era irritantemente linda. Jake quase podia sentir aquele cabelo sedoso correndo entre seus dedos. E aquela boca? Era o bastante para distrair um homem. Até mesmo agora, do modo mesmo como estava, queria tocar aqueles lábios e...

No que estava pensando?

Devia ser a alergia.

O longo cabelo castanho-avermelhado de Char caía em ondas sobre os ombros. Ela arregalou os olhos azuis um pouquinho quando o olhar de Jake se fixou em seus lábios carnudos e rosados. Mas não foi uma reação de preocupação. Quando muito, parecia que ela estava tentando não rir.

— Não, nada que eu queira dizer. — Jake lançou um olhar irritado para a mulher. — Acho que Char sabe exatamente como me sinto a respeito dela.

O sorriso da jovem se desfez ao mesmo tempo que seus olhos ficaram gélidos.

— Ele está certo. — Char voltou a olhar para vovó. — Ele já disse tudo o que precisava na noite em que, depois de dormir comigo, foi

embora e deixou no travesseiro um bilhete de agradecimento. Não foi, Jake?

Ele deveria ter imaginado que aquele tapa viria. Mas a verdade é que ainda estava chocado com o fato de Char ter decidido lavar a roupa suja diante de todos os passageiros do avião.

Então, quando sentiu o ar assobiar na orelha, fez o que qualquer homem teria feito: ele se curvou. Pena que vovó não era de desistir facilmente.

O segundo tapa foi com as costas da mão e doeu pra caramba.

— Não foi assim que criei você! — Vovó Nadine enfiou o dedo na cara de Jake e sacudiu a cabeça.

Bufando, ela ajeitou o casaco e ordenou que Randall, o agente de segurança chorão, soltasse Char, explicando que não tinha sido ela que causara o problema, e sim Jake. Sentindo-se injustiçado, o neto começou a gritar com o agente, dizendo que fora Char que dissera “bomba”, mas repetir a palavra só piorou a situação.

Mas o golpe final foi quando vovó olhou Randall nos olhos e disse:

— Ela salvou a vida de Jake.

A hora seguinte foi a mais longa de sua vida.

A respiração estava seca. O rosto provavelmente continuava inchado, consequência tanto da reação alérgica quanto do tapa da avó. Nunca se sentira menos homem que naquele momento. E era tudo culpa de Char.

Capítulo 4

O olhar de Jake por pouco não era capaz de abrir um buraco na parte de trás da cabeça de Char. Felizmente, toda vez que ela se virava, não era o Jake de sempre que via, mas sua versão suada e inchada — o que destruía a imagem de encarnação do sexo que sempre tivera dele.

Ela acenou.

Ele estreitou os olhos e se sacudiu violentamente no assento — mais uma vez. Char suspirou e se virou para olhar por cima do ombro direito, na direção do assento da irmã. Notou que Beth dormia feliz. Será que ela perdera o barraco? Era sem dúvida a pior irmã do mundo!

— Mais vinho. — Vovó Nadine entregou a Char o copo vazio. Mas o que ela faria com aquilo?

Uma comissária de bordo apareceu do nada e o encheu até a borda. Como alguém conseguia aquele tipo de atendimento em um voo tão curto? Eles nem estavam na primeira classe!

Sem dizer nada, Vovó Nadine pegou o copo plástico das mãos de Char e tomou um longo gole. Cada milímetro da borda estava coberto de batom vermelho, indicando que o objeto pertencia a ela e a mais ninguém. Parecia haver mais batom ali que em todos os estandes da Sephora.

— Então, Char. Sei que Jake é um bundão...

Char soltou uma risada curta. Vovó Nadine poderia ser sua parceira de voo sempre que quisesse.

— Mas... — A velha senhora interrompeu a frase para outro gole de vinho. — É o meu bundão.

Char quase engasgou, de tanto que riu.

— Não, calma... — Vovó deu um longo suspiro. — Não quis dizer que ele é meu... Ele é bundão por ele mesmo. Mas foi muito mimado por mim quando criança. O garoto tinha medo de tudo, sabe?

— Ah, é mesmo? — Char fingiu desinteresse, apesar de a revelação ter feito seu coração bater com força. — Não sabia.

— Ah, querida!

Vovó riu. — Ele tinha medo da própria sombra, quando garoto! Dormiu na cama dos pais até os seis anos!

Coitados dos pais de Jake.

— De qualquer modo... — Vovó deu mais um gole no vinho. As joias que usava no pulso tinham quando ela gesticulava ao falar. — É meu trabalho, minha missão, fazer o melhor por ele. Ajudá-lo no percurso, fazer dele o homem que deveria ser, antes que seja tarde demais.

— A senhora está doente? — sussurrou Char, sentindo o coração apertado.

— Eu? — Vovó deu uma risada. — Ah, querida! Deus ainda não me quer do lado dele! Ele me contou isso hoje mesmo, pela manhã.

Então vovó tinha conversado com Deus. Char se perguntou se a conversa significava que ela também estava tentando salvar a alma de Jake.

— Então... — Char soltou o ar e esfregou as mãos nas calças. — Qual é o plano?

— Ah. — Vovó esvaziou o copo tal qual faria uma estrela do rock e o devolveu a Char. — Isso é fácil. Já o deserdei. Jake conta apenas com o que tem na poupança. Também o demiti. Embora ele ainda não saiba.

— Hum.

— Que gracinha. — Vovó deu tapinhas na perna de Char. — Percebi que você ficou preocupada com ele. Não fique. Depois disso, Jake vai pôr os pés no chão. Em uma situação difícil, os bundões sempre caem em pé. — Ela hesitou. — Ou será que são os gatos? —

A velha senhora sacudiu a cabeça com o dedo no queixo, confusa.
— Bem, de qualquer jeito... ele vai ficar bem.

— Então é para o bem de Jake que você está arruinando a vida dele? — perguntou Char.

— Isso mesmo.

Vovó curvou o tronco para a frente, e os seios vistosos extravasaram um pouco do longo decote em V. Como ela conseguia manter um corpo daqueles? Sério. Vovó Nadine era simplesmente incrível.

— Todo o mundo, todo o mundo mesmo, merece ter a vida arruinada — disse vovó, sorrindo e colocando uma das mãos perfeitamente feitas no braço de Char. — Isso mantém as pessoas agradecidas. Vou arruinar a vida de Jake, e, no fim, ele vai ficar agradecido, feliz, satisfeito e... — Ela olhou para trás. — Não com essa aparência pior que o pecado. Ah, bom Deus! Aquele rapaz era lindo! Agora usa um negócio no cabelo, faz limpeza de pele e... — Vovó deu de ombros. — Ruína e imundice. Ele terá os dois. Quando eu terminar, Jake nem vai saber o que aconteceu a ele. E, se isso não funcionar... — Fascinada, Char mal podia esperar para ouvir que pérola de sabedoria sairia da boca de vovó Nadine em seguida. — Bem, sempre tem o seminário religioso.

— A senhora o mandaria para um seminário religioso?

— Mas é claro que não! — Vovó levou uma das mãos ao peito, ofendida. — Ele que se ofereceria para ir, para me deixar feliz e poder novamente contar com as minhas boas graças. E com as graças de Deus, que não podemos nos esquecer d'Ele! Já faz anos que Jake O irrita. Que Deus abençoe esse coração galinha!

— Ah, acho que a senhora não deveria dizer "galinha" e "Deus" na mesma frase.

— Besteira! — Vovó fez um gesto de indiferença. — Estou exausta. Vou descansar os olhos. Boa noite.

Parecia que a conversa tinha terminado. Ou isso, ou as três taças de vinho tinham derrubado vovó, que em questão de segundos começou a roncar. O avião pousou vinte minutos depois, encerrando o voo mais apavorante e estranho da vida de Char.

No instante em que o aviso de AFIVELAR OS CINTOS apagou, Char pulou do assento. Vovó acordou e bocejou.

— Já chegamos?

— Já. — Char estava tentando não ser mal-educada, mas só pensava em deixar aquele pesadelo para trás. Voltou o mais rápido que pôde para seu assento original, onde Beth esperava pacientemente.

— Precisamos ir agora mesmo! — ordenou Char. — Pegue nossas coisas. Não queremos que vovó Nadine pense que...

— Char! — gritou uma voz feminina familiar. — Char! Preciso de ajuda!

Em pânico, Char foi direto até vovó, passando inclusive por cima de outros assentos. A velha senhora esperava serenamente em seu assento.

— O que foi? É o coração? Está passando mal? Está...

— Minhas malas estão pesadas, e acho que bebi demais.

O que era a constatação do século. Vovó Nadine tinha bebido três taças de vinho em menos de vinte minutos. Na última vez que bebeu tanto assim, Char acabou com a cara enfiada em uma cama de cachorro, ao lado de um labrador chamado Lúcifer, que com certeza se aproveitara dela durante a noite, a julgar por todo o pelo que havia em sua boca.

— Pode carregar para mim? — Vovó Nadine deu um sorriso tão doce que ela não teve escolha. E foi assim que, uma hora depois, Char estava na área de restituição de bagagens ao lado de Beth, de vovó e de um Jake bastante inchado.

Capítulo 5

Os óculos escuros não estavam ajudando. Cambaleando, Jake fazia o possível para manter os olhos fixos na esteira. Assim que pegasse as malas, daria o fora dali. Vovó já era crescidinha, podia chegar sozinha ao hotel. Além disso, se precisasse encarar Char mais uma vez, ele certamente perderia a cabeça e faria alguma maluquice, como ficar olhando fixamente para os lábios dela ou tentar estrangulá-la. Era difícil saber qual das duas opções era mais provável.

— Jake? — chamou vovó. — Jake, já encontrou minhas malas?

— Não — grunhiu ele, em resposta. — E creio que seja porque eu não estou procurando por elas. Estou atrás da minha bagagem. Você mesma pode encontrar a sua e ir para o hotel maravilhoso de sempre, no centro.

Nadine segurou a mão do neto e a apertou.

— Ah, na verdade, já tenho onde ficar!

— Ótimo.

Vovó soltou sua mão e pegou o celular.

— Sim, só a limusine, por favor. Perfeito. Sim, são dois passageiros.

Ela acenou para Char e para a outra garota. Char ignorou Jake, o que era ótimo: ele só queria esquecer aquele dia. Ele se afastou e observou enquanto as duas garotas pegavam suas malas e saíam. Já iam tarde. Tudo o que ele queria era dormir.

Olhando pelo lado bom, ao menos vovó tinha chamado uma limusine para ele. Não que Jake fosse pobre nem algo do tipo, mas

não ter mais os direitos sobre uma empresa multimilionária estava longe de ser algo positivo, ainda mais considerando o estilo de vida que ele levava nos últimos cinco anos. Passara a faculdade em festas e gastara como se não houvesse amanhã, sem ligar para nada além de si mesmo. O que teria sido ótimo, se o dinheiro não tivesse acabado de repente. Bem, na realidade o dinheiro não tinha exatamente acabado: ele ainda era milionário, mas, sem a herança da avó, a grana diminuía. Teria de dizer adeus às viagens impulsivas às Ilhas Cayman, às coberturas de hotéis e às festas de aniversário nas quais esbanjava centenas de milhares de dólares.

Aquele deveria ser o ano em que assumiria os negócios da família.

Em vez disso, vovó desistira da aposentadoria e assumira novamente o controle do conselho da empresa, deixando Jake como mero vice-presidente. Sem o salário de CEO, ele se tornava um pouco... ingrato. Ou seria apenas irritado? Não tinha certeza. Mas precisava de uma bebida forte e de sexo antes de sequer pensar em aparecer no trabalho segunda de manhã. Talvez Sarah estivesse disponível. Ou Natasha. Tinha se divertido com ela, por um tempo.

— Ela está ali! — Vovó apontou a enorme mala rosa com estampa de oncinha. — Vá pegar! Depressa!

Resmungando, ele ergueu a mala da esteira e quase perdeu o equilíbrio.

— Meu Deus! O que você enfiou aqui?

— Ah, você sabe... — Vovó fez um gesto de indiferença. — Uma mulher nunca viaja sem roupas e maquiagem.

— Certo. — Ele encontrou a própria bagagem e a pegou. — Então, cadê a limusine?

— Que limusine? — A avó tirou os óculos de sol Chanel da bolsa.

— A limusine — repetiu Jake. Todo aquele suplício no avião o deixara exausto. — Você acabou de ligar pedindo uma limusine para duas pessoas. Cadê ela?

— Jake, tenho certeza de que existem muitas limusines, onde cabem bem mais que duas pessoas, mas, para ser sincera, não sei do que você está falando. Na realidade, mandei uma mensagem ao motorista, pedindo a ele que ligasse para Char e a irmã dela.

— E por que você faria uma coisa dessas?

— Porque a pobrezinha estava exausta! — Vovó ficou boquiaberta, apontando para a cara de Jake. — Depois de tudo o que você a fez passar! E pensar! Um bilhete de agradecimento? Agradecendo o quê? Um orgasmo? É isso que os jovens fazem, hoje em dia? — censurou vovó. — A pobrezinha nem se lembra de ter dormido com você. Eu diria que você perdeu o jeito, mas duvido de que algum dia tenha tido, para começar.

— O quê? — explodiu Jake. — Do que você está falando? Posso dar prazer a qualquer uma, quando eu quiser! Sou muito bom em fazer com que as mulheres tenham orgasmos!

Ele ouviu alguns risinhos de desdém, ao que vovó deu tapinhas condescendentes em seu braço.

— Claro que é, meu bem! — respondeu ela. Então se virou para olhar as pessoas que estavam atrás dos dois, moveu os lábios para formar um “desculpe” e deu o braço a Jake.

Como assim Char não se lembrava de ter transado com ele? Não se lembrava de nada? Sério? Será que ela era maluca? Ele tinha cada detalhe gravado na mente. O cabelo macio, com um aroma suave de lavanda, os gemidos que fazia no fundo da garganta quando ele a beijava. E o gosto... Droga! Homem nenhum conseguiria esquecer o gosto de uma mulher, e tudo em Char era único, só dela. Levava meses para tirar da cabeça aquele gosto, o jeito como apertara os lençóis entre os dedos e depois o tocara com aquelas mãos habilidosas...

— Sei bem como se sente — sussurrou vovó em seu ouvido. — Também fico um pouco atrevida quando viajo de avião. Você vai superar. Agora, dá para irmos embora antes que todos percebam o efeito que a animação dos aeroportos produz em você? Já foi ruim o bastante ter de ficar aqui ouvindo você gritar “orgasmo”. Deus sabe como já fui paciente com você hoje!

— O quê?

— Jake, as avós sabem das coisas. Tudo bem. Veja só, quando eu tinha a sua idade... — Ela deu uma risadinha. — Uma vez, seu avô e eu fomos ao banheiro do aeroporto... Eles eram menores naquela

época, sabe? Bem, eu estava de salto vermelho, na altura perfeita para...

— Vovó, por favor, eu imploro: não diga mais nada! Já é suficientemente ruim o fato de minha imaginação estar a toda. Eu só... só preciso que o dia de hoje acabe. Preciso dormir um pouco antes do trabalho, está bem? Vamos logo para onde quer que você vá ficar hospedada, para que eu possa ir para casa.

Vovó deu de ombros e passou depressa por ele, em direção à rua. Ela estendeu a mão para chamar um táxi e deu as instruções ao motorista enquanto Jake ajudava a pôr a bagagem no porta-malas.

Quando o táxi começou a andar, ele pôde, enfim, relaxar. Vovó estava em silêncio a seu lado, com os olhos fixos na paisagem de Seattle. Jake sabia que aquela era a cidade favorita dela. E por um bom motivo. O ar era fresco e, mesmo sendo uma metrópole, Seattle era cercada de florestas.

A pergunta lhe veio de repente: quando fora a última vez que fizera uma trilha ou apreciara a cidade em que vivia? *Nunca*. Droga, ele precisava de férias!

Em menos de dez minutos, vovó já estava roncando. Assim, ao menos parava de gritar obscenidades. Com a sorte que ele tinha, era capaz de ela voltar a falar de orgasmos e saltos vermelhos. Ah, mas que inferno! Ele nunca mais veria sapatos de salto vermelhos da mesma forma.

Deu uma olhada nas mensagens de texto. Algumas eram de Aileen, que errara a grafia de palavras que qualquer pessoa da idade dela deveria saber. Se tinha dificuldades até para enviar uma simples mensagem de texto, talvez não fosse mesmo mulher para namorar. Não que pensasse em, algum dia, contar à vovó que ela estava certa, porque ela usaria a informação contra ele pelo resto da vida.

A última mensagem era de Travis.

Adiantamos a data do casamento. Não queremos esperar. Kacey e mamãe estão indo à loucura. Esteja pronto em duas semanas, padrinho!

— Merda! — Jake jogou o celular no banco e xingou mais um pouco.

Vovó se mexeu, mas não acordou.

Como é que iria encarar Kacey e Travis, depois de tudo o que tinha acontecido? Kacey fora sua melhor amiga a vida inteira, até que... as coisas mudaram. Ele mudou, ela também. As pessoas mudam, não é? Era normal seguir em frente! Era normal deixar amigos para trás. O que não era normal era dormir com esses amigos e depois os abandonar. Jake com certeza tinha problema com compromissos. Odiava o modo como as mulheres reclamavam pela manhã. Pareciam armadilhas mortíferas e grudentas. Que o envolviam com as pernas, beijavam suas costas... Não. Odiava aquilo. Queria apenas um momento com elas. Recusava-se a dar mais que isso.

Porque quando se dava mais de si mesmo, acabava sendo abandonado. Foi assim com Kacey e os pais dela. Eles morreram na noite em que Jake tirara a virgindade da amiga, e ele nunca teve a chance de se desculpar de ter desrespeitado a filha dos dois. Mas, o que era pior, nunca teve a chance de se despedir das pessoas a quem devia tudo o que tinha no mundo. As duas únicas pessoas que sabiam o que ele tinha feito no colégio, que salvaram a vida dele. E então... elas se foram.

A ideia de ir ao casamento deixava Jake desconfortável. O pai de Kacey não estava vivo para levá-la até o altar, como ela merecia — mais que qualquer outra pessoa. A pior parte era que Jake estava muito bem vivendo a própria vida, até cometer o erro de pedir a Kacey que fingisse ser sua noiva durante um fim de semana. Não imaginara que seria tão afetado por ela. Mas o golpe final em seu orgulho foi quando Kacey se apaixonou por seu irmão mais velho — O que, quando criança, era gago e a infernizava. Era muito injusto!

Queria ajeitar a vida antes do casamento. Precisava. Afinal de contas, aparência e dinheiro... eram as únicas coisas que tinha. Sabia que não merecia o amor de ninguém e, portanto, nunca pedira amor. Só torcia para que aquela sua falsa segurança durasse o bastante para que ele sobrevivesse às próximas duas semanas e cumprisse as obrigações de padrinho.

Merda! Precisava recomeçar e encontrar outra garota que pudesse levar ao casamento. A julgar pelo naipe das mensagens de

Aileen, ela não era mais uma opção. A garota anterior fazia com que ele se lembrasse de Kacey, então também não era opção.

Sentiu que uma dor de cabeça estava prestes a despontar, mas a ignorou. Foi quando o táxi virou na saída da rodovia. A saída para a casa dele. A saída para Lake Washington. Deu de ombros: talvez vovó fosse deixá-lo primeiro.

Quando o táxi parou na casa de Jake, perto do lago, ele desceu, pegou a bagagem e foi se encaminhando para a porta. Não acordaria vovó. Não seria legal. Afinal, ela estava apagada.

Será que isso fazia dele uma má pessoa? Bem, o taxista não a mataria nem nada... Quem mataria uma doce velhinha com baba escorrendo pela...?

— Prontinho! Obrigada! — gritava vovó.

Jake se virou, rezando pela primeira vez em anos, e viu a avó — e as malas da avó — acenando para o táxi, que já desaparecia ao longe.

Quando ia abrir a boca, ouviu:

— Pegue minhas malas! Estou exausta! Onde está meu celular? Viu meu celular, Jake? — Ela vasculhou a bolsa enorme, da qual puxou um iPhone com capa de zebrinha.

Não. Não mesmo. Ela ia ficar na casa dele? Por quanto tempo? Deus, por favor, não permita que seja até o casamento!

— Meu Deus do céu! O casamento é daqui a duas semanas! Temos bastante tempo!

— Tempo? — Aquilo só podia ser punição divina. Ou isso, ou vovó estava possuída. Era impossível decidir a alternativa mais provável.

— Sim. — O sorriso de vovó se suavizou enquanto ela pegava uma das mãos de Jake e a beijava. — Tempo para arruinar sua vida.

— Arruinar? — Jake deu uma risadinha enquanto puxava a mão. — Prefiro ficar... hã... não arruinado. Mas obrigado mesmo assim.

— Como preferir. — Vovó deu de ombros. — Ah, Jake?

— O quê? — grunhiu ele, enquanto levava a pesada bagagem escada acima.

— Você está demitido.

Jake deixou as malas caírem.

— Demitido? — perguntou ele enquanto pontos negros surgiam em sua visão.

Capítulo 6

— Preciso de uma bebida — anunciou Char quando ela e Beth chegaram sãs e salvas ao apartamento que dividiam em Queen Anne Hill. — Melhor dizendo, preciso de umas dez bebidas e um sedativo.

— Ah, qual o problema? — Beth abriu a garrafa de vinho e pegou duas taças. — Você foi presa com algemas de plástico e obrigada a ficar sentada ao lado de um cara muito lindo. Sério, existem coisas piores no mundo.

— Como sofrer um choque anafilático e sua avó enfiar uma seringa bem perto das suas partes íntimas? — Char deu uma risadinha e tomou um golinho do merlot. — Essa parte foi legal.

— É, bem, vamos torcer para que vovó tenha uma boa pontaria e Jake ainda seja capaz de gerar filhos, depois dessa pequena aventura. Como foi que eu consegui dormir enquanto tudo isso acontecia?

Char deu de ombros.

— Não faço ideia. De qualquer forma, fico feliz que tenha acabado.

— Sei. — Beth bufou, irônica. — E eu não fico perseguindo o Damon Salvatore, daquela série *Vampire Diaries*, no Twitter.

— Esse nem é o nome dele de verdade, Beth.

— Não acabe com meu sonho, Char.

Char suspirou e se apoiou na mesa.

— Eu estava lidando tão bem com o reencontro com Jake, sabe? Sem lembranças daquela noite louca que passamos juntos. Sem pensamentos impuros, sentimentos, ou...

Beth ergueu uma sobrancelha.

— Ah, por favor, continue! Estava começando a ficar bom.

— Não foi bom. Foi horrível.

Com um sorriso sarcástico, Beth tomou seu vinho de um só gole.

— Foi o que você disse. Um milhão de vezes.

— Será que a gente poderia... — Char sacudiu as mãos no ar —... deixar isso pra lá? Nem devo vê-lo outra vez... — Bem, era provável que ele fosse ao casamento de Kacey, mas não importava. Dificilmente Jake conseguiria prestar atenção em outras coisas, bêbado de uísque e com as mulheres se jogando em cima dele. Como se ele fosse se desvencilhar de todas as vagabundas por tempo suficiente para infernizar a vida dela! Jake não seria um problema, porque ela não deixaria que isso acontecesse. E daí se os dois fossem ao casamento? Bastaria evitar a qualquer custo a presença dele. Se fosse preciso, ela até o deixaria dopado. Não permitiria que ele se aproximasse, de jeito nenhum.

— É melhor torcer para que isso seja verdade, porque na próxima vez não vou me preocupar com a vovó, e sim com você.

— Por favor, ele é o oposto de sexy.

— Cuidado aí, Pinóquio! Esse seu nariz enorme vai acabar impedindo que você beba nesta taça. — Dito isto, Beth saiu da cozinha.

Ah, por favor! Até parece que Jake tem alguma importância! E daí que ele era atraente? Jake sabia disso, e o problema era justamente esse. Ele sempre soube. Era um idiota egoísta, e Char não iria se apaixonar por ele outra vez. Não deixaria que isso acontecesse, porque essa história sempre terminava mal: com um pote de sorvete de chocolate, uma garrafa de vinho e *Downton Abbey* no Netflix.

Capítulo 7

Aquela loucura precisava acabar. Vovó estava hospedada em sua casa havia apenas um dia — *um dia!* — e, nessas 24 horas, tinha deixado sua vida tão fora do eixo, que era capaz de na próxima sexta-feira ele já estar em um hospício.

A avó o acordou às duas da manhã.

O motivo? Pensou ter visto uma aranha-de-costas-vermelhas. Sim. Uma aranha que, de acordo com as buscas que ele fez na internet, só existia na Austrália. Quando Jake lhe revelou aquela pequena informação, a avó, em resposta, gritou que estivera na Austrália alguns meses antes e que uma das aranhas podia ter entrado em sua mala e posto ovos.

A culpa, na verdade, era de Jake, que tentou argumentar. A pergunta que ele fez foi simples: por que motivo uma aranha escolheria justamente a mala da avó? De todas as malas do mundo, a dela teria sido a premiada? Isso não seria muito provável...

A resposta? *Porque a mala é brilhante, e todos sabem que as aranhas gostam de coisas brilhantes.* Depois disso, a avó enfiou uma lanterna na cara dele e o obrigou a revirar a casa inteira atrás da tal aranha.

Lá pelas quatro da manhã, Jake estava prestes a arrancar as próprias orelhas. Aparentemente, vovó roncava um pouco.

Às seis da manhã, ficou ainda pior. Vovó praticava ioga. Jake teve a oportunidade de descobrir isso em primeira mão quando ela colocou o DVD de videoaulas em um volume ensurdecador. O que

não teria sido tão ruim se antes ela tivesse avisado que era um tipo de ioga sensual voltada para idosas, ou melhor, lobas.

Na blusa de ginástica havia a estampa de um lobo. Que surpresa!
Por fim, Jake trancou a porta do quarto.

Mas vovó era implacável. Depois de muitas batidas e de um ruído alto, quando a porta se soltou das dobradiças, a senhora exclamou:

— Jake? Ah, meu Deus! Achei que você tivesse morrido!

— Deus não é assim tão justo. Pode acreditar. Eu já implorei por isso.

— Ah, Jake! — Vovó se jogou na cama. — Anime-se! Pense em sua demissão como um prolongamento das férias!

— Só que não é — grunhiu Jake. — Estou desempregado. Não tenho carreira nem dinheiro. Não tenho nada, e você está lá embaixo praticando essa ioga das lobas como se o dia estivesse ótimo!

Vovó parou, então foi até a janela e abriu as cortinas.

— Mas o sol está brilhando... e o dia está lindo. Acho que, se você sair para correr um pouco, vai perceber como é bom estar de férias.

— Fui demitido — corrigiu Jake.

— Férias — retrucou vovó, severamente. — Agora, vou fazer compras com aquela moça simpática de ontem. Ela é a dama de honra de Kacey, e só temos duas semanas para...

— Espera aí! — Jake pulou da cama. — Repita isso. Quem é a dama de honra de Kacey?

— Aquela moça simpática que salvou sua vida ontem. Ela e Kacey são amigas há anos! Ela estava em Portland com a irmã para uma curta temporada de férias e não foi à festa de noivado, já que, além da sua vagabunda, apenas a família foi convidada.

— Mas...

— Agora! — Vovó bateu palmas. — Vá aproveitar seu dia de folga, que eu vou às compras!

— Mas...

— E vista umas roupas, filho. Não tem ninguém para você impressionar nesta casa.

Então vovó marchou quarto afora, deixando a porta arrombada apoiada na parede. Enquanto a observava ir embora, Jake se perguntava se seria preso caso agredisse uma idosa.

Demitido.

Sem o dinheiro da família.

E tinha de ir ao casamento do irmão dali a duas semanas.

Com uma mulher que ele rejeitara não uma, mas duas vezes.

Talvez fosse bom levar alguns amendoins, só para o caso de precisar de uma saída de emergência... Ou de uma forma de encontrar o Criador, já que parecia que Deus o estava mantendo na Terra unicamente para torturá-lo até o fim de seus dias.

Capítulo 8

— É marrom. — Char piscou algumas vezes diante do reflexo no espelho. — Por que o vestido é marrom? — Sério que ela havia tirado um dia de licença médica para ir às compras e se sentir gorda e deprimida em um vestido de dama de honra?

— Porque essa é a cor, querida. — Vovó Nadine bebericou o champanhe e inclinou a cabeça. — Mas ficou horroroso. Acha que Kacey confundiu as cores?

— Nossa, espero que sim! — Char estremeceu ao olhar mais uma vez para o reflexo. O vestido era de um marrom-alaranjado estranho, como se as folhas que mudam de cor no outono tivessem se esquecido da tonalidade que deveriam assumir e então se tivessem decidido pela mais feia possível. O modelo era um tomara que caia que descia justo até os quadris e, a partir daí, ficava tão largo, que a fazia parecer uma cópia péssima da Maria Antonieta.

Se era esse o tipo de vestido que a coitada daquela mulher fora obrigada a usar, não era de admirar que tivesse sido decapitada. Char suspirou enquanto vovó pegava o celular.

— Kacey? É a vovó. — Ela gritou tão alto ao telefone, que Char se sobressaltou. — Kacey! Não estou ouvindo! Ah, só um segundo. — Vovó se levantou e caminhou até a vitrine. — Sim? Está melhor? — A senhora se voltou para Char, ainda com o telefone ao ouvido. — Ah, que lindo! Acho que esse vestido ficaria fantástico em você, Char! Venha aqui!

Sem muita opção, Char se arrastou até o manequim na vitrine.

— É um vestido de noiva.

— Eu sei! — Vovó tapou o bocal do celular. — Ficaria lindo em você! Experimente! Só dessa vez, vamos lá! Só vai levar um minutinho! — Vovó gesticulou e a enxotou de lá, indicando-lhe as araras em que estavam expostos todos os vestidos da loja. — Kacey! Kacey! Desculpe, estava falando com sua amiguinha. Aliás, ela é linda e... Ah, entendo!

Char se remexeu, desconfortável, enquanto procurava o vestido nas araras. Seus dedos tocaram a seda delicada. Era um vestido lindo. Mas ela não estava se casando. Será que não daria azar experimentar um vestido de casamento antes de ter um noivo?

— Experimente! — gritou vovó, de novo fazendo Char pular de susto. — Que ideia maravilhosa, Kacey! Sim. Sim, entendo. Sim. Não. Não, deixe que a vovó aqui fará sua mágica. Sim. Não. Mas, Kacey... Certo. Diga a ele que aceito o desafio.

Char parou. Se fizesse silêncio, talvez conseguisse ouvir o que tanto Kacey e vovó conversavam.

— Xô! Vá experimentar! — Vovó fez um gesto, expulsando-a, e se virou de costas para ela. — Diga a Travis que estou dentro.

Com delicadeza, Char puxou o vestido de seda da arara e entrou no provador. Ora! O que tinha a perder, afinal? Rebolou para fora do vestido marrom de dama de honra e desceu com cuidado o zíper do de noiva. Era todo aberto nas costas, o que significava que não poderia ser usado com sutiã. O modelo era frente única, bastante decotado. Depois que fechou o zíper na lateral, ela se olhou no espelho.

Droga! Não queria chorar. Não por causa de um vestido bonito. Engolindo as lágrimas ridículas, Char abriu a cortina e subiu na plataforma que havia em frente ao espelho.

A sensação do tecido em contato com as pernas nuas era incrível. Ela se virou para um lado e para outro, então ouviu aplausos.

— Tenho uma pergunta — começou uma irritante voz masculina atrás de Char. Ela ergueu a cabeça de supetão e viu o reflexo de Jake no espelho. — Não dá azar experimentar um vestido de noiva antes de ter um pretendente?

Maldito.

— Não. — Ela o encarou, irritada. — Não dá. Além disso, vovó achou que fosse uma boa ideia.

— Essas foram as últimas palavras de muita gente — comentou Jake. — Além disso, vovó está no meio da vitrine, gritando a um celular com capa de zebrinha brilhante como se a pessoa do outro lado da linha estivesse em Marte. Neste momento, não sei se ela pode ser usada como uma boa desculpa.

— Existe um motivo para você ter vindo aqui? Quer dizer, além de ter sido demitido — retrucou Char, irritada.

Ele empalideceu visivelmente.

Ela sorriu, triunfante.

— Férias — retrucou Jake. — Na verdade, recebi uma mensagem de Travis. Ele pediu que eu viesse pegar algumas coisas para ele e tirar minhas medidas para um smoking. Então, tem, sim. Estou cumprindo meu dever de padrinho.

— Padrinho? — repetiu Char, horrorizada. Um tremor percorreu o corpo de Char.

— Pela postura animada, dá para ver que você ficou feliz com a ideia. Ah, espere! Deve ser só porque você não está de sutiã. Engano meu.

— Você é um babaca.

— Obrigado. — Ele deu um sorriso debochado.

Droga! Char não sabia se cobria os seios ou se permitia que ele aproveitasse a bela visão de seus atributos, deixando bem claro que ele a tivera por uma noite, mas jamais a teria novamente.

Os olhos cor de mel com um leve esverdeado ficaram escuros.

— Se serve de consolo... gostei do vestido.

Char engoliu em seco quando ele avançou um passo em sua direção, cauteloso. Por que ele tinha que ser tão bonito? O cabelo castanho-claro tinha aquele brilho que as pessoas normais só viam nas capas de revista. O sorriso era de matar e, naquele momento, os olhos, esses olhos penetrantes, encaravam os dela.

Char umedeceu os lábios quando ele avançou mais um passo.

De repente, o lugar ficou pequeno demais, quente demais, tudo demais. Ele estendeu a mão para ajudá-la a descer da plataforma.

Ela não deveria ter aceitado. Não mesmo. Porque no instante em que sua pele tocou a dele, Char lembrou. A noite que passara com ele tinha sido tudo, menos esquecível. O toque dos lábios dele estaria para sempre gravado em sua memória, ela nunca se livraria daquela lembrança.

— Jake! — gritou vovó, espiando por trás do manequim. — Ajude-a a tirar esse vestido! Temos uma emergência de casamento! Rápido!

— Certo. — Ele soltou a mão de Char e sacudiu a cabeça ao dar um passo para trás. — Não seria a primeira vez que a ajudaria a tirar a roupa, né, Char?

E o momento especial se foi.

Ignorando o calor em suas bochechas, Char voltou para o provador e fechou a cortina.

— Não precisa de ajuda? — perguntou ele.

— Acho que sei tirar minha roupa sozinha, Jake.

— Está bem. — Ele soltou uma risadinha que fez Char querer socá-lo. Tremendo, ela procurou o zíper. — Mas quando eu ajudo é memorável. Só digo isso.

Chega. Ela não aguentava mais. Recusando-se a deixar que Jake pensasse que tinha medo de não resistir ao toque dele, Char aceitou o desafio. Abriu a cortina.

— Prove.

Os olhos de Jake se arregalaram, e sua boca se curvou em um sorriso malicioso.

— O prazer é meu.

O jeito como aquele homem pronunciava “prazer” provocava reações infelizes no corpo de Char, reações que a faziam repensar a decisão impulsiva.

— Cadê o zíper?

— Ah! Não consegue encontrar? Isso acontece com frequência, Jake? Não consegue encontrar o zíper. Não sabe onde enfiar o equipamento...?

— Ah, nunca tive problemas com *isso*! Você deveria saber.

Os olhos de Char se estreitaram quando ele fechou a cortina e fez com o dedo um gesto para que ela virasse de costas.

Ela obedeceu e encarou o espelho. Jake pôs as mãos em seu ombro e depois passou-as por seus braços. Não ia ficar arrepiada. Não ia reagir!

Ele tocou seu quadril e abriu o zíper. Devagar, deslizou as mãos pela lateral de seu corpo, até parar logo abaixo dos seios. Char sentiu a respiração acelerar quando ele piscou para seu reflexo no espelho, passando as mãos por seus seios e encontrando o fecho atrás do pescoço.

Char mordeu o lábio inferior quando Jake abriu o fecho com delicadeza e segurou o vestido junto a seu corpo, para que não caísse.

— Você tem um cabelo lindo. — Ele passou os dedos por algumas mechas e suspirou, encarando-a pelo reflexo.

Jake não estava sorrindo. Será que estava mesmo fazendo um elogio? Na cara dela? Ou melhor, no reflexo?

— Eu, hã...

— É só um elogio, Char, não um pedido de casamento.

Ela corou ainda mais.

— Obrigada.

O olhar dele fazia com que ela se sentisse nua. O que a fez se lembrar do motivo de ter dormido com ele daquela vez. Ela nunca sabia com qual Jake estava conversando: o que fora seu amigo de infância ou o playboy milionário e desalmado.

Char duvidava que até mesmo *e/le* soubesse a resposta. Ela não podia se esquecer disso, ou acabaria outra vez de coração partido.

— Todos estão decentes? — perguntou vovó, do lado de fora do provador.

Jake se afastou e piscou um olho.

— Infelizmente.

Char sentiu o rosto esquentar.

— Droga! Perdeu o jeito, filho.

— E eu não sei? — Ele umedeceu os lábios e acenou com a cabeça mais uma vez para Char, antes de sair do provador.

O que tinha acabado de acontecer?

Char levou uns bons cinco minutos para vestir a calça jeans. Suas mãos idiotas tremiam tanto que ela não conseguia fechar o zíper. Por

isso homens como Jake não deveriam sair da jaula — era perigoso, muito perigoso.

— Já está pronta? — perguntou Jake. — Vovó está impaciente.

— Estou indo. — Char saiu do provador em disparada, com a bolsa nas mãos. — Ok, qual é a emergência?

Jake suspirou e apontou para a avó, que naquele momento dançava bem no meio da loja.

— Estou confusa. Ela está doidona? — Char olhou para vovó, que continuava a dar dois passos e virar, para então parar, bater o pé e recomeçar.

— Não duvido — sussurrou Jake.

— Quietos! — Vovó interrompeu um giro. — Tive uma ideia!

— Engraçado, achei que ela estivesse mal das ideias.

— Vocês dois! — Vovó apontou para eles. — Vão.

— Vão? — indagou Char.

— Os dois? — perguntou Jake.

— Ah, está resolvido! Afinal, preciso fazer as unhas. Aqui está a lista de coisas a fazer. A maioria precisa ser resolvida antes de irmos embora no fim de semana. Ah, e não se atrasem! Madame detesta atrasos. — Ela endireitou o longo cachecol rosa e bateu palminhas, feliz. — Estou tão feliz por termos resolvido tudo! Kacey estava em pânico! Vocês salvaram o dia!

Um gemido escapou dos lábios de Char antes que ela conseguisse resistir.

Jake estendeu os braços, como se tentasse acalmar vovó — ou seria a si mesmo?

— Vovó, não podemos passar todos os dias juntos, cuidando dos últimos preparativos do casamento.

— Por que não? — Vovó parou, e seu rosto mostrava preocupação.

— Porque... estou ocupado — desconversou ele, tossindo.

— Sentir pena de si mesmo não é ocupação.

— Nem galinhar por aí, e olha até onde ele chegou — acrescentou Char.

— Entende? — Jake apontou outra vez para Char. — Não conseguimos nem conviver em paz, quanto mais planejar juntos

alguma coisa. Quer mesmo ser responsável pela morte dela?

— Vocês vão ficar bem. Além disso, Char precisa de você. Afinal de contas, ela tem um emprego. E um muito bom, por sinal. Bem, vocês sabem como me encontrar se precisarem de mim. — Vovó pegou os óculos de sol na bolsa gigante e os colocou. — Amo vocês.

O sino da porta soou quando a velha senhora saiu da loja, deixando para trás Jake, com uma lista nas mãos, e Char, que se perguntava se seria possível matar alguém apenas com o olhar.

Capítulo 9

— Vovó está aprontando alguma... — Kacey olhou para a foto que a velha senhora lhe enviara por celular e suspirou.

Travis soltou uma risadinha.

— E quando é que ela não está aprontando? Quase sinto pena de Jake.

Ao perceber o olhar irritado de Kacey, ele ergueu as mãos, como se estivesse se rendendo.

— Calma aí, tigresa! Só estou dizendo que vovó pode ser implacável. Quer dizer, ela está hospedada na casa de Jake.

— Ela também o demitiu.

— O quê!? — exclamou Travis. — Da Titus Enterprises? Ela pode fazer isso?

— Parece que sim. — Kacey deu de ombros e mostrou a foto para Travis. — Ela também está inclinada a bancar o cupido.

Travis pegou o telefone e caiu na risada.

— É Char?

— Sim.

— Vestida de noiva.

— Isso.

— E Jake está atrás dela... olhando?

— Babando — corrigiu a noiva. — Ele está babando.

— Não dá nem para ver o rosto dele, Kacey.

— Verdade. — Kacey pegou o celular da mão do noivo, mas virou o visor novamente para ele, como se para fazê-lo ver com mais clareza. — Mas está com essa pose de He-Man.

— O quê?

— Você sabe. — Ela o cutucou. — He-Man.

— Você está falando a minha língua?

Com um suspiro dramático, Kacey pôs as mãos nos quadris e imitou a pose de Jake para Travis.

— Entendeu? Os caras só fazem essa pose quando estão se exibindo, dando uma de He-Man. Ocupam o máximo de espaço possível, tentando parecer maiores e mais protetores.

Alguém buzinou, mexendo com Kacey. Ela revirou os olhos, irritada, e olhou de relance para o carro, que estava cheio de gente. Quando se virou, procurando Travis, ele estava com as mãos no quadril e as pernas abertas.

— E isto prova meu ponto. — Ela apontou para o noivo e riu.

— Droga. — Travis fez careta. — Isso não prova nada, e, sejamos sinceros: se Jake quisesse sair com Char, já teria feito isso há anos. Ela não é uma desconhecida, praticamente cresceu com a gente.

Homens. Kacey jogou a cabeça para trás e riu.

— Certo. Você e eu também crescemos juntos, mas acabamos de *retomar contato* e agora vamos nos casar. Crescer junto não quer dizer nada.

— Viemos correr ou fofocar sobre meu irmão? — Travis deu um tapa na bunda da noiva e a ultrapassou.

— Pode me lembrar de por que eu pensei que fazer esse programa de exercícios militares para o casamento fosse uma boa ideia?

— Estava em uma dessas revistas idiotas que você tem acumulado como se fosse um esquilo juntando nozes. Eu reparei na barriga de tanquinho da garota e você me deixou com o braço roxo... Obrigado, aliás... Depois disse que queria ficar mais gostosa para o casamento. Por isso estamos correndo oito quilômetros, e agora eu estou sonhando com um bom banho quente...

Kacey o alcançou.

— Ah, está certo. E não é minha culpa se você fica roxo com tanta facilidade. Parece um pêssego.

— Querida, você sabe que não me importo com esses machucados... — Ele mordeu os lábios e parou de correr, puxando

Kacey para seus braços. — Eu amo você.

Kacey fez cara feia.

— Mas o que vamos fazer em relação à vovó?

— Mulheres são estranhas. Estou falando em morder cada centímetro do seu corpo e você quer falar sobre a minha avó. Sério?

— Travis.

— Kacey. — Ele mordiscou o lábio inferior da noiva e depois a beijou no nariz. — Vamos vencê-la em seu próprio jogo. Se ela quer bancar o cupido, nós faremos o mesmo.

— Está dizendo que também deveríamos tentar arranjar alguém para Jake? E ver quem ganha?

— Isso mesmo.

— Gostei da ideia. — Kacey pôs os braços ao redor do pescoço de Travis. — Afinal de contas, sabemos o que é melhor para ele.

— O seminário religioso?

Kacey bufou.

— É bem provável. Mas, de qualquer forma, podemos convidar algumas garotas solteiras para o nosso casamento. Garotas que realmente combinariam com Jake.

— Um desafio. Nós contra vovó. Se ganharmos, ela paga a lua de mel. Se ela ganhar...

— Pode cantar no casamento. — Kacey suspirou.

— Não! — Travis encostou a testa na de Kacey. — Não sou tão maluco assim. Prefiro dar um barco de presente à vovó, ou então pagar aquelas aulas de stripper que ela faz toda semana.

— Cantar é o que ela quer.

— Ela também quer comprar um tigre, como fez o Mike Tyson. O fato de vovó querer alguma coisa não significa que sejamos obrigados a atender a todos os seus desejos.

— Travis. — Kacey beijou os lábios do noivo com suavidade. — Não há nada com que se preocupar. Ela não vai ganhar.

Resmungando, Travis a beijou na testa.

— Está certo, mas se vovó ganhar e acabar com um microfone nas mãos, a culpa será sua. Agora, vamos terminar a corrida e tomar um banho juntos.

— Primeiro, você vai ter que me pegar! — gritou Kacey, passando depressa por ele.

Capítulo 10

— Puta merda, ela está de sacanagem! — Jake olhou para o prédio com um misto de horror e confusão. — Espero muito que a gente esteja com o endereço errado.

Char arrancou o pedaço de papel das mãos de Jake.

— Deixe-me ver.

— Eu sei ler, sabia?

Revirando os olhos, ela examinou o papel.

— Inacreditável.

— O quê? — Ele se inclinou por cima do ombro dela, olhando o papel mais uma vez. O perfume de Char o atraía, e isso o deixava tenso.

— Você saber ler.

— Muito engraçado!

— É o endereço certo. — Char bateu no peito dele com o papel e andou até a porta escura. — Acho que devíamos... Devíamos entrar?

— Claro que não. — Jake cruzou os braços. — Sem chance.

— A lista diz que a Madame nos espera à uma da tarde! Vamos nos atrasar se não entrarmos.

Jake umedeceu os lábios e olhou outra vez para o prédio. Nas vitrines havia imagens de casais dançando. As mulheres riam e jogavam confetes para o ar. Parecia um desses comerciais toscos sobre absorventes internos.

— Não. E quem é chamada de Madame, hoje em dia?

Char revirou os olhos.

— É o nome dela. Por quê? Está com medo de desenvolver um par de peitos? Tem medo de que suas bolas desapareçam?

Jake bufou com desdém.

— Tudo bem, vamos lá. — Irritado, ele agarrou o braço de Char com a mão esquerda e abriu a porta com a direita.

Lá dentro estava escuro.

— Viu? Endereço errado. — Jake soltou o braço de Char e pegou o celular no instante em que uma música começou a ser ouvida no ambiente. Então alguns refletores se acenderam e o cegaram momentaneamente. — Que porra é essa?

Foi aí que começou a cantoria.

Char, ao seu lado, ficou tensa. Mais luzes foram acesas, embora Jake não tivesse nem ideia de onde elas vinham. Ainda estava um pouco cego por conta do primeiro clarão. Tentou dar um passo para o lado, mas bateu em uma mesa. Apoiando as mãos no tampo, olhou para baixo.

E viu fotos de strippers do sexo masculino sem blusa.

Ele se endireitou rapidamente, mas então esbarrou em alguma coisa dura, que oscilou. Jake se virou, tentando estabilizar o objeto.

Era uma estátua nua.

De um homem.

Como é que ele ia tocar naquilo? A escultura tinha sido colocada na mesa de um jeito que deixava as pessoas frente a frente com o órgão sexual masculino. Esticou a mão para segurá-la pela cintura, quando sentiu Char esbarrar nele. Ela parecia travar a própria batalha contra um enxame de balões na forma de... é... partes íntimas.

— Mas que droga! — Char segurou a mão dele. — Precisamos correr.

— Parece o inferno, só que pior — concordou Jake, agarrando-a pelo braço.

— Bem-vindos, bem-vindos! — cumprimentou uma voz amplificada por um alto-falante.

— Meu Deus. É oficial: estamos nos *Jogos Vorazes*! — Jake segurou Char e a empurrou para trás de si. — Só deixe que eu morra primeiro, Senhor! Por favor, deixe que eu morra primeiro.

— Estava esperando vocês! — anunciou a voz feminina, alegremente.

— Não me sinto melhor com esse seu pedido, não, Jake — sussurrou Char, atrás dele. — Aliás, só é romântico se sacrificar por outra pessoa quando a morte não é a melhor opção, pezinho de valsa!

Jake parou.

— Você jurou que levaria esse segredo para o túmulo!

— Ops? — Char deu de ombros. — Por quantos anos você fez balé mesmo, hem? Um, dois?

— Não me venha com esse seu “ops”! — Por que tinha mencionado aquele apelido antigo? Ainda mais naquele momento? Será que tinha ideia de como aquilo feria sua masculinidade?

— Só fique quietinho...

— Posso ver e ouvir vocês — disse a voz. — E não tenho o dia todo. Agora, preciso examinar vocês.

— Saímos dos *Jogos Vorazes* e entramos nos *Jogos Mortais*. — Jake sacudiu a cabeça e gritou para a voz: — Poderia ao menos apagar as luzes? Não conseguimos ver você!

— Ah, meu querido! E não é esse o objetivo? — respondeu a voz, rindo.

— Hã... não? — Char soltou uma risada nervosa.

— Não tenho o dia inteiro! — gritou a voz. — Agora, separem-se! Preciso examinar o material com que terei de trabalhar.

Devagar, Char saiu de trás de Jake e parou ao seu lado, de cabeça erguida. Jake foi obrigado a admirar a coragem da garota. Qualquer outra teria saído correndo dali. Ele era homem e ainda assim teria pesadelos com aquilo.

— Nada mau — comentou a voz, com frieza. — Nada mau mesmo.

— Obrigada. — Char sorriu.

Jake revirou os olhos.

— Ela só a está elogiando para que você fique bem gorda e feliz antes do abate.

— Esse aí tem uma língua afiada — comentou a voz. — Mas dá para o gasto. Jake, você vai servir. Diga, você se sente à vontade no

palco?

— Nem um pouco — soltou Jake, tossindo. — Nem um pouco mesmo. Tenho um joelho ruim e...

— O joelho dele é ótimo! — interrompeu Char, com uma piscadela.

Ele investiu contra ela, mas naquele instante as luzes se acenderam e a sala voltou ao normal.

Iluminada, não era um lugar tão assustador. Parecia uma mistura de estúdio de dança e loja de artigos esquisitos para festas.

— Olá! — Uma mulher surgiu em uma sacada acima dos dois. — Desculpe deixá-los sob os refletores desse jeito, mas sua querida avó disse que vocês precisavam de uma boa risada.

— Ha-ha. — Jake ia estrangular a avó.

— De qualquer jeito, imagino que já tenham recebido instruções sobre a dança de vocês.

— Dança? — perguntou Jake.

— Nossa? — indagou Char.

— Mas é claro! Sou Madame, a melhor professora de dança da cidade.

Jake duvidava do que a mulher dissera. Ela era, no mínimo, da idade de sua avó, e descia as escadas tão devagar que ele tinha certeza de que naquele exato momento, ali, bem diante de seus olhos, a desconhecida estava envelhecendo.

— Ah, acho que minha avó deve ter se confundido. — O olhar de Jake estava fixo nas pernas trêmulas da mulher, que descia lentamente os degraus. Bom Deus! Aqueles saltos deviam ter pelo menos 15 centímetros, e a saia... Não cobria nada. Para ser sincero, as pernas dela eram bem-torneadas. Ele inclinou a cabeça, na tentativa de ver melhor.

— Acho que foi Jake que se confundiu. — Char o cutucou. — Ou isso, ou foi enfeitiçado por um longo par de pernas.

Madame sorriu ao descer o último degrau.

— Isso sempre acontece. O que eu posso fazer? Sou mesmo um presente para os olhos. — Ela ajustou a postura e deu uma piscadela para Jake.

— Quero ir para casa — sussurrou ele, buscando a mão de Char.

A jovem afastou a mão de Jake e se aproximou de Madame.

— Como Jake disse, acho que vovó se confundiu. Veja bem, temos uma lista de pendências a resolver antes do casamento. Este era o compromisso da vez. Nós precisamos pegar alguma coisa, ou...

— Silêncio! — gritou Madame. — Não quero saber dessa conversinha. Vovó disse que apresentariam uma dança, então dancem!

— Dançar? — grasnou Jake.

— Dancem! — Madame deu um giro diante de Jake, estalando os dedos acima da cabeça. — Vou ensinar a vocês a dança do amor. Vocês irão apresentá-la na cerimônia. Essa dança é um ritual de acasalamento.

— Ah, merda. — Jake respirou fundo algumas vezes. — Não vamos acasalar na pista de dança.

Madame riu.

— Mas é claro que não! Vocês vão dançar! É um ritual, não o ato em si, safadinho. — Ela ergueu a mão e pegou o queixo de Jake, virando-o para si. — Nossa, você é mesmo bonito.

Jake ia matar a avó. Mas estava traumatizado demais, chocado demais, para fazer qualquer coisa que não fosse olhar de volta para aqueles olhos de loba e rezar para que a mulher não o amarrasse e o jogasse em uma jaula.

Madame rosnou e soltou seu queixo.

— Agora, assumam seus lugares no meio do salão. Lembrem que essa dança traz boa sorte ao casamento. Se fizerem besteira, a possível infelicidade de seu irmão no casamento será culpa de vocês.

— Sem pressão — comentou Char.

Madame apertou um botão e, de repente, as luzes diminuíram outra vez. Uma música suave começou a tocar ao fundo, uma melodia que lembrava tango.

— Vão para o meio da pista — instruiu Madame.

Jake foi até lá e estendeu a mão para Char.

— Vamos lá. Quanto antes acabarmos com isso, mais rapidamente poderemos ir embora e entrar em coma alcoólico.

Os olhos de Char foram da mão para o rosto de Jake antes que ela, com má vontade, aceitasse dar-lhe a mão e se aproximar de seu corpo.

— Certo, mas não quero saber de mão-boba.

— Ah, por favor. — Jake bufou. — Como se seu corpo fosse tentador para um homem como eu.

Char deu um sorriso doce.

— Esqueci, você prefere os artificiais... Erro meu.

— Eu...

— Agora! — Madame bateu palmas. — Fechem os olhos. Eu os guiarei pelos movimentos da dança, mas vocês precisam confiar em mim. E precisam confiar um no outro, também.

Char sentiu que suas mãos estavam suadas. Era aquela palavra: confiar. Ela reacendeu as lembranças daquele dia no acampamento, durante o exercício de confiança, quando Jake — que tinha prometido segurá-la — a deixou cair.

Quando foi chamada de gorda.

E ele se recusou a defendê-la.

A mãe de Char costumava dizer que um dia a filha riria daquilo, que as coisas que aconteciam na escola não influenciavam a vida adulta. Mas ela estava errada... Quando se é magoado em uma idade tão vulnerável, é impossível esquecer a dor. Ainda mais se o episódio leva a dois anos de problemas com bulimia e pílulas para emagrecer.

Então, era preciso confiar? Não, ela não confiava em Jake Titus, porque, nas últimas duas vezes, ele a deixara na mão.

— Confiem — repetiu Madame — e sigam as minhas mãos. — Char sentiu mãos em seus ombros, que a empurraram para os braços de Jake. Ela sentiu que a respiração do homem ficou acelerada quando sua bochecha encostou no peito rijo dele.

— Jake, vamos lá, dê um passo para trás — instruiu Madame. — E faça um... Ah, você sabe dançar, né?

Char abriu os olhos no instante em que Jake a empurrou e a fez girar, para depois puxá-la de costas de volta para perto dele, inclinando-a sobre uma de suas pernas.

— Confie em mim — sussurrou Jake ao seu ouvido enquanto a trazia novamente a seus braços, de costas, e a mantinha firmemente apoiada em seu corpo.

Era bom demais tocá-lo.

Outro giro deixou Char de frente para ele.

— Agora você deve jogá-la sete vezes — continuou Madame. — Não se esqueça de girá-la, incliná-la para um lado e... Ah, meu Deus, filho! Você já fez a dança do acasalamento?

Jake corou.

Char abriu a boca para fazer a mesma pergunta, mas então ele a inclinou sobre uma das pernas e depois a levantou e girou, quase fazendo com que ela perdesse o equilíbrio, até que, com um puxão, Jake a deixou firmemente apoiada em seus braços outra vez, sem tocar o chão.

Ele a soltou bem devagar, fazendo-a deslizar por seu corpo, o que permitiu que Char sentisse cada músculo de sua barriga de tanquinho. Sabia que eram seis, porque os contara enquanto ele a soltara devagar.

A música parou.

Char olhou bem nos olhos de Jake.

Ele tinha os lábios semiabertos ao inclinar-se para a frente.

— Maravilhoso! — Madame aplaudiu.

Char se sobressaltou e esfregou as mãos no jeans.

— Já fez isso antes, não foi, querido? — Madame deu uma piscadela para Jake e um tapinha em sua bunda, então se virou para Char. — É só deixar que ele a conduza, e vai dar tudo certo no dia do casamento.

Char assentiu com a cabeça.

— Então acabamos?

— Dançar é parte da vida. A dança nunca termina.

— Ou o acasalamento — completou Jake, solícito.

Madame corou e abanou o rosto com as mãos.

— Gostaria de beber alguma coisa?

Char parecia invisível.

Jake agarrou seu braço e a puxou para mais perto de si.

— Ah, não, obrigado. É melhor eu levar minha namorada para casa.

Madame fez beicinho.

— Namorada?

Jake agarrou a cintura de Char com mais força.

— É, Jake, namorada? Quer dizer... — Char se virou para encará-lo. — Não sabia que tornaríamos o relacionamento oficial...

As narinas de Jake inflaram e seus olhos correram de Madame a Char.

— Então vamos oficializar com um beijo, que tal?

Antes que Char pudesse protestar, os lábios dos dois estavam colados.

Mas que droga.

Jake tinha um sabor viril. A língua passou pelos lábios de Char e mergulhou em sua boca. Seus lábios eram como veludo, perfeitamente encaixados nos dela, que não ofereciam nenhuma resistência — pelo contrário, estavam participativos.

Com um gemido, Char envolveu o pescoço dele com os braços — perdendo totalmente a compostura — e retribuiu o beijo. Jake fez um som baixo no fundo da garganta e a apertou ainda mais.

— Isso aqui... não é um bordel — interrompeu Madame, friamente.

— Ah, é? Poderia ter me enganado — respondeu Jake, ainda colado aos lábios de Char.

Com uma risadinha, Char se afastou.

— Obrigada por tudo, Madame. Mas, como a senhora viu, eu e meu namorado precisamos comemorar!

— Bem, então vão logo. — A voz de Madame soou aguda, e sua expressão era de desagrado, como se ela tivesse acabado de chupar um limão.

Eles saíram da loja e entraram correndo no BMW de Jake. Assim que Char bateu a porta, os dois caíram na gargalhada.

Jake ligou o carro.

— E eu que pensei que vovó fosse louca.

— Né? — Pela voz, Char parecia um pouco sem fôlego. Que ótimo, tinha perdido a capacidade de falar como um ser humano

normal na frente de Jake! Fora apenas um beijo — um maldito beijo! — para despistar a loba, nada mais.

— Obrigado... — O carro parou no sinal vermelho. — Por me ajudar. Se eu estivesse sozinho, tenho certeza de que acabaria nas manchetes dos jornais.

— Doce. — Char assentiu com a cabeça.

— O quê?

O sinal ficou verde.

— Seria assim que ela o atrairia para o quarto. Faria uma trilha de doces até a porta. É assim que as lobas fazem. Aí, quando você estivesse lá dentro, ela iria embebedá-lo. E você deixaria, faria qualquer coisa para destruir a memória daquela noite... E fim. Viraria um escravo sexual. Sairia no jornal.

Jake bufou e sacudiu a cabeça.

— Sua imaginação me assusta.

— Ei! — Char ergueu as mãos. — Só estou dizendo.

Jake deu de ombros e pegou o caminho para o centro da cidade.

— Então, que tal um drinque? Eu prometi e tenho certeza de que lhe devo um favor.

Depois daquele beijo? Não, era ela quem devia a ele. A dor da rejeição, familiar demais, a invadiu. Claro, ela até podia aceitar e beber um drinque com ele, e depois cair em todas as armadilhas que a maioria das garotas caíam. Ele ficaria bêbado o bastante para convidá-la para casa. Dividiriam um táxi. Ela diria que ficaria apenas para mais um drinque. Acabariam na cama dele.

E ela acordaria e no travesseiro haveria um bilhete de agradecimento e uma nota de vinte dólares para o táxi.

Não, obrigada.

— Na verdade... — Char olhou para o relógio de pulso. — Ainda consigo uma boa tarde de trabalho no escritório. Pode me deixar lá, no prédio da Komo?

Jake coçou a cabeça, nervoso, e deu de ombros.

— Beleza. Se é o que você quer... Acho que margaritas são melhores que qualquer dia de trabalho.

— É. — Char colocou os óculos escuros. — Mas você está desempregado, então...

— Obrigado por me lembrar disso — resmungou ele, pegando a saída para o centro. — Eu, hã... Vou ver o que mais tem na lista da vovó e qualquer coisa ligo para você.

— Você precisaria do meu número.

— Pego com a vovó. — Ele deu de ombros.

Homem maldito. Não podia nem pedir o número dela? Sério, isso?

— Bem. — Char abriu a porta depois que ele parou o carro. — Não podemos correr o risco de você salvar meu número no seu celular e acabar ocupando o espaço destinado aos telefones das suas vagabundas.

— Char, calma...

Ela bateu a porta antes que ele conseguisse terminar a frase e saiu caminhando determinada em direção ao edifício.

Capítulo 11

Mas o que tinha acabado de acontecer? Os dois estavam brincando e rindo, e, de repente, em questão de segundos, Char estava falando de vagabundas e batendo a porta na cara dele. O que ele tinha dito? Ela parecia apressada, então Jake não quis irritá-la fazendo-a esperar enquanto ele pegava o número dela.

Pensou que estivesse agindo como um cavalheiro, ou ao menos tentando ser um.

Mas, segundo Char, tinha agido como um babaca.

Mulheres. Será que algum dia conseguiria entendê-las?

Enquanto deixava o estacionamento, refletindo sobre todos os motivos pelos quais beijar Char outra vez seria uma péssima ideia, o celular tocou.

— Que foi? — Estava rouco.

— Opa! Dia ruim? — Travis riu.

— Tive aula de dança. O que você acha?

— Sinto muito. Espere, você disse que teve aula de dança?

— Não vou repetir — respondeu Jake, seco. — Ah, aliás, é capaz de vovó não poder ir ao casamento.

— Sério? Por quê?

— Vou matá-la. Hoje à noite. Ou então vou colocar algum tranquilizante nas vitaminas dela.

— Ah! Bem, não use Benadryl. Ela já tem tolerância a esse.

— É, bem, depois do que aconteceu com Kacey, acho que todos podemos dizer que temos tolerância. Posso jurar que usei uma caixa inteira na última vez que tive crise alérgica.

— Fico feliz que ainda esteja respirando. — Travis riu.
— Não seja babaca. O que você quer?
Travis riu mais uma vez.
— Primeiro me conte mais sobre a dança.
— Dança do acasalamento — corrigiu Jake, pegando a saída para a loja de smokings. — Foi tudo bem. Char salvou a minha pele. Madame, e sim, esse é o nome dela, queria um novo brinquedinho.
— Como é?
— Um brinquedinho, uma distração, um homem com quem brincar e que pudesse vestir como quisesse. Era provável que você nunca mais me visse.
— Assustador.
— Você não faz ideia. De qualquer forma, acabei de deixar Char no trabalho e vou tirar as medidas para o smoking.
— Beleza.
A ligação ficou silenciosa.
— Trav? Está aí?
— Estou. — O irmão ficou quieto outra vez. — Preciso perguntar uma coisa.
— Não, não vou doar um rim para você, peça à vovó.
— Ela só tem um.
— Por isso mesmo.
Travis suspirou.
— Não é isso. É...
— Ok, agora você está me assustando.
— Então, você sabe que o papai vai levar Kacey até o altar, né?
Jake acabara de estacionar e suspirou.
— Sei.
— Ela, hã... — Travis soltou um palavrão. — Ela queria saber se teria problema se você... se você fosse com eles.
— Eu? — gritou Jake. — Por que ela iria me querer ao lado dela? Isso é uma piada? Se sim, não é muito engraçada...
— Pare de gritar! — Travis soltou outro palavrão. — Viu? Sabia que você iria surtar. É só que... Você e Kacey foram melhores amigos por tanto tempo, e, mesmo com esses dois anos complicados, você ainda é importante na vida dela. E ela quer homenageá-lo.

Droga.

Jake nunca chorava.

Nunca.

A última vez que chorara fora quando os pais de Kacey morreram. E, mesmo assim, ele se trancara no dormitório e bebera até esquecer que tinha chorado lágrimas de verdade.

Mas desta vez... sentia uma vontade absurda de chorar até não aguentar mais. Porque não devia ser ele a levar Kacey até o altar. Nem o pai dele. Devia ser o pai dela. Parte dele, uma parte pequena, se sentia culpada do que acontecera e achava que todos estariam vivos e felizes se fosse possível voltar no tempo e consertar algumas coisas.

— Jake, está me ouvindo?

— Estou — respondeu, rouco. — Posso... hã... Posso pensar no assunto?

— Claro.

— Certo. — Jake bateu no volante com uma das mãos. — Preciso ir. Diga oi a Kacey por mim.

— Ok. A gente se fala depois.

Jake desligou o carro e bateu no volante de novo.

Uma vez não tinha sido o bastante. E bateu de novo, e de novo, até que a mão ficou tão dormente que ele teve certeza de que precisaria colocar gelo depois.

Um dia ele contaria tudo a Kacey. Explicaria que o pai dela tinha... salvo a vida dele.

Sentiu um gosto amargo na boca ao pensar no passado — no passado como um todo. Será que Bill sentiria orgulho dele e das escolhas que fizera? Ou será que faria o que fizera oito anos antes... Que o faria cortar lenha e cavar buracos até que seus dedos sangrassem — até que ele percebesse o enorme erro que tinha cometido?

Praguejando, Jake saiu do carro e caminhou até a loja de smokings. Precisava pensar naquele convite — pensar na possibilidade de levar Kacey até o altar —, mesmo que isso significasse que não seria ele o homem a esperá-la no fim do

caminho. Nunca tinha merecido um amor como aquele e provavelmente nunca o mereceria.

Capítulo 12

Beth estalou os dedos na frente do rosto de Char.

— Ei, você ouviu alguma coisa do que eu disse?

Char sentiu as bochechas ficarem coradas enquanto tomava um longo gole do vinho.

— Claro, você estava falando sobre o trabalho. — Não era nenhuma novidade. O trabalho de Beth, que era química em um laboratório médico, sempre rendia histórias sem graça.

— E?

Char pôs a taça na mesa, pegou o garfo e espalhou um pouco da salada pelo prato.

— E? Continue!

Beth suspirou.

— Sério? Acabei de listar os elementos da tabela periódica, e você ainda quer mais?

Char soltou uma risada curta e se inclinou para a frente.

— Não me surpreende o fato de eu ter parado de ouvir.

— Onde você está com a cabeça? Hoje é a noite das garotas! Lembra? Comida? Bebida? Diversão?

Ah, você sabe! Onde a cabeça de qualquer outra garota estaria. Beijando Jake, tocando seu peito musculoso, passando a língua por seu lábio inferior e...

— Alguém disse “noite das garotas”? — Uma voz conhecida se fez ouvir no restaurante. Char se virou e deu de cara com vovó. Bem, vovó e uma jaqueta dourada ofuscante, com pele de leopardo no

colarinho. A calça jeans skinny era realçada por sapatos de salto com estampa de oncinha.

— Como você...?

— Ah. — Vovó a calou com um gesto e se sentou à mesa. — Hoje em dia existem aplicativos para tudo. Sabia?

— Sim, mas...

— De qualquer forma... — Vovó acenou para um garçom e pediu três shots de tequila. Era melhor ela beber aquilo sozinha: de jeito nenhum Char tomaria shots com a avó de Jake! — Tem um aplicativo muito útil que se chama “Encontre Meus Amigos”!

Char pegou o celular.

— Nem sabia que tinha isso no telefone. Nem que você era...

Vovó deu de ombros como se estivesse querendo disfarçar um segredo.

— É assim que vigio as vagabundas de Jake.

Beth engasgou com a bebida, molhando toda a mesa, e então começou a tossir.

Vovó bocejou e examinou as unhas, sem se deixar abalar pela reação de Beth. Char olhou de cara feia para a irmã e se virou outra vez para vovó.

— Tenho certeza de que o aplicativo foi criado para que ninguém se preocupasse com os amigos e os familiares, não para que as pessoas fossem perseguidas.

— Ah, bem. Cada um usa como quiser. — Vovó pôs o telefone na mesa e clicou na tela com um dedo. Depois clicou outra vez, e outra.

Beth tentou dizer alguma coisa à irmã apenas mexendo os lábios, mas Char não conseguiu entender.

O garçom serviu os shots no instante em que vovó se endireitou, batendo palmas.

— Eu sabia!

Beth parecia estar entorpecida enquanto via a velha senhora bater palmas e erguer o celular no ar.

— Ele vai chegar logo.

— Desculpe, mas *quem* é você, mesmo? — perguntou Beth.

— Sou a vovó. — Aquilo foi dito com tanta normalidade, que Char teve de admirá-la. Quer dizer, será que havia outro jeito de

descrever aquela mulher? Dizer “sou a vovó” devia cobrir todos os pecados. — Saúde! — Vovó pegou seu shot, ergueu-o no ar e então olhou para as duas irmãs.

Char bebeu um grande gole de água, pegou seu shot e o ergueu no ar, copiando vovó.

— Um brinde — propôs vovó. — À música que cantarei no casamento do meu neto!

— Claro. — Beth bateu o copo no dela. — Posso beber a isso.

Char deu de ombros e tomou seu shot no instante em que Jake entrava no restaurante e seguia direto até a mesa delas.

Ela estava acostumada a tomar shots. Mas, por alguma razão, o modo como os jeans rasgados de Jake envolviam suas coxas musculosas a afetou de alguma maneira. A tequila desceu queimando e ameaçou voltar, ainda mais quando ele deu uma piscadela para ela e se inclinou para beijar a avó na bochecha.

Char tossiu.

Beth suspirou.

Char chutou a irmã por baixo da mesa.

Vovó pediu mais shots.

— Hã... — Char soltou uma risada nervosa. — Estamos comemorando alguma coisa?

— A noite das garotas! — anunciou vovó, sacudindo os seios para a frente e para trás, alegre.

Jake desviou os olhos e corou.

Era estranho que um homem como ele, que não tinha moral alguma, fosse capaz de corar.

— Mas Jake está aqui. — Char apontou para o homem pecaminosamente cheiroso e rezou para que ele se inclinasse só um pouquinho para a frente, de modo que ela pudesse sentir o calor que emanava de seu corpo sem parecer uma doida no cio.

Vovó olhou o neto de cima a baixo.

— Ele não conta.

— Obrigado, vovó — respondeu Jake, tenso.

— Oi. Eu sou Beth. — A irmã de Char estendeu a mão sobre a mesa e o cumprimentou. — Teria me apresentado no avião, mas você estava todo inchado.

— Agradeço a lembrança.

— Não há de quê. Bem-vindo à noite das garotas.

— Tenho certeza de que essas foram as últimas palavras de muita gente. — Jake apertou a mão de Beth, depois se virou para a avó. — Bem, dá para ver pelas suas roupas que você não foi atropelada por um caminhão nem está sofrendo uma concussão ou de escarlatina. Essa é nova, aliás. — A última frase fora dirigida a Char. — Ela costuma deixar as doenças raras para pessoas mais ingênuas, como meu irmão. — Então se dirigiu outra vez à avó. — Que foi que houve?

Vovó ergueu um dedo e começou a procurar alguma coisa na bolsa gigante.

— Tenho certeza de que tem crianças perdidas dessa bolsa. Dá para contar logo, para não precisarmos esperar? — Jake reclamou.

Vovó fez um gesto pedindo a Jake que ficasse quieto.

Ele pegou dois shots na mesa e os virou.

Char deu tapinhas consoladores em suas costas. Coitado. Ela quase sentia pena dele. Vovó levaria qualquer um a beber demais.

— Achei! — Vovó puxou um pedaço de papel e, com as mãos trêmulas, começou a lê-lo. — Vocês dois ainda precisam completar algumas tarefas da lista que lhes entreguei hoje mais cedo, aliás. — Ela colocou o papel na mesa. — Onde será que está?

Vovó começou a revirar a bolsa outra vez, da qual puxou um par de óculos com diamantes incrustados.

— Onde será que está o quê? Sua cabeça? — perguntou Jake. — Deve estar na bolsa.

Beth limpou a garganta para esconder a risada.

— Não, seu idiota! — retrucou vovó.

Char pediu mais drinques. Ofensas. Isso não era nada bom.

— A lista que eu dei a vocês hoje de manhã! Tinha um monte de pendências a ser resolvidas antes do casamento. Onde está?

— No carro — respondeu Jake.

— Perdemos — explicou Char, falando ao mesmo tempo que Jake. Os dois trocaram olhares irritados.

— Eu vou só... — Beth se levantou da mesa.

— Sente-se! — gritou Char.

Beth obedeceu.

— A lista está com Jake. — Char apontou para Jake e sorriu de um jeito doce.

Um músculo da mandíbula dele tremeu quando ele se inclinou sobre a mesa e respirou fundo algumas vezes.

— Certo, ela está... em segurança.

— Em segurança. — Vovó bufou com desdém. — Tudo bem. Só não se esqueça de cuidar das últimas tarefas.

— Por que você mesma não faz isso? — perguntou Jake. — Está aposentada, não pode... sair por aí com um dos meus carros e resolver tudo?

Vovó fez silêncio, muito concentrada na própria respiração. Então virou a cabeça bem discretamente na direção de Jake. Um sorriso frio surgiu em seu rosto antes de ela pegar a lista com cuidado e colocá-la na bolsa.

— Se você não fosse um idiota, saberia: vou jogar cartas com as meninas.

— Todos os dias? — perguntou Jake.

— Todos os dias. Pelo menos durante a manhã — Vovó deu uma risadinha, parecendo recobrar o bom humor.

— Ótimo. Então consegue cuidar das tarefas à tarde.

— Ah, Jake! — Ela deu tapinhas no braço do neto. — Você é tão inocente!

Foi a vez de Char se engasgar com a bebida.

— Reservo as tardes para outras... atividades.

— Meu Deus do céu! Ao menos tente esconder o fato de que você sai por aí fazendo... coisas.

— Que coisas? — perguntou Beth de repente, inclinando-se para a frente, demonstrando interesse.

— Não pergunte. — Jake olhou de cara feia para Beth e sacudiu a cabeça.

Vovó deu uma risadinha.

— Ah, você sabe! Coisas. — Ela pronunciou “coisas” com grande ênfase, como se a palavra tivesse um significado muito importante, então voltou a dar risadinhas. — Adoro as minhas tardes! Ah, e como adoro! — Seu olhar ficou distante.

— Vamos precisar de mais álcool — sussurrou Char para Jake.
— E de “Boa noite, Cinderela” — acrescentou o homem. — Quero apagar esta conversa da minha memória. Para sempre.

— Amanhã. — Vovó se afastou da mesa e se levantou. — Jake, me leve para casa. Estou cansada. Mas amanhã você pode encontrar Char... Que tal na hora do almoço, lá em casa? E vocês podem terminar o restante da lista antes de a gente viajar, na quinta-feira.

— Quinta-feira? — gritaram Jake e Char.

Vovó deu uma piscadela.

— Mas é claro! Vocês precisam chegar pelo menos uma semana antes do casamento! O que é que há de errado com os jovens, hoje em dia? — Ela tirou uma nota de 50 dólares da bolsa e a colocou na mesa com um tapa. — Divirtam-se, garotas. Não façam nada que eu não fosse fazer.

— Ótimo, vovó. — Jake praguejou. — Só falta dar permissão para que elas sejam presas.

— Foi uma vez só! — argumentou vovó.

— Você esteve em uma prisão mexicana. Tem sorte de estar viva.

— Ah, aquele Pablo era mesmo uma coisa! — Vovó apertou o colar e começou a acariciar as pérolas.

Beth ficou boquiaberta.

Char precisou chutar a irmã por baixo da mesa outra vez, para que ela fechasse a boca.

— Bem, tchauzinho! — Vovó acenou e puxou Jake pela camisa até a saída do restaurante.

A mesa mergulhou em silêncio.

Havia shots de tequila por todos os lados.

Beth olhou para Char.

Char olhou para a mesa.

— Então — disse Beth, chupando um pedaço de limão. — Foi divertido.

Char gemeu e bateu a cabeça na mesa.

— Como vou sobreviver às próximas semanas com esses dois?

Beth riu.

— Fácil.

— Como?

- Calmante.
- Muito engraçado.

Capítulo 13

Jake andava de um lado para outro em frente à porta. Char enviara uma mensagem de texto dizendo que o encontraria por volta do meio-dia. Já era meio-dia e cinco. Onde ela estava? Ele precisava encontrar um jeito de recuperar o emprego e a masculinidade, preferencialmente não nessa ordem.

A manhã começara quase normal: vovó fizera a maldita ioga e depois exigira que ele a deixasse no clube de cartas. Mas mesmo quando vovó pedia uma coisa, nunca era apenas *uma* coisa. Não, ela sempre queria algo mais, não explicava o motivo e ainda olhava como se a pessoa que perguntasse o porquê de ter de fazer tal coisa fosse idiota.

Era como se Jake tivesse voltado a ser criança, como daquela vez que vovó o flagrara roubando M&M's da loja de conveniência e então lhe comprara um saco de dois quilos e o fizera se sentar e comer tudo ali, na frente dela.

Ela lhe explicara que aquilo faria com que ele nunca mais pegasse nada que não fosse dele. Porque, se ela o pegasse furtando, Jake teria que engolir o objeto ou usá-lo pela casa.

No ensino médio, acontecera de novo, mas com cerveja. Ela então comprara um engradado e o mandara virar tudo, até que ele passasse mal. Ele tomou três antes de vomitar. Naturalmente, vovó bebera as que restaram.

Bastava dizer que era sempre mais inteligente concordar com ela que testar a sorte. Então ele a levava de carro pela cidade, bancando o bom neto, e pedia a Deus que ela finalmente o

contratasse de volta, para que ele pudesse parar de bancar o motorista e o cerimonialista.

Deus, ele viraria mulher enquanto esperava por aquela maldita garota irritante!

A campainha tocou.

Ele correu para atender. Então parou e respirou fundo algumas vezes. Sim, definitivamente estava virando mulher. Estava agindo como se aquilo fosse um primeiro encontro, ou coisa parecida. Era Char! Char! Precisou repetir o nome várias vezes em voz alta antes de conseguir abrir a porta.

O sorriso que ela deu fez seu mau humor desaparecer, e, de repente, ele lembrou por que se mantinha distante de garotas como ela.

Elas traziam problemas.

Prometiam prazer, mas, no final das contas, queriam compromisso. E isso faria qualquer cara fugir, ainda mais um cara como Jake. Ele não merecia nem mesmo qualquer coisa parecida com aquilo. Até mesmo ele não era babaca o suficiente para não perceber que uma garota como Char... Bem, ela merecia um dos bons.

Não ele. Definitivamente, não ele.

Os olhos dela brilharam quando ele sorriu.

Droga. Ele teria que parar de flertar com ela. Ela iria entender errado, e ele ficaria maluco se tivesse que passar a semana do casamento se perguntando se ela estava só esperando a hora certa para esfaqueá-lo.

— Entre. — Ele abriu mais a porta e fez um esforço para não olhar para a bunda dela enquanto Char passava por ele com os saltos estalando no chão de mármore. Ela claramente viera do trabalho. Estava usando uma saia-lápis apertada, blusa branca e sapatos vermelhos.

Péssima escolha.

Porque agora ele estava pensando em vovó e naquela história idiota do aeroporto, e...

— Jake? — A voz suave de Char o trouxe de volta ao presente. — Ouviu o que eu disse?

— Não. — Ele deu uma risada, constrangido. — Eu estava, hã... admirando seus sapatos.

— Meus sapatos? — Ela ergueu as sobrancelhas, divertida. — Tem fetiche por salto alto?

— Em você? — Ele assentiu com a cabeça. — Acho que devo ter.

Droga, ele tinha começado outra vez. Qual era o problema dele? Era como se flertar com Char fosse instintivo, como se não conseguisse não se sentir atraído por ela. Seu corpo se movia involuntariamente na direção dela. Será que eram os olhos? O cabelo? Uma vozinha que ele não ouvia havia muito tempo lhe explicou que não. Não era físico, era algo completamente diferente. Algo em que ele não queria sequer pensar ou considerar por muito tempo. Porque aí teria de admitir que tinha um coração, o que queria dizer uma coisa: que em algum momento seu coração iria se partir, mas, dessa vez, não haveria o que amparar a queda, apenas o nada.

Ele engoliu em seco e olhou para o outro lado ao perguntar:

— Então, vamos almoçar?

Ela aceitou seu braço e olhou a casa.

— Parece uma boa ideia. — Os olhos de Char se estreitaram.

— Que foi? — Ele parou de andar. — Qual o problema?

— Eu tinha esquecido. — Ela deu uma risadinha.

— Esquecido o quê?

— Que você é tão rico que chega a ser ridículo.

Jake soltou uma risada curta.

— Estou desempregado no momento, mas obrigado.

— Ah, por favor! — Char soltou o braço de Jake e se adiantou, entrando na cozinha gigantesca. — Tudo isso? Isso é o que as pessoas sonham em ter a vida inteira. Quer dizer, eu mataria por uma cozinha dessas. Você tem dois fornos! O meu quase não funciona!

Jake se apoiou no balcão, divertindo-se com a cena.

— Você gosta de cozinhar?

— Amo. — Ela suspirou. — Não tenho tanto tempo quanto antes, e minha cozinha é um tanto ruim, assim como você... — Ela deu um

sorriso doce. — Se eu morasse em uma casa dessas, não ficaria me lamentando, como você faz.

— Nossa, obrigado! — murmurou ele, sentindo-se repreendido. — E não estou me lamentando.

— Você está, sim. — Char tamborilou os dedos no balcão de granito. — Então, cadê o almoço?

— Na geladeira.

Char andou até a geladeira e a abriu.

— Tem mais comida aqui que na maioria dos países pequenos.

— Vovó gosta de comer. — Jake deu de ombros. — Vou pegar os sanduíches de croissant e a salada. Quer comer na varanda lá fora, para ficarmos perto da água?

— Hum, pode ser. — Char observou a cozinha. — Precisamos de mais alguma coisa?

— Pegue uma garrafa de vinho na geladeira, também... Que tal um branco? Você decide. — Ele piscou e andou até a porta de correr de vidro da varanda, com vista para o lago Washington.

Só precisavam comer, comportar-se direitinho e terminar de resolver aquela maldita lista da avó, quando, então, ele se veria livre para continuar a própria vida. Seu plano ainda era o mesmo. Sobreviver à Terceira Guerra Mundial, também conhecida como "A Invasão da Vovó", e depois voltar ao antigo estilo de vida.

Quando ele parou um momento para se sentar e apreciar a vista, porém, percebeu que parecia fazer anos desde a última vez que estivera relaxado ou sóbrio o suficiente para aproveitar a paisagem.

Os passos de Char ecoaram pelo piso de madeira.

— Aqui está. — Ela lhe entregou uma taça de vinho e pôs a garrafa na mesa. — É bonito aqui fora.

— Acho que é. — Ele semicerrou os olhos por conta da claridade do sol e deu de ombros, deixando de lado a taça de vinho e tomando um gole d'água. — Acho que não reparo muito.

Char bufou com desdém e sacudiu a cabeça.

— Então. Vamos acabar logo com essa lista.

Tinha sido uma mudança de assunto um pouco repentina, mas tudo bem. Jake pegou um pedaço de papel novo.

— Ok, temos que tomar mais cuidado com essa aqui. A última foi perdida em um acidente trágico com o picador de papel. Tive que roubar a lista reserva da vovó ontem à noite enquanto ela dormia.

— Nossa, você é quase um 007!

— Aquela mulher dorme como uma pedra.

— Então foi fácil?

— Ela deixa uma arma embaixo do travesseiro e nunca teve uma aula de tiro na vida. Fácil? — Jake estremeceu. — Não se você quiser ficar inteiro.

— Justo.

Jake pigarreou.

— Parece que a gente só vai ter que se preocupar com os bonecos do bolo e com o presente de casamento. Vovó disse que vão entregar hoje à tarde, então acho que só precisamos levar com a gente no voo.

— Tudo bem.

Eles mergulharam em um silêncio constrangedor. Jake não sabia bem por que o clima estava tão estranho, formal. Era como se Char tivesse perdido a mania de discutir e estivesse apenas esperando alguém lhe dizer o que fazer para acabar logo com aquilo.

Que era exatamente o que ele estava fazendo.

Só que Jake queria que Char tivesse vontade de passar tempo com ele. Gostava que ela fosse briguenta. Ficava mais feliz quando estavam discutindo do que quando ela ficava quieta.

— Dia difícil? — perguntou depois de mais alguns momentos de silêncio constrangedor.

Char deu de ombros.

— Uau, ela deu de ombros para mim! — Ele lhe serviu mais vinho. — Quer falar sobre isso?

Com um suspiro, Char inclinou a cabeça e o encarou.

— Não muito.

— Sem pressão. — Ele ergueu as mãos. — Mas talvez eu possa ajudar.

— Ah, o milionário está oferecendo ajuda! Quanta consideração!

Jake fez uma careta.

— Qual é o seu problema?

— Meu problema? — repetiu Char. Então ela se levantou bruscamente, quase derrubando o vinho, e jogou o guardanapo na cadeira. — Meu problema é que tudo é tão fácil para você! Sempre foi! Você tem uma vida perfeita, uma avó perfeita! E não ouse dizer nem uma palavra contra ela! Sua avó pode ser maluca, mas ao menos você tem uma família que se importa com você, em vez de pais que mais uma vez se esqueceram do aniversário da filha.

Jake congelou. Seu estômago embrulhou ao ver a tristeza tomar conta do rosto de Char. Conhecia aquele olhar, conhecia muito bem: era solidão. Sentir-se como se a família o tivesse esquecido era quase tão ruim quanto ser a ovelha negra, a que ninguém queria. Então, sim, a situação dos dois até podia ser diferente, mas não tanto assim. Ela era abandonada e Jake era uma piada.

— Tudo bem. — Char soltou uma risada amarga. — Hoje em dia, a gente mal se fala: não tinha mesmo como você saber que é meu aniversário. Eu só... eu não sei. Beth teve que viajar a negócios hoje de manhã e sei que ela também estava estressada. Talvez eu esteja parecendo uma criança mimada, mas só dessa vez... eu queria que alguém além de Kacey tivesse lembrado.

— Sou um babaca — sussurrou Jake. — Sinto muito. Mesmo.

— Não. — Char apontou para ele. — Olha só, não é isso que eu quero. Pena não é a mesma coisa. É uma droga. Sentem pena de mim o tempo todo. “Ora, veja, é aquela repórter pobre coitada que apareceu bêbada em pleno jornal das cinco e caiu da cadeira!”, “Ora, veja, é a Char. Ela é engraçada, mas não dá para levá-la a sério.”, “Ora, que triste! A família da Char não passa o Natal reunida porque eles viajam de férias sem ela.” Ou que tal esta: não posso nem visitar meus pais hoje e dizer o que penso deles, porque os dois estão passando o fim de semana em Alki Beach.

Jake umedeceu os lábios e ficou olhando o cabelo escuro de Char balançar com o vento. Sua blusa ficava mais justa na área do peito por conta da respiração alterada.

— Desculpe — disse ela, por fim. — Talvez o almoço não tenha sido uma boa ideia. Não estou a fim de socializar, aí venho aqui e vejo como tudo é fácil para você, que ainda assim tem a audácia de se sentir triste porque sua avó está morando com você e ela o

obriga a comer donuts e a tomar vinho. Eu daria tudo por algo assim.

Jake nunca tinha se sentido tão mal antes. Naquela manhã, gritara com vovó porque ela preparara ovos para ele. Na verdade, dissera a ela que comesse os malditos ovos e o deixasse em paz. Depois, ainda fora além e pedira o emprego de volta. E ali estava Char, sozinha no próprio aniversário, desculpando-se por ser má companhia. Qual era o problema dele? Ele merecia aquela bronca e muito mais, mas, para ser honesto, nunca recebera bronca de ninguém além de vovó.

E foi então que ele percebeu.

O que o atraía, o motivo por que ele não conseguia deixar Char em paz: a força dela. Ele desejava isso que via tanto nela. Seu inconsciente, seu senso de moral, tudo nele estava tão ferrado que ele a desejava como um alcoólatra deseja uísque.

Apesar do que sentia, precisava prosseguir com cuidado. A última coisa que queria era se envolver com alguém sabendo que a própria vida estava tão instável. Mas ele podia — ou melhor, iria — fazer as coisas melhorarem. Estava recebendo uma segunda chance para ser um herói, para ser o mocinho, e iria aproveitá-la.

Ele se levantou bem devagar e contornou a mesa, indo até Char. Com movimentos fluidos, envolveu-a nos braços e a puxou para um abraço.

— Sabe onde seus pais estão hospedados?

Ela praguejou junto ao peito dele.

— Eu posso mandar uma mensagem para eles. Quer dizer, se eles olharem o celular. Por quê?

Jake riu, embora por dentro estivesse usando os piores palavrões que conhecia para xingar os pais dela, por serem tão egoístas.

— Bem, tenho uma ideia. Vamos visitá-los agora mesmo. Ligue para o trabalho. — O coração dele começou a bater mais rápido, quase como se tivesse recebido uma descarga de adrenalina, à medida que o plano se formava em sua cabeça. Talvez fosse por orgulho, e não um orgulho egoísta. Sentia-se orgulhoso de estar tomando uma decisão pelo bem de outra pessoa.

— Mas, Jake. — Char se afastou. — O que a gente vai fazer? Entrar na pousadinha em que eles estão hospedados e exigir que me deem os parabéns?

Jake deu risada.

— Você vai ver.

— Jake, sério. Não estou com humor para brincadeiras, nem mesmo sei onde eles estão.

— Nós podemos não saber, mas conheço uma mulher que acho que trabalhava para a CIA.

— O quê?

— Deixe que eu vou telefonar para meus contatos.

— Seus “contatos”? — repetiu Char. — Acho que o fato de estar desempregado já começou a afetar esse seu cérebro sexy. — Soltando uma exclamação de surpresa, ela cobriu a boca. — Foi o vinho! Droga!

— Você me acha sexy? — retrucou ele, dando uma piscadela. Era difícil se livrar dos velhos hábitos. E já fazia uma semana que não exercitava esses hábitos. O fato de ela o ter chamado de sexy o apavorava e excitava ao mesmo tempo. O sangue foi direto para os lugares errados. *Calma*, disse seu cérebro. *Seria muito fácil dormir com ela, e você poderia simplesmente desistir de se importar. Desistir de tentar.* A verdade era que ficava apavorado só de pensar que, no instante em que decidisse correr o risco por algo que valesse a pena, ela pudesse rir dele. Ele não era bom o suficiente para Kacey, por que então seria bom o suficiente para Char?

— Não. — Ela se virou e balançou a cabeça, como se tentasse entender de onde saía aquele “sexy”.

— Tudo bem. — Jake foi para trás dela. — Muitas mulheres acham.

— Eu realmente precisava ouvi-lo dizendo isso.

— Por quê? — Ele ficou tenso quando ela se virou e passou os dedos por seu peito.

— Porque me ajuda a lembrar como você é um babaca egoísta.

— Talvez você mude de ideia depois de hoje.

— Tenho minhas dúvidas.

Jake se inclinou até que seus lábios estivessem quase se tocando.

— Vivo para provar que você está errada.

Char suspirou.

— Certo, ligue logo. Não vou render nada no trabalho, de qualquer jeito.

Com um sorriso largo, Jake pegou o celular e ligou para vovó. Ela atendeu no segundo toque.

— É melhor ser importante, Jake. Estou ganhando.

— Preciso que você encontre uma pessoa.

Vovó ficou em silêncio.

Jake soltou um gemido impaciente.

— É para Char.

— Mande as instruções por mensagem — respondeu vovó, em voz baixa. — Verei o que posso fazer.

Ela desligou, e Jake guardou o celular de volta no bolso da calça. Char o encarava por trás dos longos cílios.

— Esses são os seus contatos?

— Querida, você não faz ideia. — Ele passou um dos braços pelos ombros dela e pegou a comida com a outra mão. — Agora, vá para casa, vista algo sexy e me encontre aqui em uma hora. Precisamos comemorar.

Char curvou os ombros sob o braço de Jake.

— Você não precisa fazer isso. Sério, já estou melhor. Viu? Bem melhor. — Ela apontou para o rosto e conseguiu dar um sorriso patético.

Ele não teve coragem de fazê-la se sentir pior dizendo como parecia triste, então optou por outra abordagem. Aquela que o faria parecer um babaca. Ao menos desse jeito ele sabia agir automaticamente: sendo o tipo de homem que sabe encontrar o ponto fraco de uma mulher. Só que dessa vez era para ajudá-la, não para ser egoísta, convencendo-a de que ela devia ficar com ele. Era estranho como as fraquezas do passado podiam se tornar pontos fortes. Ele deu um sorriso malicioso e a olhou de cima a baixo, então segurou seu rosto com as mãos e o virou de um lado para outro, como se estivesse procurando rugas.

— Tudo bem. Faça o que quiser, mas, se fosse eu quem estivesse ficando um ano mais velho, cada vez mais perto dos trinta, como

ocê... iria querer ficar com alguém que sabe se divertir. Além disso, posso levá-la para jantar.

Ela semicerrou os olhos.

— Mas você está desempregado.

— E como você bem observou... ainda sou milionário. — Jake pôs a garrafa de vinho de volta na mesa, pegou a mão de Char e a beijou. — Deixe que eu a recompense. Por favor. — A última vez que dissera “por favor” com sinceridade fora um ano antes, quando implorara a Kacey que o acompanhasse à casa de seus pais. Ótimo, então a última vez que ele dissera “por favor” do fundo do coração e sem motivações egoístas fora aos oito anos, quando queria um pirulito para seu amigo imaginário.

Os olhos dela foram da porta ao chão e voltaram.

— Está bem, mas... não seja tão legal. Pode ser que eu confunda isso com pena e fique com raiva outra vez.

— Combinado. — Ele indicou a porta com a cabeça. — Agora leve essa bunda maravilhosa para casa e vista alguma coisa. — Ele deu um passo para trás e a olhou de cima a baixo. — Sexy. Vista alguma coisa sexy.

— Isso não é sexy? — Ela deu uma voltinha na frente dele, parecendo ter recuperado o bom humor. Ele riu ao vê-la girar como uma criancinha. Droga, ela era mesmo linda! Ele pigarreou e desviou o olhar.

— Você ficaria bonita em qualquer coisa, mas precisa usar uma roupa de aniversariante.

Os olhos de Char brilharam, divertidos.

— Ok. Já volto.

Jake assentiu com a cabeça, observando o balanço dos quadris de Char enquanto ela se afastava. Quando chegou à porta, virou-se para ele.

— Jake...

— Diga.

— Obrigada.

— Ah, olha, eu ainda não gosto de você.

Ela riu.

— É, eu também não gosto de você.

A porta se fechou, e Jake teve que se sentar para organizar os pensamentos. O problema era que estavam muito confusos. Ele começava a ficar um pouco apegado demais aos sorrisos de Char.

E saber que ela se sentia tão sozinha o estava matando. Que tipo de pessoa ele era? Alguém capaz de ficar sentado reclamando da vida enquanto ela não tinha um forno decente nem uma família que se importasse com o aniversário dela?

No caso dele, sua família se importava até demais.

E ele nunca tinha se sentido grato por aquilo, até o momento.

Com as mãos trêmulas, pegou o celular e discou o número de Travis.

— Alô? — respondeu o irmão, ríspido.

— Eu topo.

— Oi? — Travis tossiu. — Você queria mesmo me ligar?

Jake revirou os olhos.

— Não seja difícil. Disse que topo e não vou desistir.

O telefone ficou mudo.

— Ainda está aí? — perguntou Jake.

— Sim. — Travis riu. — Só estava vendo o relógio, para ver se o happy hour já tinha começado ou coisa parecida. Está bêbado?

— Não estou bêbado! — gritou Jake, ficando cada vez mais irritado. — Só queria que você soubesse que pensei no assunto e topo. Quero levar Kacey até o altar com nosso pai. — Sua voz falhou sem querer. Droga, até quando o passado o assombraria? Ele se lembrou do sorriso de Bill, do jeito como olhava para Kacey, e sentiu um aperto no coração. Era o mínimo que podia fazer pelas famílias, a dela e a dele.

— Obrigado — agradeceu Travis, rouco. — É... Significa muito para a gente.

Para amenizar o clima, Jake soltou uma risada.

— Considere a minha boa ação do ano.

— Beleza. — Travis suspirou. — E no mais, tudo bem?

— Tudo. — Jake olhou para a casa vazia e, pela primeira vez na vida, se sentiu culpado por tudo o que possuía. Culpado por tomar aquilo como certo. — Vai ficar.

— Você está bem?

— Estou ótimo. — Jake pigarreou. — Olha só, preciso ir. Depois nos falamos.

— Tchau.

Capítulo 14

Char levou mais de uma hora para se arrumar. Nenhuma roupa ficava boa, e ela queria estar bonita, já que seria vista andando por aí com uma celebridade. O que deveria vestir? O modo como Jake a olhara a tinha feito estremecer. Bem, tudo estava confuso demais, o que de repente a fez agradecer a demora de uma hora em ficar pronta, em vez dos vinte minutos habituais. Nesse tempo, precisou ficar lembrando a si mesma que ele devia estar sentindo pena dela. Ele não era assim tão altruísta... Era Jake Titus, pelo amor de Deus! Até os espelhos ficavam enciumados se ele passasse direto, sem olhá-los ao menos uma vez.

Dirigiu o Ford velho até a casa dele, alternando entre o pânico, a vontade de dar meia-volta e a determinação. Era seu aniversário. Ela devia se divertir. Ela merecia aquilo, e a única outra opção que tinha eram os quatro volumes de uma série de livros no Kindle e uma garrafa de vinho.

Se desse meia-volta, pegaria no sono enquanto Jimmy Fallon e Justin Timberlake estivessem apresentando a sétima parte da sequência *History of Rap*, então acordaria com os devaneios do apresentador Carson Daly às duas da manhã.

Deprimente. Para dizer o mínimo.

Jake já estava esperando quando ela estacionou em frente à casa.

Char ficou boquiaberta. Mas que... Só tinha visto um carro como aquele na TV, e ainda assim ficara duvidando de que ele fosse real.

Uma coisa era certa: aquilo tudo era demais para ela. De repente, parecia errado estacionar o velho Ford ao lado daquela máquina.

Ela pegou a bolsa e saiu do carro.

Jake usava calça jeans justa, óculos de sol tipo aviador e uma camisa azul-clara com os primeiros botões abertos. Uma jaqueta de couro bege completava o visual, e, sinceramente, aquela era uma imagem e tanto. Mas nem assim ela conseguia ignorar o carro, que praticamente a cegava. Era... Era incrível. Não tinha palavras.

— Gostou do carro? — perguntou ele, jogando as chaves para ela. Char quase tropeçou quando as pegou no ar.

— É de verdade?

Jake riu.

— O quê? O carro?

Char só conseguiu assentir com a cabeça.

— Não sei. Por que não usa essa chave e descobre?

Louca para entrar naquela máquina de aparência alienígena, ela rapidamente abriu a porta do motorista e se sentou no assento de couro macio. Servia como uma luva. Era como se o carro se moldasse ao seu corpo, como um vestido.

— Que é isso?

— Um Bugatti Veyron.

— É... — Char passou as mãos pelo volante e olhou para Jake, que estava no banco do carona. — É lindo. A gente pode dizer que carros são lindos?

Rindo, Jake estendeu o braço e acariciou o assento bem ao lado da perna de Char.

— Dá para sentir isso?

Ela teria que estar morta para não sentir o calor da mão de Jake acariciando o couro bem ao lado de sua coxa.

— É costurado a mão. Não é incrível que um carro possa ser sensual? Mas... — A mão de Jake subiu para a perna de Char. — O que eu queria era que você se sentisse sexy no dia de seu aniversário. Aliás, você está linda. Amo vermelho.

Ela decidira usar um vestido vermelho frente única bem justo e sapatos dourados. Isso depois de um furacão ter passado por seu quarto.

— Pronta para ir? — Jake recolheu a mão. — Pode dirigir se quiser.

Char balançou a cabeça e começou a sair do banco do motorista.

— De jeito nenhum. É caro demais. Vou acabar indo a 20 quilômetros por hora na estrada, com medo de alguém bater em mim.

Jake deu a volta no carro e a ajudou a terminar de se levantar do assento baixo, mas ela acabou tropeçando e caindo em seus braços, desajeitada.

— Desculpe.

— Não precisa. — Os olhos dele se fixaram nos lábios dela por um breve segundo, antes de Jake dar um passo para trás. — A regra número um dos aniversários: não precisa pedir desculpas. Agora, entre no carro. Temos que encontrar os pais de alguém.

— Jake, duvido que a gente vá encontrá-los...

— Já encontrei. Ou melhor, vovó encontrou. Eles estão hospedados no primeiro hotel para o qual ela ligou. Vovó disse que é um dos melhores de Alki, então era um bom lugar por onde começar a procurar. Tudo o que fez foi ligar dizendo que estava quase morrendo e que precisava falar com o filho. Ela deu à recepcionista o nome de seu pai e depois... desligou.

— Ela é um gênio do mal.

Jake ligou o carro.

— Um dia ela vai dominar o mundo. Escute o que estou dizendo. — Ele estendeu o braço até alcançar o cinto de segurança de Char e o afivelar. — Segure-se. Só dirigi isso aqui uma vez, e é rápido.

Ele não estava brincando quando disse que o carro era veloz e que só o dirigira uma vez: em alguns momentos, estavam tão imersos na conversa que Jake nem se dava conta de que estava a mais de 160 por hora.

Pela primeira vez na vida, Char se sentia como a personagem de um conto de fadas. Quando mais nova, ela fora a garota por quem Jake não se apaixonara. Agora... Olhou discretamente para ele, que mexia no rádio. Era sua Cinderela. Mesmo que fosse por pena, a sensação era muito boa. Alguém finalmente a tinha escolhido.

Ela nunca percebera quanto precisava disso. Até agora.

Capítulo 15

Jake parou o carro na primeira vaga.

— Acho que estamos no lugar certo. Eles acham que ganharam uma espécie de concurso da pousada. Tive que cronometrar a viagem para que chegássemos no momento em que eles estivessem tomando os drinques.

Char riu.

— Uau! Você é tão maquiavélico quanto sua avó.

— É bom saber que, se eu não conseguir meu emprego de volta, pelo menos posso ganhar dinheiro manipulando os outros. Fico feliz por essa ter sido a única coisa que herdei da vovó.

— Isso e o bom gosto impecável — murmurou Char, olhando para o carro.

— Também acho — concordou Jake. Mas, quando Char se virou para ele, notou que Jake não estava olhando para o carro, e sim para ela. Aquilo não era real. Não era real. Ele lhe ofereceu o braço.

— Vamos?

Com uma risadinha, ela aceitou a oferta e caminhou com ele até a enorme pousada. Era anexa a um restaurante muito chique, bem no centro de Alki Beach. O sol ainda estava alto, mas não fazia tanto calor a ponto de impedir uma caminhada na praia ou um jantar ao ar livre. Char queria os dois. Isto é, se, antes, não virasse abóbora.

— Pronta? — sussurrou ele em seu ouvido quando abriu a porta para que ela entrasse.

Incapaz de encontrar as palavras, ela apertou o braço de Jake e fez que sim com a cabeça.

O cheiro de comida refinada inundou seus sentidos quando eles entraram de braços dados no lugar.

— Ah, sr. Titus! — Um velho senhor de smoking estava parado diante deles. — A mesa está pronta, exatamente como o senhor pediu. Gostaria de começar com o champanhe?

Jake olhou para Char, como se quisesse saber a opinião dela.

— C-champanhe está ótimo. — Ela engoliu em seco, nervosa, quando seus olhos examinaram o restaurante e finalmente pousaram em seus pais. Estavam sentados em um canto, conversando distraídos.

Sentiu a respiração acelerar. Perdendo de repente a coragem, ela fez menção de se virar e ir embora, mas Jake a segurou com firmeza. Quando os pais de Char olharam em sua direção, curiosos, Jake fingiu não se importar com eles. Apenas os cumprimentou com um aceno de cabeça enquanto o garçom os levava para uma parte privada do restaurante.

Char quase chorou ao ver a mesa. Estava coberta de pétalas de rosa e, nos pratos, estava escrito “feliz aniversário” com chocolate. Morangos estavam dispostos ao redor da mensagem. No canto havia um presente gigante.

Ela precisou se conter para não chorar, ou a maquiagem ficaria arruinada. Ninguém nunca fizera por ela nada que fosse sequer parecido com isso. Era inconcebível que Jake pudesse até mesmo ter pensado em algo assim, quanto mais ter planejado tudo em apenas uma hora! Só podia ser obra da vovó. Não tinha como o coração dele ser tão bom assim... Ou isso, ou ele só estava se sentindo culpado por ela tê-lo acusado de ser egoísta.

Ele afastou a cadeira para que ela se sentasse e sussurrou outra vez em seu ouvido:

— Feliz aniversário.

Char sentiu que estava ficando ruborizada e se concentrou em respirar. A tarefa era muito difícil, pois tinha acabado de sentir os lábios de Jake roçarem a ponta de sua orelha, o que fizera seu coração bater com mais força.

Jake se sentou enquanto o garçom abria uma garrafa de champanhe. Concluída a tarefa, o homem os deixou sozinhos com os

aperitivos e o espumante.

— Char? — A voz de sua mãe revelava animação e surpresa. — É você, querida?

Com um sorriso tenso, Char cumprimentou a mãe e o pai, que se aproximavam. Os dois procuravam observar tudo, absorver cada detalhe da cena, até que seus olhos finalmente pararam em Jake.

— Jake Titus? — Seu pai estendeu a mão. — Ouvi dizer que sua avó acabou de demiti-lo. Essa deve ter doído! Como vão as coisas?

Char teve de se esforçar para não permanecer boquiaberta.

Com gestos elegantes, Jake se levantou e apertou a mão do pai de Char.

— Obviamente, estou ótimo. Um trabalho é só um trabalho. Tudo o que importa é que Char esteja ao meu lado, me apoiando. Enquanto ela estiver comigo, vou estar bem.

Se ela não soubesse que Jake estava representando, teria acreditado nele. A mãe os observava, quando perguntou:

— Vocês dois estão... namorando?

Char abriu a boca para responder, mas Jake a interrompeu.

— É claro. Por que mais estaríamos aqui?

No rosto de sua mãe se abriu um sorriso tenso quando ela olhou para a roupa de Char e depois para o prato.

— Ah, querida! Mas é claro, hoje é o seu aniversário! Como pudemos esquecer outra vez?

— Não sei — disse Char, e a voz saiu falhada. Ela ergueu a taça de champanhe. — Faço 22 hoje. Viva!

Jake ergueu sua taça e bateu-a na dela.

— Ah, isso é ótimo. — A mãe inclinou a cabeça, olhando para Char. — Jake a trouxe aqui para comemorarem seu aniversário... Não é nada sério, então.

— Sério? — repetiu Char. Será que eles eram loucos? Como a conversa tinha ido de uma desculpa meia-boca por terem esquecido seu aniversário a isto, agora? A deixarem claro que não se convenciam de que Jake pudesse querer sair com ela. Char mordeu o lábio e olhou para Jake. Todas as suas inseguranças voltaram com força. Por que ele ficaria com ela? Era um dos solteiros mais famosos de Seattle. Já namorara até modelos.

Ela fez menção de se levantar. Aniversário ou não, não aguentava mais. Entretanto, quando se levantou, Jake a puxou para seu lado e a fez sentar-se em seu colo.

— É melhor que eles ouçam de nossa boca, Char.

— Ouçam o quê? — Seu pai parecia ignorar completamente a tensão.

— Sobre nós. — Jake acariciou o braço dela, bem devagar. — Estamos namorando, e é bem sério.

Char ficou tensa.

A mãe riu.

O pai se juntou à mãe.

Char tentou se afastar, mas Jake a segurou com firmeza. Ela conseguia sentir a raiva que emanava dele.

— Quer saber, amor?

Ainda em seu colo, Char se virou para ele, que continuou:

— Por que não vamos comemorar em algum outro lugar? Tenho uma casa bem aqui, na praia... Podemos passar seu aniversário com o restante da família.

Bem, era isso, ele tinha conseguido: Jake a tinha resgatado e se transformado, de um sapo babaca, em um príncipe encantado. A respiração de Char ficou acelerada quando suas bochechas sentiram o toque dos dedos dele. Não era real. Não podia ser real. Imediatamente, toda a insegurança do acampamento escolar estava de volta. Uma baleia. Ela era uma baleia, e, no momento, estava sentada no colo de Jake. Char mandou que o coração parasse de bater tão depressa. Precisava lembrar a seu corpo que Jake era bom em provocar reações físicas. Porque já sabia disso muito bem. Este homem já a fizera se apaixonar por ele duas vezes — não conseguiria uma terceira. Quando ele moveu a outra mão, massageando suas costas, Char estremeceu involuntariamente. Não era isso que sempre quisera, que Jake a defendesse?

Tudo bem que agora ela estava bem mais velha, e claro que era tarde demais, mas quase dava para acreditar que ele tinha potencial para ser o homem com quem Char tinha sonhado a vida inteira. O cara que não escolhia apenas os caminhos fáceis, mas também seguia pelos difíceis. E ela precisava desesperadamente encontrar

essa qualidade em um homem, ainda mais depois de rever os pais. Ela não queria o tipo de relacionamento que os dois tinham, vivendo em uma bolha só deles. Char queria amor, diversão, um herói, um melhor amigo. Droga. Talvez ela só estivesse projetando todas as suas necessidades e desejos em Jake porque fora ele quem lhe dera um pouquinho de atenção. E esse pensamento a levou de volta à insegurança inicial: por que, entre todas as pessoas do mundo, ele iria querer justamente ela? Não iria.

A verdade doía, mas ela precisava parecer forte na frente dos pais, para que eles acreditassem nessa mentira — uma mentira que ela rezava para que fosse verdade. Jake só estava ali porque, por algum motivo, estava tentando fazer o que provavelmente seria sua única boa ação do ano, e não porque seu coração tivesse de repente se libertado da prisão de gelo e começado a bater por ela.

— Família? — Sua mãe parecia irritada. — Que família? A família dela está aqui. Bem aqui... Exceto por Beth, que viajou para Los Angeles a trabalho. — Ela suspirou. — Nossa Beth é tão bem-sucedida! Sabia que ela é química?

Char queria chorar. Na verdade, queria saltar do colo de Jake e quebrar alguma coisa. Em apenas algumas horas, Jake fora para ela uma família melhor do que seus pais tinham sido durante anos! Família? Ele acabara de agir mais como família do que eles tinham feito a vida inteira. Ela travava uma batalha interior: não sabia se levantava e dava um tapa na cara da própria mãe ou se apenas saía, sem falar nada.

Em vez disso, libertou-se de Jake, que a abraçava com firmeza pela cintura, levantou-se e ficou olhando de cara feia para os pais por um tempo. Ela nunca mais tentaria conquistar a aprovação dos dois. Era inútil tentar. Então, em vez disso, iria se divertir e mostrar que podia ser feliz sem eles.

— Jake, você está certo. Vamos chamar vovó e ver se ela quer se juntar a nós para jantar.

Ele se levantou e a puxou para um abraço.

— Ótimo plano. — Sem qualquer aviso, tocou os lábios nos dela. Então a beijou como se não estivesse fingindo. Como se realmente gostasse dela e quisesse mostrar o que aqueles pais estavam

perdendo. Mais uma vez, ela se deixou levar pelo momento, pelo que deveria ser sentir-se desejada. Passou os braços ao redor do pescoço dele e suspirou junto a seus lábios. Era seu aniversário, afinal.

Eles se separaram quando seu pai pigarreou.

— Olhe, Char, se você acha que é uma boa ideia ser vista com um playboyzinho...

Jake riu.

— Um playboyzinho milionário. — O sorriso de Jake foi tão arrogante que Char quis socá-lo, mas seus pais tinham pedido por aquilo. — Pelo menos acerte o título. — Ele enfiou a mão no bolso e pegou algumas notas de cem dólares. — Vamos, amor.

Sem nem um aceno de despedida, eles deixaram o restaurante e entraram no carro de Jake. Ela teve um momento de satisfação quando viu os olhos arregalados com que o pai fitava o carro.

Então, quando estavam a pelo menos 1,5 quilômetro do restaurante, Char caiu no choro.

Capítulo 16

Praguejando, Jake encostou o carro e o desligou.

— Sinto muito, Char. Se eu tivesse alguma ideia de que eles iriam tratá-la como...

Ele soltou outro palavrão, com vontade de estrangular os pais dela por terem estragado o aniversário da filha. Em que merda eles estavam pensando, quando compararam Char com a irmã? Char era única, original. Era assim, igualmente, que ele costumava descrever uma mulher sem corpo nem personalidade, é verdade. Mas não Char. Quando dizia isso dela, estava sendo sincero. Ela era diferente, mas de um jeito que chamava a atenção. Era inegavelmente determinada... e tinha um corpo tão lindo que parecia o pecado. E uma atitude à altura dessa beleza e determinação, também. Era absurdo que eles pensassem que a filha não era boa o bastante. Uma química? A irmã de Char era uma química chata? Não fazia sentido. Eles não faziam sentido. Quanto mais pensava no assunto, mais irritado ficava.

— Como lixo? — sugeriu Char, secando as lágrimas. — Tudo bem. Não sei por que esperava que fosse diferente. Acho que foi o carro, ou o vestido, talvez até você.

— Pensei que, se eles a vissem, no mínimo se sentiriam culpados. E, se isso não funcionasse, ao menos ficariam com inveja por você estar se divertindo tanto. — Jake praguejou de novo. — Juro que não era isso que eu tinha planejado.

— Ah, é mesmo? — Char deu uma risadinha. — Qual era o seu plano?

— Ah, você sabe. — Jake brincou com uma mecha do cabelo de Char, depois a colocou atrás da orelha. — Deixar você louca por mim. Ser o Príncipe Encantado, e você, a Cinderela... Mas dessa vez o plano seria tirar o sapato, em vez de sair procurando uma mulher que coubesse nele.

— Então você seria o Príncipe Safado? Tirando os sapatos da princesa? Que escândalo!

Jake riu, e seu coração batia forte no peito.

— Eu não disse que estava completamente redimido.

Char pareceu gostar. Ela riu e olhou para ele com os olhos verdes e limpos.

— Eu gosto de caras um pouco maus.

Ela estava tão próxima dele, receptiva... Ele não tivera intenção de beijá-la no restaurante, mas sentiu muita raiva dos pais dela e quis mostrar a eles que, mesmo que não dessem valor à filha que tinham, ele com certeza dava. O único problema era que, por mais que Char estivesse pensando que ele de fato parecia um príncipe, Jake se sentia um vilão. Ele não podia se apaixonar por ela — e se apavorava com a possibilidade de já estar quase deixando isso acontecer.

— Você vai me beijar de novo?

Jake confirmou com a cabeça.

— É outra regra dos aniversários.

— Ah, é? Qual? — Char se inclinou para mais perto, até que seus lábios roçassem os dele.

— Os beijos não contam. Então, digamos que eu beije você agora... — Seus lábios se tocaram. — E aí de novo... Você não pode me dar um tapa nem usar isso contra mim.

— É mesmo?

— É. — Ele passou a língua pelo canto da boca de Char e segurou seu rosto, intensificando o beijo.

O celular começou a vibrar no bolso de Jake, mas ele o ignorou. Ele ignorou tudo que não fosse o gosto da boca de Char, e o toque de champanhe em sua língua o estava deixando louco.

Mas o celular não parou.

Finalmente, soltando um palavrão, ele pegou o aparelho e atendeu com um "alô?" irritado.

— Aqueles malditos! — gritou vovó.

— Hã?

— Estou a caminho.

— O quê? — Jake estava concentrado demais no vestido decotado de Char e em seus lábios inchados. — Aonde você vai?

— Vou me encontrar com vocês. Pedi a Stuart que me ligasse. Ele me contou tudo.

— Stuart? Mas quem é Stuart?

Vovó suspirou como se ele estivesse sendo ridículo.

— O garçom, Jake. Às vezes me pergunto qual é o seu problema. Ele usava uma plaquinha com o nome dele. Me encontre na casa de praia. Vamos passar a noite lá, e vamos fazer uma festa que ela não vai esquecer!

Vovó desligou.

Jake soltou um palavrão e olhou para Char, explicando:

— Então... era a vovó.

— É, eu ouvi. Ela é contra falar baixo.

— Ela quer lhe dar uma festa. — Jake encarou o telefone, depois desviou o olhar para os lábios de Char. — Devíamos aceitar.

— Bem. — Char pôs o cinto de segurança. — É meu aniversário, afinal... e estou morrendo de fome.

— Eu também — concordou Jake. Mas ele não estava com fome de comida. Não. Queria mais daqueles lábios. Droga! Ele a queria inteirinha para si. Controlando o desejo, ligou o carro outra vez. — Bem, não vamos deixar Sua Majestade esperando.

Capítulo 17

Jake não estava nem um pouco preparado para o que vovó havia planejado. Eram apenas quatro da tarde, afinal, e as intenções dele incluíam apenas jantar cedo e beber alguns drinques.

Enquanto Jake apenas tentara deixar Char louca por ele, vovó estava fazendo tudo o que ele tinha pensado em fazer, só que muito melhor.

Porque ela trouxera a melhor amiga de Char.

— Kacey? — Char ficou boquiaberta quando Kacey e Travis entraram na casa.

Vovó dissera a eles que bebessem um pouco de champanhe, se sentassem bem quietinhos e esperassem pela festa do século. Palavras dela, não dele.

Depois de duas horas de espera, Jake estava convencido de que vovó dormira ao volante. Não que ele se importasse... Char quis caminhar na praia, e ele foi com ela. Depois ela quis mais champanhe — e ele lhe daria tudo o que ela desejasse. Só queria que ela se sentisse... querida... desejada. E como aspirava a ser o cara que a faria se sentir assim!

Algumas horas haviam se passado desde aquele último beijo, e Jake já considerava seriamente a possibilidade de trancar a porta da casa para tentar uma nova chance. Foi quando o irmão e a futura cunhada chegaram.

— Surpresa! — gritou Kacey e entrou correndo na grande sala.

— Não acredito que vocês estão aqui! — Char correu para os braços de Kacey. — Como vocês...

— Vovó — responderam em uníssono.
Jake se levantou do sofá e foi apertar a mão do irmão.
— Estou surpreso por vocês terem conseguido pegar um voo.
Travis soltou um palavrão.
— Eu também. Mal tivemos tempo de fazer as malas. Só joguei na bolsa umas roupas que estavam no chão e peguei uns negócios com babados para Kacey.
— Lingerie. — A noiva suspirou. — Ele pegou minha lingerie de seda.
Travis deu de ombros.
— Sou homem.
— E não posso sair por aí pelada! — praticamente gritou Kacey.
Travis não pareceu se importar, o maldito sortudo.
— Você vai ficar bem. — Ele deu uma piscadela.
Kacey corou e desviou os olhos. Depois se virou para a amiga:
— Então, Char, vovó disse que Jake foi seu salvador, hoje.
— Calma lá! — Jake ergueu as mãos. — Não acabe com minha reputação de mau.
Kacey deu uma piscadela.
— Nem sonharia em fazer isso. Ele ainda é um babaca, Char. Espero que saiba disso.
Char riu com Kacey.
Jake não estava rindo.
Nem um pouco.
Será que ele era motivo de piada para todos?
— Então... — Kacey puxou Char até o sofá. — Fico feliz por poder contar isso pessoalmente, para ter a chance de ver sua reação.
— Você está grávida! — gritou Char.
Travis cuspiu o drinque e engasgou.
— Hum, não. — Kacey olhou de cara feia para Travis. — E agora são dois babacas.
— Não seria a primeira vez que ela nos acusa. — Jake ergueu o champanhe para brindar com o irmão e deu um longo gole.
— Você se lembra de Jace Munroe? — perguntou Kacey.
Os olhos de Char se arregalaram.

— O Jace Munroe? O *quarterback* daquela escola que era rival da nossa e que parecia uma versão mais sexy do Justin Timberlake?

— Sim, esse mesmo. — Kacey riu. — Eu o convidei para o casamento!

— Não entendi. — Char tirou os sapatos e acomodou as pernas debaixo do corpo, no sofá. Uma pena, porque Jake estivera observando suas pernas torneadas com atenção. — Por que você convidaria alguém que mal conhece para o casamento?

— Travis joga golfe com ele.

— E daí?

— Eles saem, são amigos, e ele está solteiro.

Jake bebeu o champanhe rápido demais e começou a engasgar, mas disfarçou com uma risada. Mesmo que não achasse a situação nem um pouco divertida.

Char se encolheu.

— Não quero que armem um encontro para mim desse jeito.

— Não pense nisso dessa forma. — Kacey botou uma das mãos no braço de Char. — Além disso, ele se lembra de você.

— Lembra? — O rosto de Char se iluminou.

Ah, droga. Como ela podia ser tão cega em relação ao próprio charme? Ela era uma garota linda. É claro que aquele mané ia se lembrar dela. O babaca já devia ter saído com umas cem mulheres e finalmente estava pronto para se comprometer com a mulher certa. Exatamente o que Char era. Maldito.

— Nós comentamos com ele que você também iria, e, bem... Não sei, mas meu conselho é: vai fundo!

— Com licença — interrompeu Jake. — “Vai fundo”?

— Hã, sim? — Kacey beliscou o braço de Jake. — Char precisa sair e começar a namorar. Do jeito que as coisas estão, ela vai acabar adotando cem gatos e morando em um trailer no meu jardim.

— Isso não é verdade. — Char corou. — Sou seletiva, só isso.

— Acho que isso é culpa daquele acampamento. — Kacey suspirou. — Juro que desde o nono ano você tem dispensado a maioria dos caras que prestam um pouco de atenção em você.

Char corou e olhou para as mãos unidas.

— Nono ano? — repetiu Jake. — Ei, eu estava naquele acampamento com vocês!

Char ergueu a cabeça e sorriu.

— É mesmo. Tinha esquecido.

Jake com certeza não. Tinha ficado com um monte de garotas naquele verão. Fora o melhor verão de todos. Ele até tivera uma quedinha por Char antes de ela começar a agir como louca: um dia eram amigos; no outro, viraram inimigos mortais.

Até aquela noite fatídica em que dormira com ela.

Então foram mais que amigos por algumas horas.

O que o fazia pensar: o que eram agora? Ele não queria que ela saísse com outros caras. Não, ele mataria qualquer um que pusesse as mãos nela.

Não que ele quisesse ser o cara a pôr as mãos nela.

Se bem que... Ele examinou o rosto de Char, seus lábios e olhos. Droga, talvez ele quisesse tentar ser o cara sobre quem ela e Kacey falariam, trocando risinhos. Isto é, se as garotas ainda fizessem esse tipo de coisa aos 22.

— Por favor? — pediu Kacey. — Por mim? Só esteja com a mente aberta quando o conhecer, será que é possível? E se alguma coisa acontecer... — Ela deu de ombros. — Aconteceu.

Jake saiu em resgate de Char, ou pelo menos foi o que pensou estar fazendo quando disse:

— Não a pressione, Kace. Estar sozinha não é horrível. Conheço várias garotas que estão bem felizes com suas vidas e carreiras. Nem todo o mundo quer casar e ter filhos.

— Certo. — Kacey apontou para Jake. — E se você quiser acabar como ele, Char, fique à vontade.

— Mas... — Jake sacudiu a cabeça. — Só estou tentando dizer que a escolha é dela.

— Assim como sua escolha é galinhar por aí. — Kacey deu um tapa nas costas de Jake. — Cada um faz o que quer, não é mesmo?

Por que ele se sentia subitamente envergonhado por seu passado? E por que estava se deixando intimidar por Kacey?

Char o olhou como se esperasse que ele dissesse alguma coisa ou a defendesse, mas Jake não sabia como agir. Mas notou uma coisa:

que ela estava corada. Será que também estava com vergonha?

— Finalmente! — Vovó entrou pela porta da frente com um monte de bolsas nas mãos. — Têm ideia de como é difícil encontrar bons fogos de artifício em Seattle?

— Hã, será que deveríamos ficar preocupados? — Char apontou para uma sacola com uma etiqueta na qual se lia “Fogos de Artifício”.

— Não, a não ser que ela também tenha fósforos — respondeu Travis, no momento em que vovó pegava um número de fósforos suficiente para incendiar toda a Alki Beach.

— Eu disse a vocês que este seria o melhor aniversário de todos! — Vovó sorriu, deixou as bolsas no chão e andou até Char. Em um instante, a aniversariante estava nos braços da senhora. — Você é uma garota especial, então merece um dia especial com a família.

Uma lágrima corria pelo rosto de Char quando ela se afastou de vovó e agradeceu.

O aposento mergulhou em silêncio outra vez, até que vovó começou a dar ordens a respeito de um bolo, fogos de artifício e margaritas.

Capítulo 18

Se alguém tivesse dito a Char, na manhã daquele dia, que ela passaria o melhor aniversário de sua vida em uma casa milionária em Alki Beach, ela certamente teria rido. Era difícil de acreditar que aquilo estivesse mesmo acontecendo.

Vovó fora ao centro e comprara um bolo red velvet tão delicioso que até parecia mentira, com a cobertura mais maravilhosa que Char já provara. Comprara também os ingredientes para fazer margaritas, a bebida favorita da aniversariante.

Mas desde então, isto é, desde a chegada de vovó, Jake estivera distante, quase frio. Char torcia para que não fosse por causa dos beijos. Ela ficara chateada, e Jake só tinha tentado ser legal. Como ele mesmo tinha dito, aquilo não era real. Não contava, porque era aniversário dela. Não era assim?

— Como estão as coisas? — perguntou Jake, sentando-se ao seu lado. — O melhor aniversário de todos?

Char riu e bateu a taça na dele.

— O melhor aniversário de todos. Isto é, a não ser que vovó taque fogo em alguém. Acho que isso estragaria um pouco.

— Vamos ter sorte se ninguém acabar no hospital — comentou Travis, de onde estava, na praia.

Durante a última hora, ele e vovó estiveram lutando contra os fogos de artifício — uma batalha perdida — enquanto todos os outros bebiam margaritas e assistiam à cena.

— Fico feliz por termos feito isso antes de começar toda a loucura do casamento — acrescentou Kacey. — Já é legal só o fato de

estarmos todos juntos aqui.

Vovó bufou enquanto pegava outro fósforo da caixa. Travis se afastou um pouco enquanto ela o sacudia no ar.

— Loucura do casamento, isso mesmo. E acho que não vou perdoar vocês por terem convidado Petunia.

Travis gemeu.

— Ela é sua irmã, vovó.

— Ela é uma decepção! — Vovó socou o ar.

— O que ela fez? — perguntou Char, ignorando o fato de Jake estar fazendo “não” com a cabeça e de Travis estar gesticulando freneticamente por trás da avó.

— O que ela fez? — repetiu vovó. — O que ela fez?

— Ela começou a repetir — gemeu Jake. — Mau sinal. Rápido, pegue outra margarita para ela!

Vovó deu-lhe um tapa forte na nuca e se aproximou de Char.

— Minha irmã me chamou de meretriz.

Char mordeu os lábios, tentando não rir.

— E no meu casamento!

Jake ergueu a mão.

— Vovó, sabe que ela só disse isso porque você estava em cima da mesa...

— Shhh! — Vovó o dispensou com um gesto. — Ela é uma puritana que só se veste de branco.

Char franziu a testa.

— Por que só branco?

Jake gemeu ao seu lado, mas ela o ignorou.

Vovó jogou o fósforo na fogueira e sacudiu a cabeça.

— Ela diz que vermelho é a cor do demônio.

— E preto?

— A cor do inferno.

— Azul? — Char precisou perguntar.

— Tristeza.

— Ora, mas isso é bobagem!

— É mesmo — concordou vovó. — O que ela precisa é de um homem, mas tem tanto medo deles que ficou solteira. Todos esses anos. — Ela sacudiu a cabeça com um *tsc* de reprovação.

— Todos esses gatos — cantarolou Kacey, que estava atrás de vovó.

— Seu futuro, Char — disse Travis, assentindo —, se não seguir nosso conselho e sair com Jace.

— Jace? — Vovó se virou bruscamente. — Vocês convidaram o Jace para o casamento?

— Precisa ser justo — explicou Kacey, fazendo que sim com a cabeça. — Quer dizer, queremos equilibrar os solteiros com os casais, não é mesmo?

Vovó olhou para eles, irritada, e começou a apertar e torcer as mãos.

Char foi para perto de Jake.

— Acho que tem algo que não sabemos...

— Não olhe para mim! Estou tão perdido quanto você.

Com isso, vovó bufou.

— Ele está mesmo. Digam, conseguiram cuidar dos preparativos do casamento hoje?

Jake tossiu e desviou os olhos.

— Dois dias! — E vovó levantou dois dedos. — E, Char, não se esqueça de pedir esses dias de folga ao seu chefe. Não queremos que você seja demitida. — Ela piscou para Jake.

— Muito engraçado — grunhiu ele.

— Acho que estamos prontos! — anunciou Travis, alguns metros afastado dos demais.

— Eu primeiro! — Com o fósforo na mão, vovó correu para acender o dispositivo. Segundos depois, os fogos de artifício subiram pelos ares e explodiram.

Fogos! E eram todos para ela.

Char deu uma risadinha e tentou se acomodar na areia. Sentiu alguns dedos tocarem de leve seus ombros e logo em seguida Jake a estava puxando para seu abraço. Ela se inclinou para trás, apoiando-se nele, e suspirou quando ele sussurrou junto a seu cabelo:

— Feliz aniversário, Cinderela.

— Obrigada, Príncipe Encantado.

— Posso tirar seus sapatos agora?

— Sem chance.

Ele ficou tenso.

— Mas pode segurar minha mão.

— Melhor ainda. — As mãos dele envolveram as dela por trás, na segurança de seu toque.

Era um momento perfeito.

Até que ouviram as sirenes.

— Hã? Vovó? — Travis coçou a cabeça. — Você conseguiu uma licença com os bombeiros para soltar os fogos de artifício na praia, não foi?

O silêncio de vovó foi a resposta de que precisavam.

Todos se levantaram em um pulo e saíram correndo. Durante a fuga, vovó gritava:

— Não vou voltar para a cadeia!

Por sorte, conseguiram alcançar a casa em segurança, no mesmo instante em que os bombeiros e os policiais apareciam na praia. Desligaram todas as luzes e trancaram a porta.

— Já que estamos nessa... — Vovó suspirou, feliz. — Vamos para cama?

— Vamos — grunhiu Travis, puxando Kacey para si.

A noiva se afastou.

— Só depois do casamento, bonitão... Faça bom proveito do sofá.

— Ela deu um tapinha na barriga do noivo e uma piscadela, mas Travis não desistiria com tanta facilidade. Ele a abraçou e lhe deu um beijo sonoro, empurrando-a contra a parede.

— Feche os olhos — sussurrou Jake no ouvido de Char. — Na última vez que os mantive abertos por tempo demais, vi uma língua. Não sou o mesmo desde então.

Ele deu um gemido quando Char bateu em sua barriga e começou a andar em direção ao quarto.

— Ah, e Char? Você e Jake podem ficar na suíte de cima. — Vovó acenou para dar-lhes boa-noite e saiu.

— Mas... — gritou Char para ela. — Não tem mais quartos?

— Não — murmurou Jake. — Parece que você vai ter que ficar comigo. Veja pelo lado bom: ainda é seu aniversário, talvez você tenha sorte.

Ele se afastou antes que ela conseguisse bater nele.

— E talvez você sobreviva à noite sem ser castrado.

— Não foi o que você disse na última vez.

Char olhou feio para ele.

— Você quer realmente lembrar sua última vez comigo estando assim tão perto de facas e fósforos?

Jake concordou com a cabeça e se afastou.

— Vou só tomar um banho e ver se consigo encontrar alguma coisa que sirva de pijama para você.

Capítulo 19

Estava tudo bem.

Tudo bem, tudo bem demais.

Tinha “tudo bem” de mais naquela frase. Sim, Jake estava se saindo muito bem em se convencer de que ficar no mesmo quarto de Char não o mataria. Seria como no acampamento da escola. Só que, desta vez, enquanto a garota estivesse dormindo bem longe dele, Jake saberia exatamente o que estaria perdendo.

Passou a mão pelos cabelos e tentou se concentrar em sua tarefa: encontrar roupas para Char. Bem, ficar sem roupas também era sempre uma opção... Ele sorriu, então se lembrou da ameaça que ela fizera e continuou a procurar.

Ao abrir a porta de cima do armário, encontrou algumas cuecas e uma camiseta da época do ensino médio. Iriam servir.

Quando subiu as escadas até a suíte, estava quase convencido de que aquilo não seria nada de mais. Quase.

Char já estava na cama, com as pernas cruzadas e os braços atrás da cabeça, o que destacava os seios no vestido de um jeito tão atordoante que Jake precisou fechar os olhos por um segundo. Ele retirava o que tinha dito: não seria nem um pouco como no acampamento, nem um pouco mesmo.

— Encontrei roupas para você. — Ele as jogou na cara dela. Bem, talvez fosse um pouco como no acampamento, já que ele continuava a irritar as garotas de quem gostava. Onde é que estava o charme dele? Tinha desaparecido, pelo visto.

— Obrigada — murmurou Char, tirando as roupas da cara. — Ei, eu me lembro desta camiseta. — Ela riu e a segurou na frente do peito. — Homem do ano, é?

Jake coçou a cabeça e desviou o olhar.

— É, bem, foi há muito tempo. — Ele tinha sido eleito Homem do Ano no ensino médio, o que, para um adolescente cheio de hormônios, basicamente significava que ele era algum tipo de deus do sexo enviado à Terra para dar atenção a todas as mulheres das redondezas. Amava aquela blusa. Toda vez que a usava... Bem, basta dizer que, sempre que isso acontecia, chegava atrasado à aula.

— Eu odiava essa blusa. — Char a colocou na cama e suspirou.

— Odiava? — Jake se sentou ao seu lado e pegou a blusa. Nossa, ele já tinha sido assim tão pequeno? Na época, achava que tinha o corpo musculoso e esculpido como o de um deus grego. Patético. Hoje em dia, a camiseta nem mesmo caberia.

— *Odiava*. — Char se apoiou nos braços. — Achava idiotice as pessoas votarem em uma coisa tão besta e as garotas levarem aquilo tão a sério. Tipo: “Ai meu Deus! Viu Jake Titus hoje? Ele é tão sexy, e está com aquela camiseta. Você sabe o que isso significa!”

— Droga, como você sabia?

— Todo o mundo sabia. — Char riu. — Quando você usava esta blusa, era porque estava pronto para algumas... atividades extracurriculares atrás do estádio. As garotas iam para os armários, passavam batom, encurtavam um pouco as saias e esperavam que você as escolhesse. Então, sim, eu odiava essa blusa. — Ela suspirou. — E não é que as coisas tenham mudado muito. Agora, ao menos você consegue escolher sem precisar da camiseta, né?

Ele não soube o que responder. Será que devia concordar? Ou apenas mentir, na cara de pau? Porque, tecnicamente (e infelizmente, também), ela estava certa.

— Enfim... Preciso trocar de roupa. — Ela o encarou com uma expressão significativa.

Ele não se moveu.

— Então... — Ela gesticulou para a porta.

Jake deu de ombros.

— Posso fechar os olhos, se você quiser ser tão puritana, mas, antes, deixe que eu justifique rapidamente minhas ações...

— Ah, por favor. — Char se virou para ele e cruzou os braços, fazendo outra vez com que seus seios se sobressaíssem no vestido. Meu Deus do céu, o corpo dela era lindo! Ele umedeceu os lábios e desviou o olhar, para conseguir se concentrar.

— Primeiro. — Ele ergueu um dedo. — Já a vi pelada umas quatro vezes.

— Quatro?

— Quatro — confirmou ele. — Uma vez no sexto ano. Eu deveria estar no meu quarto enquanto você e Kacey se trocavam para ir à piscina. Em vez disso, fui escondido até o quarto de hóspedes e espiei pela porta.

— Perverso.

— Ei, eu tinha acabado de descobrir que gostava de garotas!

— Em vez de quê? De ratos?

— Ah, que gracinha! — Jake franziu a testa. — A segunda vez... — Ele ergueu dois dedos diante do rosto dela, que empurrou seu braço para longe. Ele continuou: — Foi no acampamento. Você e Kacey pensaram que eu estivesse dormindo e foram botar os pijamas. Juro que desde então não consigo olhar para calcinhas listradas de azul e branco sem ficar...

— Pode parar. — Char fez menção de se levantar. — Acho que sei como essa frase termina.

— ... com um sorriso estampado no rosto. — Jake deu uma piscadela. — Quem não ama listras? Continuando: a terceira vez foi no ensino médio, quando você fez teste para o time de basquete e foi mais cedo para o chuveiro porque passou mal e teve que ir para casa.

— Você sabe que está parecendo um tarado, não é?

Jake deu de ombros.

— E você sabe que homens são desesperados o suficiente para não darem a mínima ao fato de estarem parecendo uns tarados. Ouvimos a palavra "pelada" e aí já era!

— O que nos traz de volta ao início da conversa. Está querendo me fazer acreditar que você não vai olhar, quando sabemos muito

bem que vai, então vamos acabar logo com isso.

— O-oi?

— Levante-se daí.

Ele não sabia ao certo se conseguiria, ou mesmo se deveria.

— Ou fique sentado.

Char montou em Jake, uma perna de cada lado da dele. Meu Deus, aquilo estava mesmo acontecendo? Será que ela iria...?

— Acho que você está pensando que eu não sei como os homens pensam.

— Bem, eu...

— E por isso e por todas aquelas vezes em que você ficou me espiando como o adolescente tarado cheio de hormônios que você era... — Char pegou as mãos dele e as colocou em seu quadril —... você não vai poder me olhar.

Isso significava que ele poderia tocá-la?

Ela conduziu as mãos dele por seu quadril e pela cintura, parando logo abaixo dos seios. Então as levou até o rosto.

— Sentiu isso, Jake Titus?

Ah, sim, ele conseguiu sentir!

Sentiu os olhos flamejarem, desejosos, e seu corpo vibrar com a vontade de possuí-la.

— Então não precisa mais olhar. — Char se afastou. — Você e essa sua mentezinha tarada podem imaginar. Agora, caia fora. — Ela apontou para a porta e cruzou os braços.

Ela estava falando sério?

Queria que ele se levantasse? Imediatamente? E andasse até a porta? E a fechasse? Sem...

— Estou esperando. — Ela deu uma piscadela.

Boa jogada! Merda.

Com dificuldade, ele se levantou e saiu do quarto devagar. Só depois que a porta se fechou atrás de si foi que Jake conseguiu soltar o ar, e mesmo assim ele precisou apoiar as costas na parede, para não se desfazer na poça de seu desejo insaciado.

— As coisas estão indo bem? — perguntou uma voz, no corredor. Travis caminhou até ele e continuou: — Ah, então você finalmente perdeu.

— O quê? — Ele estava suando? Mas que droga! Quando foi que uma mulher o tinha afetado daquela forma?

— Perdeu o jeito, a habilidade, o encanto, a capacidade de convencer até uma freira a tirar as saias...

— Já entendi — interrompeu Jake.

— Então... — Travis cruzou os braços. — Você e Char, hem?

Jake ficou em silêncio.

— Não faça isso — continuou o irmão.

— Eu obviamente não estou fazendo nada. E esse é o problema — murmurou Jake.

Travis soltou um palavrão.

— Só... Não tome nenhuma atitude precipitada antes do casamento, está bem? Não consigo nem imaginar o tanto de raiva que Kacey sentiria se descobrisse que você está tentando se dar bem com a melhor amiga e dama de honra dela.

— Não estou me dando nem um pouco bem, pode acreditar. — Estava mesmo falando com tanta amargura?

— Bom. — Travis deu um tapa em suas costas. — Porque já tenho alguém para ela. Uma pessoa estável, que não sai com garotas chamadas Jak-Jak ou Honey.

— O que você está querendo dizer com isso? — Jake se desencostou da parede.

— Estou querendo dizer... — Travis se aproximou um pouco. — Fique bem longe de Char. Você só está interessado porque ela está se fazendo de difícil. Assim que ela resolver facilitar as coisas, você vai dar no pé, e eu vou ter que lidar com duas mulheres histéricas, sem falar na vovó, bem no dia mais feliz da minha vida. Só... fique na sua, Jake. Uma vez na vida, está bem?

Mas o quê? Ele sentiu uma pontada de dor na boca do estômago. Seria decepção? Culpa? Vergonha? Não tinha certeza, mas a última coisa que queria era continuar a desapontar todas as pessoas de sua vida. Ele se afastou e suspirou.

— Ela nem é meu tipo, mesmo.

Travis revirou os olhos. É, Jake também não teria acreditado, já que estava mentindo descaradamente.

— Além disso... — Ele deu de ombros. — Funcionamos bem como amigos. Não gostaria de estragar isso. Nunca tive uma amiga mulher. Quer dizer, Kacey só conta até certo ponto. Eu só queria fazer algo legal no aniversário dela. É só, eu juro.

— É mesmo? — Travis o olhou com desconfiança.

— É sério. — Jake forçou um sorriso. — Além disso, você sabe que eu amo loiras.

— Travis! — gritou vovó do outro quarto. — Sofá! Agora!

— Não posso nem dormir perto de Kacey até o casamento. Ordens da Vovó — murmurou Travis. — Se ouvir um homem chorando no meio da noite, ignore.

Jake se encolheu.

— Pelo menos faltam menos de duas semanas de tortura.

— Certo. Diga isso para o meu....

— Travis! — gritou vovó outra vez.

Murmurando um palavrão, Travis desceu as escadas e foi para o sofá. Jake se voltou para a porta e bateu.

Char já estava na cama com as luzes apagadas. Desapontado, tirou a calça e a camisa. Apenas de cueca, deitou-se e se cobriu.

Ela estava dormindo. Como conseguia? Seu corpo não estava vibrando de desejo também? Será que ela não sentia nada por ele? E por que ele se importava com isso? Bocejando, Jake tentou fechar os olhos e pegar no sono.

Capítulo 20

Char enxugou uma lágrima quente e tentou não fazer muito barulho enquanto fungava debaixo das cobertas.

Patético, sério.

Ela estava chorando por Jake Titus — de novo.

Só que, desta vez, ele não tinha sido rude, apenas honesto. Mas ainda doía pra caramba. Ainda a fazia querer afogar as mágoas em sorvete e chorar bastante — não que isso fosse consertar as coisas.

Amiga.

Boa amiga.

E ele gostava de loiras.

Não sabia por que machucava tanto ser rejeitada outra vez. Talvez fosse pela maneira como ele a beijara, ou por ele ter sido tão doce ao longo daquele dia. Mas, até aí, era seu aniversário. Jake só estava tentando ser legal. Porque era muito possível que, por baixo de toda aquela vaidade e galinhagem, ele na verdade fosse um cara decente.

Só que não era o cara *para ela*.

Tomando cuidado para não fazer barulho, Char pegou o celular que estava embaixo das cobertas e mandou uma mensagem para Kacey.

Não vejo a hora de conhecer Jace!

Pronto. Enviada. Seguiria em frente, porque, se não fizesse isso, realmente acabaria virando a louca dos gatos, para sempre à espera de que Jake abra os malditos olhos e promettesse seu amor

eterno. E as chances de isso acontecer eram as mesmas de Brad Pitt desistir de Angelina Jolie para ficar com ela.

Com um suspiro, Char programou o despertador para as seis, pois assim acordaria a tempo de voltar para casa e se arrumar para o trabalho. Alarme programado, enfiou outra vez o celular debaixo das cobertas e tentou dormir.

A música do Maroon 5 a despertou de forma tão abrupta que Char quase caiu da cama. Na verdade, teria caído mesmo, não fosse pela perna quente e musculosa que a prendia no colchão. De algum jeito, tinha arrancado as cobertas no meio da noite e acabara embaixo de 84 quilos de músculos masculinos.

Talvez devesse aproveitar o momento, já que isso nunca mais aconteceria.

Jake começou a respirar mais profundamente. Quando Char tentou se libertar, ele passou o braço ao redor de sua cintura e a apertou firme contra o corpo.

Com um gemido, ele enfiou o nariz em seus cabelos e suspirou. Puta merda! Desesperada, Char examinou o quarto em busca de socorro, até que lembrou que ainda estava com o celular. Usando apenas uma das mãos, procurou o alarme irritante que fazia as pessoas acordarem aos berros: precisava se vingar, afinal. Acionou o despertador e encostou o aparelho no ouvido de Jake.

No instante em que o barulho começou, ele arregalou os olhos, mas não se moveu. Em vez disso, Jake a encarou como se estivesse em uma espécie de sonho. As pupilas se dilataram, a respiração ficou acelerada. Cada músculo que a prendia ficou tenso. Char podia jurar que dava para ouvir o coração dele, que continuava a olhá-la fixamente.

Então, de repente, como se acordasse do estupor, ele se afastou e desviou os olhos.

— Obrigado por me acordar. Desse jeito eu nem tive vontade de matar você.

— Disponha. — Char bufou. — Você estava dormindo como uma pedra.

— Estava quentinho.

— Você me usou como coberta — comentou Char, levantando-se.
— Mulheres são os melhores cobertores. — Ele se virou e deu uma piscadela no momento em que Char jogava um travesseiro em sua cabeça. Infelizmente, ele conseguiu desviar.

— Você é um babaca.

— Pelo menos não fico provocando — retrucou ele.

— O quê? — Char foi até seu lado da cama e o cutucou no peito.
— Eu fico provocando? Ao menos não saio por aí beijando as pessoas, dizendo que não tem problema porque é aniversário delas!
— Ela fez um gesto de abrir e fechar aspas ao pronunciar as últimas palavras e o olhou de cara feia.

— Você gostou. Admita. E gosta, sim, de provocar. Pelo menos eu fui sincero. E daí que eu gosto de beijar você? Me processe. Também gosto de beijar a minha avó, o que não quer dizer que eu vá... — Ele fez uma careta.

— Não, não pare. — Char cruzou os braços. — Eu realmente quero entender aonde você quer chegar com isso.

— Ah, fique quieta! Está cedo, estou excitado e você está por sua conta e risco aí parada, tão perto de mim, só de camiseta e cueca.

— Então eu não estou mais provocando. Só estou disponível, é isso?

Ele deu de ombros.

— O sapatinho serviu, não foi mesmo, Cinderela?

Golpe baixo.

Furiosa, Char tentou dar um tapa nele, mas Jake segurou seu braço e a puxou para a cama, rolando para cima dela.

— Admita. Você estava pensando o mesmo que eu: Ah, veja só! O galinha do século está atrás de mim! Vou só provar mais esse presente de aniversário...

Seus olhos assumiram um brilho diferente, quase como se ele estivesse com raiva. Ela tentou empurrá-lo, mas era impossível mover Jake. Cada pedacinho dele parecia entalhado em pedra, mas seu corpo era quente, tão quente, que ela achava que morreria só de tocá-lo. Ele a mantinha viva apenas por um fio.

— Está bem — mentiu. — Eu só queria um gostinho. — Os olhos de Jake brilharam de raiva. — Quem disse que só você pode ter

tudo?

De olhos arregalados, ele praguejou e a soltou, rolando para longe.

— Eu levo você para casa.

— Quê? Não vai dar uma resposta ácida? — perguntou Char, inocentemente.

Ele ficou um momento em silêncio, então murmurou alguma coisa sobre avós manipuladoras antes de responder, aos sussurros:

— Não. Nada.

— Ótimo.

— Ótimo! — gritou ele.

— Ótimo! — Char o empurrou de volta para a cama e correu para a porta, que se abriu antes que ela tocasse a maçaneta.

— Tudo bem por aqui? — perguntou Kacey, desviando-se de Char para lançar a Jake o olhar da morte.

— Tudo ótimo — respondeu ele da cama, ainda deitado de costas e encarando o teto. — Tudo uma maravilha. Só estou esperando Char se arrumar para poder levá-la de volta para a cidade.

Char se obrigou a abrir um sorriso.

— Só preciso lavar essa essência de galinha do corpo e estarei pronta. Alguns de nós ainda precisam ir trabalhar.

— Eu ouvi isso! — gritou Jake, da cama.

— Fico surpresa por você ainda poder ouvir alguma coisa, já que ronca tão alto! — devolveu Char, saindo depressa do quarto.

Capítulo 21

Furioso como nunca, Jake continuou a encarar o teto.

Alguma coisa bateu em seu pé.

Ele se recusou a se mover.

— O que você fez? — O colchão afundou quando Kacey se sentou ao seu lado. — Sério.

— Nada — resmungou Jake. — Esse é o problema.

— O problema é que você não fez nada?

— Isso.

— Você está bêbado?

— Por que é que todo o mundo sempre me pergunta isso? Eu realmente agi como um alcoólatra nesses últimos três anos? Sério?

— Ele se sentou e suspirou.

— Quer mesmo que eu responda?

— Não.

— É sério. — Kacey o cutucou. — O que houve?

— Acho que o homem de lata descobriu que tem um coração.

— E isso foi antes ou depois de você não fazer nada?

— Antes e depois. — Jake se levantou da cama e se espreguiçou.

— Não que faça diferença, mas optei pelo caminho mais longo, e agora estamos brigando outra vez.

Kacey deu de ombros.

— Os caminhos mais longos têm recompensas melhores.

— Diz a noiva feliz. — Jake se virou e deu uma piscadela. — Sem ofensas, mas acho que gosto mais dos caminhos mais curtos.

— Deve ser porque você prefere o que vem fácil.

— Isso não é verdade.

— Ah. — Kacey deu uma risada curta. — É, sim.

— É carma. — Jake comprimiu os lábios em uma linha fina. — Pela primeira vez, acho que finalmente quero algo que sei que não há a menor possibilidade de eu conseguir, que não tenho a mínima chance de merecer ou ganhar. E isso só piora as coisas.

Kacey se levantou.

— Por que piora?

— Você se lembra de quando lhe dei aquela tartaruga de presente de Natal?

Kacey riu.

— A Ligeirinha? Sim, foi o melhor presente de todos.

— E você acabou soltando o bichinho no lago porque disse que era melhor que ela fosse uma tartaruga com família?

Kacey encostou a mão na testa de Jake.

— Sério: você está drogado? — sussurrou.

— Não. — Ele empurrou a mão da amiga. — Estou tentando me comunicar.

— Tente um pouco mais, porque você está me deixando preocupada.

— Se você ama uma coisa, precisa deixá-la ir. — Ele engoliu em seco e desviou os olhos.

— Não acho que isso seja verdade. — Kacey puxou Jake para um abraço rápido e beijou-lhe a bochecha. — Desde quando você foge de uma luta?

Char voltou para o quarto, interrompendo o momento.

— Está pronto?

— Estou — respondeu Jake. — Só um minutinho.

Char saiu do quarto, deixando-o mais vazio do que antes de chegar. O que era ridículo. Talvez ele só estivesse exausto. Jake apenas deu de ombros e respondeu:

— Não estou fugindo da luta, estou decidindo não lutar. Ainda mais porque sei que não mereço nem participar desse combate, que dirá vencê-lo.

Capítulo 22

Kacey chutou Travis para acordá-lo. Ele ainda estava roncando no sofá. Coitado. Estaria exausto no voo de volta para casa.

— O quê? — Ele se sentou de repente e soltou um palavrão. — Sério? Você me chutou? Por que não me acordou com um beijo, sexo, ou...

— Temos um problema.

— “Nós” não temos nada. — Travis esfregou os olhos. — Eu é que tenho um problema. Passei a noite na droga do sofá. Estou com torcicolo e, se não dormirmos na mesma cama logo, vou ficar maluco.

— Onde está sua decência? — Kacey deu um soquinho na perna dele, forçando-o a se sentar para que ela pudesse ocupar um lugar no sofá.

— Perdi. Não quero encontrar. — Travis bocejou. — Por que foi que você me acordou, mesmo?

— O problema.

— Ah, isso. — Ele suspirou. — Posso tomar um café antes, pelo menos?

— Não — retrucou ela, irritada. — É sério!

— Caramba. Você está...?

— Por que é que todo o mundo me pergunta se estou grávida? Como é que isso poderia acontecer se não estamos dormindo juntos?

Travis pareceu realmente pensar no assunto.

Revirando os olhos, Kacey segurou a mão do noivo.

— Concentre-se. Acho que tem alguma coisa errada com Jake.
Travis soltou uma risada curta.

— Se eu ganhasse dinheiro toda vez que alguém me dissesse isso...

— Fique quieto. Estou falando sério! Ele parecia triste de verdade! Estava todo deprimido e...

— Bom dia, Jake! — gritou Travis, quando o irmão desceu as escadas.

— Oi. — Jake acenou. — Char já está no carro?

Kacey assentiu.

Jake umedeceu os lábios e foi para a porta. No instante em que ela se fechou, Travis falou:

— Caramba, acho que tem alguma coisa errada com Jake!

Reunindo toda a paciência que ainda lhe restava, Kacey conseguiu não resmungar de frustração.

— Como eu disse, temos um problema. E se ele gostar mesmo dela?

— Impossível — respondeu Travis. — Ele nunca esteve em um relacionamento sério. Quer dizer, o mais perto que chegou foi com você, e nós dois sabemos como aquilo terminou.

Ignorando-o, Kacey continuou:

— É que parece que ele está realmente chateado por causa de Char. Você disse alguma coisa a ele, ontem à noite?

Travis não respondeu.

— Meu bem?

Travis olhou para as mãos.

— Você falou alguma coisa sobre Char?

— Eu talvez tenha dado um... aviso.

— Aviso? — perguntou Kacey. — Que tipo de aviso?

— Você sabe... O tipo em que digo a ele que se comporte como adulto, onde se ganha o pão não se come a carne. Deixe Char em paz.

— E ele escutou o que você disse?

— Estranho, né? — Travis deu um sorrisinho. — De qualquer jeito, nós dois conhecemos Jake como ninguém. Ele não gosta de Char, só

acha que gosta porque ela deve ser a única garota que não arranca as saias quando ele pede. Jace é melhor para ela, juro.

— Mas...

— Kace. — Travis beijou a mão da noiva, que segurara na sua. — Lembre-se de que se a gente perder o desafio vovó irá cantar no casamento. Eu lhe garanto que, se você jogar Char nos braços de Jake, os dois irão transar e depois meu irmão irá abandoná-la, como fez com todas as outras.

— Está certo. — Ela se recostou no sofá, desanimada.

— Meu bem? — começou Travis, rindo. — Sei que você tem um coração enorme e que quer que os dois sejam felizes, mas não tem como Jake tomar jeito de forma tão rápida. Sem chance. E você não quer que sua melhor amiga se machuque, ainda mais às vésperas de nosso casamento. Confie em mim, está bem?

— Está bem, mas, se você estiver errado... — Kacey apoiou as pernas no colo de Travis. — Ficar sem sexo por uma semana.

— Você sabe que não temos feito sexo, não é?

— Depois do casamento.

— Você deixaria seu marido sem sexo?

— Por um desafio? — Kacey deu uma piscadela. — Sem dúvida.

— Você não tem coração.

— Não. — Kacey beijou a bochecha de Travis. — Vovó é que é sem coração. Foi ela quem o fez dormir no sofá.

— E dei ouvidos a ela porque noutra dia ela comprou uma coleira que dá choque.

Kacey olhou para ele, confusa.

— Ela não tem cachorro, Kace. E comprou uma coleira. Se eu não obedecer, é capaz de ela usar o negócio em mim. Não duvido de nada que esteja relacionado com aquela mulher.

— Kacey! Travis! — chamou vovó do outro quarto. — Hora do café! Estou com fome!

Resmungando, Travis cobriu o rosto com as mãos.

— Você acha que ela tem um botão de mudo? Esqueça a parte de morrer de desejo... eu vou é ficar surdo.

Fez-se silêncio por um momento, e então:

— Eu ouvi isso! — gritou vovó.

Frustrado, Travis ergueu as mãos, sem dizer nem uma palavra, então se levantou do sofá. Estendeu a mão para a noiva e a puxou para um abraço.

— Sério, Kacey, não se preocupe. Eu prometo: Jake só está agindo como sempre, está bem?

Ela concordou com a cabeça, mas não estava convencida daquilo. Porque, pela primeira vez em anos, Jake parecia... triste com o resultado da noite. Ele parecia tudo, menos feliz, e esse era justamente o problema, porque ele nunca tinha deixado que uma garota o afetasse daquela forma. Nem mesmo durante o tempo em que eles estiveram juntos. O que fez Kacey se perguntar se Jake não estaria se apaixonando por sua melhor amiga.

Capítulo 23

— Dá para ir mais rápido? — perguntou Char, um pouco irritada por estarem demorando tanto para voltar à cidade. Tinha exatamente quarenta minutos para se arrumar e chegar ao trabalho.

— Claro. Só que serei multado — respondeu Jake.

— Acho que você pode pagar.

— Qual é o seu problema? — Ele trocou de faixa. — Estava tudo bem ontem à noite e, de repente, você começou a agir como uma p...

— Se tem amor à vida, não termine essa frase.

— ... como uma peste. — Jake abriu um sorriso e ultrapassou um carro.

Char ignorou o sorriso ridiculamente brilhante e olhou pela janela.

— Está tudo bem, tudo ótimo. Só tenho muito trabalho a fazer, se quiser tirar todo esse tempo de folga para o casamento.

Eles ficaram em silêncio.

Depois de alguns minutos, Jake perguntou:

— Foi alguma coisa que eu fiz?

Alguma coisa que ele tenha feito? Será que ele era assim tão burro? Estava brincando com os sentimentos dela, fazendo com que ela se apaixonasse por ele mesmo que ele não tivesse qualquer interesse além da amizade!

— Não — mentiu. — Só estou cansada.

— Desculpe. — Ele entrou com o carro pelo bairro Queen Anne Hill. — Sabe, se foi culpa minha. Não quis chatear você por causa

dos seus pais nem fazer com que todos quase fôssemos presos, nem...

— Jake — interrompeu Char. — Foi o melhor aniversário de todos. Eu juro. Só preciso voltar à vida real, sabe?

Meu Deus, como aquilo tinha soado deprimente! Voltar à vida real, na qual Char não era uma princesa, Jake com toda a certeza não era seu príncipe e ela trabalhava em um lugar onde todos riam dela por trás das pranchetas.

Ele pareceu satisfeito com a resposta, já que não disse mais nem sequer uma palavra. Jake apenas estacionou o carro e deixou que ela fosse sem ao menos se despedir.

Era melhor assim.

Tinha de ser.

Quando chegou ao trabalho, Char já estava dez minutos atrasada e não tinha tomado café da manhã.

Algumas pessoas começaram a sussurrar quando ela passou, o que não era assim tão incomum. Ela caminhava até a mesa de trabalho sob os olhares dos colegas. Por favor! Ela não tinha voltado com as mesmas roupas do dia anterior, depois de uma noite de sexo, nem nada! E não porque a ideia lhe tivesse desagradado, na véspera. Argh! Como podia ser tão idiota? Aquele cara era sua kryptonita: um beijo, e ela ficava sem forças! Ele deveria vir com uma placa de "Perigo!", ou um aviso do Governo, de alerta às mulheres inocentes.

— Oi. — Um homem que ela nunca tinha visto entrou em seu caminho. — Feliz aniversário, Char. Espero que tenha sido maravilhoso.

— Ah, sim, obrigada. — Sentindo-se desconfortável, Char olhou ao redor e notou que todas as atenções estavam voltadas para ela. Mantendo a cabeça baixa, foi direto para sua mesa.

Estava coberta de rosas.

Centenas de rosas amarelas.

Pegou o cartão com as mãos trêmulas. Dentro dele havia um bilhete: "Sinto muito por você ter chorado. Espero que tenha tido

um ótimo aniversário. Passo para pegá-la às cinco, para terminarmos a lista. Jake.”

— Caramba.

— De quem são? — Seu chefe, Mark, se aproximou por trás dela e sorriu. — E por que não nos disse que era seu aniversário?

— Eu, hã...

— Não precisa dizer. Mas quero que você vá à minha sala, está bem? Quando estiver pronta. — Ele ergueu a caneca no ar, fazendo-a sentir o cheiro da cafeína de que ela tanto precisava, e se afastou.

Char guardou a bolsa e foi até a sala de Mark. Fechou a porta e se sentou.

— Você não disse que estaria no casamento de Titus — começou ele. Nada de “Olá, Char!” ou de um “Oi, tudo bem?”. Nada. Apenas essa afirmação. De que ela se esquecera de mencionar que iria ao casamento do século. Ops?

— Eu, hã... estava tentando respeitar a privacidade do casal. — A mentira veio naturalmente. Na verdade, só queria afastar o foco dela e de Jake outra vez. A notícia acabaria vazando, e ela não queria ser cercada pelas colegas de trabalho, todas perguntando como era o cheiro dele.

— Quero que você faça a cobertura.

— Mas sou uma convidada.

— Exatamente. — Ele se inclinou para a frente e juntou as mãos na mesa. Seus olhos cinzentos brilhavam, e as luzes fluorescentes faziam sobressair uma veia em sua testa. — Desde aquele incidente... — Era assim que ele o chamava. O incidente em que ela aparecera para dar as notícias completamente bêbada, depois de uma noite com o infame solteirão de Seattle. Nunca permitiriam que ela esquecesse aquilo?

Mark fez uma pausa e pigarreou.

— Você cobriu algumas histórias aqui e ali, mas ainda não recuperou o posto de âncora do jornal. Não é só você. É nossa reputação que está em jogo. Não podemos permitir que uma garota com seu tipo de...

Ah, isso seria interessante!

— ... reputação... seja o rosto da Komo News. Mas estou disposto a lhe dar uma segunda chance se você fizer um bom trabalho na cobertura desse casamento. Todos os jornais querem publicar essa matéria, mas somos os únicos que têm uma vantagem: você.

— Eu precisaria pedir permissão, Mark. Sabe disso.

Ele deu de ombros.

— Peça ou não peça. Você decide. Mas, mesmo que neguem, quero que faça a reportagem.

— Mas...

— É sua carreira que está em jogo, Char. Quer outra chance ou não? Porque, se não quiser, a porta da rua é a serventia da casa. — Ele se virou para o computador e não olhou para ela uma segunda vez. — Está dispensada.

Ela se levantou com cuidado.

— Sim, senhor.

— Ah, Char?

Ela se virou.

— Quero que pense bem sobre seu futuro. Talvez a Komo News não seja o lugar certo para você. Temos diversos outros graduados ansiosos para assumir seu posto.

Lutando contra as lágrimas, Char saiu da sala e seguiu direto para a mesa. O cheiro de rosas a deixou sufocada. Ou talvez fosse o medo. Não sabia ao certo.

Com as mãos trêmulas, pegou o celular e ligou para Kacey.

Caixa postal.

É claro.

Eles deviam estar no avião.

O problema era que Char sabia que Kacey queria privacidade. Esta era uma das principais razões de ela ter escolhido fazer o casamento em Titus Abbey, em vez de em uma grande igreja. A casa era propriedade particular, então conseguiriam manter os paparazzi sob controle. Tudo bem que Travis não era tão famoso quanto Jake, mas a família era dona de metade de Seattle, praticamente, e tinha sido citada na *Forbes* mais vezes do que Char poderia contar. O casamento era uma notícia das grandes. Os Titus eram magnatas, donos de empresas milionárias. E as pessoas eram

quase tão obcecadas pelos irmãos Titus quanto pelos Seahawks, o time de futebol americano.

Foi um mau começo para o dia de Char. Ela trabalhou durante o almoço e, quando o relógio deu cinco horas, estava tão desesperada para ir embora que quase saiu correndo pela porta no instante exato em que o ponteiro grande chegou ao doze.

— Pronta? — perguntou uma voz atrás de Char.

Mais sussurros e murmúrios de surpresa, alguns palavrões, e então um gemido. Sim, uma das mulheres tinha gemido em voz alta.

— Jake. — Char engoliu em seco e se virou, pronta para encarar o deus grego. Ele vestia camiseta branca e uma calça jeans apertada e rasgada. Santa Mãe de Deus, estava lindo!

Entendeu finalmente o gemido.

Fingindo não estar intimidada quando aqueles olhos cor de mel esverdeados encontraram os dela, Char pegou a bolsa e se levantou.

— Estou pronta, se você também estiver.

Alguns celulares foram erguidos, virados para eles. O sorriso de Jake não chegou aos olhos. Na verdade, ele parecia quase... irritado. Umedecendo os lábios, acenou de leve para as pessoas que estavam em pé ao redor deles e se virou. Algumas mulheres começaram a conversar em voz alta perto do cubículo de Char.

— Ótimo. — Ele sorriu e colocou uma das mãos em suas costas enquanto seguiam pelo corredor.

Mais algumas risadinhas de deboche foram ouvidas quando passaram pelas salas.

E então uma cantada.

A mão de Jake parecia queimar as costas de Char. Ela não deixou de notar que, quando passaram pela sala de Mark, seu chefe tinha um brilho de satisfação no olhar. Maldito. Estavam quase livres.

Char apertou o botão do elevador e rezou para que ele fosse mais rápido. Daria para ouvir se um alfinete caísse. O departamento ficava estranhamente silencioso sem o burburinho e as risadas habituais.

— Jake? Jake Titus? — Uma mulher pigarreou.

Char e Jake se viraram.

Michelle Klike era a repórter que substituíra Char no jornal das cinco. Tinha cabelos loiros brilhosos e era magra como uma modelo. Seu apelido era Barbie.

— Oi? — O homem umedeceu os lábios e deu aquele sorriso falso outra vez.

— Michelle Klike. Tenho certeza de que já me viu no jornal. — Ela balançou o cabelo platinado e deu uma piscadela. — A gente devia marcar um almoço. Adoraria conhecê-lo melhor.

Aham, claro. Char bufou com desdém. Michelle a olhou, irritada, e voltou a atenção para Jake outra vez.

— Eu, hã... — Jake sacudiu a cabeça e passou um braço ao redor de Char. — Estou ocupado.

O sorriso de Michelle se tornou algo mais parecido com um rosnado quando ela voltou os olhos para a colega de trabalho, depois para Jake e de volta para a outra mulher, com a testa franzida, parecendo confusa.

— Bem... — Ela pegou um cartão. — Me avise quando tiver acabado com Char, e a gente marca.

Acabado? Char ergueu tanto as sobrancelhas que provavelmente se perderam em seus cabelos, e ela deu um passo na direção de Michelle.

— Obrigado, mas já escolhi a repórter com quem falo.

— Por enquanto. — Michelle abriu aquele maldito sorriso outra vez e foi embora.

As portas do elevador se abriram, graças a Deus.

Jake apertou o botão de fechar portas pelo menos dez vezes antes de elas obedecerem, então uma música brega encobriu o silêncio constrangedor.

— Desculpe — ele disse, finalmente, com a voz rouca. — Não costuma ser tão ruim. Quer dizer...

— Jake. — Char levantou a mão, com a intenção de fazê-lo calar-se. — Não precisa se explicar. Sei quem e o que você é, está bem? Vamos deixar isso pra lá. E pense comigo: ao menos você não vai precisar ir à boate para arrumar a próxima.

As narinas de Jake se inflaram e seus olhos ficaram frios por um breve momento antes de ele os desviar e sacudir a cabeça. Quando

as portas do elevador enfim se abriram outra vez, ele deixou que Char saísse na frente e de novo pôs a mão em suas costas. O que ele estava fazendo? Ela havia acabado de tentar afastá-lo de novo, e ele continuava a ser legal?

Ela o encarou, desconfiada.

— O que você está tentando fazer?

Ele deu de ombros enquanto caminhavam pelo estacionamento.

— Pensei em comer alguma coisa antes de resolvermos o presente de casamento e os bonecos do bolo — explicou Jake, destravando as portas de um BMW branco. Sério, quantos carros aquele cara tinha?

— Pode ser. — Char entrou no carro e mais uma vez se deu conta de que era delírio dela até mesmo imaginar ficar com um cara como Jake. Ele estava brincando com ela, só podia ser isso. No instante em que ela fosse embora, ele ligaria para Barbie. — Para onde vamos primeiro?

— Bem... — Ele deu partida no carro. Jesus, o que ele estava usando? Que tipo de perfume era aquele? Ela se inclinou para a frente e sentiu o rosto corar quando estremeceu ao aspirar o cheiro dele.

— O que você está fazendo? — perguntou Jake. O carro estava em ponto morto outra vez. Os olhos dele brilhavam de divertimento.

— Hã... — Char se afastou de repente. — Só ajudando a ver.

— Ver?

— O trânsito. — Ela apontou para trás, para os carros inexistentes que não transitavam pelo estacionamento.

— Acho que vou conseguir me virar sozinho. — Ele deu uma piscadela e continuou a dar ré enquanto Char rezava para que o carro a engolisse.

— Então, esse seu restaurante... — Mudando de assunto, ela procurou um batom na bolsa. — Ele fica perto do lugar onde resolveremos a questão do bolo?

— É.

— Legal.

Mas que droga. Será que o clima ficaria desconfortável assim o tempo inteiro?

— Obrigada pelas flores. Eram bem bonitas. — Pronto, ela fizera as pazes.

— Eram amarelas — comentou Jake enquanto manobrava o carro para pegar a Third Street.

— Eram — concordou Char, devagar.

— São a cor do perdão.

— Está certo.

— Só achei que devesse saber. — Ele deu de ombros.

— Jake, você não fez nada de errado.

Ele não respondeu. Apenas continuou a dirigir enquanto Char tentava não parecer uma cadela no cio ao sentir o cheiro que continuava a emanar dele.

Jake estacionou em uma vaga perto de um pequeno restaurante e contornou o carro para ajudá-la a sair.

— Sei que parece um botequim, mas é muito bom. Juro.

O prédio de tijolos era velho, como a maioria dos edifícios do centro de Seattle. A porta do restaurante era vermelha, e, ao lado dela, pintado com tinta spray, o nome do restaurante: Fork. Hum. Ela deu de ombros e o seguiu porta adentro.

Havia algumas pessoas lá. As mesas eram de diferentes modelos, todas cobertas com toalhas quadriculadas, sobre as quais havia gigantescas taças de vinho. Hum, talvez ela gostasse do lugar, afinal. Jake segurou sua mão, levou-a até uma mesa no canto e puxou a cadeira para que ela se sentasse.

— Você já pediu? — Char apontou para uma taça de vinho que, servida, estava sobre a mesa.

— Não. — Ele sorriu. — As mesas daqui são assim. O vinho está incluso. Pode beber à vontade, sempre. A primeira taça é sempre do vinho da casa, depois eles trazem o que for de sua preferência.

— Meu Deus. — Char lançou um olhar de cobiça para a taça de vinho. — Você me trouxe ao paraíso.

O sorriso que ele deu foi tão grande que Char engasgou antes de olhar para o cardápio. Era escrito à mão em um pequeno quadro-negro disposto ao lado dos talheres.

— Gostou? — perguntou Jake.

— Amei. — Char o encarou e sorriu.

Capítulo 24

Tinha sido um acidente. Ele ia pedir apenas uma maldita flor. Mas então se lembrou da expressão desanimada de Char, de como ela parecia triste quando saiu do carro. E pediu mais algumas. Enquanto conversava com o florista, foi como se ele tivesse perdido totalmente o domínio sobre a própria boca.

E quando o homem lhe perguntou o porquê de ele estar enviando flores, bem... foi naquele momento que tudo saiu do controle. Porque ele não conseguiu evitar que sua mente criasse imagens da expressão do rosto de Char ao chegar ao trabalho e ver a mesa coberta de flores. Estava convencido de que ninguém nunca se dera o trabalho de fazer alguma coisa legal por ela. Podia apostar a própria vida nisso.

Tudo bem... Tinha sido um pouco excessivo.

Talvez muito excessivo.

Mas era uma oferta de paz. Quem foi que disse que ofertas de paz não podiam ser excessivas? Ele queria que ela se sentisse bem.

Missão cumprida.

Até que viu o rosto dela outra vez.

Realmente, precisava parar de se encontrar com Char. Trazia à tona sentimentos indesejados, que faziam, por exemplo, com que ele se sentisse vulnerável ou estúpido.

E ela o estava olhando *daquele jeito* de novo: o olhar que as mulheres fazem quando estão começando a se apaixonar. Normalmente, ele odiaria isso. Mas não desta vez. Agora, ele ansiava por ver nela aquela expressão. Char o estava arruinando aos poucos.

Ele não sabia se devia fugir ou se devia beijá-la e acabar logo com isso tudo. Porém, o mesmo medo irritante ainda bloqueava todos os pensamentos lógicos e o faziam repensar cada decisão.

Sabia que era um babaca e que não a merecia. Também sabia que era provável que ele estragasse tudo e que ela passasse a odiá-lo.

E tinha ainda seu passado com as mulheres. Somando isso às coisas vergonhosas que fizera com Kacey, Jake não tinha certeza se podia confiar em si mesmo, quanto mais deixar que outra pessoa confiasse.

Com um suspiro, ele olhou para o cardápio e tentou encontrar o que pedir. Tudo parecia embaralhado, nada parecia gostoso — nada além dela.

E, por mais triste que fosse, Char não estava no cardápio. Talvez conseguisse encontrar um pedaço de giz, e então poderia escrever o nome dela e pedir com delicadeza.

E depois, com *delicadeza*, empurraria tudo para fora da mesa.

E, com bastante *delicadeza*, tiraria as roupas dela.

E, ainda com *delicadeza*, a possuiria...

— Jake? — Char interrompeu seus pensamentos. — Seu rosto está vermelho, está tudo bem?

Claro que não. Não estava nada bem.

Ele apertou as laterais da cadeira e deu um breve aceno de cabeça.

— Só estava pensando.

— Se importa de dizer o quê? — Char riu. — Seus pensamentos parecem interessantes.

Ah, se ela soubesse!

O garçom surgiu do nada.

— Prontos para pedir?

Droga. Se Jake estivesse olhando para o cardápio de verdade, conseguiria responder, mas sua mente estava vazia, e ele estivera mirando a boca de Char como um homem faminto. Perfeito. Estava ficando louco. Vovó ficaria feliz.

— Vou querer a salada do chef com batatas fritas.

Jake riu e apontou para Char.

— Eu também.

Ela tomou um gole de vinho e fechou os olhos.

Com a boca completamente seca, Jake a assistiu saborear o vinho tinto e engolir.

Teria sorte se conseguisse sair do restaurante sem morrer de excitação. Pigarreou e conseguiu desviar os olhos.

— Batatas fritas e salada, é?

— O melhor dos dois mundos — respondeu Char.

Pelo canto do olho, Jake reparou que o cálice da tentação, mais conhecido como taça de vinho, estava de volta à mesa. Suspirou e conseguiu recuperar um pouco de autocontrole quando seus olhos encontraram os dela outra vez.

— Então, vamos comer. — Char mordeu o lábio inferior. — Depois pegamos os bonequinhos do bolo, e aí só vai ficar faltando uma tarefa, não é isso?

— Isso.

— Deve ser fácil.

— Vamos terminar rápido. — Jake deu uma piscadela.

Capítulo 25

— A gente precisa parar de dizer que vai ser rápido. — Char suspirou enquanto observavam a velhinha que digitava usando apenas os indicadores.

— Então... — Blanche, a dona da loja de bolos, parou de digitar. — Qual é mesmo o sobrenome?

— Titus — respondeu Jake, bem devagar.

— Pode soletrar, por favor? — A senhora sorriu, revelando fileiras de dentes que pareciam dentadura.

— Ah, claro. T-I-T-U-S.

— T. — Ela digitou e olhou para cima.

Char por pouco não conseguiu segurar o riso. Precisou desviar o olhar.

— I. — Jake fez uma pausa.

E lá estava Blanche, olhando para cima outra vez. Mas que droga! Aquela mulher seria um teste de paciência até mesmo para os santos!

— T. — continuou ele.

— Tit? — perguntou Blanche. — Tão curtinho! Que tipo de sobrenome é esse?

— Não, não, não — Jake se inclinou sobre o balcão. — Tem mais duas letras.

— Ah! — Blanche levou as mãos às bochechas e deu uma risada.

— Desculpe, querido. Esse cérebro velho já não funciona como antes!

— Ele ainda funciona? — murmurou Char. Jake lhe deu uma cotovelada e continuou a soletrar.

— U.

Blanche apertou a letra no teclado e olhou para cima.

Sério, daria para assar um pão no tempo que ela levava para digitar um nome.

— S.

Char e Jake suspiraram quando a atendente finalmente digitou a última letra e apertou “enter”.

Os únicos sons na loja minúscula eram o zumbido do computador e o violino que tocava baixinho, como música ambiente. Alguns cupcakes estavam expostos em um porta-bolo colocado diante da máquina registradora e havia alguns bonequinhos de bolo espalhados por ali. Era uma loja realmente pequena.

— Ah, não! — A atendente suspirou.

Jake olhou para Char. Uma expressão de completa irritação passou por suas feições perfeitas antes de ele perguntar, com a voz contida:

— Blanche, algum problema?

— São os bonequinhos.

— Sim?

— Os que foram entregues são um pouco diferentes dos modelos encomendados. Tentei ligar para o número cadastrado, mas ninguém retornou a ligação.

— Que número? — perguntou Jake.

As mãos lentas de Blanche navegaram pelo teclado. Dois minutos depois, a senhora lia um número na tela.

— Vovó! — disseram Char e Jake ao mesmo tempo, como se fosse um palavrão.

— Posso pegar os bonequinhos, vocês dão uma olhada e decidem o que fazer, que tal? — Blanche ergueu uma das mãos no ar. — Vou lá. Só preciso encontrar...

Quando ela desapareceu nos fundos da loja, Char se apoiou no balcão e suspirou.

— Quando ela voltar, estarei velha demais para ter filhos.

— Ao menos não terá todos aqueles gatos.

— Muito obrigada, sr. Sensível. Obrigada.

Ele deu de ombros e percorreu o olhar pela loja.

— Esse não parece ser o tipo de lugar no qual Kacey escolheria encomendar os bonecos do bolo.

— Nem me diga! — resmungou Char. — O vestido que experimentei era horrível. Juro que pensei que vovó tivesse me levado ao lugar errado.

Char e Jake se entreolharam, e estavam bufando.

— Você não acha que... — começou a perguntar Jake.

— Que o quê? — Char pôs as mãos nos quadris. — Que vovó esteja pregando uma peça na gente, fazendo tudo isso de propósito, só para nos torturar?

— Não. — Jake balançou a cabeça. — E você?

Char semicerrou os olhos e se virou para a porta. Era um lugar respeitável, e a senhora parecia ter projetos legais.

— Acho que ela não chegaria a tanto.

— Ela fingiu a própria morte para juntar Kacey e Travis. Pode acreditar, esse é exatamente o tipo de coisa que ela faria.

— Aqui está! — Blanche apareceu com bonequinhos de bolo perfeitamente normais. Um casal parecido com Kacey e Travis dançava abraçado.

— Nada mau. — Jake olhou para Blanche. — Qual o problema?

Então a atendente tirou a plataforma da caixa, sobre a qual pôs os bonequinhos de vidro.

E na plataforma estava escrito: TETAS PARA SEMPRE.

— Caramba! — Jake murmurou um palavrão. — Não podemos usar isto no casamento!

Char cobriu a boca com a mão, tentando segurar a risada. Então pigarreou, antes de perguntar:

— Hã, será que tem algum jeito de usarmos os bonequinhos sem a plataforma?

A senhora pareceu horrorizar-se diante mesmo da simples menção àquela possibilidade.

— Sem a plataforma?

Char assentiu.

— Sem a plataforma? — Os olhos de Blanche faiscaram.

— Fique quietinha — sussurrou Jake, segurando a mão de Char e se colocando na frente dela, como se quisesse protegê-la.

— Eles precisam ficar na plataforma! — gritou a atendente. — Todos os bonequinhos têm uma plataforma própria para o perfeito encaixe no bolo. Do contrário, eles afundam. Quer arruinar o casamento? Que tipo de noiva é você?

— Ah. — Char olhou para a senhora, espiando por trás de Jake.
— Não sou a noiva.

Os olhos de Blanche se estreitaram.

— Mas veio buscar os bonequinhos.

— Sou a dama de honra. — Char ergueu uma das mãos.

Blanche olhou para Jake.

— E-eu, hã... — gaguejou ele. — Sou o irmão. Padrinho.

— E deixaram que isso acontecesse? Deixaram que eles pedissem uma plataforma com a palavra errada? — Blanche contornou o balcão lentamente e encarou os dois. — Que tipo de amigos vocês são?

— Amigos ruins. — concordou Jake. — Péssimos.

Blanche sacudiu a cabeça.

— Quando vai ser o casamento?

— Semana que vem — respondeu Char.

— Bem, então espero que tenham boa sorte quando forem contar a eles que não haverá bonequinhos de bolo.

— Vamos levar! — gritou Char, ainda atrás de Jake.

Ele se virou para ela.

— Está escrito “Tetas Para Sempre”. Não tem como usar esse troço no bolo de casamento.

— Eles precisam dos bonequinhos! — argumentou Char. — Você é homem. Não consegue construir uma plataforma nova, que a gente possa usar para pôr os bonequinhos que eles encomendaram? O arranjo é bonito. Tirando a parte das “Tetas”.

Jake abriu um sorriso.

Char desviou os olhos de novo.

— Que se dane. — Ele pegou o cartão de crédito. — Vamos levar. Com plataforma e tudo.

— Que ótimo. — Blanche sorriu. — Tenho certeza de que a noiva e o noivo vão adorar. E, se precisarem dos bonequinhos em outra ocasião, não se esqueçam da Estamos no Topo.

— Só por cima do meu cadáver — murmurou Jake, entregando a Char o recibo enquanto pegava a caixa e saía da loja.

Char o seguiu sem reclamar.

Eles entraram no carro.

E caíram na gargalhada.

— Não deviam ter nos encarregado de nada — comentou Char, quando finalmente parou de rir.

— O que a gente vai fazer? Se foi esse o pedido de Kacey, ela vai pirar quando vir que está errado.

Char deu de ombros.

— Vamos pensar em alguma coisa. Agora, temos de terminar a lista. Nosso voo é amanhã à noite.

— Está bem.

— Ah, aqui está. — Ela entregou o recibo a Jake e pôs o cinto de segurança.

— Só pode ser brincadeira. — Jake soltou um palavrão e amassou o recibo antes de jogá-lo no chão.

— Algum problema?

— Sim, esses bonequinhos custaram 2 mil dólares.

— Quê?! — exclamou Char.

Jake deu uma risadinha sarcástica.

— Tetas estão cada vez mais caras.

Char cobriu o rosto com as mãos e gargalhou. Mas se sentiu paralisar quando Jake esticou o braço e apoiou a mão na parte de trás de seu assento para dar marcha a ré. A mão de Jake roçou seu pescoço. Um calafrio involuntário percorreu o corpo de Char.

— Hum. — Ela se inclinou para a frente e pegou a lista. — Beleza, agora só precisamos pegar o presente da vovó.

— Onde?

Char apertou os olhos.

— Que estranho!

— O quê?

— É só um endereço?

Jake deu de ombros.

— Diga qual é. Vou botar no GPS.

Char leu o endereço em voz alta. Por sorte, o lugar ao qual tinham de ir ficava a apenas alguns quarteirões do centro, perto da faculdade e da Queen Anne Hill.

Quando viraram na rua, Jake acrescentou:

— Não duvido nada de que vovó tenha escolhido um presente inapropriado. Estou só avisando.

— Ah, por favor, Jake! — Char revirou os olhos. — Não pode ser assim tão ruim.

Capítulo 26

Jake percebeu que podia, sim, ser bem ruim, ou ainda pior, quando pararam em frente a uma farmácia.

— Não estou entendendo. Esse é o endereço que vovó deu?

Ele olhou para o papel outra vez e depois para o relógio. Estava ficando tarde, e, embora não se importasse de passar tempo com Char, não havia a menor chance de ele ficar com ela durante a noite, não com seu corpo reagindo daquele jeito. Acabaria estragando tudo. Uau, já estava começando a fugir! Nunca pensou que veria o dia em que isso aconteceria.

— Então acha que devíamos ir embora? — perguntou Char.

— Vou ligar para ela. — Jake pegou o celular e telefonou para vovó, que atendeu no segundo toque.

— Que foi?

— Estamos na farmácia, onde deveríamos pegar o presente. Você por acaso nos deu o endereço errado?

— Não.

Droga! Até mesmo a paciência de um padre seria testada por aquela mulher!

— Está bem. Então, o presente está aqui na farmácia.

— Sim, estão.

— Estão?

Vovó gritou alguma coisa e cobriu o telefone com as mãos. Então pigarreou.

— Sim, só precisa ir lá dentro e pedir as coisas que estão em nome de Jake Titus.

— Por que você botou a encomenda no meu nome?

Vovó parou e riu.

— Ah, já estou indo!

— Oi?

— Não é com você. — Ela deu uma risadinha. — Está no seu nome porque é você quem vai pegar tudo. Agora, vá lá e procure o gerente, que é uma pessoa ótima. Ele deve estar trabalhando hoje à noite, e está à sua espera.

— Vovó, eu não queria perguntar...

— Então não pergunte! — O celular ficou mudo.

Jake soltou um palavrão e guardou o aparelho no bolso da frente.

— Algo me diz que não deveríamos entrar.

Ignorando-o, Char abriu a porta.

— Vamos lá. Cadê sua coragem? É só uma farmácia. Ela deve ter comprado um cartão-presente ou algo do tipo. Só precisamos pegar.

Jake pensou em como deveria aprender a ouvir a voz da consciência. Aquela que gritava coisas como PERIGO! ou ALERTA VERMELHO! quando se está prestes a cair em uma armadilha. Aquela situação era claramente uma armadilha.

Em vez de ouvir a voz da consciência, ignorou-a. Principalmente porque Char estava andando mais à frente, e Jake ficou hipnotizado pelo movimento de seus quadris. Não havia nada a fazer, além de segui-la.

Mas ele realmente deveria ter ficado onde estava.

Soube disso no instante em que entraram na loja e ele se apresentou.

— Ah! — Bob, o gerente, estendeu a mão. — Estávamos esperando você! Acho que tenho tudo o que sua avó pediu para esse casamento bem aqui! — Ele deu uma piscadela.

Jake fez careta.

Char olhou para dentro da cesta.

Realmente, não deveria estar fazendo isso.

Bob, pensando que ela não tinha conseguido ver, despejou o conteúdo no balcão.

— Então. — Bob pigarreou. — Sua avó expressou o interesse em bisnetos. Esses são os melhores testes de fertilidade do mercado.

Eles vão, é claro, mostrar quando esta doce jovem — ele indicou Char com uma das mãos — estiver ovulando. Sabe como usá-los, senhorita?

Char arregalou os olhos, horrorizada. Então abriu e fechou a boca.

Jake riu, nervoso.

— Ela, hã... Quer dizer, nós... nós nos viramos.

Char lançou um olhar que dizia "Só por cima do meu cadáver é que 'nós nos viramos' juntos!", mas não disse nada.

— E essas.... — Bob puxou uma caixa de camisinhas e a sacudi no ar. — Ah, esperem! Não, não está certo. É o tamanho errado.

— Vamos ficar com essas mesmo. — Jake tentou colocar as camisinhas de volta na cesta, mas Bob as tirou de seu alcance bem a tempo.

— Ora, juvenzinho! — Bob fez que não com o dedo na cara de Jake. — Você sabe muito bem como é irresponsável usar uma camisinha que não cabe direito. Sua avó e eu já discutimos todos os seus... problemas. Você precisa do tamanho certo...

— Perfeito! — interrompeu Jake, sentindo o rosto esquentar. — Essas são do tamanho perfeito!

Ele tentou tomar a caixa, mas Bob se afastou e falou, pelo comunicador geral da loja.

— Stacey, pode ir ao terceiro corredor e pegar a caixa de camisinhas PP? Tem um cliente aqui que está precisando delas.

Meu Deus do céu!

Ele ia matar a avó.

Jake soltou uma risada nervosa.

— Não, sério. É brincadeira. Minha avó estava só brincando. Eu não... Quer dizer, isso não é bem verdade. Não é o meu tamanho, eu, eu... — Ora, mas que droga! O que ele podia dizer?

Em pânico, ele olhou para Char, buscando socorro.

Ela riu de forma maliciosa, então se virou e piscou inocentemente para Bob. Não. Não era possível que ela fosse piorar as coisas.

— Jake — ronronou, passando o braço pelo dele. — Já tivemos longas conversas sobre isso. — Péssima escolha de palavras. — E concordamos que você precisa aceitar seu corpo. Todos têm

algumas... pequeninas, mínimas, minúsculas desvantagens. Não é mesmo, Bob?

— Não é pequeno! Não tenho p...

— Aqui! — Uma garota na casa dos vinte se aproximou do caixa com a pequena embalagem e olhou para Jake. Então arregalou os olhos. — Jake? Jake Titus?

Será que era possível morrer de vergonha?

Stacey. Ele tinha esquecido o nome dela, mas reconheceu o rosto. Dois meses antes, em um bar em Belltown. Quais eram as chances de que a única mulher na vida com quem ele tivera problemas de desempenho na cama estivesse na farmácia? E naquele momento.

Era isso. Vovó tinha implantado um microfone em seu corpo. Em algum lugar. Estava sempre ouvindo, sempre vendo. Meu Deus, será que ela trabalhava para a NASA?

— Está tudo bem? — Ela brincou com a embalagem nas mãos e, então, parecendo se lembrar do que estava carregando, entregou a caixa e parou. — Espere. Essas são para você?

Char pegou a caixa.

— Sim, são. Não é mesmo, Jakey?

Jake só conseguiu assentir enquanto pedaços de sua masculinidade se desfaziam bem diante de seus olhos. Agora só lhe restava ir assistir a um filme de Nicholas Sparks e se sentar no sofá com uma garrafa de vinho, falando sobre sua TPM.

Era seu fim.

— Ah, bem... — Stacey começou a se afastar lentamente. Como qualquer mulher sã faria diante de uma situação dessas. Não tinha dúvidas de que ela estava agradecendo a Deus as pequenas bênçãos enquanto desaparecia pelo corredor.

— Muito bem. — Bob bateu palmas. — Vamos ver o que aquela sua avó maravilhosa colocou na lista.

— Sim. — Char abriu um sorriso. — Vamos.

— É sério, isso? — Jake firmou os pés no chão enquanto dava uma cotovelada nas costelas de Char. — Um pequeno problema? Você sabe que não é verdade. Quer dizer, você realmente sabe que não é verdade.

Ela deu de ombros.

Droga. Dá para saber que um homem está desesperado quando ele está prestes a arrancar as roupas e a ficar pelado na frente do atendente da farmácia só para provar um ponto.

Ou desesperado, ou louco para ser preso.

Mas que droga! Quando é que aquele dia ia acabar?

— Ah, aqui está — continuou Bob, puxando um pequeno saco branco com uma receita presa. — Isso deve ajudar muito. Mas tome apenas quando precisar. Se sua ereção durar mais de quatro horas, procure ajuda médica imediatamente. Mas deve melhorar muito a lua de mel, se é que você está me entendendo. — Ele piscou para Char.

Em resposta, ela deu uma risadinha.

— Não preciso disso. — Jake cruzou os braços.

— Sua avó disse.

— Ela está senil! Semana passada queria fazer um show em Vegas com tigres! — exclamou Jake.

— Veja bem, filho...

— Jake. — Char deu tapinhas em seu braço. — Não há nada de errado em admitir que tem um problema.

Forçando-se a sorrir, ele se virou para Char.

— Sabe de uma coisa, querida?

Ela sorria com os olhos.

— O quê?

— Você está certa.

— Estou? — O sorriso dela se desfez, o olhar se tornou desconfiado.

— É claro. — Jake envolveu seus ombros com o braço. — Deve ser por isso que vovó decidiu não incluir licor ou vinho na cesta.

— Mas...

— Ela tem um problema com bebidas. — Jake indicou Char com a cabeça. — Mas tudo bem. Afinal, você já está sóbria há quanto tempo, querida? Um dia? — Ele estalou os dedos. — Ah, não, deixe isso para lá. Eu me esqueci da garrafinha na sua bolsa. Meu bem, é bom saber que podemos conversar sobre essas coisas. Talvez agora que me disse que vai parar de beber, a gente consiga ter um filho. Ainda bem que temos esses testes de fertilidade.

Os olhos de Char faiscaram.

— É, ainda bem. — As palavras saíam depressa. — Afinal de contas, se você tomar o Viagra, ao menos vou me lembrar de que fizemos sexo!

— Ah, você vai lembrar.

— Que bom! Porque, na noite passada, fiquei fazendo a lista de compras.

— Na qual você só botou mais bebida! — gritou Jake.

Os narizes estavam colados, a respiração, pesada, e, por algum motivo insano, Jake só conseguia pensar em beijá-la. Com força. E em ensinar a ela uma lição, e depois a empurrar contra o balcão — de preferência, *longe* do teste de fertilidade — e, então, dar um jeito nela. Várias vezes.

Char olhou para os lábios dele.

Jake se inclinou na direção dela, mas Char chegou primeiro.

Seus lábios se encontraram com tanta força que Jake gemeu.

Sentiu o gosto de vinho e sal nos lábios carnudos dela. Deus, como ele queria lambe o corpo dela inteirinho, de cima a baixo! Até que ela implorasse, pedindo-lhe que parasse.

— Hã, sr. Titus. — Bob pigarreou.

Sobressaltado, Jake se afastou de Char.

— É... o teste de fertilidade — disse ela, rouca. — Sabe, todos esses pós mágicos para fazer bebês, e tudo o mais. — Seus olhos se fecharam quando percebeu como aquela desculpa soava ridícula.

— Vamos levar tudo. — Jake limpou a boca com as costas da mão. Char sacudiu a cabeça uma vez e saiu da loja. Droga!

— Bem, gostaria de algum doce por mais cinquenta centavos? — perguntou Bob.

— Nada de doce.

— Chiclete?

— Nada de chiclete! — Jake tocou o ponto entre os olhos. — Só o que vovó colocou na lista.

Bob deu de ombros e pegou o cartão de crédito de Jake, então colocou tudo na sacola bem devagar.

Assim que Jake pegou o recibo, saiu correndo da loja. Char estava esperando ao lado do carro.

Seus passos ecoaram no concreto enquanto ele andava até o BMW.

— Tudo bem?

Ela suspirou e se virou para responder.

— Bem, eu queria ter mesmo uma garrafinha.

— Ah, é?

Ela conseguiu sorrir.

Jake deu de ombros.

— Bem, não acho que gostaria de usar as camisinhas PP, muito obrigado.

Aquilo fez um sorriso surgir no rosto de Char. Jake abriu o carro para que entrassem.

— Então, é isso — disse ele, antes de ligar o carro. — Missão cumprida.

— É. — Ela assentiu. — Acho que sim.

— Sim. — Bravo consigo mesmo, Jake continuou. — Então, vai precisar de uma carona para o aeroporto ou de qualquer outra coisa, na quinta-feira?

— Ah, não. Não precisa. — Char umedeceu os lábios. Ainda estavam inchados do beijo. No que ele estava pensando? O teste de fertilidade... bem, ele funcionava sem nem sair da caixa.

Ele segurou o volante com força e conseguiu manter o sorriso tão tenso quanto o restante do corpo, que vibrava.

— Jake — chamou Char, depois de alguns minutos de silêncio. Jake estava realmente considerando encostar o carro e agarrá-la.

— Oi?

— Sobre o casamento. Você acha que vão permitir a presença da imprensa, para cobrir alguns detalhes antes da cerimônia e fazer algumas entrevistas com a família?

Pobre Char! Devia estar preocupada em aparecer estampada em todos os jornais outra vez. Ele precisava tranquilizá-la.

— Não mesmo. Kacey falou especificamente que não queria a presença da imprensa. Então, não precisa se preocupar. Não querem transformar o casamento em um circo. Quer dizer, você sabe tanto quanto eu o que acontece quando jornalistas são envolvidos.

— Certo.

— Sem ofensas. — Ele fez uma careta. Por um momento, tinha se esquecido de que ela era repórter. Embora já não visse o rosto de Char nos jornais havia algum tempo. Não que fosse algum esquisito que gravava os programas dela, ou coisa do tipo. Ele pigarreou. — E como vai o trabalho?

— Ótimo.

— Tem algum projeto grande em mente? Curar a fome mundial, ou algo parecido?

— Algo parecido. — Char soltou um suspiro e olhou pela janela. — Aliás, me desculpe.

— Pelo quê?

— Pelas camisinhas. — Ela se virou para olhá-lo. O luar que passava pela janela do carro acentuava a curva delicada de seu pescoço.

Ele se endireitou no banco e conseguiu pigarrear, soando relativamente normal, e nem um pouco excitado, como se sentia. Droga. Quando foi a última vez que apenas a aparência de uma garota fora o bastante para que ele agisse como se ainda tivesse 14 anos?

— É, bem, me desculpe por ter chamado você de alcoólatra.

Ela sorriu, o tipo de sorriso que os homens viam nos sonhos, aqueles que guardam promessas de eternidade e beijos roubados, muitas risadas e... Jake sacudiu a cabeça. Não estava em seus planos, em sua vida, nem em seu futuro.

Ele estacionou no escritório da Komo, onde o carro de Char estava parado. No rádio do carro tocava uma música suave. Não era um encontro. Não era para ser, mas parecia um. Era embaraçoso, como todos os primeiros encontros. Do tipo em que as pessoas ficam sem saber onde pôr as mãos, se perguntando se estão com comida presa nos dentes ou se estão sendo esquisitas.

Char estendeu a mão para a maçaneta e abriu a porta.

— Vejo você depois, Jake.

— É.

Ele deixou que ela fosse embora.

Mais uma vez.

Parecia que ele sempre fazia isso. Ela sempre andava em direção a algo, e, por algum motivo, aquilo o fazia querer ir atrás dela. Como se Char fosse uma zebra e ele, um leão que precisasse capturá-la.

Será que ele só a queria porque ela era brava e difícil? Ou será que havia algo mais? Jake ligou o carro e aumentou o volume da música.

Realidade. Ele precisava voltar à realidade. Ou isso ou tomar um banho frio. Travis dissera que ele deveria manter distância, e, pela primeira vez na vida, não tinha vontade de decepcionar o irmão. Nem Kacey.

— Siri — disse em voz alta, para o telefone. — Encontre o bar mais próximo.

Capítulo 27

Apesar de não estar namorando Jake, tudo o que Char queria fazer depois que ele a deixou em casa era abrir uma garrafa enorme de vinho e assistir a reality shows bem ruins. Por que isso? Afinal, ele não tinha feito nada de errado.

Além, é claro, de ser atraente a ponto de deixá-la tonta e de tratá-la como uma princesa, para, então, acusá-la de ser alcoólatra.

Ela sorriu, abriu a garrafa de vinho e serviu uma taça. Beth já estava dormindo, mas Char não conseguia tirar da cabeça os acontecimentos do dia. Como qualquer outra garota, queria dissecar cada detalhe de cada conversa que tivera com Jake, até que conseguisse entender o significado de tudo. Será que ele só estava sendo legal? Virando a página e tomando jeito, ou coisas do tipo? Ou será que era só uma estratégia para levá-la para a cama outra vez? Será que só estava agindo daquele jeito até conseguir o que queria? Para começo de conversa, será que ele a queria, ou só tinha se cansado do estilo de vida de playboy?

Para aumentar a lista crescente de problemas de Char, ele ainda tinha dito que não haveria imprensa no casamento. Talvez, se ela apresentasse a situação de forma diferente e fosse completamente sincera, se dissesse que perderia o emprego, assim como ele, se não cobrisse o evento... Será que Jake tinha ficado com pena dela? Por outro lado, ela era muito boa no que fazia. Aquele único incidente não a definia. Só precisaria de alguns detalhes do casamento, de algumas fotos, e tudo ficaria bem. Ninguém nem ficaria sabendo que fora ela quem tinha vazado a informação para a imprensa. Além

disso, será que eles não prefeririam que fosse uma amiga a cobrir um dia tão especial, em vez de uma pessoa qualquer, com uma câmera na mão? Será que seria certo pedir-lhes tal favor? Ainda mais com todo o estresse do casamento? Ela não queria ser motivo de torná-lo ainda maior, e, para ser sincera, não era problema de Kacey que o chefe de Char fosse um babaca egoísta sem escrúpulos. O tiquetaquear do relógio no silêncio do quarto não importava. O barulho lembrava um programa de perguntas e respostas.

Ela se colocou no lugar de Kacey. O que a amiga faria? Kacey sempre fazia a coisa certa, não importavam as consequências. Char, por outro lado, não estava se casando com um Titus milionário. Precisava de dinheiro para comer! Depois de ter perdido o lugar como apresentadora do jornal, sabia que aquela era sua última chance. Se não conseguisse as fotos, seu sonho de aparecer no jornal estaria acabado de uma vez por todas. E se ela pedisse a Kacey? Ou a Travis? Ou a vovó? Sua cabeça começou a latejar.

O telefone tocou e ela olhou para a tela. Era um e-mail, que ela abriu depressa. Duas palavras. Era tudo. Duas palavras e uma interrogação.

E aí?

Era de Mark. A única coisa em que ela conseguiu pensar como resposta foi um palavrão. E mais nada. Como se precisasse de outro sinal, a foto de Kacey brilhou no celular.

Ela precisava de conselhos, de palavras sábias, de alguma coisa, qualquer coisa. Ou — quem sabe? — de mais uma conversa com o chefe. Talvez ele desistisse, se ela lhe explicasse a situação.

Resmungando, fechou os olhos por um segundo, permitindo que o estresse do dia fosse embora. O emprego era uma necessidade. Ponto final. Jake Titus? Bem, ele estava mais para um desejo, e ela nem sabia dizer se ele havia perdido a cabeça ou encontrado um coração naquele corpo musculoso.

Resmungando, sentou-se no sofá e ligou a TV. Logo sentiu os olhos pesarem e caiu no sono.

O barulho da TV a acordou. Devagar, Char se levantou do sofá e pegou o controle, com a intenção de desligá-la.

Mas, quando encontrou o botão, algo na tela chamou sua atenção.

— Quê? — Ela aumentou o volume, sentindo-se, já, mais acordada do que nunca.

“O playboy milionário Jake Titus voltou a figurar na cena noturna. Ele foi visto no centro da cidade, no lugar do momento, o *Brazeel and Ice*. Fontes afirmam que o viram ir embora não apenas com uma, mas com duas mulheres. Rumores ganharam destaque desde a semana passada, quando Jake foi afastado do cargo na Titus Enterprises. Mulheres de toda a Seattle devem estar felizes, pois o solteirão mais famoso da cidade está de volta.”

O controle caiu da mão de Char.

Tremendo, ela tomou um gole de vinho.

Babaca!

Ele estava brincando com ela, se divertindo, e de novo Char tinha entrado nesse joguinho! Quantas vezes, nos últimos dias, tinha jurado que não iria se apaixonar, mas, ainda assim, tentara justificar seus sentimentos, dizendo a si mesma que ele estava diferente?

Era óbvio que onças não viravam gatinhos.

E Jake Titus podia dormir com quem quisesse. Era o fim, de verdade.

Capítulo 28

O primeiro pensamento de Jake ao acordar sozinho na cama foi de que Deus tinha tirado seu desejo sexual como forma de punição.

Mas, para ser sincero...

Não tinha sido Deus.

Fora Char.

Não sabia se deveria odiá-la ou apenas ir até sua casa e fazer com ela o que ele tanto queria — várias e várias vezes.

Duas garotas, ambas lindas e modelos... e nada. Absolutamente nada. Até o uísque se tornara ácido em seu estômago no instante em que as duas começaram a tirar as roupas. E então ele disse que precisava ir ao banheiro.

Um dos piores momentos de sua vida.

Ao banheiro? Será que ele tinha ficado maluco?

Como uma garotinha, ele correu para o banheiro e ficou sentado na privada com as mãos na cabeça — tremendo. Sim, tremendo porque tinha perdido completamente o controle de sua vida.

Tudo por causa de uma garota idiota que conhecera na escola, com um corpo maravilhoso idiota, olhos brilhantes idiotas e lábios carnudos e...

Bem, àquela altura, no banheiro, sentira mais que desejo.

Mas então ele ouvira as garotas, gêmeas, chamando seu nome.

E lá se fora.

Descarga abaixo.

Ficou sentado por dez minutos. Então saiu do banheiro dando a pior desculpa possível.

— Olhem, não estou no clima, hoje. Estou doente.

As garotas se entreolharam e se aproximaram dele. A gêmea número um usava lingerie preta, a número dois estava nua.

Talvez ele fosse gay.

Quando elas chegaram perto o suficiente para tocá-lo, ele se afastou. O perfume que usavam estava sufocante. Por que não podiam ter um cheiro mais parecido com o de Ch...

— Droga! — gritou, fazendo com que as garotas se sobressaltassem. — Desculpe, não são vocês, sou eu.

— Sério? — perguntou uma das gêmeas. — Está tentando se livrar da gente? Qual é o seu problema?

— Vocês. As duas — grunhiu Jake. — Agora, vão embora.

Elas lhe mostraram o dedo do meio em perfeita sincronia e pegaram suas roupas. No instante em que a porta se fechou atrás das duas, Jake se jogou no sofá e gemeu.

Maldito fosse seu irmão, que o mandara ficar longe da única garota que o faria abrir mão de tudo! Precisava repetir a si mesmo o tempo todo que isso iria passar, que, não demoraria muito, ele não teria mais esse problema. Porque, no fim das contas, sabia que era o tipo de cara que só faria Char sofrer. Não haveria um “felizes para sempre”, porque caras como ele não sabiam como proporcionar um final feliz a ninguém. E ele não tinha certeza de que conseguiria ser quem ela precisava que ele fosse.

Será que algum dia já tinha sido esse tipo de cara? O cara a quem as mulheres recorrem quando algo errado acontece? Não, esse era seu irmão, Travis. Jake era o errado, o festeiro. Era aquele que, aos 14 anos, tinha sido surpreendido pelo pai de Kacey enquanto cheirava cocaína com garotas que tinham o dobro de sua idade, e então recebera um puxão de orelha e o aviso de que estava arruinando a própria vida.

E estava mesmo.

E não ajudara em nada o fato de que, quando Bill o flagrara, Jake estava tão louco e desorientado que caíra no rio perto de casa e quase se afogara.

Desde então, ele nunca mais usou drogas, a não ser álcool. E isso porque a bebida talvez fosse o único meio de tornar tudo mais fácil,

menos doloroso. Jake nunca fingira ser quem não era... Agora, porém, não sabia ao certo se ainda gostava de ser aquela pessoa.

Capítulo 29

— Ei, babaca! — chamou uma voz feminina irritante, que interrompeu seus sonhos. — Acorde! Está na hora de pegar o avião! Precisamos embarcar agora!

— Por que está gritando? — sussurrou Jake, levando as mãos às têmporas. — E que troço é esse que você está usando?

Char parou na frente dele, com as mãos nos quadris. Usava um vestido rosa brilhante diretamente saído do catálogo da Victoria's Secret.

— Filha da mãe, apague as luzes! — Ele cobriu os olhos com uma das mãos e continuou xingando.

— Ah, desculpe. — Char continuou a falar alto. — Meu vestido brilhante faz sua dor de cabeça piorar? Que tal um shot de tequila, hem?

Só de pensar naquilo, Jake sentiu o estômago revirar. Ele tinha conseguido dispensar as gêmeas, mesmo estando completamente bêbado, e ainda assim a mulher de quem ele gostava parecia prestes a esfaquear suas partes íntimas!

— Não — respondeu, rouco. — Nada de álcool.

— Você se divertiu ontem à noite? — Char cruzou os braços. Os olhos azuis brilhantes estavam límpidos como o céu da manhã. Mas. Que. Merda. Ele agora era poeta? Bateu no peito e pigarreou. Ah, que bom. Estava batendo no peito. Tinha recorrido ao estilo dos homens das cavernas para provar que ainda era macho.

Adeus, último resquício de masculinidade! Jake sacudiu a mão no ar, como se acenasse uma despedida. Então percebeu que ainda

devia estar bêbado.

— Levante-se logo daí. — Char chutou sua cadeira.

— Não. — Ele precisava de comida. Como é que tinha chegado ao aeroporto? De táxi? Certo, um táxi, e ele pagou ao taxista, pegou as passagens e passou pela segurança ainda tonto e cheirando à festa da noite anterior.

Mas que engraçado. Exatamente como na última vez que tinha voado.

— Por que você está sorrindo? — Char agarrou seu antebraço e o puxou, para que se levantasse. — E por que está com cheiro de bunda? Pelo menos tomou banho?

Seu cérebro começou a funcionar devagar enquanto ele relembrava os acontecimentos da manhã. Tinha se esquecido de fazer as malas, então correu pela casa, tropeçando nos móveis, para conseguir estar pronto a tempo, e quase não se lembrou de pegar o celular e ligar para um táxi, mas não tomou banho.

— Hã... Não deu tempo.

— Você foi para casa às nove, ontem à noite. Deve ter sido uma noite difícil, com a nº 1 e a nº 2.

Ele decidiu não responder. Em vez disso, apoiou-se em Char enquanto entregavam os cartões de embarque e seguiam até o avião. Pelo menos não seria um voo longo. Ele também sabia que vovó voaria na primeira classe, então não haveria ameaças de bombas, reações alérgicas nem prisões.

Aliás, onde vovó estava?

Quando entraram no avião, ele olhou ao redor. Ela não estava na primeira classe, pelo que ele tinha visto. Nem na econômica.

— Onde está vovó? — perguntou a Char, odiando a rouquidão ainda presente na voz.

— Ela foi ontem à noite. Alguma coisa sobre uma emergência de casamento. Você usa o celular, ou só fica olhando para ele e pede a Siri que leia as mensagens?

Jake olhou para o chão com uma expressão culpada e decidiu não responder.

— Então — continuou Char. Sério, por que ela ainda estava falando? Não sabia que ele estava prestes a vomitar a própria alma?

Revirando os olhos, ela afivelou o cinto de segurança de Jake. Ótimo, ele tinha virado um bebê de dois anos!

A melhor parte foi que, naquele exato momento, sua masculinidade resolveu comparecer e se mostrar ao mundo. Mas ele se sentia infeliz demais para ligar para o que quer que fosse.

— Como foi a noite? — Ela estava furiosa. Sim, furiosa.

— Péssima — respondeu Jake, com sinceridade. — Bebi demais e finalmente percebi algo que já devia saber há muito tempo.

— Ah, é? — perguntou Char, a voz desprovida de qualquer emoção. — E o que é?

Dando de ombros, Jake respondeu:

— Odeio loiras.

O primeiro sorriso da manhã inteira apareceu por um breve momento no rosto de Char, antes que ela se virasse para olhar pela janela.

— Isso não muda nada.

— Ah, é?

— É. — Ela se virou para ele. — Você ainda está com cheiro de bunda.

Ele sentiu cada mínima turbulência. Cada movimento. Um macaquinho tocando bateria se mudara para o interior de seu crânio e um elefante possuído fora morar em seu estômago. Jake quase vomitou cinco vezes antes do fim do voo.

Char não ajudou em nada.

Ela se recusou a conversar com ele, a olhar para ele e a tocá-lo.

Com certeza ele tinha aparecido na TV. Era a única explicação possível. Lembrou-se vagamente de alguns flashes.

Como podia ser tão insensível? Sabia o que estava fazendo, e, mesmo assim, seguira em frente. Para provar um ponto. Para prová-lo a si mesmo.

E no momento parecia que ele tinha sido atropelado por um caminhão. E mais de uma vez — como se o motorista quisesse ter certeza de que ele estava morto.

Quando o avião pousou, ele se arrastou pelo corredor e depois até a esteira de bagagens, torcendo para que, ao menos desta vez,

vovó tivesse sentido pena dele e mandado alguma coisa — um carro, uma arma, ou mesmo uma aspirina. É, ele aceitaria uma aspirina.

Mas não teve essa sorte.

— Onde está todo o mundo? — Ele deixou cair a bagagem de mão e sentiu outra onda de enjoo. O Jack Daniel's estava voltando para assombrá-lo. Seu estômago se revirou quando Jake fechou os olhos e tentou se concentrar em respirar.

— Char? — perguntou uma voz grave e masculina.

Jake arregalou os olhos.

Um sócia enorme do super-herói Thor andou na direção deles.

— Quem é você? — perguntou Jake, irritado. Reunindo as forças que restavam, ele se endireitou para ficar mais alto e encarou o homem, de cara feia.

— Ah. — O homem sorriu, revelando uma fileira de dentes brancos e perfeitos que reluziam em contraste com o rosto bronzeado. Maldito. — Estou ajudando a família com as coisas do casamento. Travis e eu somos bons amigos e...

— Jace? — A voz de Char parecia esperançosa e animada demais para o gosto de Jake.

— Você se lembra de mim? — O homem sorriu, aproximando-se dela.

— Claro que lembro! — Ela aceitou o abraço do homem e o retribuiu enquanto Jake se imaginava envolvendo o pescoço de Jace com as mãos e estrangulando-o até a morte. — Não sabia que você estava ajudando Travis e Kacey.

— Ah, bem. — Ele se afastou e deu de ombros. Tinha mesmo ficado corado? Sério? Aquele arrogantezinho com certeza sabia ficar corado de propósito, só para impressionar as mulheres.

Colocando-se entre Char e Thor, Jake estendeu a mão.

— Sou Jake, padrinho e irmão do noivo. — *E Char é minha. Minha.* Era possível que tivesse mostrado os dentes, e talvez grunhido. Só faltava fazer xixi para marcar território.

— Ah. — O olhar de Jace passou de Char para Jake. — Já ouvi muito sobre você.

— Apenas coisas boas, tenho certeza. — Jake estreitou os olhos.

Jace soltou um risinho sarcástico.

— Se você diz...

De algum jeito, estavam com os peitos praticamente colados. Thor era um pouquinho mais alto, apenas um centímetro. Jake já o avaliara: embora Jace fosse um cara grande, ele ainda era mais musculoso.

— Hã... Nós devíamos ir. — Jake sentiu a mão de Char em seu peito. Ele olhou para baixo, para seus olhos suplicantes, e se afastou. Mas apenas um centímetro: não queria ser o primeiro a ceder.

— Você está certa. — Jace sacudiu a cabeça e conseguiu parecer bastante humilde. O babaca. — Vamos? — Ele pegou a mala de Char e ofereceu o braço.

Por que Jake não tinha pensado em carregar a mala dela? Ah, sim! Porque ele ainda sentia os efeitos da noite anterior: estava bêbado e havia passado a maior parte do voo tentando manter todos os fluidos corporais dentro de si. Não tinha pensado nisso, como também não tinha pensado em deixar de ser babaca antes de falar besteira, ou de permitir que seu coração se apaixonasse por ela.

Soltando um palavrão, seguiu os dois até a saída.

Até a limusine que os esperava.

Claro.

— Então a família mandou a limusine? — perguntou Jake, indiferente, enquanto entregava a mala ao motorista.

— Não. — Jace deu de ombros. — Pensei que Char pudesse estar cansada, então pedi um favor.

Então ele era pobre. Jake conseguiria lidar com aquilo.

— Um favor? — perguntou Char, aceitando a mão de Jace, que a ajudava a entrar no banco de trás.

— É. — Jace segurou a porta e deixou que Jake entrasse primeiro. — Não costumo usar limusines, ou carros, mas achei que dessa vez valeria a pena, pois você provavelmente estaria cansada.

Jake revirou os olhos.

— Não costuma usar limusines e carros porque vai a pé até o shopping em que trabalha? Conte, como vai a Abercrombie & Fitch?

— Ótima. — Jace deu um sorriso sarcástico. — Mas, pelas suas roupas, dá para ver que você esteve lá há menos tempo que eu.

Babaca.

— Pronto para ir, senador? — perguntou o motorista.

— Sim, Donald, obrigado.

— Sempre um prazer, senhor.

— Senador? — Char franziu as sobrancelhas.

Filho da mãe.

O sorriso de Jake ficou congelado no rosto quando Jace deu de ombros e pegou uma garrafa d'água, antes de dizer:

— O mais jovem da história do Oregon.

— Uau! — O sorriso de Char se alargou. — Você deve estar muito orgulhoso!

Lá estava aquele ar idiota de humildade que Jace sabia fingir muito bem. Não era de admirar que fosse um bom ator, afinal, o cara era um político! *Não caia nessa, Char! Ele é um mentiroso, traiçoeiro...*

Droga, era como se estivesse olhando na droga de um espelho!

Onde Travis estava com a cabeça?

O carro começou a se mover e o estômago de Jake se revirou mais uma vez. Não aguentaria os quinze minutos até a casa.

E estar sentado de costas para o motorista não estava ajudando.

Char e Jace começaram a conversar com naturalidade enquanto Jake abria a janela e se perguntava se seria muito ruim saltar de um carro em movimento, ou mesmo planejar um homicídio. E se contratasse alguém para fazer o que queria? Ainda seria preso?

O carro parou.

Jake gemeu, com o rosto ainda na janela.

— Ei, camarada, está tudo bem?

Camarada? Jace o chamara de camarada?

— Tudo fantástico — respondeu Jake, entre os dentes.

O sorriso de Jace era tão irritante que Jake jurou que, se fosse vomitar, iria mirar na camiseta preta e nas calças brancas de linho do homem. Que espécie de homem usava calça de linho em plena cidade? Não estavam na praia, e as calças eram praticamente

transparentes. Seria mais fácil dizer “Por favor, olhem para as minhas partes íntimas.”

— Jake, tem certeza de que está bem? — Char parecia sinceramente preocupada. Ele a encarou e teve vontade de gritar. Não estava bem, longe disso. Mas precisava parecer forte. Sua autoestima já sofrera o bastante. Engolindo a bile na garganta, fez que sim com a cabeça uma vez.

As bochechas de Char assumiram um belo tom de rosa, antes de seus olhos se desviarem de volta para Jace.

— Bem, como eu ia dizendo... — Jace pigarreou e olhou irritado para Jake, antes de virar o sorriso brilhante de volta para Char.

Cheiro de fast-food entrou pela janela. Jake tentou subir o vidro, mas era tarde demais. Já tinha sido nocauteado. Todo o enjoo que estivera segurando alcançou de uma vez o fundo da garganta.

— Acho que vou vom...

Não teve tempo de terminar a frase. Botou a cabeça para fora e deixou sair cada gota de álcool que tomara na noite anterior — e talvez até no ano anterior.

Então ouviu as sirenes.

Sentindo-se completamente incapaz de dizer qualquer coisa, Jake só conseguiu observar, horrorizado, enquanto o policial mandava a limusine parar e se aproximava da porta suja de vômito.

— Senhor, não sabe que é contra a lei...

— Está tudo bem, Jim — disse Jace, por trás de Jake. — Ele está comigo.

— Senador! Está um dia muito agradável, não é mesmo? — Jim, um guarda atarracado, prestou continência. — Tem certeza de que está tudo sob controle? Eu poderia levá-lo até a cadeia, dar uma dura.

Você sabe que está de ressaca quando ir para a prisão parece uma opção mais agradável que a de ter de suportar as marteladas em sua cabeça.

— Não precisa. — Jace deu um tapa nas costas de Jake e riu. — Parece que ele não consegue segurar a bebida no corpo, só isso.

— Não são muitos os que conseguem competir com o senhor, senador.

— Ah, vão arranjar um quarto! — murmurou Jake.

— Como? — Jim colocou a mão na arma de choque. Ah, não.

Jace pigarreou.

— Precisamos ir, Jim. Diga que mandei um “oi” para Linda e as crianças.

— Pode deixar! — Jim acenou, então se inclinou para Jake. — Vou ficar de olho em você, seu arruaceirozinho.

Ótimo! Agora, além de camarada, era também um adolescente rebelde e arruaceiro. Será que seria julgado como menor infrator, caso fosse adiante com o plano de assassinato?

Ah, tinha muito no que pensar!

A limusine voltou a andar, e Jake foi deixado de lado outra vez enquanto Char e Jace riam e conversavam como se já fizessem planos de morar juntos.

Maldição! Precisava recuperar o jeito, e depressa. Pela primeira vez na vida, tinha competição à altura. E, claro, já que o carma é uma droga, era também a primeira vez que corria o risco de perder não apenas a disputa, mas também o coração.

Capítulo 30

Jace era gato. Mais que gato. Parecia o Thor, só que de olhos verdes em vez de azuis. Char reparou porque eram emoldurados por cílios tão longos que ela quase se perguntou se eram postiços.

Ele era incrível.

E a pele bronzeada?

Jace era como uma sobremesa, uma daquelas bem gostosas, do tipo que as mães nunca nos deixam saborear sem que antes comamos toda a comida... A sobremesa que faz todas as outras parecerem sem graça. O tipo de homem que as mulheres observam de longe, mas com quem nunca falam.

E ele estava falando com *ela*.

Sentiu o estômago vibrar de animação, até que olhou para Jake. Ele parecia muito infeliz. Não queria se sentir mal por ele: afinal, ele passara a noite com vagabundas. Mas ainda assim sentia pena.

Embora o corpo respondesse aos estímulos de Jace, o coração ansiava por Jake. E isso era um saco. Nem um pouco justo. Pela primeira vez na vida, o cara interessado nela parecia ser tão bom quanto todos diziam que era, mas seu coração tinha decidido que não estava interessado. Como podia ser?

A limusine parou na frente de Titus Abbey. Ainda faltava uma semana para o casamento, mas não parecia.

Vans do bufê estavam estacionadas por todos os lados, com decoradores, floristas... Jesus! A casa inteira parecia cenário de uma revista de casamento.

— Char! — Kacey correu até a limusine, mas parou de súbito. — Jesus! Vocês atropelaram um gato morto, ou coisa assim?

— Um gato morto. — Jace riu, saindo do carro. — Acho que foi isso, não é mesmo, Jake?

Gemendo, Jake saiu do carro e foi direto para a casa.

— Ah, que isso! Casamentos não são assim tão ruins! — gritou Jace, rindo.

Char estreitou os olhos. Não estava gostando de ver Jace provocando Jake. Era verdade que Jake fizera por merecer, mas isso não justificava a provocação. E aquela atitude de Jace não era atraente. Não para ela.

— Parece que Jake voltou para a vida de farra, hem? — Kacey cutucou Char e segurou-lhe o braço, sem nem reparar que o coração da amiga ficava apertado ao pensar naquilo.

Ele tinha passado alguns dias com ela.

E não tinha sido o bastante para mantê-lo longe daquele estilo de vida. O que mais uma vez provava que ele não valia a pena, porque, no fim, sempre escolhia a si mesmo, as antigas tendências e práticas, o dinheiro. Ele nunca a escolheria.

— Então... — Char ignorou a dor no peito. — Jace é muito legal.

— Ele é senador — cantarolou Kacey. — E se formou dois anos mais cedo, na faculdade. É membro da MENSA, aquela sociedade que reúne os maiores QIS do mundo, e sei, por fontes seguras, que ele adota cachorros doentes e abandonados.

— Estão falando de Jace? — Travis apareceu e deu um beijo na testa da noiva. — Ele é uma espécie de pornô para mulheres. Sério, se não gostar dele, não há mais esperanças para você.

Char não teve chance de responder. Vovó chegou carregando um enorme microfone, coberto de pequenos cristais cor-de-rosa.

— Hã, o que é isso? — Char apontou para o objeto ofuscante.

— Meu microfone, para o casamento. — Vovó ergueu a caixa do aparelho para mostrá-la a Char. — Faz minha voz parecer a da Mariah Carey.

— Só se a Mariah Carey fosse um esquilo morrendo — completou Kacey, aos murmúrios.

— Eu ouvi isso — retrucou vovó.

— Você não vai cantar no casamento. — Kacey abriu um sorriso.
— Então, não faz muita diferença.

Com muito cuidado, vovó guardou o microfone na caixa — que mais parecia uma caixinha de maquiagens para crianças — e a apertou com segurança sob o braço.

— O que você e Travis estão planejando é coisa de criança. Eu namorei um Kennedy. — Ela ajeitou a blusa. — Mas já chega. Agora, saiam! Preciso planejar umas coisas. Vamos comemorar hoje à noite!

— Do que vovó está falando? — perguntou Char, tentando entender por que Travis e Kacey estavam olhando para a avó como se tentassem decifrar o enigma que era sua vida e o modo como ela se comportava.

— Temos o jantar e uns coquetéis para os convidados — comentou Kacey, ainda observando vovó. — Não gosto do tom de voz dela. O que ela sabe que não sabemos?

Travis coçou a cabeça.

— Ela só está tentando fazer com que fiquemos preocupados.

— Gente, estou perdida. — Char ergueu uma das mãos. — Vocês estão em guerra contra vovó?

— Não — disparou Kacey, olhando para Char. — Um confronto de ideias, talvez... Mas vamos ganhar. Vovó acha que sabe o que é melhor, mas, desta vez, está errada. E provaremos isso a ela, o que quer dizer que ela não vai cantar no casamento.

Capítulo 31

Char, Travis e Kacey ficaram olhando vovó caminhar até o meio da sala e pegar um apito vermelho.

— Quem foi que deu um apito a ela? — Travis murmurou um palavrão e resmungou alguma coisa sobre como qualquer ventinho o deixava excitado na hora em que vovó apitou, produzindo um barulho alto o suficiente para provocar surdez.

— Olá! — gritou vovó. E apitou novamente.

Char tentou esconder o sorriso ao ouvir uma enxurrada de palavrões vinda de algum lugar da casa. Parecia que Jake também não era fã do apito.

— Gostaria da atenção de todos. — Vovó pegou uma prancheta.
— Fui nomeada...

— Você se ofereceu — corrigiu Travis. — E foi bem insistente, devo acrescentar.

Vovó ignorou o comentário e continuou a falar:

— Como dizia, fui *nomeada* — ela olhou irritada para Travis — para ser a organizadora do casamento durante a semana em que todos ficarão aqui em Titus Abbey. Como a maioria dos convidados está hospedada na casa, decidimos designar quartos.

Enquanto vovó falava sem parar, Char observava, na expectativa do retorno de Jake. Mas o que ela estava fazendo? Bem, só estava preocupada com a possibilidade de ele morrer engasgado no próprio vômito, ou bater de cara na porta, ou algo do tipo.

— E, como temos apenas uma suíte e Travis alegremente acatou um voto de castidade...

Travis fez mímica, como se desse um tiro na própria cabeça.

— ... a suíte será compartilhada. — Ela abriu um sorriso. — Agora, a programação está milimetricamente cronometrada, portanto, tentem não chegar atrasados a nenhuma atividade. Temos muito que fazer. Espero que todos voltem a seus quartos para trocar de roupa antes do coquetel.

Vovó começou a entregar folhas plastificadas. Era a programação.

— A programação não poderá ser alterada, então, por favor, nem peçam que isso aconteça. Se têm alguma pergunta... — Travis ergueu uma das mãos — ... que não tenha relação com a organização dos quartos... — Travis baixou a mão — ... sintam-se livres para fazê-la.

Char pegou uma programação com vovó e gemeu. Jace surgiu atrás dela.

— Ei, acha que Jake toparia trocar de colega de quarto?

Se Jake tivesse dito alguma coisa do tipo, Char teria revirado os olhos e dado risada, porque era algo bem característico dele. Mas ouvir aquilo de Jace foi como um balde de água fria. Na verdade, até fez com que ela se sentisse um pouco incomodada. Como um cara flertando com ela poderia incomodá-la?

Ela conseguiu dar uma risadinha e sacudiu o papel.

— As regras de vovó são definitivas, pode acreditar. Já aprendi minha lição.

— E aí, Char, como foi com os testes de fertilidade? — perguntou vovó, atrás dela.

Jace arregalou os olhos e Char ficou boquiaberta. Mas que droga! O que ela deveria dizer? Lutou para encontrar as palavras.

— Ha-ha, vovó, muito engraçada! Está falando dos testes que comprou para Kacey e Travis, não é?

— Claro! — Vovó deu uma piscadela.

Char sentiu o rosto esquentar e se virou para Jace.

— Ela está brincando. Juro.

— Gosto de crianças. — Ele sorriu e a olhou de cima a baixo. — Ou melhor, acho que qualquer um que tivesse filhos com você seria um homem de sorte.

E ele tinha ido longe demais.

— Está certo. — Ela engasgou. — Vou para o quarto, preciso me ajeitar.

— Posso levar sua bagagem. — Jace fez menção de pegar a mala, mas ela afastou a mão dele.

— Não. — Char deu uma risadinha. — Pode deixar, eu me viro. Vejo você em uma hora.

Quando se distanciou, Jace exibia um sorriso convencido.

Char subiu as escadas o mais depressa que pôde. Estavam com a suíte. Ela e Jake. Devia ser alguma piada sem graça. A única suíte? A que devia ser de Kacey e Travis, mas que ela iria ocupar com Jake? Jake, o galinha que fugia sempre que alguém falava em compromisso e que ficava bêbado de propósito, só para provar à sociedade que era o que todos acreditavam que fosse: um conquistador barato.

Resmungando, ela abriu a porta e largou a mala no chão.

Tinha algo de errado com ela. Era como se toda a emoção reprimida durante a infância, todo o passado, o drama com os pais e, finalmente, a pressão do fracasso iminente na carreira finalmente a tivessem atingido.

Flores idiotas.

Eram elas as culpadas.

Rosas amarelas, como as que Jake comprara para ela, alguns dias antes. Maldito seja!

Ela pegou uma rosa do vaso e sentiu o perfume. Por um breve momento, Char se permitiu sonhar que aquela era a suíte de sua lua de mel. Que Jake era seu marido, que tinha comprado flores para ela e que não vomitara havia cerca de uma hora.

Quando abriu os olhos, a realidade a atingiu bem na cara. Na forma de uma única cama *king-size*.

Tão perto, mas tão longe. Assim era a história da sua vida. Tinha chegado tão perto de se formar com louvor, mas fora Beth quem conseguira ser a oradora da turma.

E quando agendou a primeira entrevista de emprego, os pais a levaram para jantar apenas para informá-la de que estavam desapontados com o fato de ser em uma emissora de notícias.

Quando Beth conseguiu um emprego, ganhou um carro.

Era como se tudo o que ela tivesse querido na vida estivesse sempre perto o bastante para ser desejado, mas nunca perto o suficiente para ser conquistado.

Ela era como uma droga de um *hamster* em sua rodinha.

Ela odiava *hamsters*.

Bufando, sentou-se na cama e olhou para a porta que se abria e revelava um Jake com aparência decrépita. Pelo menos havia alguém que estava tendo um dia pior que o dela.

— Como vai, princesa? — perguntou Char.

— Odeio a minha vida. — Gemendo, ele tropeçou até a cama e caiu de cara no colchão. — E a melhor parte do meu dia... vá em frente, pode perguntar.

Char deitou com a cabeça apoiada no cotovelo, para vê-lo melhor.

— Quase ter sido preso?

Jake sacudiu a cabeça.

— Hum, conhecer o senador mais novo da história do Oregon?

Ele lhe mostrou o dedo do meio.

Rindo, Char tentou outra vez.

— Finalmente conseguir vomitar na privada, como um garoto crescidinho?

Ele suspirou e ergueu a cabeça, com a intenção de olhá-la nos olhos.

— Dividir o quarto com você.

O sorriso debochado desapareceu do rosto de Char, que sentiu o coração bater com força. O quarto ficou em silêncio, exceto por sua respiração agitada. Ela parecia ter perdido a capacidade de respirar sem fazer barulho.

Finalmente conseguiu responder com um "Ah!".

Jake continuou a olhá-la nos olhos, como se Char fosse a coisa mais preciosa de sua vida, como se realmente tivesse dito aquilo de coração — que a melhor parte de seu dia estava sendo ali no quarto com ela. Mas ele era um galinha. Talvez estivesse pensando que fosse se dar bem à noite.

— Bem, odeio dizer, camarada... — Os olhos dele se estreitaram.

— Mas você não vai dormir comigo.

— Ah, sim. — Ele se levantou e enfiou as mãos nos bolsos. — Já sabia disso. Tenho certeza de que o chã e eu nos divertiremos bastante nesta noite. Com bastante agarrã e respiraã pesada.

— O que foi que você planejou fazer com o pobre chã? E em que universo é normal dizer esse tipo de coisa?

Jake abriu um sorriso.

— Isso cabe a mim saber e a você descobrir. Você sabe que existe a possibilidade de se juntar a mim no chã, caso ache a cama mole demais.

— Gosto de coisas moles.

Os olhos dele brilharam.

— Que pena.

— Jake Titus! — Char jogou um travesseiro na cara dele.

Rindo, ele andou até o banheiro.

— Vamos logo, Char. Precisamos nos arrumar para o coquetel. Aliás... — Ele abriu a torneira e pegou uma toalha. — Quem foi que deu um apito a vovó? Isso devia ser considerado ilegal em todo o país.

Char não respondeu. Ficou olhando, fascinada, enquanto Jake passava a toalha pelo rosto. Pingos de água caíam na pia. Sentindo um pouco de calor, ela tirou o casaco.

Maldito Jake Titus, por fazer um colírio parecer sensual quando virou a cabeça para trás e o pingou nos olhos! Ele piscou uma, duas vezes, e logo as gotas escorreram por suas maçãs do rosto perfeitamente esculpidas.

— Pare de me observar, Char — disse Jake. — Estava esquisito há uns dez minutos. Agora, estou com medo de que você tenha uma convulsão, ou algo do tipo.

Nervosa, Char quase caiu da cama quando se levantou para andar até a mala e procurar um vestido sexy para o coquetel.

Dois podiam jogar aquele jogo.

Ela não queria jogar, apenas. Queria vencer.

Capítulo 32

— Jake? — A voz de Travis soava abafada. — Ouviu alguma coisa do que eu disse?

Não, foi mal, estava olhando aquelas pernas. Um par de pernas, para ser exato, que pertencia a uma linda morena de belos olhos azuis e um sorriso eletrizante, desses que poderiam matar um homem.

— Claro, despedida de solteiro. Estou dentro.

— Nada de strippers. — Isso veio de Kacey.

Jake assentiu em concordância, ainda mantendo os olhos nas pernas de Char, que, a alguns metros dos dois, conversava com a mãe de Jake.

Travis estalou os dedos na frente do rosto do irmão.

— Recomponha-se, homem. Se não tomar cuidado, vai começar a babar.

Tarde demais.

— Foi mal, estou distraído. — Ele pigarreou e se virou para olhar para Travis e Kacey. O irmão parecia irritado. Kacey, preocupada. Ah, que ótimo. Ia ouvir aquela conversa outra vez. Para poupar tempo, adiantou-se: — Kace, estou bem. Foi uma noite difícil, com péssimas escolhas. Estou melhor, e estou bebendo água, não álcool. Sério, você não é a minha mãe. — Aquilo soou mais duro do que ele tinha planejado, tanto que Travis deu um passo à frente. Mas Kacey deteve o noivo com um gesto.

Então seus olhos seguiram o olhar de Jake, que encarava Char mais uma vez. Resmungando, ela entregou a bebida ao noivo e,

agarrando a orelha de Jake, puxou-o para fora da casa.

— Ai! Que isso, Kace!

— Você dormiu com ela!

— Quê? Quem?

— Char!

— Sim! — Os olhos dela se arregalaram, ficando com o dobro do tamanho normal. — Não, quer dizer, foi há muito tempo.

Mas que merda! Ele estava suando.

Kacey soltou sua orelha e cruzou os braços.

— Faz quanto tempo?

— Um ano, mais ou menos. — Ele olhou para o chão. — Foi um erro.

— Você! — Kacey pôs o dedo no peito de Jake com força, quando ele tentou fazer com que ela falasse mais baixo. — Você foi o cara com quem ela passou a noite antes da história do vídeo no YouTube!

— Sim, fui eu. Sou culpado. — E em mais de um aspecto.

Com um olhar de reprovação, Kacey sacudiu a cabeça.

— Eu devia ter imaginado. Todos os sinais indicavam um Titus.

— Sinais?

— Sim: a bebedeira, a libertinagem, a irresponsabilidade, a TV...

Jake ergueu as mãos como se para pedir que ela parasse.

— Está bem, já entendi. Mas eu não fiz mais nada desde aquele dia, e você sabe disso.

Maldita fosse, por tê-lo pegado no flagra! Quando Jake ficara bêbado na sua festa de noivado, Kacey disse que ele precisava tomar jeito, ou acabaria morrendo na cama de uma prostituta. E ela estava falando sério. Ele tentava fazer a coisa certa. Mas parecia que, sempre que tentava, o resultado era desastroso. Era tão mais fácil tomar o outro caminho, agir de acordo com as expectativas alheias, o que significava ser irresponsável e despreocupado. Quando tentou ser sério e responsável, as pessoas perguntaram se ele estava bêbado. Essa situação era vergonhosa e despertava nele a vontade de se encolher, de se afastar e voltar aos velhos hábitos.

— Você está com aquela cara — disse Kacey, interrompendo seus pensamentos deprimentes.

— Cara? Que cara? — Jake tentou mudar a expressão, mas falhou miseravelmente quando Char passou pela janela.

— Aquela cara! — Kacey cutucou outra vez seu peito. — Está se apaixonando por ela!

— Não estou, não!

— Está, sim!

Jake esfregou o rosto com uma das mãos e soltou um palavrão.

— Será que você pode agir como adulta?

— Disse o cara que dormiu com duas gêmeas bêbadas ontem à noite.

— Não dormi — admitiu Jake, tossindo. — Não consegui... quer dizer... não queria, e não dormi.

— Não conseguiu ou não queria?

Jake sentiu o rosto corar.

— Os dois. — Droga, talvez ele estivesse mesmo precisando de Viagra! Que pensamento deprimente! Quantos anos tinha, 23?

— Se você a fizer sofrer... — Kacey apertou mais o dedo em seu peito — ... corto fora seu...

— Está na hora do jantar! — anunciou vovó, abrindo a porta para a varanda.

Kacey se virou e respondeu:

— Estamos indo, vovó! — Então olhou irritada para Jake e completou: — Use sua imaginação.

— Dedo? Você corta fora meu dedo? — perguntou ele, baixinho.

— Você é um babaca. — Ela passou o braço pelo dele enquanto contornavam a casa para chegar ao gazebo lá fora, onde o jantar seria servido.

Jake suspirou.

— Já me disseram isso, várias e várias vezes.

Kacey parou de andar e suspirou.

— Você não está cansado disso? — Os olhos dela encontraram os dele, suplicantes, e, pela primeira vez na vida, Jake não conseguiu usar a máscara de indiferença habitual, que os homens inseguros usam quando tentam ignorar o mundo e viver a própria vida. Com um profundo calafrio, ele deu de ombros. Era tudo o que conseguia fazer. Encontrar palavras parecia difícil demais.

Kacey olhou para o gazebo, onde Char entrava de braços dados com Jace.

— Odeio perder, então saiba que só estou dizendo isto porque amo você. Mas...

Jake esperou.

— O amor sempre vale a pena.

Tendo dito isso, Kacey ficou na ponta dos pés e beijou a bochecha de Jake. Em seguida, foi para perto de Travis, que a esperava.

Capítulo 33

Char ia arrancar o próprio braço e comê-lo, de tanta fome. Será que a mãe de Jake estava tentando *torturá-la*, sacudindo aquelas batatas com um cheiro delicioso bem debaixo de seu nariz? Já tinha ouvido dizerem que a mulher falava pelos cotovelos, mas não sabia que seria daquele jeito.

A colher ia e vinha enquanto Bets falava. Pairava sobre o prato, e então a travessa; de novo o prato, mais uma vez a travessa. Ela parecia um gato brincando com a presa — devia ser exatamente assim.

Bets riu com Kacey, pegou uma colherada de purê de batatas para servir Char, mas foi distraída pela conversa. A colher passou outra vez por cima do prato de Char e voltou para a travessa. Char podia jurar que Kacey mantinha Bets falando de propósito.

Finalmente, três horas depois — está bem, estava mais para vinte minutos —, todos estavam servidos e comendo, felizes. Se é que “felizes” incluía vovó contando histórias de Las Vegas enquanto Travis encarava o frango como quem o estivesse achando muito sensual.

Char quase se sentiu mal por ele. Mas Travis se casaria em uma semana, então era provável que não fosse morrer, nem nada do tipo.

Jace estava à direita de Char e Jake, à esquerda. Ou seja: é claro que o clima não estava estranho, nem um pouco! Cada vez que o braço de Jace roçava no dela, Char se inclinava mais na direção de

Jake, o que a fazia ter calafrios toda vez que a pele dos dois entrava em contato.

Beber água sempre fora uma espécie de tique nervoso. O momento era constrangedor? Um gole d'água. Não sabia o que dizer? Um gole d'água.

Mas não havia água.

Apenas vinho.

O que significava que, se ela tivesse alguma esperança de sobreviver à noite, precisaria esvaziar todas as garrafas da mesa.

Ela já tinha bebido duas taças, e estavam apenas no terceiro prato.

— Então. — Jace lhe serviu outra taça. Ah, maravilha! — Travis disse que você é uma repórter famosa.

— Não sei se eu diria famosa...

— É claro que é. — Do outro lado da mesa, Travis deu uma piscadela. — Ela é uma das favoritas de Seattle.

— Você seria a minha favorita. — Jace também piscou.

Jake teve um ataque de tosse. Ela lhe deu uma cotovelada nas costelas enquanto mantinha os olhos em Jace.

— Obrigada. Isso é muito gentil.

Ele deu de ombros de um jeito tão elegante que Char teve vontade de vomitar.

— Bem, é verdade.

Char desviou os olhos e comeu um pouco de purê. Ao menos a comida estava maravilhosa, apesar de as pessoas ao seu redor a estarem enlouquecendo. Jace disse mais alguma coisa, mas ela já não estava prestando atenção suficiente — não com a perna de Jake encostada na dela.

Char se virou para Jace, que riu e se inclinou para mais perto.

— Desculpe. É só que tem purê de batatas no seu rosto.

A boca de Jace estava a centímetros da de Char, quando de repente Jake praticamente pulou da cadeira.

— Filho da puta!

— O quê? O que houve? — Wescott Titus, o pai de Jake, se levantou da cadeira depressa e olhou ao redor.

— Hã... — Os olhos de Jake assumiram uma expressão confusa.
— Um esquilo. Achei que tivesse visto um esquilo.

Kacey tomou um gole de vinho e falou:

— Jake tem medo de esquilos.

— Lembre-me de enfiar um nas calças dele — zombou Char.

— Talvez assim ele até consiga encontrar algumas nozes. — Essa veio de Travis.

Bets riu, sem jeito, e serviu mais vinho, depois cutucou Wescott para que ele dissesse alguma coisa, mas vovó já estava no controle da situação.

— Ah, não sei, não. Todos os meus netos têm nozes. Cada um deles. Eu me certifiquei de que todos eram meninos assim que nasceram, não foi, Wescott?

— Eu, hã... — O pai de Jake olhou para Bets e balançou a cabeça enfaticamente. — Um brinde... — Ele fez uma careta e ergueu a taça. — À mais dedicada das avós.

— Eu não tenho nozes? — repetiu Jake, que ainda parecia preso ao primeiro golpe contra sua masculinidade.

— Você ouviu o que ele disse — comentou Jace. — O primeiro passo é admitir que tem um problema.

— Com o quê? — Jake cerrou os punhos. — Encontrar minhas nozes? Minha masculinidade? Minhas bolas? Quem você pensa que é? — Seu rosto ficou vermelho.

— Ah, ele é um senador — intrometeu-se Bets, sem ser de muita ajuda.

Alguém deu um chute em Char. Devia ser para Bets, porque, segundos depois, a mãe de Jake se encolheu de dor.

— Quer saber? — Jake jogou o guardanapo na mesa. — Estou cheio de você e dessa sua atitude, senhor senador.

— Está, é? — perguntou Jace, frio, colocando o copo de água na mesa e sorrindo. — Engraçado, porque eu estava cheio de você no instante em que soube que vinha para o casamento. Diga, quando foi a última vez que você jantou com Travis? Quando foi a última vez que jogou golfe com ele? Hem? Conheceu os amigos dele? Fez alguma dessas coisas, *padrinho*? — Jace deu um sorriso malicioso

para Jake. — Você é o irmão, portanto, o título tinha que ser seu. Mas em questão de amizade? Você é o pior que tem.

— Chega! — Jake se lançou sobre Jace.

O senador se afastou e deu um soco na cara do adversário.

— E fique longe de Char! — Jake mirou a bochecha de Jace, que se esquivou. No embalo, Jake foi de encontro à mesa, derramando vinho para todos os lados.

Char se levantou, mas vovó fez com que ela se sentasse outra vez e sussurrou:

— Ah, querida, aproveite! Um entretenimento muito agradável. Deixe que briguem. — Então deu uma piscadela e se pôs a mexer no colar de pérolas que trazia no pescoço.

— Jake! — gritou Wescott. — Pare!

Soltando um palavrão, Travis se levantou da mesa e andou até onde Jake, caído, tentava se levantar. Ele o segurou no instante em que o irmão investia contra Jace outra vez.

— Pare — disse Travis, em um tom duro. — Estou falando sério, Jake. — Ele empurrou o peito do irmão. — Pela primeira vez na vida, fique na sua.

— Mas... — Jake franziu a testa em uma expressão agoniada, fitando os rostos chocados à mesa. O estômago de Char se revirou quando ela sentiu os olhos suplicantes nos seus. O que devia dizer? Envergonhada, ela olhou para o prato, e ouviu Jake soltar um palavrão e se afastar.

— Bem, isso foi divertido. — Kacey soltou uma risada, nervosa. Todos se juntaram a ela. Jace retomou seu lugar ao lado de Char e ajeitou a gravata.

— Peço desculpas. — Ele levou um guardanapo ao corte no lábio e deu uma piscadela. — Ele sabe mesmo dar um soco.

— Ele treina. — Wescott serviu-se de outra taça de vinho. — Todos os dias.

— Treina? — perguntou Char. — Como assim?

Bets deu tapinhas nas costas de Wescott e direcionou a Char um sorriso um tanto abalado.

— Boxe, querida. Ele luta.

— É bom mesmo saber lutar alguma coisa, depois de rejeitar tantas mulheres... — comentou Travis, do outro lado da mesa.

— Já chega! — gritou Kacey, levantando-se.

Meu Deus, quantas brigas aconteceriam?

Os olhos de Travis quase pularam da cabeça quando Kacey enfiou o dedo em sua cara.

— Não sei qual é o seu problema, mas ele é seu irmão! — Ela jogou as mãos para o alto, impaciente. — Algum de vocês já pensou em dar uma chance a ele? Sinto muito por estragar a programação, vovó, mas não aguento mais. — Com isso, Kacey voltou para a casa.

Travis engoliu em seco e olhou para a mesa, com a expressão culpada.

— Já volto.

Capítulo 34

Furiosa, Kacey saiu atrás de Jake, mas não o encontrou em lugar algum. Maldito fosse, por escolher justamente aquele fim de semana, na semana do casamento dela, para encontrar a consciência! O momento não podia ser pior! Mas a expressão nos olhos dele quando olhou para Char e depois para o restante da família...

Aquilo a tinha deixado enjoada.

Sim, ele era um babaca, mas qualquer um que não fosse cego podia ver que estava tentando, exceto pela pequena recaída da noite anterior. Mas ele lhe dissera que não tinha acontecido nada. Homens que tinham aquela expressão no olhar não estavam mentindo... Ele estava vulnerável demais, sensível demais para fazer algo do tipo.

— Kace... — chamou Travis, na entrada na casa.

Ela não estava suficientemente escondida pelas paredes do corredor. Os passos de Travis soaram mais próximos, até que ele parou logo atrás dela.

— Que foi?

— Desculpe.

— Isso não basta.

— Que droga! — Travis a segurou por trás e a virou, prendendo-a contra a parede. — Eu pedi desculpas.

— Por que está se desculpando, exatamente? Por ter sido um babaca com seu irmão? Por dizer a ele que ficasse longe da única garota de quem ele gosta de verdade? Ou por falar mal dele o

tempo todo na frente dos seus pais, e até de Jace, hein? Pode escolher. — Ela tentou se soltar, mas Travis era grande demais. Um músculo tremia em sua mandíbula, enquanto ele se aproximava. Por que ele tinha de ser tão atraente? Seria bem mais fácil brigar se ele fosse feio, ou se a gagueira da infância decidisse reaparecer agora.

— Escute. — Ele a segurou no queixo e a fez olhar para cima, então sorriu. — Não posso evitar.

— Esse é o pior pedido de desculpas de todos os tempos.

— Não terminei. — Os olhos de Travis brilharam quando ele beijou seus lábios com delicadeza e se afastou. — Ainda tenho problemas com ele. E você deve entender por quê, Kace. Quer dizer, ele dormiu com você e depois a abandonou, na faculdade. Ano passado ele estava considerando casar com você e manter uma amante. E ainda pensando que essa fosse de fato uma boa ideia! Ele a usou para conseguir uma promoção no trabalho e, alguns meses depois, você quer que eu comece a confiar nele? Ele ainda não nos provou nada. Confiança precisa ser conquistada, e ele ainda não aprendeu nada. Nunca precisou.

Kacey suspirou e mordeu o lábio antes de responder.

— Entendo o que você está dizendo, mas preciso que confie em mim. Conheço aquela expressão no rosto dele. Conheço Jake. Ele é seu irmão, eu sei, mas era meu melhor amigo quando criança. Acho que ele está cansado de ser a ovelha negra, mas não vai melhorar se sentir que nunca terá uma chance. Talvez a gente devesse deixar as coisas fluírem, o que acha?

Travis soltou um palavrão.

— Então, o que você quer? Que eu vá lá e dê um abraço nele, ou coisa do tipo? Sinto muito, mas deixar as coisas fluírem significa não apenas que estaremos apostando em Jake, mas também que, se perdermos, o que tem noventa por cento de chance de acontecer, aliás, vovó vai cantar bem no nosso casamento. E por uma hora inteira, enquanto as pessoas vão beber até a morte.

Ah, Travis! Tão bruto e protetor! Era por isso que ela estava se casando com ele. Era o homem mais atraente que já conhecera, e seria todo dela. Com um sorriso provocante, ela se inclinou e roçou os lábios nos dele.

— Quero ver você tentar. Por favor? Por mim?

— Tentar? — A voz dele estava rouca. — Tentar o quê?

— Tentar não ser um babaca e dar uma chance a ele.

Travis gemeu, com os lábios colados aos dela, empurrou Kacey com mais força contra a parede e alinhou seus corpos, erguendo-a nos braços e trazendo-a para bem junto de si.

— Está bem, vou tentar. Mas, se vou tentar a sorte com ele, é melhor você fazer o mesmo com vovó.

— O quê? — Os lábios dele se afastaram dos dela e desceram pelo pescoço, deixando uma trilha de fogo.

— Vovó. Tente despistá-la hoje à noite — disse ele.

— Por quê?

Aquilo era novo? A língua dele provocava sensações tão boas ao passar pela base de sua garganta que ela apertou a blusa de Travis e gemeu.

— Porque quero você. — Usando os dentes, ele puxou o decote do vestido de Kacey e começou a provocá-la, descendo por seu corpo. — E posso morrer se eu não a tiver.

— Não se comporte como um menino.

Ela arfava.

— He-hem — pigarreou uma voz, vinda da sala.

Soltando um palavrão, Travis pôs Kacey de novo no chão, devagar, e a empurrou para a frente de seu corpo. Covarde. Vovó estava lá, de braços cruzados, encarando-os com o olhar fuzilante.

— Atenção às regras, vocês dois. Parecem crianças.

— Eu não ia querer que minhas crianças se comportassem assim... — começou Travis, atrás de Kacey. Ele tinha que dizer alguma coisa.

Vovó estreitou os olhos enquanto avançava o restante do caminho até os dois, pisando forte. Como uma boa noiva, assim que vovó parou diante dela, Kacey lhe deu passagem. Então vovó conseguiu pegar Travis pela orelha e arrastá-lo pelo corredor.

— Muito obrigado, Kacey! — gritou o noivo enquanto vovó o carregava para fora da casa.

Capítulo 35

A brisa fria da noite soprava sobre o rio Columbia enquanto Jake tomava um gole de cerveja. A vista da casa da árvore sempre fora a favorita da família. Eles a construíram pensando no rio: ela era bastante alta, chegando a permitir que a vista alcançasse além das árvores, mas não alta em excesso, a ponto de arriscar uma fatalidade, caso alguma das crianças — Jake, Travis e Kacey — caísse de lá.

Char já tinha ido lá uma vez, talvez duas.

Ela estava com sete anos quando Jake a viu pela primeira vez. Char foi direto até ele e o socou no nariz. Quando o sangramento parou, duas horas depois, ele perguntou por que ela fizera aquilo.

A resposta?

Ele estava olhando para ela de um jeito estranho.

Irritado, Jake gritou com Char e disse que não a olharia tanto se ela não fosse tão feia. Ela chorou, e foi assim que começou o relacionamento conturbado dos dois nos primeiros anos da escola.

No ensino fundamental, as coisas mudaram. Char tinha começado a virar uma garota bem bonita, mas uma garota bem bonita que não queria nada com ele.

Até o sexto ano. Ele tinha escrito um bilhete durante a aula, perguntando se ela queria passear com ele no intervalo.

Ficaram inseparáveis depois daquilo. E tudo por causa de um Twinkie, aquele bolinho amarelo, que, como reza a lenda, resistiria a um ataque nuclear, se isso viesse a acontecer. Sério, seria a comida

que os alienígenas encontrariam em bom estado depois de um milhão de anos. Sem mofo. Amarelo como sempre.

Ele sempre odiou Twinkies, mas, naquele dia, decidira pegar alguns. Nunca disse a ela que os odiava. Só fingiu que os guardaria para depois e ficou observando enquanto ela comia o dela. Ela era tão bonita! O cabelo era bem mais escuro naquela época. Mais preto que castanho.

Os olhos faziam um contraste tão bonito com o cabelo escuro que ele teve de encará-la outra vez. Dessa vez, ela não o socou. Apenas corou e desviou o olhar.

Naquele momento, soube que tinha uma tremenda queda por ela. Sentiu até vergonha de contar aquilo a Kacey, que, na época, era a melhor amiga dele. Nem cogitava em contar a Travis, que odiava todo o mundo. E Jake sempre sentia que era comparado ao irmão, quando criança. Então guardou aquilo para si.

Assim como a coleção de Twinkies.

Todos na casa da árvore.

A lembrança o fez rir, e ele ficou se perguntando se alguém, em algum momento, encontrara os bolinhos e ficara tentando entender por que ele os estocara como se fosse um esquilo faminto.

Refletindo sobre o passado, não conseguia lembrar o que tinha acontecido entre os dois — Char e ele. No ensino médio, ela simplesmente parara de falar com ele. Ele até havia comprado uma caixa de Twinkies e colocado no armário dela, com um bilhete.

Sabia que ela havia recebido o presente, porque a vira sorrir ao ler o bilhete e abrir a caixa. Mas aquilo tinha sido no primeiro dia de aula. E no ensino médio ele vivera seu ápice. Era difícil conversar com Char, que estava sempre indisponível. E o restante das garotas era ridiculamente disponível, então ele se aproveitara daquilo. Depois da escola, Char virara apenas uma conhecida, e depois um caso de uma noite só. E agora... agora ela era apenas... uma grande confusão.

Uma confusão na qual ele queria se meter. Na qual ele queria dar um jeito.

Só que, de alguma forma, tinha sido ele a causa de tudo. A coisa mais inteligente a fazer — e também a mais certa — seria perguntar

o que havia acontecido. Mas o passado era passado, e ele precisava seguir em frente. Quando fora que sua vida tinha se tornado isto de que ele não sentia nenhum orgulho? Ele recebera todas as coisas de bandeja, mas, de alguma forma, conseguira estragar tudo. O próprio irmão não o queria como padrinho! Como ele não tinha percebido isso?

Não tinha percebido nada — e eram muitas coisas.

Não reparara que o pai parecia vinte anos mais velho que na última vez que o vira. E que a mãe fingia que tudo estava bem com vovó, embora ele tivesse visto que, no banheiro, antes do jantar, a avó quase tossira o pulmão inteiro.

Sentiu uma dor aguda bem no peito. O que ele estava fazendo com a própria vida?

Com o estômago revirado, pegou a segunda cerveja — duas, em quinze minutos. Uma gaivota pousou no telhado da casa na árvore e o encarou. Ele ergueu a garrafa, em cumprimento, e fez uma careta.

Este era o futuro dele.

Cervejas, gaivotas e uma casa na árvore.

A ave fez um barulho que se assemelhou bastante a uma provocação.

Ótimo, também estava ficando louco!

Viu uma silhueta que se afastava da casa e caminhava em sua direção. Ignorando-a, terminou a cerveja e abriu outra.

O som de alguém subindo as escadas da casa da árvore fez seu estômago se revirar ainda mais. Se fosse Travis ou Jace, não se responsabilizaria pelos próprios atos. Não mesmo.

O alçapão se abriu e Char o atravessou, com o lindo vestido preto e tudo.

— Jake!

Ele se preparou para o poder que aquela beleza exercia sobre ele, os efeitos daquele vestido, os sentimentos que aqueles malditos olhos cristalinos provocavam.

— Oi? — Nossa! Ele precisava mesmo melhorar a atuação! Sua voz soou tão tensa que foi ridículo.

— Você está bem? — Char se içou para dentro da casa da árvore e se sentou a seu lado.

— É claro. — Jake deu de ombros. — Só precisava sair de lá. — Finja que está tudo bem. Sem complicações. Ele deu de ombros outra vez. Talvez estivesse fazendo aquele movimento mais do que deveria. Seu ombro chegou a se preparar para uma terceira vez. Ok, estava na hora de esquecer a atuação, ele só precisava de mais álcool. Tomou um gole longo e desviou os olhos, como um adolescente.

— Você não parece bem — comentou Char, baixinho.

Ele a encarou por um momento, antes de umedecer os lábios e apontar para o rio Columbia.

— Sabia que, na parte mais funda, o rio pode chegar a mais de 360 metros de profundidade?

— Isso é... interess...

— E que... — Jake pigarreou — ...os índios norte-americanos acreditavam que foi uma briga entre dois irmãos que causou a erupção do monte Santa Helena? Eles eram apaixonados pela mesma garota, mas, como ela não conseguiu escolher um dos dois, ficaram irritados. Começaram a brigar, e vilas foram destruídas. O pai, zangado com os filhos, que não conseguiram colocar a família em primeiro lugar, antes do amor de uma garota, transformou-os em montanhas.

Char sorriu e olhou para o rio.

— Quais montanhas?

— O primeiro filho virou o monte Hood, com a cabeça orgulhosa erguida para os céus. — Jake apontou para a montanha. Dava para ver de onde estavam, quando o céu estava limpo, e por sorte ainda não estava muito escuro. — O outro foi transformado no monte Adams, com o rosto virado para onde a menina que amava caiu.

Char ficou em silêncio enquanto olhava para a outra montanha.

— E a garota? O que aconteceu com ela?

— Ela explodiu.

Diante da respiração surpresa de Char, Jake riu, sentindo-se melhor, ali, do que se sentira ao longo de todo o dia.

— Não, é sério. Conta a lenda que ela foi transformada no monte Santa Helena.

— Então... — Char jogou o corpo para trás, apoiando-se nas mãos, e inclinou a cabeça. — Você está me dizendo que os irmãos queriam ficar com ela, ela não conseguiu se decidir por nenhum dos dois e, no fim, todos sofreram e ela morreu?

É, não era a melhor história para contar a Char naquele momento, mas ele estava desesperado, tentando impedir que ela perguntasse o óbvio — qual era o problema? — e então ele acabou despejando seus sentimentos nela.

— Acho que sei por que você gosta dessa história.

Surpreso, Jake deu uma risada breve.

— Como assim? É só uma história.

— Não é, não. — Char apontou para o rio. — Toda essa coisa sobre a profundidade do rio foi a sua forma de evitar expressar seus sentimentos. A história, no entanto, foi sua maneira de botá-los para fora.

— O quê? — Desde quando ela era psicóloga?

Char pegou uma cerveja.

— Você teria lutado pela garota? Pela garota que você ama? Ou teria desistido?

Jake ficou quieto. Ele olhou para as duas montanhas ao longe.

— Eu teria feito a coisa mais fácil.

— E qual seria?

Ele deu de ombros. Nossa, estava fazendo muito isso!

— Teria ido embora.

— Por quê?

— Porque é isso que eu faço, Char. Eu vou embora. Escolho o caminho mais fácil. É isso que você quer ouvir? Quer que eu diga que sou diferente? Que sou o bom moço? O tipo de cara que luta pelo que quer? Bem, eu não luto por porcaria nenhuma. Não preciso. Nunca precisei.

Char bebeu a cerveja em silêncio, mas suas mãos tremiam quando levou a bebida aos lábios. Jake suspirou e desviou o olhar.

— Não sou esse tipo de cara.

— Quem disse? — Havia súplica na voz dela.

Jake balançou a cabeça e olhou para a casa. O som de risos podia ser ouvido no quintal.

— Todo o mundo diz.
— Até mesmo vovó?
— Certo. Tenho uma fã. — Jake disse isso e soltou um palavrão.
— Duas. — De repente, ele viu a cerveja de Char bem na sua frente. Ela bateu a garrafa na dele e sorriu. — Você tem duas fãs.
Jake riu.
— E quem diz é a garota que ameaçou minha vida várias vezes na última semana.
— Ei! — Char não se afastou. Em vez disso, ela se inclinou na direção dele. — Parceiros na dança do acasalamento precisam apoiar um ao outro.
— Está bem. E aparentemente preciso de toda a ajuda possível, já que minha autoestima é muito baixa... culpa das camisinhas PP.
— Quem sou eu para julgar? Estou aqui enchendo a cara... e todos sabem que tenho problema com bebida.
Eles riram. Foi uma risada fácil, até que o vento mudou de direção e Jake sentiu o perfume floral que ela usava. Ele ficou tenso e ela ergueu a cabeça e se aproximou dele.
— Char? — chamou a voz de Jace. — Char, está aí em cima? Não consigo ver você! Está na hora da sobremesa!
— Eu sei. — Ela não tirou os olhos dos de Jake.
— Que pena — sussurrou Jake, segurando seu queixo entre as mãos. — Estava pronto para comer a sobremesa mais cedo.
— A maioria das pessoas precisa lutar para ter esse privilégio. Ele engoliu em seco e encarou os lábios carnudos de Char.
— Prometo que vou.
— Não seja uma montanha.
— O quê? — Ele se afastou.
Char se levantou.
— Não desista, não seja uma montanha.
— Então, o que eu devo ser?
Ela não respondeu. Apenas caminhou até a escada e começou a descê-la devagar. Mas, um pouco antes de sumir de vista, sussurrou:
— Você mesmo, Jake. Seja você mesmo.

Capítulo 36

Char acordou com o som de gritos. Depois da conversa estranha com Jake, durante a qual teve ao menos oitenta por cento de certeza de que ele estava bêbado, ela havia fingido estar com dor de cabeça e fora para a cama, dispensando a sobremesa e a noite de jogos em família.

Com um gemido, pegou o celular e olhou a hora. Uma da manhã? Eles ainda estavam acordados?

Sem pensar, apoiou os pés no chão ao lado da cama, pisando em algo macio. A coisa gemeu, e então soltou um palavrão ao mesmo tempo que puxava os pés de Char, fazendo-a cair com um baque sobre si.

— Jake? — murmurou.

— Não, é algum outro lunático meio bêbado, meio faminto, que fala com gaivotas. Sim, sou eu, Jake. Quem mais estaria dormindo no chão do seu quarto?

— É verdade.

— Já pode sair de cima de mim. — Ele grunhiu.

— Por que você estava falando com gaivotas?

— Essa foi a parte relevante do que eu disse, na sua opinião? Não vai nem mencionar essa história de eu estar bêbado e com fome? Vai direto para as gaivotas?

Char se afastou do corpo quente de Jake e suspirou alto.

— Só simplifiquei as coisas.

— Como assim?

— Que elemento pareceu estranho, no que você disse? A comida sempre acompanha o álcool. Mas falar com gaivotas? Isso não é muito comum.

— Ou você é um gênio ou está bêbada. Não consigo decidir. — Jake falava em um tom de voz grave. — Por que você resolveu andar sobre mim? Ou melhor, por que está fora da cama?

— Ouvi um barulho.

— Acho que isso se chama respirar, Char. Algumas pessoas precisam disso para viver.

— Cale a boca, seu babaca. — Ela o empurrou e andou até a porta. — Foi mais que isso. Parecia um arranhão, ou algo assim.

— Então temos um esquilo por aí. — Ele parecia entediado.

— Você odeia esquilos.

— Deixe que venham atrás de mim! Ouviram isso, esquilos? Estou pronto para vocês! — Jake ergueu as mãos e suspirou.

— Quantas cervejas você tomou?

Praguejando, ele se pôs de pé — com alguma dificuldade.

— Óbvio que não o suficiente. Ou ainda estaria desmaiado, em vez de aqui, tendo esta conversa ridícula com você.

Ele ficou sob o luar.

A boca de Char secou.

Aquele homem era um deus.

Como ela pôde esquecer?

O abdômen definido, com músculos que desciam até a parte coberta pelas calças do pijama. Cada pedaço dele era liso e bronzeado. Bonito demais para ser real. Ela deu um passo na direção de Jake. Era possível que um homem real tivesse sido editado no Photoshop? Ao vivo? Pessoalmente?

Curiosa, ela tocou o tórax dele. Era tão quente e firme! Droga, como o corpo dele era firme!

— Char? — Ele estava rouco. — Tem certeza de que não está sonâmbula?

Afastando a mão com um sobressalto, Char soltou uma risada nervosa.

— Pensei ter visto, hã, um arranhão. Bem aqui. — Ela apontou para a pele completamente lisa do peito dele.

— Um arranhão? — Jake ergueu as sobrancelhas. — Sério? Bem, se está tão preocupada, posso tirar as calças, e então você dá uma examinada geral. Afinal, não seria nada bom se eu não acordasse, amanhã. Ouvi dizer que arranhões podem infeccionar.

— Babaca. — Char o empurrou e foi para a porta, abrindo uma fresta.

— Char! — resmungou Jake. — Estou exausto. Como eu disse, não deve ter sido nada...

Reclamando, Char o acertou bem na barriga e mandou que ficasse quieto. Então apontou para o corredor.

Lá estava Kacey, atravessando o corredor em direção ao quarto de Travis. A porta do quarto dele estava aberta. Travis mexia a boca, dando instruções silenciosas para a noiva e apontando para o chão. Será que queria que ela rastejasse? Então ele fez um gesto com as mãos e depois envolveu a orelha.

— Hum — sussurrou Char. — O chão range?

— Sim. — Jake riu. Sua respiração saiu quente no pescoço de Char.

— Você sabe quais são os pontos que fazem barulho?

— Claro. — Ele passou por Char, indo para o corredor, e olhou de Travis para Kacey com um sorriso presunçoso.

Kacey estreitou os olhos e fez um gesto de cortar a garganta com as mãos; depois mostrou o dedo do meio.

Como se fosse um lunático, Travis fazia gestos obscenos para o irmão. Parecia que o estava ameaçando, mas Char não teve certeza. Era como assistir a um mímico irritado: ele sacudia as mãos para todos os lados, e os gestos eram tão engraçados que ficava impossível tentar entender.

E vovó — bendita fosse! — estava em uma poltrona com encosto reclinável, bem no meio do corredor. Dormia de boca aberta, roncando como uma britadeira. O pijama com estampa de oncinha quase brilhava ao luar, e ela usava uma daquelas máscaras de dormir assustadoras, com olhos pintados no tecido, como se quisesse dizer que estava sempre atenta.

Jake deu um passo hesitante na direção de vovó.

Kacey sacudiu as mãos freneticamente.

Char cobriu a boca, tentando segurar o riso.

Kacey olhou irritada para ela.

Um rangido alto ecoou no corredor. Jake deu mais um passo. O barulho dessa vez foi ainda mais alto.

Travis começou a bater a cabeça de leve na parede.

Kacey parecia ter começado a rezar.

E então, de repente, vovó se mexeu. Sem retirar a máscara, pegou uma arma que estava embaixo de uma almofada e a apontou na direção de Travis.

— Está tentando sair de mansinho, meu filho?

Char ficou boquiaberta enquanto Jake corria de volta para o quarto e se escondia em segurança.

— Eu, hã... — Travis fechou os olhos. — Vai. Me mata logo. Já estou infeliz o suficiente. Foi mal, Kacey. Não consigo. Não aguento mais. Se isso faz de mim um homem fraco, então, que seja!

— Kacey! — gritou vovó, levantando a máscara para ver o que estava acontecendo. — Só de pensar que eu estava culpando Travis por esse fiasco! Olha só para você, já está na metade do caminho! Sua diabinha!

Atrás de Char, Jake deu uma risada.

— Vocês dois! — Vovó balançou a arma. Travis olhou para a arma, receoso, enquanto Kacey se encolhia junto à parede. — Agora. — Vovó apontou a arma para Travis. — Já para o quarto! Vá cada um para a sua cama. Em breve estarão casados, e aí poderão fazer todo o sexo que quiserem.

— Vovó acabou de falar “sexo” — disse Jake, nas costas de Char. — Acho que esta é a melhor noite da minha vida.

— E você! — Vovó apontou a arma para Kacey. — Pare de tentar o garoto! Ele é homem! Não consegue controlar os impulsos!

— Não, acho que “impulsos” é ainda melhor que “sexo” — comentou Jake.

— Agora, voltem os dois para o quarto. Vamos esquecer essa história de fornicação!

— Aí está — sussurrou Char. — A melhor da noite.

— Fornicação. — Jake ergueu uma das mãos no ar, por trás de Char. Ela bateu a mão na dele, em comemoração, antes de fecharem

a porta bem devagarzinho.

Vovó chamou seus nomes.

— Rápido! — exclamou Char. — Para o chão! Atenção, isso não é um treino!

Jake mergulhou em direção ao travesseiro, caindo de cara nos cobertores arrumados no chão, ao mesmo tempo que Char se jogou na cama. A porta se abriu.

Vovó suspirou.

— Ah, que crianças boazinhas! Tão bem-comportadas!

Quando a porta se fechou, Char suspirou alto.

— Essa foi por pouco.

— Fiquei curioso com uma coisa.

— O quê?

— Vovó estava com um apito, hoje de manhã... e, agora, uma arma. Tenho certeza de que meu pai deixa o armário de armas trancado justamente por isso. Ele até esconde a munição.

— Já parei de tentar entender o que vovó faz.

Jake riu. O som de sua voz produziu uma onda de calor que se agitou pelo corpo de Char. Ela rolou para o lado, na cama, e olhou para o chão.

Ele olhou para cima.

— Que foi? Está procurando mais arranhões? A oferta ainda está de pé. — Jake levou as mãos ao cóis da calça do pijama e começou a baixá-la.

Char cobriu os olhos.

— Não tire as calças.

— Hum — murmurou Jake. — Acho que é a primeira vez que ouço isso de uma mulher que está comigo em um quarto escuro.

— E aí?

— Doeu.

Char ainda estava de olhos fechados quando as mãos de Jake tocaram suas bochechas. Não tinha escolha a não ser abri-los e sentir o poder que aqueles olhos cor de mel exerciam sobre ela. Jake sorriu de um jeito sincero, sensual, verdadeiro, um sorriso daqueles que revelavam até a alma e a faziam desejar vender a

própria avó para a Coreia do Norte — qualquer coisa para conseguir se casar com aquele homem!

— Mas sempre dói antes de ficar bom — completou ele.

— O-o quê? — Ela não conseguia falar direito. Não enquanto aquelas mãos tocavam seu corpo, não enquanto Jake, sem camisa, a encarava com seus olhos cor de mel como se ela fosse a mulher mais linda que ele já vira.

— Os arranhões, eles sempre doem antes de melhorar. Dói ser rejeitado, mas acho que no final vai valer a pena.

— Você deveria beber com mais frequência — brincou Char. — Fica todo sentimental.

— Não é a bebida — murmurou Jake, com os lábios tão próximos dos dela, que Char quase podia sentir seu gosto... — Boa noite, Char.

— Boa noite. — E Char achou a própria voz estranha e distante enquanto Jake soltava seu rosto e descia de volta para a cama improvisada. — Tenha bons sonhos.

Ele se virou para o lado e deu outro de seus sorrisos brilhantes.

— Se você ouvir seu nome, já sabe o motivo.

E ela se derreteu.

Droga.

Char conseguiu retribuir o sorriso antes de se deitar outra vez e começar a travar uma batalha interior. Será que Jake estava mesmo mudando? E se ele estivesse tentando e ela não tivesse reparado porque estava muito concentrada em Jace?

Jace estava interessado.

Jake era um risco.

Teve que acrescentar uma noite sem dormir à sua lista de incontáveis problemas. Sem mencionar o fato de que havia ignorado todas as ligações do trabalho.

Jake. Char sempre o quisera, e agora que ele estava ali, bem na frente dela, vulnerável e tentando de verdade, tinha a obrigação moral de tentar também.

E era isso que faria.

Talvez perdesse o emprego e o coração, tudo outra vez, pela chance ínfima de que o garoto do acampamento da escola

realmente quisesse beijá-la.

Capítulo 37

Era isso.

O carma tinha vindo cobrar seu preço e deixara um coração de presente para Jake. Um coração tão mole e irritante que ele estava a ponto de enlouquecer.

Ela sorriu.

Ele ficou todo bobo, bobo de verdade, e seu coração pulou no peito. Quando Char se ofereceu para ir com ele à cidade, Jake ficou animado.

Sim. Animado por passar a tarde com Char no cartório.

Mas o que estava acontecendo?

Dois meses antes, ele teria ficado com vontade de morrer.

Mas, no momento, estava ansioso por ficar perto de Char, uma garota — ou melhor, uma mulher. Seu encontro mais longo em anos seria no cartório. Tinha de ser um mau sinal.

Vovó se esquecera de pegar a certidão de habilitação para o casamento depois que Kacey e Travis haviam passado no cartório para provar que eram mesmo quem diziam ser.

De qualquer forma, tudo o que Jake precisava fazer, como padrinho, era pegar a habilitação e depois levar Char para almoçar. Não parecia difícil. Tudo bem, era ridículo que ele, entre todos os outros, tivesse de fazer isso, mas vovó tinha dado um chique tão grande no café da manhã que ele teria aceitado fazer qualquer coisa, até ir para a África lutar pelos direitos dos leões, só para que ela parasse de falar. Travis e Kacey estavam ocupados resolvendo

problemas de última hora com a banda e todos os outros estavam ajudando a arrumar o local, então só sobraram Char e ele.

Char estava louca para sair da casa, pois vovó a seguia por todos os cantos, dando ordens.

Jace pedira para ir com eles.

A resposta de Jake? Sem chance. E vovó, bendita fosse, alegou que precisava dele bem na hora, o que com certeza era uma desculpa. Não que ele ligasse. A situação funcionara a seu favor.

O cartório não era muito longe da casa. Tinha acabado de abrir quando Jake e Char chegaram e foram até o balcão.

— Posso ajudar? — perguntou a atendente, uma velha senhora. Os óculos quadrados estavam apoiados na ponta do nariz, e ela usava batom vermelho forte e uma blusa azul-royal. Parecia um clone de vovó.

— Sim — respondeu Jake, tranquilo. — Precisamos pegar a habilitação para o casamento dos Titus.

— Ah. — A senhora pareceu desapontada. — Um momento. Só preciso... — Tremendo, ela murmurou alguma coisa enquanto procurava em uma pasta na mesa.

Char mordiscou o lábio inferior, batucando no balcão com as unhas enquanto a mulher procurava. Jake, agindo como o lunático em que se transformara, ficou só observando Char. O cabelo estava preso em um rabo de cavalo alto, dando uma visão perfeita das maçãs do rosto salientes e do pescoço delicado. Ele queria esticar a mão e tocá-la, sentir a pele suave sob os dedos.

— Então, tem um problema — começou a senhora, e pigarreou. — Não estou com ela.

— Como? — Jake desviou a atenção de Char e olhou para a mulher. — Não está com a licença? Mas eles vão se casar no fim de semana!

— Certo... — A mulher sorriu, nervosa. Os dois dentes da frente estavam manchados de batom. — Tenho uma ideia, mas eu poderia ser demitida...

— Sou todo ouvidos. — Jake tentou se manter calmo. — Porque eles precisam desse papel domingo à noite.

— Podemos acelerar o processo. Posso forjar a data, mas terei de deixar os nomes em branco no documento.

— Por quê? — perguntou Char. — Não pode simplesmente digitar os nomes também, e forjar tudo?

— O pessoal iria descobrir — sussurrou a mulher, gesticulando para trás, indicando as outras pessoas que trabalhavam no escritório. — E, como disse, eu poderia ser demitida.

Jake grunhiu e olhou para Char.

— O que vamos fazer?

— Bem, precisamos da habilitação! — exclamou Char. — Tudo bem, vamos fazer assim. Do que você precisa?

— Sally — disse uma mulher que se aproximava. — Tudo bem por aqui?

— Tudo ótimo! — exclamou Sally. — Esses dois vieram pegar a habilitação para o casamento! Vão se casar nesta semana! — Ela lançou um olhar suplicante aos dois.

— Isso mesmo! — Jake cutucou Char. — Estamos tão felizes! Não é mesmo, docinho?

— Isso mesmo, chuchuzinho! — Char cerrou os dentes. — Estou muito empolgada com essa união sagrada, muito mesmo!

— Diante de Deus — concordou Jake — e de nossa família.

Char assentiu, enfática.

— Que pena que eu tenha engravidado antes do casamento, né?

— Não acho que seja uma pena. — Jake lançou um olhar significativo e apertou ainda mais o ombro de Char. — Na verdade, eu diria que foi muito, muito, muito bom.

Char deu de ombros.

— Foi legal.

Sally e a mulher sorriram.

— Se entendem o que eu digo... — Char piscou.

— Estamos tão apaixonados! — gritou Jake, tentando causar uma distração que fizesse Char parar de falar de sua habilidade sexual.

— Ah! — Sally bateu palmas. — Quase esqueci. Vou precisar das identidades de vocês, só para ter a prova de que vocês são quem dizem ser.

Enquanto entregava à senhora sua carteira de identidade, Char deu um chute e um pisão no pé de Jake.

Murmurando um palavrão, Jake pegou a dele.

— Tudo certinho! — exclamou Sally.

A outra mulher foi embora.

Todos suspiraram, aliviados.

— Sinto muito — disse Sally. — Sei que o que estou fazendo não é muito profissional. Não se esqueçam de que têm de preencher o nome das duas partes e das testemunhas, está bem?

— Perfeito. — Jake pegou o papel e deu uma piscadela. — Quanto custa a habilitação?

— Sessenta dólares em dinheiro — respondeu Sally, estendendo a mão.

Jake quase se engasgou.

— Sessenta dólares? Por um pedaço de papel? — Era impresso em ouro? Quem pagava 60 dólares por uma coisa que levava dois segundos para ser digitada?

Char lhe deu uma cotovelada nas costelas. Por sorte, ele sempre carregava um pouco de dinheiro, então pegou três notas de 20 dólares e as entregou à mulher.

— Muito obrigada. — Sally sorriu. — E meus parabéns.

Jake a encarou por um momento. Por que ela lhe parecia tão familiar?

— Ora, vejam só, é hora do almoço! — Sally se levantou. — Podem ir, agora!

— São dez da manhã — comentou Jake.

— Eu gosto de comer. — Sally foi embora.

Jake ficou olhando para ela.

— Vamos lá. — Char pegou o envelope pardo em que Sally guardara o documento. — Missão cumprida, e vovó prometeu que você iria me recompensar com um almoço.

Na verdade, o objetivo de Jake era levá-la a um encontro, mas Char não precisava saber disso. Porque ela ficaria ansiosa. Ora, ele estava ansioso! Ia mesmo fazer aquilo. Será que estava pronto? Será que algum dia estaria pronto para correr esse risco?

Sua masculinidade tinha tirado férias, seu cérebro estava confuso, ainda sob os efeitos da noite anterior, e o short curto de Char não estava ajudando.

— Alô? — Ela atendeu o celular. — Está bem. Certo. Sim, sem problema. Ok. — Ela corou e desviou os olhos. — Eu não acho que...

— Ela fez uma careta. — Está bem, ok certo, ok.

— Tudo bem?

— Sim. — Char o dispensou com um gesto. — Não era nada. Só trabalho.

— Eles sabem que você está de férias, né?

— Vovó e férias não combinam.

— Nem me fale — grunhiu ele, pegando o caminho para seu café favorito. — Posso falar com seu chefe se você quiser.

O carro mergulhou em silêncio por um tempo.

— Meu chefe? — Char riu. — E você vai fazer o quê? Invadir a sala dele, dizer seu nome algumas vezes e fazer meus problemas desaparecerem?

— Então ele está causando problemas?

— Deixe pra lá, Jake. Você não é meu irmão mais velho, tentando me proteger das crianças malvadas do parquinho.

— Não mesmo, não sou seu irmão. Estava pensando em algo mais na linha super-herói. Como o Super-Homem, chegando para resolver todos os problemas.

Char revirou os olhos e riu. Ele ficou bobo outra vez.

— Então você seria o Super-Homem.

— Isso. — Jake suspirou e estacionou perto do café. — No mínimo, para poder usar calças de lycra muito coladas, de modo que todo o mundo visse que eu não uso camisinhas PP.

Ele devia ter lembrado que o vidro estava aberto.

Uma mulher que passava na rua engasgou.

A criança que estava com ela perguntou:

— Mamãe, o que é uma camisinha?

Jake achou que não seria apropriado responder que era um brinquedo, então apenas sorriu e murmurou um *desculpe* para a mãe enquanto pensava que Deus devia mesmo odiá-lo.

— Acho que você deveria ter explicado. — Char riu, desafivelando o cinto de segurança enquanto estacionavam.

Jake saiu do carro e bateu a porta com força.

— Sim, e então acabaria preso por ter falado a uma criancinha coisas impróprias sobre as partes erradas do corpo humano. Até consigo imaginar a manchete: “Jake Titus mostra as partes íntimas para criancinha em estacionamento.”

— Ora, pare de besteiras! — Char ergueu as mãos. — Você está exagerando. A imprensa não é assim tão ruim.

— Hã, é sim. — Jake abriu a porta do carro para que ela saísse, e o cheiro de café orgânico pairou pelo ar até alcançá-los no estacionamento. — E como é possível que você ainda defenda a imprensa? Sabe tão bem quanto eu que uma história sobre mim ajudando uma criancinha seria distorcida para algo sobre como eu roubei o sorvete dela, ou algo assim.

Char segurou a mão dele e a apertou.

— A imprensa não está contra você.

— Desculpe, mas você assiste ao jornal? — Jake agarrou a mão dela e se recusou a soltar. Na verdade, ele a tomaria como refém para sempre. Muito maduro.

Enfim, entraram no bistrô que vendia café e sanduíches.

— Qual vai ser o pedido? — perguntou a garçonete, olhando-o de cima a baixo e ignorando por completo Char e todos os demais ao redor. Por que de repente ele se sentia tão irritado com mulheres que o comiam com os olhos e ignoravam Char abertamente?

Irritado, Jake mentiu.

— Minha noiva e eu... bem, nós acabamos de pegar a habilitação de casamento. — Ele deu um longo suspiro e fitou os olhos de Char. — E, bem, quero comemorar com a bebida favorita do meu amor. Tem que ser bem doce, como ela. — Nossa, que meloso!

Com uma risadinha, Char se virou para ele e envolveu seu pescoço com os braços, entrando na brincadeira, embora parecesse um pouco tensa. Jake sussurrou “continue” em seu ouvido, e, antes que ele pudesse entender o que estava acontecendo, Char disse:

— Mas, meu bem, só preciso de você.

Ela o beijou.

E de repente... Ah! Podia deixar a mão para lá: ele ia tomar aquela boca como refém. Com um gemido, Jake retribuiu o beijo, deslizando a língua para dentro da boca de Char. Nunca se cansaria de sentir aquele gosto. Desejava tudo nela, inclusive o modo como brincava com os fios de cabelo mais longos na base de sua nuca e o jeito como roçava os dentes nos lábios dele.

— Com licença? — interrompeu a garçonete, em voz alta. — Tem uma fila atrás de vocês, e crianças no recinto. Jesus, arrumem um quarto!

Reunindo uma força que nem sabia que tinha, Jake se afastou e olhou irritado para a garçonete.

— Já temos um quarto, mas obrigado pela sugestão. Dois cafés gelados, por favor. — Sem soltar Char, ele enfiou a mão no bolso e tirou uma nota de vinte. — Pode ficar com o troco.

A garçonete ficou vermelha e murmurou um “obrigada” enquanto Jake puxava Char para longe do balcão, atacando sua boca outra vez.

Char estava tentando dizer alguma coisa, mas ele não ligava.

Droga, se não estivessem em um lugar público, já teria arrancado as roupas dela! Ele se perderia nela, e não apenas uma vez. Não, seria uma maratona de proporções olímpicas. Ele a algemaria à cama, para que Char não pudesse fugir, mesmo que quisesse.

Uau! Nunca tinha pensado que BDSM fosse o estilo dele! Até agora, quando o pensamento de que ela poderia rejeitá-lo e abandoná-lo havia se tornado uma potencial realidade.

— Jake. — Os lábios de Char estavam vermelhos e inchados, por causa do ataque. — Ela não está olhando mais. Foi por isso que fez aquilo, não foi? Já pode parar.

— Está bem — murmurou ele. — Eu já imaginava. — Ele tentou manter a respiração sob controle enquanto ouvia o ar sair por entre aqueles lábios inchados.

— Mas você continuou a me beijar.

— Sim.

— Dois cafés gelados no balcão! — anunciou alguém.

Sem esperar que Char fizesse qualquer outra pergunta, Jake pegou as bebidas. Depois de tomar um gole, Char abriu a boca para

falar, mas seu telefone começou a tocar outra vez.

— Alô, vovó? Sim, estamos com a habilitação. Não, não, nós não... — Soltando um palavrão, Char pôs o telefone na mesa. — Você acha que eles colocariam uma dose de vodca aqui se eu pedisse?

— Será que precisamos procurar ajuda para esse seu problema com bebida?

— Quietos. Vovó precisa que a gente resolva os últimos detalhes para a festa conjunta de despedida de solteiro e solteira.

— Espere aí. — Jake hesitou, com o café a meio caminho da boca. — Conjunta?

— Isso mesmo.

— Por quê? Pensei que Travis fosse me deixar...

— Travis não manda mais nas próprias bolas. — Char tomou um gole do café e mordiscou o canudo. — Acho que podemos concordar que vovó o tem sob controle. E as coisas vão continuar assim até que seu irmão se case.

— Pobre coitado!

— Nem me diga. — Char sacudiu a bebida. — Se eu estivesse me casando, iria para um lugar bem distante. Ou então não contaria a ninguém.

— Um ótimo plano. Só conte a vovó depois que se casar, e não se esqueça de dar a notícia pelo telefone. Assim, quando ela sacar a arma, só vai conseguir atirar na parede.

O sorriso de Char foi como um soco direto na boca do estômago. Ele precisou desviar os olhos.

— Então, para onde precisamos ir agora?

Ajeitando-se na cadeira, Char tomou o restante do café e evitou contato visual.

— Bem, hã... Vovó tinha um chá da tarde planejado, mas cancelou hoje de manhã.

— Por quê?

— Petunia chegou.

— Ah! Tia-avó Petunia! — As lembranças que tinha de tia Petunia eram sempre boas: ela tricotava para ele os cachecóis mais feios do mundo a cada Natal, mas nunca deixava de mandar cartões de

aniversário. Tinha ido a todas as suas formaturas e a alguns dos jogos de beisebol. Era uma pena que vovó e ela se odiassem. — Espere aí! Por que cancelaram o chá da tarde?

Char fez uma cara estranha.

— Bem, parece que vovó planejou algo mais animado para a visita da irmã.

— Quão animado?

Char não respondeu.

Capítulo 38

Jake estava parado no meio do Quarto do Prazer, tentando manter os olhos fixos na mulher que explicava tudo sobre a festa. Seus lábios se mexiam, mas Jake estava com dificuldade em prestar atenção. Qualquer um teria. Droga, ele estava se sentindo extremamente desconfortável!

— Então. — A mulher pegou uma folha de papel. — Só marquem os produtos que gostariam que eu incluísse na apresentação. Vou chegar cedo. Ah! Cobramos uma taxa extra pelas fantasias.

— Fantasias?

A mulher assentiu.

— Mas é claro! Pensei que Nadine tivesse avisado. Os convidados da noiva usarão fantasias. Ela escolheu o tema: couro e renda. Fantástico, não é mesmo?

Ela estourou a bola de chiclete e piscou para Jake.

Consequentemente, ele quase se engasgou com a própria saliva.

— Então, você vai levar as fantasias e nós...

— Vocês vão usá-las. — A mulher sorriu. — Enquanto mostro os produtos, as pessoas vão comer, beber vinho...

— Uísque — corrigiu Jake. — Litros de uísque.

Ela o calou com um gesto.

— Sim, o que você preferir. E então poderão ir para os quartos, caso desejem olhar os itens mais de perto, se é que você me entende. — Ela mordiscou o lábio inferior e apertou o braço de Jake.

— Ótimo — completou Char, ríspida, sentada à direita de Jake. — Faz muito tempo que quero experimentar esse, hã... — ela olhou

para a lista — ...pacote Me Chicoteia.

Jake a encarou, desesperado. Não era possível que ela esperasse que ele mantivesse a expressão serena. Como é que ele iria se concentrar? Couro? Renda? Chicotes? Jake se agarrou à mesa com força e tentou manter a respiração estável.

— Bem, vou deixar vocês decidirem.

— Isso mesmo — concordou Jake, brusco. Estava cerrando os dentes com tanta força, que acabaria travando a mandíbula.

Quando a mulher já não podia mais ouvi-los, Jake suspirou e se apoiou na mesa.

— Tudo bem? — Char deu tapinhas em suas costas.

— Não encoste em mim. — Ele não queria soar como um babaca, mas estava prestes a perder a cabeça.

— Ah... — Maldita Char, que continuava a tocá-lo! — Isso é tensão sexual. Faz muito tempo, amiguinho? Você está um pouco... estressado? — Suas mãos passearam por suas costas e depois por seu pescoço. Ele gemeu.

— Vejo que estão aproveitando a lista! — Eles ouviram a voz da atendente, na sala dos fundos.

Sacudindo-se para tentar se recompor, Jake se afastou de Char.

— Pode escolher. Marque qualquer um. Não me importo.

— Sério? — Char andou devagar em sua direção. Nem mesmo o metal frio do balcão, que cutucava as costas de Jake, foi suficiente para acalmar seu estado de excitação. — Não se importa?

— Não — mentiu. Ah, claro que se importava! Se importava até demais.

— E que tal marcar... — Ela pegou a folha e leu algumas palavras que ele não saberia nem soletrar, quanto mais pronunciar. — Acha que seriam boas escolhas?

— Vovó e Deus estão de sacanagem comigo — retrucou Jake com sinceridade. — É isso que eu acho. E também acho que... — ele se desencostou do balcão e foi andando lentamente na direção de Char enquanto ela recuava — se você não parar de olhar para mim deste jeito, não vou me responsabilizar pelos meus atos.

— Que atos? — Os olhos de Char pareciam suplicantes. Estavam quase implorando que ele a beijasse.

Xingando, ele se virou e interrompeu o contato visual.

— Este, por exemplo.

— Prontos? — A mulher retornou ao aposento.

— Na verdade, não. — Char lhe devolveu a folha. — Será que você poderia escolher por nós? Tenho certeza de que o que decidir estará ótimo.

Dando de ombros, a mulher pegou o papel e lhes entregou um cartão.

— Vou chegar por volta das sete, para ajeitar as coisas. Vejo vocês hoje à noite!

— Hoje à noite? — perguntaram Jake e Char, em uníssono.

A mulher parecia confusa.

— Sim, hoje à noite. Fui informada de que o jantar de ensaio será no sábado, e hoje é sexta. É a única noite disponível para a demonstração.

— E quanto tempo dura? — indagou Jake.

— Ora, querido! Se essa é a sua dúvida, você não deve estar fazendo direito.

Char precisou puxá-lo para fora da loja. *Não estava fazendo direito? Não estava fazendo direito?*

O olhar de Jake parecia indicar que ele estava prestes a bater em alguém.

— Ei, bonito! Fique calmo. — Ela o conduziu para o carro, sentindo cada centímetro daqueles músculos que se contraíam sob seu toque.

— Não estou fazendo direito? — repetiu ele, desta vez em um tom mais suave, como se de fato estivesse tentando entender o que vinha fazendo de errado esse tempo todo. — Char? — Ele olhou para cima. Ah, não. Não mesmo.

— Hum? — Ela brincou com o próprio cabelo e desviou o olhar.

— Eu fiz?

— Fez o quê?

Ele ficou em silêncio.

Então praguejou por alguns segundos.

— Você sabe o que eu estou perguntando.

— Não sei, não.

— Sabe, sim.

— Não, acho que...

— Char. — Jake deu a volta no carro e se aproximou dela. Ela devia ter descartado as preocupações dele com algumas risadas, afastando-se em seguida. O melhor teria sido mentir, mas ela não conseguia, não enquanto sentia o toque dele. Nem sob o efeito daquele rosto perfeitamente esculpido tão perto do seu. — Responda.

Com o coração batendo forte contra o peito, Char engoliu em seco e respondeu:

— Talvez eu precise que você me ajude a lembrar, já que minha memória está um pouco confusa...

Ele abriu um sorriso.

— É mesmo?

— É.

— Acho que isso não seria muito difícil. — Ele passou as mãos pela lateral do corpo de Char.

E aí o celular dela tocou outra vez.

Era do trabalho.

Droga. Jake deu um passo para trás enquanto ela apertava o botão de ignorar chamada.

— Tem alguma coisa errada? — Ele ergueu as sobrancelhas, preocupado.

— Não. Na verdade, está tudo muito bem. — Ela se ergueu na ponta dos pés e o beijou com vontade.

Soltando um gemido, ele segurou Char com as duas mãos e usou seu corpo para empurrá-la contra o carro.

— O que a gente está fazendo? — sussurrou Jake, junto a seus lábios.

— Nos beijando.

Ele mergulhou a língua na boca de Char. O beijo e o gosto dele eram indescritíveis. O calor se espalhou pelo corpo dela, e todos os seus nervos estavam à flor da pele, de modo que cada toque da língua dele lhe provocava calafrios. E, mesmo quando ele a tocava de leve, ela quase se derretia.

Tudo o que ele fazia parecia marcá-la. Se aquilo era um beijo, nenhum outro se comparava.

Jake se afastou.

— Você tem certeza de que quer isso?

Ele parecia vulnerável de uma forma como Char jamais tinha visto. Os olhos de Jake estavam cheios de carência, mas tinha algo mais... Desejo e insegurança. Durante toda a vida ela quisera ser seu porto seguro. Sempre desejara o melhor dos dois mundos — amigos e amantes — e agora sentia que talvez pudesse tê-lo.

— Tenho certeza.

O telefone tocou outra vez.

Jake soltou um palavrão.

— Sério, vou jogar seu celular no rio.

Ela espiou o visor e suspirou.

— É vovó. Ou a gente atende ou sofreremos as consequências.

Jake pegou o telefone das mãos de Char e atendeu, colocando no aparelho de viva voz.

— É bom que seja importante. — Os olhos de Jake ficaram mais escuros enquanto ele umedecia os lábios.

— Estou morrendo! — uivou vovó, do outro lado da linha.

— Você está em casa? Onde você está? — gritou Jake.

— Em casa! Venha logo!

— Merda! — Ele destravou as portas do carro e eles entraram depressa.

Em pânico, Char só conseguia agarrar o assento enquanto Jake dirigia, torcendo para que vovó ficasse bem. Ela possuía o pior *timing* do mundo!

Capítulo 39

Jake parou o BMW na frente da casa, e, sem nem desligar o motor, saiu em disparada para a porta da frente.

— Vovó!

— Jake! — Ela saiu correndo pela porta de entrada, segurando a bolsa. — Me leve para o hospital!

Ele parou. Ela parecia muitíssimo bem. Na verdade, estava com um belo macacão branco e os enormes óculos de sol pretos. Ela passou depressa por ele e abriu a porta traseira do carro.

— Oi, Char. — Vovó bateu a porta atrás de si.

E então Jake viu a fonte do problema da avó sair pela porta da casa a passos firmes atrás dela.

Petunia.

Pela expressão tensa no rosto da mulher, ele percebeu que não tinha sido um encontro agradável. Petunia vestia um cardigã rosa e exageradamente grande por cima de uma blusa de gola rulê, embora fosse verão. Por baixo da saia jeans comprida, meia-calça cor da pele. Sapatos ortopédicos completavam o visual.

— Ah, Jake! — Petunia deu uma risadinha. — Senti falta do meu garotão!

Ele deu um abraço apertado na tia-avó.

— Tia Petunia, você ainda parece ter 50 anos!

— Ora, seu bobo! — Ela dispensou o elogio com um gesto.

O cabelo branco estava preso em um coque no topo da cabeça e os óculos grandes demais escorregavam pelo nariz. Ela os endireitou e botou as mãos nos quadris.

— Ela não está morrendo, aliás.

— É, eu percebi. — Jake olhou para o carro, onde vovó acabara de passar batom e agora apertava os lábios.

— Ela só não tinha um carro. — Petunia olhou além do sobrinho-neto. — O restante do pessoal saiu para resolver coisas do casamento e eu e Nadine ficamos sozinhas.

— Preciso limpar alguma mancha de sangue? — Jake olhou para a casa. — Pratos quebrados? Alguma coisa?

— É claro que não. — Petunia fungou com desdém. — Eu estava apenas tendo uma boa conversa com Nadine sobre essa roupa escandalosa.

— Mas ela está de branco. — Jake coçou a cabeça, confuso. — Você não gosta de branco?

— Não é por causa da cor, querido — explicou a senhora. — Aquela mulher está usando sapatos de salto vermelhos com spikes. E, quando ela me mostrou os saltos, sabe o que vi?

— O quê?

— Uma tatuagem! — uivou Petunia, fazendo o sinal da cruz e agarrando o terço.

— Deve ser falsa — mentiu Jake. Vovó provavelmente fez a tatuagem só para irritá-la.

— Não é! Eu perguntei! — Petunia voltou com o terço para dentro da blusa e suspirou. — Eu só não quero que ela vá para o inferno. É pedir muito?

— Ninguém vai para o inferno por causa de uma tatuagem.

— Você tem razão. — Petunia se endireitou. — As pessoas vão para o inferno porque Deus as manda para lá, e, assim que Ele vê tatuagens, elas perdem a chance do céu! — Bufando, ela se virou e voltou para a casa.

Mulheres. Esfregando a nuca, Jake foi até o carro e bateu na janela. Vovó a baixou, mas se recusou a fazer contato visual. Apenas fez biquinho e olhou para a frente.

— Bem, estou esperando. — Ela umedeceu os lábios. — Pode começar o sermão.

— Vovó, não vou fazer um sermão — respondeu Jake, perplexo. — Mas por que é que você não tenta se dar bem com ela?

— Eu estou de branco! — Ela apontou para a casa. — E aquela mulher disse que eu era uma abominação!

— É. Você devia ter escondido a tatuagem.

— O sr. Casbon me deu esta tatuagem de presente no Havaí, no inverno passado. Não se pode recusar um presente!

— O sr. Casbon? — perguntou Char, no banco da frente.

— Nosso vizinho — grunhiu Jake. — Melhor não perguntar.

— Ele agora usa andador — acrescentou vovó. — Está difícil se locomover, mas ele ficou muito mais criativo. — Ela deu uma risadinha. — Você vai conhecê-lo no casamento.

— Estou ansiosa. — Char abriu um sorriso.

— Está bem. — Jake abriu a porta do carro. — Deixe eu ver.

— Não tenho a menor ideia do que você está falando.

— Levante a perna da calça. Me deixe ver essa tatuagem. — Ele apontou para a perna da avó. — Se não deixar, vou anunciar no semanário da igreja.

Vovó engasgou.

— Você não faria isso!

— Ah, tenho certeza de que faria — respondeu Char. — Pode acreditar, vocês são farinha do mesmo saco.

Vovó sorriu.

— Este é o meu garoto.

— Mostre. — Jake ergueu uma das mãos, ignorando o elogio.

— Está bem. — Vovó levantou a perna da calça. A tatuagem era bem colorida. Na verdade, seria até muito bonita se a havaiana de roupas tradicionais não estivesse quase pelada.

Quando Char engasgou, vovó respondeu:

— É um clássico! Ora, um monte de gente usava durante a guerra!

— Sendo guerra ou não, ainda assim ela está nua — retrucou Jake.

— Está sem blusa. — Vovó deu de ombros. — Não pelada. Não é como se eu tivesse feito também uma...

— E chega de papo — interrompeu Jake. — O que vamos fazer? Eu e Char temos que planejar essa festa que você decidiu fazer de última hora, e você não quer nem chegar perto da tia Petunia.

Com um suspiro dramático, vovó saiu do carro.

— Está bem, vou me comportar. Só faça aquela... aquela mulher ficar *longe* de mim.

— Vovó — Jake beijou a mão dela —, sabia que chegaríamos a um acordo.

— Seu safado! — Ela piscou. — Você sempre foi meu favorito.

— Que engraçado, eu a ouvi dizer a mesma coisa ao Travis não faz muito tempo.

Ela o dispensou com um gesto.

— Sim, sim. Mas agora ele está na minha lista negra.

Char, que estava atrás dos dois, caiu na gargalhada.

Vovó olhou para ela por trás de Jake.

— Sei que parece drama, mas é verdade. Ele andou escapulindo do quarto! Muito mal, na verdade. Aquele rapazinho vai me agradecer depois da noite de casamento. Isso é, se não morrer primeiro. Mas, se isso acontecer, vai morrer puro, não um pecador.

— Acho que ele e Kacey já...

— Shhh, tudo bem. Vou procurar um pouco de vodca. Vou precisar de algo bem forte se vou ter que respirar o mesmo ar que Petunia, a beata.

Char saiu do carro e foi atrás deles.

— Vovó, são dez da manhã.

— Minha querida... — Vovó se virou e olhou para Char. — Quando você tiver 86 anos e já tiver vivido uma vida longa e feliz, a última coisa em que prestará atenção será na hora. E daí que são dez da manhã? Em algum lugar já são cinco da tarde! — Com isso, ela foi embora a passos firmes.

— Hum — murmurou Char.

— Que foi? — Jake passou o braço pelo dela.

— Estou tentando descobrir o que me deixa mais preocupada.

— Hã? — Jake parou de andar.

— Se é vovó ouvir Jimmy Buffett ou o fato de estar bebendo nove horas antes da Festa do Prazer.

— Talvez ela se fantasie de abajur — concordou Jake. — Mas você a ouviu, e a palavra dela é lei.

— Então ter 86 anos talvez não seja tão ruim. — Char riu.

— Se você viver de acordo com as regras dela... — Jake apontou para a cozinha, onde vovó se servia de uma bebida — ... tenho certeza de que não será.

Capítulo 40

— Abra a porta, Char. Não deve estar assim tão ruim... — Jake bateu na porta pela décima vez e esperou. Do outro lado, ela soltou um palavrão. — Char? Estou esperando. Somos os anfitriões dessa Festa do Prazer.

— Não fale assim — ela pediu, do outro lado da porta.

— Quer que eu fale como?

Reclamando, ela abriu.

— Não ria.

Rir? Ela estava maluca? Parecia uma versão mais gostosa da Britney Spears — de antes de ficar louca. O cabelo castanho-avermelhado comprido estava alisado, pendendo abaixo dos seios. Ela usava um chapéu de couro que combinava com o vestido curto de couro. Char botou as mãos nos quadris, e Jake viu que ela usava luvas de renda.

— Entre no banheiro — grunhiu ele.

Char arregalou os olhos, recuando.

Jake fechou a porta com um chute, e sua boca encontrou a dela. Ele a pôs sentada na bancada, e Char passou as pernas em volta da cintura dele.

— Nossa, você ficou muito gostosa! — Jake beijou o pescoço de Char, que inclinou a cabeça para trás e suspirou enquanto apertava as costas dele.

— Está na hora! — gritou alguém, batendo à porta.

— Não está, não — retrucou Jake, sem tirar os lábios do pescoço de Char.

— Ah, está sim. — A porta foi escancarada, revelando a atendente da loja. — Testando alguns produtos, é? As fantasias são sempre um sucesso.

Jake se afastou de Char e praguejou, limpando a boca com as costas da mão.

— Agora é a sua vez. — A mulher entregou uma roupa a Jake. — Todos estão prontos, só falta você.

— Está bem. — Ele pegou a roupa. — Obrigado por lembrar.

Ela ficou lá, esperando Char sair, para só então fechar a porta.

A roupa de Char tinha saído direto de suas fantasias mais loucas, então a dele não podia ser tão ruim, certo?

— Você viu Jake? — perguntou Jace, sentando-se ao lado de Char. — Tenho algumas perguntas sobre o brinde que ele irá fazer. Acho que também quero fazer alguma coisa amanhã. Isto é, se ele deixar de ser orgulhoso e falar comigo.

Char respondeu com um sorriso educado.

— Não o vi ainda, mas tenho certeza de que ele não vai ligar.

— Ele não vale a pena, sabe? — comentou Jace, tão baixo que apenas Char podia ouvi-lo.

— Desculpe, não entendi. — Char tomou um gole de vinho e sorriu enquanto alguns amigos entravam na enorme sala de estar.

— Jake. — Jace se sentou ao lado dela, no sofá. — Ele é um conquistador. É bom no que faz, mas não gosta de compromissos. Você já devia saber. — O homem suspirou. — As coisas com ele... os relacionamentos com esse tipo de homem... sempre vão ser difíceis de administrar. E, no fim, tem 50 por cento de chance de que você acabe com o coração partido.

— Obrigada pela preocupação.

— É egoísmo da minha parte, puro egoísmo. Você é linda. Só a conheço há alguns dias, mas adoraria levá-la para sair.

— Hã, bem, eu e Jake, nós estamos...

— Senhoras e senhores, o padrinho se ofereceu para apresentar uma dança para a gente!

Se ofereceu o caramba, pensou Char. Deve ter sido coagido — ou drogado.

As luzes diminuíram e um holofote foi aceso no saguão. A música “Save a Horse (Ride a Cowboy)”, da dupla country norte-americana Big & Rich, começou a tocar no volume máximo.

Jake apareceu sem camisa, com uma calça de couro de caubói e cuecas justas por baixo. E ainda não tinha acabado: ele também usava uma gravata de renda e um chapéu preto de caubói.

E... Nossa! Ele parecia uma delícia!

Era óbvio que a atendente tinha passado alguma coisa no corpo dele, porque o peito brilhava — devia ser alguma espécie de óleo. Char ficou boquiaberta quando seus olhos se encontraram. Com passos seguros, ele caminhou até ela.

Enquanto Jake cruzava o aposento, os convidados foram colocando dólares na calça dele.

Parando na frente de Char, Jake se abaixou e montou em seu colo. *Meu Deus! Meu Deus!* Ela olhou ao redor, em busca de ajuda. Ele ia mesmo fazer alguma espécie de *lap dance* caubói? Como no filme *Magic Mike*? Na frente de todos os convidados do casamento? E da vovó?

Ele começou a dançar em torno dela. Disse um *desculpe* com os lábios quando deu uma cotovelada na cara de Jace, durante um giro.

Channing Tatum, aquele ator e modelo, não chegava nem aos pés de Jake. Ela ia acabar enfartando.

Na hora do refrão, todos cantaram juntos. *Save a horse, ride a cowboy.*

Jake cumprimentou Char com o chapéu e saiu de seu colo. Se dependesse dela, ele passaria a noite toda lá.

Ele andou pela sala igual a uma pantera. Os cabelos castanho-claros caíam sobre o rosto, um pouco ondulados. Char não sabia se era suor ou o óleo que fazia o cabelo dele ondular. Mas não tinha imaginado que, fossem ondas naturais ou só o calor, ela seria capaz de jogar vovó na frente de um ônibus apenas para poder deslizar as mãos por aquele cabelo.

Algumas outras garotas gritaram o nome dele. Ele desviou a atenção para o grupo e foi dançar no meio delas.

— Como eu disse... — Jace pigarreou ao lado dela. — Uma vez conquistador barato, sempre conquistador barato. Acha mesmo que ele vai abrir mão desse estilo de vida? — *Por você?* Essa parte não foi dita em voz alta, mas Char recebeu as palavras como um soco no peito. A música parou e todos aplaudiram. Char olhou para o colo e brincou com a borda da taça.

— Agora deem as boas-vindas ao noivo e à noiva, e a uma convidada especial!

Travis, parecendo muito infeliz, entrou na sala. Ele era enorme, só músculos e força bruta. Usava uma fantasia de homem das cavernas de couro. Coitado! Não teve muita sorte com a escolha de fantasias.

Kacey estava usando uma saia curta de couro branca e uma blusa de renda também branca. Parecia pronta para a festa.

Atrás deles, vinha vovó.

Em uma fantasia sexy de gato, que não teria sido tão chocante se ela não tivesse pintado bigodes no rosto. Mas se havia alguém que conseguia ficar bem naquelas roupas, esse alguém era vovó.

— Vamos começar a festa! — gritou ela.

Começou a tocar música eletrônica. Kacey bebericava seu vinho. As pessoas conversavam e riam pela sala, mas Char se sentia completamente só.

Como se alguém lhe tivesse tirado toda a vontade de seguir em frente.

Não tinha conseguido esconder o celular no vestido, então ela se tornara, oficialmente, a garota sozinha que estava encarando a mesa na festa da qual ela deveria ser a anfitriã, com Jake.

Jace se inclinou à sua esquerda.

— Quer que eu busque mais vinho?

Ela faria qualquer coisa para se livrar dele e daquela sua atitude condescendente.

— Sim, obrigada.

Char lhe entregou a taça e ficou observando Jake, que continuava a conversar e a flertar com algumas amigas em comum que ela não encontrava havia algum tempo. Eram as outras madrinhas. Tecnicamente, ela deveria fazer as apresentações e agir de forma madura, mas só queria se lamentar.

— Char! — chamou Jake, do outro lado da sala, gesticulando para que ela se aproximasse. Tentando não fazer cara feia, ela se levantou do sofá e sentiu as bochechas corarem quando as garotas a olharam de cima a baixo. Avaliando a competição.

Quando se aproximou, Jake passou o braço pelos ombros dela, mantendo-a presa.

— Essa é Char. Acho que algumas de vocês estudaram juntas.

— Sério? — perguntou Char, que não reconhecera nenhum rosto.

— Sim. — Jake apertou seu ombro. — Sério? Não se lembra de Britney?

— Argh.

Uma garota alta e loira com boca larga e olhos castanhos estendeu a mão.

— É tão bom rever você, Char! — Nota mental: Britney era legal e tinha um sorriso bastante gentil.

— E Lillian. — Jake apontou para uma asiática com mechas azuis no cabelo. Char nunca a vira antes, mas apertou a mão da mulher mesmo assim.

— Acho que você se lembra de mim — disse a garota seguinte, em um tom um pouco venenoso. Era da altura de Char, mas com mais curvas, mais ou menos como uma das irmãs da família Kardashian. — Sou Amy...

— Stevens. — Char engasgou. Pelo visto a punição divina havia terminado com Jake, e agora era a vez dela. Maravilha! Quais eram as chances de algo como aquilo acontecer? A mesma garota com quem foram ao acampamento? E por que Kacey a tinha convidado para ser madrinha? Aquilo estava mesmo acontecendo?

Para ser sincera, Kacey nunca soubera por que Char odiava Amy. Char sentia muita vergonha de sua antiga obsessão por Jake, então nunca quis explicar. Amy mantivera contato com Kacey, era o que ela sabia. Tecnicamente, Char era a culpada. Estivera tão focada no trabalho, que, quando Kacey enviara os detalhes sobre as madrinhas, praticamente ignorara a amiga e concordara sem nem ao menos ler. Argh! Estava arrependida de não ter lido aqueles e-mails com atenção. Como tinha deixado passar o nome de Amy?

— É muito bom ver você de novo, Char. — O sorriso de Amy não chegou aos olhos, e, depois de um silêncio desconfortável, ela tocou de leve o braço de Jake. — Conte como está a sua vida, vou adorar saber das novidades. Não nos vemos há séculos. — E, simples assim, Char foi deixada de lado. Jake olhou para ela, com um sorriso pateticamente gentil, o que só piorou as coisas.

Se ele se comportava como um babaca, ela ao menos podia ficar irritada com ele.

Mas se ele agia de forma legal ou parecia estar com pena dela era uma droga. De verdade.

— Aqui está seu vinho. — Jace surgiu ao seu lado. — Olá, cirurgia plástica! — Ele sacudiu a cabeça e olhou para Amy e Jake.

Char reclamou baixo e pegou a taça das mãos de Jace.

— Tudo bem? — perguntou ele.

Char suspirou e olhou para Jace. Por que não podia gostar dele? Talvez, se fechasse os olhos, pudesse imaginar que estava tocando e beijando Jake, não Jace.

Será que todos os homens seriam ruins, em comparação com Jake? Será que passaria a vida inteira comparando qualquer um com ele, para início de conversa?

— Atenção! Peço a atenção de todos! Vão para os seus lugares! — A atendente se dirigiu ao meio da sala e começou a tirar alguns objetos de várias caixas e a colocá-los em uma mesa coberta com um veludo preto.

Char não era puritana, mas ficou chocada. Sem saber o que fazer, olhou para Jake, que ainda estava imerso na conversa. Kacey ria, Travis olhava para a noiva, desejoso, e vovó...

Ah, que ótimo! Vovó estava arrastando Petunia para ver o show.

Seria uma briga de proporções épicas.

Char se encolheu quando as luzes se apagaram.

A mesa começou a brilhar.

Droga.

— Bem. — A atendente bateu palmas. — Eu me chamo Lola. Vou ser sua consultora do prazer nesta noite.

Jace engasgou ao seu lado. Char deu tapas em suas costas e ele soltou um "obrigado".

— Para dar um clima mais íntimo à festa, coloquei vários produtos espalhados pelos quartos. E trouxe também lingerie maravilhosas da nossa linha romântica. Perfeita para a noiva!

— Eba! — gritou Travis.

Risadas nervosas se espalharam pelo ambiente.

— Agora... — Lola passou a apresentar os itens, começando por um dos cantos da mesa.

Meia hora de apresentação depois, Char ficou grata pelo fato de as luzes estarem apagadas. Devia estar com o rosto vermelho como tomate.

Depois que o último produto foi exibido, Jace sussurrou ao seu lado:

— Será que sou menos homem por admitir que não sabia de metade do que ela estava falando?

— Não, você é apenas uma pessoa normal — respondeu Char.

— Que bom, porque comecei a ficar preocupado já no primeiro quarto da apresentação.

Rindo, Char deu tapinhas no braço de Jace bem na hora em que o olhar de Jake — que tinha ido para o outro lado da sala — pousava nela. Ele sacudiu a cabeça, apertou os lábios em uma linha fina e deixou a sala.

— Alguma dúvida? — indagou Lola. As luzes se acenderam.

Vovó se balançava no meio do aposento, segurando uma taça de vinho. Petunia parecia ter perdido as forças. Ou isso ou estava morta. Não dava para saber. Ela estava de olhos fechados, jogada no sofá com a boca aberta.

— Você a matou. — Char apontou para Petunia.

— Eu a droguei — corrigiu vovó. — Petunia não parava de reclamar da festa, então misturei Benadryl ao suco dela.

— Vovó! — gritou Char. — Isso é perigoso!

Vovó tomou um gole longo de vinho.

— Já saí com um farmacêutico.

— O que não faz de você uma farmacêutica.

— Ah, isso é um detalhe!

Apertando o ponto entre os olhos, Char decidiu não entrar na briga.

— Tudo bem, querida? — Vovó franziu a testa, preocupada.
— Dor de cabeça. — Ou dor no coração, era tudo parecido.
— Tem aspirina no meu quarto, no final do corredor. Pegue uma lá. Estão no criado-mudo, ao lado do Benadryl. Mas lembre que tem de pegar a pílula branca, não a rosa. A rosa a deixaria doidona, depois de todo esse vinho.

Assentindo, Char atravessou o corredor para pegar o remédio. O quarto de vovó ficava no térreo, porque ela odiava subir escadas. Kacey contara que, no ano anterior, vovó quisera ocupar um quarto de cima, porque assistira ao filme *Up — Altas Aventuras* e pensara que seria legal ter uma daquelas cadeiras que se prendem às escadas para descer.

Ideia vetada.

Suspirando, ela abriu a porta e deu de cara com Jake e Amy agarrados. Os braços de Amy estavam apertados ao redor do pescoço de Jake, e ela usava apenas a lingerie barata da festa.

Jake a empurrou e então viu Char.

— Pode sair? — disparou Amy, para Char. — Estamos um pouco ocupados.

— Char, espere! — gritou Jake. Mas ela, mesmo com os saltos plataforma, já tinha saído correndo pelo corredor, e porta afora.

Capítulo 41

— Mas que merda, Amy! — gritou Jake. — Qual é o seu problema? Eu falei que não estava interessado.

— Você parecia interessado. — Ela ergueu uma sobrancelha e tentou se aproximar outra vez.

Jake levantou as mãos para impedi-la.

— Sério, não estou interessado. Nem agora, nem nunca.

— Mas caras como você...

— Caras como eu, o quê? — desdenhou Jake. — Termine o que você ia dizer.

Ela umedeceu os lábios e cruzou os braços.

— Não dizem não.

Jake assentiu.

— Você está certa.

Amy abriu um sorriso malicioso ao se aproximar.

— Talvez eu não seja mais esse cara. — Ele saiu do quarto e foi procurar Char.

Uma hora depois, ainda não a tinha encontrado e não pudera se desculpar. O único motivo de estar naquele maldito quarto fora que Amy tinha bebido tanto que ele não queria que ela arruinasse a festa, ao fazer alguma loucura. Ele a vira tomar algumas pílulas antes da última taça de vinho.

Murmurando outro palavrão, Jake subiu as escadas para tirar um pouco do óleo do corpo e vestir roupas que não o fizessem parecer um prostituto barato. Era engraçado como, apenas alguns meses

antes, ele não teria se incomodado em se vestir daquele jeito. Mas agora só se sentia sujo, usado, nojento.

Pegou uma toalha úmida e começou a limpar o corpo, quando um celular começou a tocar. Ele olhou para o criado-mudo. Era o de Char, e a mensagem na tela mostrou que era uma ligação de trabalho.

Ela estava ignorando o celular o fim de semana inteiro, então ele achou melhor ignorá-lo também.

Mas, dez minutos depois, e mais duas ligações perdidas, ele perdeu a paciência.

— Alô? — disparou, no instante em que o aparelho começou a tocar pela terceira vez.

— Quem é que está falando? — gritou um homem.

— Jake Titus. Por quê? Quem fala?

— Mike Cromwell. Sou o chefe da sua namoradinha.

Jake não teve forças para dizer que *realmente* não estava saindo com Char, e que ela provavelmente estava planejando matá-lo durante o sono.

— O que posso fazer por você, Mike?

— Pode dizer a Char que ela tem exatas seis horas para me mandar uma reportagem, ou estará demitida.

— Uma reportagem? — repetiu Jake. — Qualquer uma?

— Não, seu idiota! — Mike soltou um palavrão. — Sobre o casamento. Ela deveria estar cobrindo o casamento.

— Mas...

O telefone ficou mudo.

Atordoadado, Jake se sentou na cama, ainda com o celular nas mãos. Então tudo aquilo era por causa de uma reportagem? Ela estava sendo legal para conseguir algo dele?

Assim como todas as outras garotas do mundo.

Char queria algo dele, mas Jake começou se perguntar se o que ela queria era outra coisa, e não o que ele estava disposto a dar. Ela só queria seu corpo, talvez? Algo se quebrou dentro dele. Talvez ela tivesse passado dos limites, mas ele estava furioso. Não, estava mais que furioso. Como ela podia fazer uma coisa dessas com ele? Depois de tudo o que ele dissera? De tudo o que tinham dividido? Para

Char, ele era apenas um sorriso e uma reportagem. Mas e para ele? Char era o mundo.

Todos os rostos sem nome, todas as conquistas passadas, voltaram à mente de Jake. Todas as mulheres, todo o sexo, todas as festas... Cada uma delas quisera algo dele — dinheiro, status ou sexo. E Char? Ela acabou sendo a pior de todas, porque tinha fingido ser sua amiga. Tinha se inserido tão profundamente na vida dele que a ideia de expulsá-la agora era repulsiva a ponto de ele quase passar mal. Então era assim que se sentia uma pessoa traída. Parecia que tinham enfiado facas em suas costas e em seu peito, e ele experimentava uma perda de controle absoluta de todas as emoções. Certo. Bem, ele odiava esta sensação. Odiava o fato de ser Char a pessoa que estava fazendo com que ele se sentisse assim. Nunca tinha esperado muito das outras mulheres, porque sabia a que se resumiam aqueles relacionamentos. Elas queriam algo dele e ele queria algo delas. Todas as partes saíam ganhando. Mas desta vez? Ele se sentia vazio, como se tivesse acabado de oferecer a Char tudo o que tinha, na esperança de que ela lhe desse ao menos um abraço e dissesse obrigada — e não de que o atropelasse com um caminhão e fugisse.

Odiava colocá-la na mesma lista das outras mulheres. Odiava permitir que o nome dela se juntasse aos outros. Mas...

Ela acabou se revelando igualzinha às *outras*.

Jake foi tomado por uma onda de náusea ao pôr o celular de volta no lugar. Com as mãos trêmulas, passou os dedos no cabelo. Char só quisera mais um pedaço da piada que era Jake Titus.

O que significava apenas uma coisa: ele estava prestes a se arriscar em nome do comprometimento, e sem certeza alguma de que sairia ileso.

Bem, se era uma história que ela queria, então iria conseguir. Não deixaria que Char o culpasse por perder o emprego.

Uma hora depois, Char voltou para o quarto. Estava com as bochechas coradas e o cabelo bagunçado pelo vento.

— Onde você estava? — perguntou Jake. Char revirou os olhos e tentou sair, mas Jake a segurou pelo braço e a puxou para o quarto. — Eu estava preocupado.

— Ah, me poupe! Você parecia bastante preocupado nos braços de Amy.

Jake murmurou um palavrão e se afastou dela.

— Eu não a queria antes e não a quero agora. Mas, também neste caso, confiar na minha palavra significa confiar em mim como pessoa. E também significa que tenho que confiar em você. E eu não confio.

Char jogou a bolsa no chão e voou para cima dele.

— Como você se atreve, eu não fiz nada para...

Ele ergueu o celular.

— Mike ligou.

— Você é um babaca! — Char arrancou o telefone das mãos dele.

— Atendeu meu celular? Isso é pessoal!

— Você tem sorte de eu ser bonzinho.

Ela bufou com desdém.

— Então faça as perguntas.

— O quê? — Char olhou as mensagens. — O que você quer que eu pergunte?

— Sobre o casamento. Você sabe, os detalhes, que serviços foram contratados, que celebridades foram convidadas... Os detalhes sórdidos. Pode me entrevistar.

Char pareceu desapontada ao encarar os olhos frios e indiferentes do homem à sua frente.

— Jake, eu não ia fazer a reportagem.

— Eu não ligo. — Ele ligava, mas não queria que ela soubesse disso, porque só o faria parecer patético. — Pode perguntar. — Ele jogou um pedaço de papel e uma caneta na mesa. — Vamos lá, quer ser demitida?

— Não, mas...

— Estou furioso — disse Jake, sendo sincero. — Mas você não vai perder o emprego por minha causa.

— Nossa, mas você é mesmo um santo! — Char bufou. — Não me acha melhor do que isso, Jake? Acha mesmo que eu trairia meus amigos para me dar bem? Não sou como você!

— Você está sendo escrota.

— E você é um babaca, por me considerar tão baixa — gritou ela.

— Bem, você é uma péssima amiga. — As narinas de Jake se dilataram quando ele ergueu a voz. — Pensei que você fosse diferente. É por isso que eu...

— Jake — chamou a voz de Travis, abafada, do outro lado da porta. — A festa está acabando, cara. Você já pagou à mulher maluca com os brinquedos eróticos?

— Tem tanta coisa errada nessa frase... — Jake revirou os olhos. — Estou indo. — Ele andou até a porta. — E você... — ele apontou para Char — ... não diga nem uma palavra a Kacey e Travis. Nem mesmo que considerou aceitar a oferta do seu chefe. Partiria os corações deles, e os dois já têm muito com o que lidar agora. Vou lhe dar uma maldita história. Vou correr pelado na rua se for preciso. Só deixe os dois em paz.

Enojado, Jake atravessou a porta enquanto se perguntava se seu coração algum dia conseguiria confiar em outra pessoa.

Capítulo 42

Char ficou encarando a porta fechada, atônita. O que tinha acabado de acontecer? Jake havia mesmo acabado de lhe dar conselhos sobre como ser uma boa amiga? Depois de a iludir e levar Amy para um quarto, para que eles se pegassem? Aquele cara não fazia o menor sentido! E ainda tinha tido a audácia de dizer que o que Char supostamente estava fazendo era algo baixo? Ela nem ia fazer as entrevistas! Tinha decidido sacrificar o emprego — um emprego do qual ela por acaso precisava para sobreviver — porque não queria trair os amigos.

O imbecil não tinha nem mesmo lhe dado a chance de se explicar! Mais uma vez, a atitude arrogante de sabe-tudo de Jake tinha vindo à tona, deixando-a confusa e de coração partido. Char o vira beijando com vontade sua inimiga número um, e Jake é que lhe dava um sermão, como se fosse ela quem tivesse partido o seu coração!

Como sempre tivera dinheiro, Jake nunca entenderia a hesitação entre fazer e não fazer a reportagem. Ele não percebia como coisas básicas — ter dinheiro para pagar o aluguel, comer, não decepcionar os pais mais uma vez! — podiam ser tentadoras.

Com um gemido, ela se jogou na cama e xingou Jake Titus de todos os nomes possíveis. Aquilo estava virando um hábito. Talvez, se o xingasse o suficiente, seu coração parasse de doer. Tão perto, mas tão longe.

Jake quase não dirigiu a palavra a Char durante o sábado. Na verdade, só se falaram quando ele pediu para usar o fio dental,

naquela manhã. Ela o balançou na frente dele, esperando que Jake fizesse alguma piada.

Em vez disso, ele o pegou, passou nos dentes e saiu do quarto.

E, para piorar as coisas, Char tinha acabado de ser demitida.

O prazo chegara ao fim. Era possível que sua carreira de repórter estivesse arruinada.

Char olhou o relógio de pulso. Já eram cinco da tarde, e Kacey e Travis ainda não tinham voltado da cidade. Os dois haviam saído para resolver algum problema de última hora.

Ela tentou ligar para o celular de Kacey outra vez, mas ninguém atendeu.

Todos estavam ficando inquietos. Char começou a andar de um lado para outro em frente ao terraço. Meia hora depois, vovó atravessou a porta.

— Eles não vão conseguir chegar a tempo para o ensaio — avisou. — Os pneus furaram.

— Pneus? Furou mais de um? — perguntou Jake, levantando-se do banco de madeira.

— Infelizmente, sim. Parece que alguém os cortou.

Petunia sacudiu a cabeça.

— Portland está cheia de gângsteres. Deve ter sido um desses marginais.

— É. — Jake deu um sorriso sarcástico. — Porque conhecemos muitos gângsteres que querem acabar conosco.

Petunia enrijeceu.

— Vamos ter que continuar sem eles. — Vovó esfregou as mãos. — Char, você é a dama de honra. Vai substituir Kacey. Jake, como padrinho, você fica no lugar de Travis.

Char sentiu o estômago revirar. Deus era mesmo cruel. O único cara por quem ela se apaixonara desde a escola ocupava o lugar do noivo, só que não de verdade. Outra vez tão perto. Sentiu um aperto no coração ao encará-lo, porque sabia que aquilo nunca aconteceria de verdade. Era alguma piada horrível do Universo. Ela seguraria a mão de Jake. Ele fingiria colocar um anel na dela.

E, depois, ele iria embora.

Char se sobressaltou quando vovó apitou.

— Ordem, pessoal!

— A gente não está em um tribunal! — resmungou Jake.

— Preciso de ordem! — Vovó apitou outra vez, e agora bem no ouvido do pastor. O homem fez uma careta de dor e desviou o olhar. Pobre coitado! — Agora, as meninas se espalham pelo gazebo. Perfeito. — Ela apontou para os homens. — E vocês, fiquem alinhados do outro lado. Ah, ficou ótimo!

Estava horrível, mas ninguém pediu a opinião de Char, então ela ficou quieta. Por outro lado, podia ser apenas por causa de seu péssimo humor.

— Pastor. — Vovó ergueu uma das mãos, em vez de apitar, graças a Deus!

— Sim, Nadine?

— Pode, por favor, realizar a cerimônia inteira? Quero ter certeza de que os microfones estão funcionando e que conseguiremos ouvir o noivo e a noiva.

— Mas é claro. — O pastor sorriu e estendeu a mão para Jake. — Sou Jim.

Jake apertou a mão dele.

O pastor Jim se virou para Char.

— E você deve ser a dama de honra.

Ela sorriu para ele, tensa, enquanto devolvia o aperto de mão.

— Fiquem parados aí, os dois. — Ele os empurrou, aproximando-os.

Char quase bateu no peitoral musculoso de Jake. Os olhos dele estavam distantes, como se tentasse mantê-la fora do mundo dele. Ela quase podia ver o abdome definido através de sua blusa preta justa. Baixou os olhos, o que não adiantou muito, porque então passou a fitar os jeans rasgados caros e as botas Mark Nason, que deviam custar mais que o carro dela.

— Queridos presentes — começou Jim, e em seguida recitou as boas-vindas e a oração. — Agora, vamos aos votos. Deem as mãos e repitam comigo.

— Eu, Jake Titus — começou Jim.

Jake pigarreou. Suas mãos estavam tão quentes quando seguraram as de Char!

— Eu, Jake Titus... — começou ele, ficando meio rouco ao continuar: — Aceito você, Char Lynn, como minha esposa, na alegria e na tristeza, na riqueza e na pobreza, na saúde e na doença. — Sua voz falhou quando ele a olhou nos olhos. — Para amá-la e respeitá-la, para apreciá-la, para que seja minha melhor amiga, deste dia em diante, até meu último suspiro. Eu serei seu enquanto vivermos.

Char teve de morder o lábio para não chorar. Era tudo o que sempre quisera ouvir Jake dizer.

Jake fechou os olhos quando acabou de falar.

— Agora é sua vez, Char. — Jim pigarreou. — Repita comigo. Eu, Char Lynn... — Char repetiu os mesmos votos. Na metade do caminho, suas mãos começaram a tremer. Jake abriu os olhos e mexeu a boca, dizendo *tudo bem*. Então ela continuou.

Quando terminou, seu coração estava batendo tão forte que tinha certeza de que Jake podia ouvi-lo. Ele deu um sorriso triste quando tiveram de soltar as mãos.

Jim se dirigiu aos convidados inexistentes.

— Travis e Kacey, ou, neste caso, Jake e Char, manifestaram o interesse de escrever os próprios votos um para o outro. Vamos ouvi-los agora.

Ele entregou o microfone para Jake. Sem saber o que fazer, Jake o devolveu. O pastor sacudiu a cabeça.

— Nada disso: Nadine precisa ouvir sua voz. Duvido de que vá ser um problema falar sobre uma garota bonita como Char.

Merda. Ele iria humilhá-lo na frente de todos.

— Sempre gostei de garotas bonitas — disse Jake, com uma risada, estragando o breve momento feliz de Char. — E posso dizer, com sinceridade, que Char é a mais bonita que já conheci.

As madrinhas suspiraram atrás dos dois.

— Pena que seja maluca. — Ele piscou. — Maluca mesmo. Ela me ameaçou mais vezes do que eu gostaria de admitir. Nem me perguntem sobre presentes de casamento e farmácias. Alguns dos meus momentos mais felizes foram com ela... — e alguns dos piores também. — Ele fez uma pausa. — Talvez o amor seja isso. Compartilhar os bons e os maus momentos e torcer para que Deus permita que a pessoa continue esperando por você do outro lado.

Casamento é um exercício de confiança. Sempre me considerei um cara que gosta de correr riscos. O maior risco de todos é ir atrás de uma pessoa com todo o seu coração, sabendo que é bem possível que ela não o queira da mesma forma.

Char não sabia se ria ou chorava.

Todos estavam em silêncio.

Um carro apareceu na entrada da casa. Eram Kacey e Travis.

Vovó soou o apito.

— Termine a cerimônia, Jim.

Char sacudiu a cabeça.

— Mas...

— Termine! — gritou vovó enquanto ia para a entrada.

— Você a aceita?

— Hã, sim?

— Você o aceita?

Char estreitou os olhos enquanto assentia.

— Você precisa dizer. — Jim riu, nervoso.

— Está bem. Sim, eu o aceito.

— Então, com o poder a mim concedido pelo estado do Oregon, eu os declaro marido e mulher. Pode beijar a noiva!

Todos aplaudiram, sem jeito, até que Jake deu um passo para a frente e puxou Char para um beijo devastador, que derrubou todas as defesas que ela erguera naquela manhã.

— Parece que eu me casei com uma maluca.

— Melhor do que se casar com o galinha e seu harém! — retrucou Char, irritada, empurrando-o.

O pastor tentou separá-los, mas eles estavam muito próximos.

— Isso é ciúme, na sua voz? — Jake bufou com desdém.

— Ciúme? — repetiu Char, que então jogou a cabeça para trás e riu. — Sim, estou com muito ciúme de todas as mulheres com quem você dividiu a cama! Pelo menos deixei só uma marca na sua cabeceira, se você me entende.

— Duas. — Jake sorriu, sarcástico. — Você deixou duas marcas, e sabe por quê.

Char avançou nele, mas Jim se enfiou entre os dois.

— Pode rir quanto quiser, Jake. Mas, daqui a dez anos, quando eu estiver casada e com filhos, vivendo uma vida feliz, você será só um solteirão solitário.

Ela não conseguia conter as palavras. Era como se toda a dor acumulada dentro dela finalmente estivesse abrindo caminho à força. A rejeição dele abrira tantas velhas feridas, coisas que ela mantivera escondidas por muito tempo.

O sorriso dele sumiu.

— Melhor ser um solteirão que uma escrota.

Todos os presentes ficaram em silêncio.

Travis andou até eles, enfiando as mãos nos bolsos.

— Então, o que a gente perdeu?

O pastor Jim continuava entre Char e Jake, e seu rosto estava muito vermelho ao dizer:

— Uma união abençoada.

Jake soltou um palavrão e foi embora.

Kacey chegou e parou ao lado de Travis. Ela seguiu com os olhos a silhueta de Jake, que desaparecia a distância.

— O que aconteceu?

— O que sempre acontece com Jake? — Char deu de ombros. — Ele está indo embora.

Capítulo 43

Ele não podia afogar os problemas na bebida, nem galinhar por aí até que os esquecesse. Era como se, para cada passo que ele dava na direção de Char, tivesse de dar outro para trás. Sim, ainda estava furioso com o fato de ela ter planejado vender informações da sua família em prol do trabalho, mas, quanto mais pensava no assunto, mais a respeitava por ter dito não ao chefe.

Ela precisava de um emprego.

E nisso ela era diferente dele.

Ele poderia passar o resto da vida ostentando, e ainda assim teria mais dinheiro do que poderia contar. Char, no entanto, não tinha poupança, caso precisasse. Também não tinha uma mansão multimilionária que pudesse vender, nem dez carros importados.

Ela precisava comer e pagar as contas, coisas com as quais Jake nunca tinha precisado se preocupar. Nunca.

Ele já tinha planejado tudo: faria alguma piadinha para quebrar o gelo e depois pediria desculpas por ter se descontrolado na noite anterior.

Mas então eles tiveram que substituir os noivos naquela maldita cerimônia, e tudo pareceu tão real que ele começou a tremer ao segurar as mãos de Char. Quando disse aqueles votos, estava falando sério. Pela primeira vez na vida, queria que o compromisso fosse real. Droga, queria que ela visse além da máscara dele e o aceitasse!

Naquele momento, quando ela segurou as mãos dele, quando ele a olhou diretamente nos olhos azuis, seu coração implorava para que

ela visse mais do que todos antes já tinham visto. Pensou que, se existia uma pessoa capaz de ver mais que suas inseguranças, essa pessoa era Char.

Mas, em vez de fazer isso...

Ela o deixou exposto como um fio desencapado, para que todo o mundo visse. E, pela primeira vez na vida, Jake ficou sem saber o que dizer para melhorar sua situação. Ele a chamou de escrota e foi embora — outra vez. Foi embora. Era assim que lidava com as coisas? Ia embora e ficava deprimido? Não queria mais ser esse tipo de homem, o tipo que ignorava todas as emoções, que as enfiava na parte mais distante do cérebro e se embebedava para esquecer que as tinha.

O problema em finalmente lidar com os demônios do passado era que eles tinham feito parte dele por tanto tempo que viraram quase uma espécie de conforto, ou, no caso dele, uma muleta.

Jake ainda tinha problemas com a morte dos pais de Kacey — nunca superaria o fato de que os dois foram tirados dele e da amiga. E achava que nunca se encaixaria nos padrões rígidos do pai sobre como um Titus deveria se comportar. Além disso, havia a própria crença de que não seria capaz de amar alguém como as pessoas mereciam ser amadas.

Passara a vida inteira com medo de compromissos, mas só agora percebia que estava em uma relação havia vinte e três anos. Estava preso a si mesmo, em um relacionamento com os próprios demônios. A coisa mais importante em sua vida sempre fora aproveitar o momento, viver para si mesmo. É comum que os pais alertem os filhos dos perigos dos relacionamentos ruins com outras pessoas – por que nunca os avisam dos perigos de se relacionarem mal consigo mesmos? Com o próprio coração?

Jake foi para os fundos da casa, até o deque com vista para o rio. Com um suspiro, sentou-se na beirada e ficou observando um restaurante flutuante que navegava lentamente.

A vida era tão mais fácil quando ele era criança! Quando suas únicas preocupações eram se a mãe tinha lavado o uniforme de basquete a tempo ou se as outras crianças da escola queriam jogar futebol.

Ser adulto era uma merda.

E finalmente perceber que era um babaca egoísta não ajudava muito.

— Posso me sentar? — perguntou Travis, atrás dele.

— Claro — respondeu Jake.

— O tempo está ótimo. — Os joelhos do irmão estalaram quando ele se sentou ao seu lado.

Jake assentiu e continuou olhando para a água. Se encarasse o irmão, provavelmente surtaria — estava no limite.

— Quer me contar o que está acontecendo? — perguntou Travis.

Respirando mais fundo, Jake inclinou o tronco para trás, apoiando-se nas mãos, e sacudiu a cabeça.

— Não muito.

Jake percebeu um movimento com o canto dos olhos. Então viu Travis tirar um pequeno envelope do bolso.

— Bem, olhe só. Eu nunca quis lhe entregar isto aqui.

— Quer o divórcio? — Jake tentou soar brincalhão, mas estava um pouco assustado. O que poderia estar naquele envelope?

Travis revirou os olhos.

— Você não vai se livrar de mim assim tão fácil. Não, não é nada do tipo. É só... — Ele soltou um palavrão. — Este ano, Kacey finalmente leu algumas das cartas que os pais dela deixaram com o testamento. Parece que eles adicionaram mais coisa no documento um ano antes de morrer e adicionaram algumas palavras para os mais queridos, só por precaução.

Jake mordeu o lábio inferior e desviou os olhos quando as lágrimas ameaçaram sair. Era por isso que nunca falava dos próprios sentimentos. Só de conversar sobre os pais de Kacey, sentia o peito doer. Mas que droga! Por que eles tiveram que morrer daquele jeito?

Por que tinha que ter acontecido na mesma noite em que Jake fora pego fazendo outra coisa irresponsável? Por que ele não tivera a chance de pedir desculpas ao pai de Kacey?

Travis entregou o envelope a Jake.

— Este aqui é para você.

— Para mim? — Jake pegou o envelope. — Por que vai me entregar isso agora? Por que só agora?

Travis deu um sorrisinho.

— Porque minha futura esposa é persistente... — Ele cutucou Jake. — E porque havia instruções específicas para só o entregar a você quando certa coisa acontecesse.

— Ah, é? Que coisa? Quando eu ficasse maluco?

Travis umedeceu os lábios e desviou os olhos.

— Não. Quando você se apaixonasse.

— Acho que estamos tendo um momento especial — brincou Jake.

— Cale a boca. — Travis deu uma risada. — Eles escreveram cartas para a família e os amigos. Parece que a mãe de Kacey gostava muito de fazer anotações. Tem um caderno cheio de pensamentos e poemas. De qualquer forma, só restaram duas. Uma para Kacey, para que ela lesse no dia do casamento, e outra para você...

— E você? Também ganhou uma carta? — perguntou Jake.

Travis sacudiu a cabeça.

— Eu ganhei Kacey. Acho que veremos o que a carta dela diz amanhã, quando dissermos os votos. Você ainda tem planos de levá-la até o altar com papai?

Jake lutou contra as marteladas no interior da cabeça e assentiu.

— Que bom. — Travis deu um tapa nas costas do irmão. — Vou deixá-lo sozinho com isto. — O irmão indicou a carta. — A gente se vê durante o jantar.

Jake apertou a carta nas mãos e esperou enquanto Travis saía. Com os dedos trêmulos, ele abriu o selo e retirou do envelope um pedaço de papel. O conteúdo era curto e direto, escrito em garranchos.

Eu sabia que isso ia acontecer. Disse isso à Rose hoje mesmo, pela manhã, e ela riu da minha cara. Eu me pergunto se foi Kacey quem finalmente despertou seu interesse. Ah, um pai sempre sabe! Você olha para ela como um homem olha para a melhor amiga. Dá para perceber.

De qualquer forma, nunca conversamos sobre aquela noite, Jake. Sabe de qual estou falando. Bem, duvido de que vá se esquecer de

ter cavado buracos no jardim e se desculpado várias vezes por ter sido pego com drogas na companhia de mulheres com quem não devia se meter. Você sempre foi muito espirituoso. Jake, naquele momento eu sabia que você provavelmente cresceria e se tornaria um daqueles empresários executivos. Aqueles com carros chiques e mulheres fáceis. Dava para ver isso em você, e tenho que admitir que fiquei um pouco assustado ao pensar em você e Kacey juntos.

Acho que vou ter que confiar em que continua aí dentro o que lhe ensinaram quando você era pequeno. Deve ter continuado se depender daquela sua avó.

Rose disse que precisamos escrever cartas para nossos amigos e a família, só por precaução. Sei que você deve estar se perguntando por que escrevi uma para você. Você sempre foi como um filho para mim, Jake. Eu o conheço desde que você usava fraldas. Mas hoje me ocorreu uma pergunta: e se eu não chegar a vê-lo crescer? E se eu não estiver no seu casamento? E se eu não puder fazer parte da sua vida, do seu futuro? Quando envelhecemos, pensamos no passado, nos nossos arrependimentos. Meu maior arrependimento é de não ter conversado uma última vez com meu pai, antes de ele ir para o outro mundo. Embora você tenha um pai maravilhoso, sempre me senti como uma segunda figura paterna para você. Dito isso, Jake, quero que saiba que tenho muito orgulho de você. Imagino que já tenha passado por sucessos e fracassos, mas, mais do que isso, estou orgulhoso por você ter encontrado alguém a quem valha a pena se apegar. Quando os homens se apaixonam, eles se apaixonam mesmo. A queda é terrível, caem de bunda na água e sem salva-vidas. Você é um desses homens, Jake. Quer um conselho? Seja homem. Não se deixe afogar. Não corra nem nade para longe da segurança do barco. O barco é a sua casa, a sua família, a sua vida. Já aquilo que o faz flutuar, sua boia, sempre será sua esposa, sua parceira. Sem algo em que se agarrar, você se afoga. Sem alguém que se agarre a ela, a boia também não tem propósito. Então, já deu para entender que vocês precisam um do outro... Precisam se apoiar um no outro para tudo. Nunca se esqueça de que, se não vale a pena lutar por algo, não vale a pena tê-lo. Quando você pensar em desistir, quando achar que não é bom

o bastante, lembre-se de que ninguém é. Nenhum de nós merece as mulheres em nossas vidas, mas aí de nós se não nos esforçarmos a cada dia para nos tornarmos dignos do amor delas! Acho que o que estou tentando dizer é... Ame, agrade, aprecie essa mulher e, pelo amor de Deus, filho, é melhor você provocar mais sorrisos que lágrimas!

Para o meu segundo filho... e sua nova esposa... que a cama de vocês seja cheia de risadas; as noites, cheias de prazer; a casa, cheia de cheiro de comida gostosa; e os corações, cheios de alegria. É para isso que estamos neste mundo — para amar.

Jake engoliu o gigantesco nó na garganta e enfiou a carta no bolso. Maldito fosse Bill, por fazê-lo se sentir como uma mulher emotiva!

Ele a amava?

Char?

Sua respiração ficou acelerada quando começou a pensar nas últimas semanas. Sim, tinham acabado de se reencontrar, mas ele a conhecera a vida toda. Conhecia as sardas em seu quadril, sua aversão a picles, ou a qualquer coisa verde, e também sua risada.

Ah, conhecia bem a risada dela! Ele se sentia como um super-herói toda vez que a fazia rir.

E, no momento, se sentia um babaca, porque fazia tempo demais que Char não dava uma risada, e ele realmente ajudara a provocar as lágrimas dela.

Soltando um palavrão, ele se levantou do deque e voltou para a casa.

Capítulo 44

Char bebeu a segunda taça de vinho e se sentou em frente à mesa grande que fora arrumada do lado de fora. O jantar era um bufê completo. Normalmente, seria oferecido pelos pais da noiva, mas, como eles não podiam estar presentes, todo o clã Titus estava pagando aquela festa.

Algumas tendas de comida estavam espalhadas pela lateral do jardim. A mesa principal, para os convidados diretamente envolvidos na cerimônia, era comprida e estava ornada com flores tropicais e diferentes tipos de vela. Tudo era tão romântico que partia o coração de Char.

Vovó se sentou ao lado de Char e olhou para a taça de vinho.

— Quantas você já bebeu?

— O suficiente. — Char suspirou.

— Hum. — Vovó abriu a grande bolsa e pegou um envelope pardo. — O pastor me deu permissão para que vocês assinassem separadamente, já que estão de birra.

Char olhou para a habilitação de casamento.

— Não era para a gente preencher isso amanhã?

— Argh. — Vovó a calou com um gesto. — É só mais um detalhe com o qual não precisaremos nos preocupar amanhã. Assine aqui. — Ela puxou apenas a ponta do papel, de maneira que a maior parte continuava coberta. O que era ótimo, na opinião de Char, pois ela não queria ver o lugar destinado à assinatura de Jake. Os dois tinham perdido a cabeça. Char nem conseguia lembrar o motivo por que estava tão brava com ele. Se parasse para pensar, veria que não

era raiva. Na verdade, sentia-se completamente humilhada e rejeitada.

Ele fez com que ela se apaixonasse.

E ela se apaixonou. Muito.

Depois do casamento, eles seguiriam caminhos diferentes, e ela ficaria jogada no sofá, desempregada, lamentando o fato de que o único cara que já tinha amado na vida não retribuía o sentimento. Ou apenas não a queria o bastante para tentar amá-la.

Char assinou o papel depressa e devolveu a caneta a vovó.

— Ora, ora. — Vovó deu tapinhas nas costas de Char. — Vai ficar tudo bem. Confie na sua avó.

— Só tem um problema. — Char se inclinou para perto de vovó e sussurrou: — Você não é minha avó.

O sorriso no rosto de vovó se alargou só um pouquinho, antes de voltar ao normal.

— Ora, mas é claro que sou! Você se lembra de quando eu lhe disse que iria estragar a vida de Jake?

Char não estava muito a fim de falar sobre Jake. Ela assentiu, mas tentou fingir que não estava interessada.

— A vida de meu neto já estava estragada. — Vovó deu tapinhas na mão de Char. — Foi estragada na hora em que ele a viu naquele vestido de casamento. Eu comprei o vestido, sabia?

— O quê? — exclamou Char, e sua voz saiu aguda, chamando a atenção dos convidados ao redor da mesa, que aguardavam o primeiro prato. Ela tossiu e se escondeu por trás dos cabelos escuros. — Diga que isso é brincadeira, vovó!

— Ops. — Vovó deu de ombros. — Achei que tivesse gostado. Ficou lindo em você. Maravilhoso. — Ela se serviu de uma taça de vinho e fechou os olhos enquanto tomava um longo gole, então botou a taça de volta na mesa. — Além disso, pode ser que você precise de um, qualquer dia desses.

— Sei. — Char lutou para esconder as lágrimas. — Acho que tudo é possível.

— Ah, mas é mesmo! — respondeu vovó. — Sabia que eu sempre quis ser uma fada madrinha?

— Oi?

— A maioria das garotas quer ser a princesa da história. Eu quero ser a fada madrinha.

Será que vovó estava bêbada? Tão cedo?

— Está certo. — Char a olhou de soslaio. — Bem, você só precisa de uma varinha e de um pouco de magia... aí, tudo é possível.

— Já tenho uma varinha, e todas as avós são mágicas. — Ela deu de ombros. — Fale mais sobre Jace.

— Ele é... — Char olhou para a mesa. Ele estava com o cabelo loiro penteado para trás, revelando olhos verdes perfeitos e um rosto escultural. — Legal.

Vovó caiu na gargalhada.

— Ah, querida! Aquele homem é muitas coisas. “Legal” não seria a palavra que eu escolheria para descrevê-lo. É muito sexy, isso sim. Um deus entre os mortais.

— Vovó! — resmungou Char. — Fale baixo.

— Bem. — Vovó ergueu as mãos. — Só estou dizendo que aquele homem faria uma mulher derreter só com o olhar. — Como se tivesse ouvido, Jace olhou para vovó e deu uma piscadela. — Meu bom Deus! Acho que acabei de ter um mini-infarto.

— Sério? — Char segurou o braço de vovó, em pânico.

— Bem. — Vovó piscou de volta para Jace. — Se isso foi um infarto, quero outro.

Char sentiu o rosto corar.

— Ele não mexe com você? — perguntou a mulher.

Char engasgou com o vinho e começou a tossir como louca enquanto vovó dava tapas fortes em suas costas.

— Minha querida, beba mais devagar! Vai acabar manchando esse vestido amarelo lindo.

— Sim, foi culpa do vinho... — resmungou Char. — E não do seu comentário.

— Ué! — Vovó se inclinou para mais perto e suspirou. — Como é que vocês, jovens, dizem hoje em dia? Ele deixa você com te...

— Vovó! — ralhou Char. — Pare, pare com isso! — Ela cobriu o rosto com as mãos, envergonhada. — Ele é um cara legal, mas não... — Char estava prestes a dizer “não é Jake”, quando o próprio chegou e se sentou do outro lado da mesa. Seus olhos a traíram e

absorveram cada detalhe daquele corpo perfeito. Jake se inclinou para a frente, sobre a mesa, e seus antebraços roçaram nas flores espalhadas ao redor do prato. Ah, como ela queria ser uma daquelas flores!

— Entendi — respondeu vovó, em voz baixa. — Ele não é o meu neto.

— Quê? — Char tirou os olhos de Jake e começou a apertar as mãos no colo.

— Jace — explicou vovó. — O cara poderia ser um ator melhor que o Marlon Brando, e ainda assim você o olharia como se ele não passasse de um figurante.

— Marlon Brando? Figurante? — Char deu um sorriso tenso, mas não olhou para vovó.

— Perto do único que você realmente quer. — Vovó colocou uma das mãos nas de Char, para acalmá-la. Alguns anéis de diamante brilharam em seus dedos. — O meu neto. Você está apaixonada por ele.

— Eu... — Mas ela não conseguia negar. Então, em vez disso, olhou nos olhos de vovó e pediu: — Por favor, não conte isso a ele.

Afastando-se, vovó bufou.

— Querida, se ele ainda não sabe, é um idiota. Se bem que ele é homem... — Ela olhou para o neto e jogou as mãos para cima. — Ele parece infeliz. Deve ser por causa da falta de sexo.

E lá se ia a pressão estabilizada de Char. Vovó tinha mesmo dito "sexo" outra vez? À mesa de jantar?

Desta vez, suas palavras atraíram a atenção de Travis e Kacey, que a olharam como se implorassem: *Por favor, chega de momentos constrangedores.*

O pastor Jim se engasgou com o vinho, e a mesa ficou em silêncio.

Sem saber o que fazer, Char olhou para vovó.

— Estávamos conversando sobre Petunia.

Ah, não. Petunia se enrijeceu, do outro lado da mesa, e estreitou os olhos para vovó, como se a mulher fosse cria de Satã.

— Eu não uso essas palavras vulgares.

— Não, só tricota e lê romances eróticos.

— Ei, eu nunca...

— Não adianta negar. — Vovó girou a taça de vinho. — Já vi os livros. Você não é tão puritana quanto tenta parecer, irmãzinha.

Petunia comprimiu os lábios e olhou para as outras pessoas à mesa.

— Ela obviamente está bêbada.

— Conte, o capitão Jack já voltou para casa com sua escrava? Ainda não cheguei nessa parte do livro, mas tenho que admitir que estou morrendo de curiosidade para saber se eles vão...

— Vovó — chamou Travis, em tom de aviso.

Ela deu de ombros.

— Eu ia dizer “se apaixonar”.

— Até parece — murmurou Jake, do outro lado da mesa.

Petunia olhou irritada para vovó.

— Você é uma meretriz.

— Pelo menos eu não disfarço... Cadê o seu chicote, Petunia?

Char arregalou os olhos.

Wescott deu uma risadinha.

— Pessoal, vamos acalmar os ânimos. Estamos aqui para celebrar...

— Deve estar com seus sapatos de salto vermelhos, sua diaba tatuada! — gritou Petunia.

— Ah, adoro aqueles sapatos! — comentou vovó.

— Vejam, o jantar será servido! — avisou Bets, com a voz aguda.

— Pessoal, é hora de comer! — Ela bateu palmas e começou a empilhar no prato a comida que o pessoal do bufê trazia.

— Ostras. — Vovó apontou para um dos baldes. — Pode comer, Travis. Vai precisar disso para amanhã à noite.

O noivo soltou um palavrão e olhou para o céu.

— E eu estava me controlando tão bem...

— Se isto é você se controlando, eu sou uma freira. — Vovó deu uma piscadela enquanto Travis gemia e se afastava de Kacey.

— Ora, vejam! — Bets apontou para o meio da mesa. — Estamos sem vinho.

— Vou pegar umas garrafas! — gritou Travis, levantando-se e agarrando o braço de Kacey.

Com toda a calma, vovó enfiou a mão na bolsa e tirou uma coleira que parecia muito com o tipo usado para treinar cachorros por meio de pequenos choques.

— Sente-se, Travis.

Reclamando, ele se sentou.

— Hã, eu vou. — Char se levantou.

— Eu também — disse Jace. — Você pode acabar se perdendo naquela adega.

— Oh, meu herói — respondeu Char, seca. Mas ele não pareceu se importar. Estava com os olhos fixos em vovó. Assentiu uma vez e olhou de volta para Char.

— Pronta? — Ele ofereceu o braço a Char, ignorando o olhar indagativo que ela lhe lançava.

Os dois caminharam em silêncio até a casa.

Capítulo 45

Jake daria a eles exatos cinco minutos a sós antes de entrar correndo na adega. Estava prestes a se oferecer para acompanhar Char quando Jace se levantou, do outro lado da mesa, trocou um olhar estranho com vovó e depois saiu.

Estreitando os olhos, Jake tomou um gole de vinho e ficou encarando a porta, esperando que os dois voltassem. Olhou o relógio de pulso. Mas que droga! Haviam se passado apenas trinta segundos!

— Ora, ora. — Vovó puxou uma cadeira e se sentou ao lado dele.
— Nunca pensei que veria este dia.

— Oi? — Nossa, como ele estava sendo ridículo!

— Você escolheu bem. — Vovó suspirou. — Eu mesma a teria escolhido se tivesse como opinar. Mas meus dias de cupido terminaram, como você já sabe.

— Sei. — Jake umedeceu os lábios e olhou o relógio outra vez. Um minuto e meio. Que inferno!

— ... então, só preciso que você assine aqui. — Ela enfiou uma caneta na mão do neto. Ele mal olhou para o papel, assinando onde vovó apontava, e então devolveu a caneta. — Três minutos, Jake. Só se passaram três minutos. Não dá para acontecer muita coisa em três minutos. Bem, exceto... — Vovó deu uma risadinha. — Uma vez, seu avô e eu tínhamos só cinco minutos, e você não iria acreditar no que...

Jake se levantou em um pulo e saiu correndo na direção da casa.

Parecia que a adega dos Titus tinha saído das páginas de uma revista. Em uma das paredes, havia um bar de granito, com banquinhos altos de couro. Os Titus tinham até cerveja de fabricação própria, um dos passatempos de Wescott. Garrafas de vinho enfileiradas ocupavam quase todas as paredes. Parecia o paraíso. Apesar de a companhia não ser tão ruim, não era a que Char teria escolhido. Talvez ela só devesse agradecer.

— Então — Jace pegou uma garrafa de vinho —, que tal esta? Um merlot envelhecido?

— Parece ótimo. — Char não dava a mínima. Sem prestar atenção, caminhou até o bar. Havia algumas fotos emolduradas espalhadas pelo tampo. Uma delas era de Jake e Travis quando crianças. Kacey estava entre os dois, dando um beijo na bochecha de Jake.

Kacey sempre estivera bem onde Char queria estar.

Não que a inveja pudesse acabar com a amizade das duas, mas Char achava que tudo sempre fora muito fácil para Kacey.

— Tudo bem? — Jace se aproximou por trás dela e colocou as mãos em seus ombros.

— Tudo. — Char ficou tensa. — Por que a pergunta?

— Porque eu estava falando havia alguns minutos, e você não respondia. Juro que fiquei com medo de que você tivesse parado de respirar.

A risada escapou de seus lábios antes que ela pudesse impedir.

— Ah, aí está — sussurrou Jace.

— O quê? — Ela se virou para encará-lo.

— A risada. Gosto dela. Você não ri o suficiente.

Char umedeceu os lábios e se inclinou para trás, apoiando-se no bar.

— Foi uma semana difícil. O que eu posso fazer?

Jace assentiu.

— Eu sei.

Como é que ele poderia saber? Nem a conhecia!

— Amor não correspondido não é para os fracos. — Ele pegou o saca-rolhas e abriu a garrafa, servindo uma pequena taça para Char

e outra para si. Então ergueu a taça, batendo-a na dela. — Como você está?

— Como é que você sabia que...

Jace riu.

— Não sou idiota. Mas me permita perguntar uma coisa. — Ele tirou a taça das mãos de Char e a colocou na mesa.

— O quê? — Os olhos dele eram tão claros e bonitos que era difícil não se perder ali.

— Você não acha — ele ajeitou uma mecha de cabelo por trás da orelha de Char e encostou sua testa na dela — que talvez o motivo de você o amar, ou pensar que ama, seja o fato de ele nunca ter correspondido aos seus sentimentos? Talvez você só precise botar um ponto final de alguma forma.

Char tremeu sob o toque de Jace.

— É isso que você está oferecendo: um ponto final?

Jace envolveu o rosto de Char com as mãos, acariciando o lábio inferior dela com os polegares.

— Não gosto de ser a segunda opção, Char. Mas estaria disposto a ser a sua. Isto é, se você me quiser. Adoraria levar você para sair, comer e beber ao seu lado, fazer com que você se sinta querida, porque, honestamente, esse é o meu trabalho, como homem. Fazer você se ver como eu a vejo. E acho que você não tem uma imagem muito clara de si mesma. Acho que toda a sua vida pode ser resumida em uma única palavra.

Ela tentou se afastar, mas Jace a segurava firme.

— Está bem, sr. Psicólogo, que palavra é essa?

Ele deu um sorriso triste.

— Quase. É assim que você se define. Quase. E isso me deixa triste, porque você não é esse tipo de garota.

— E você é especialista no tipo de garota que eu sou?

— Com certeza.

— Bem, então qual é o meu tipo?

Jace inclinou a cabeça para o lado e passou as mãos gentilmente pela lateral do pescoço de Char.

— Para sempre. Você é do tipo para sempre.

Os lábios dele encontraram os dela suavemente, depois se afastaram.

— A pergunta é: você quer mesmo esquecer-lo? Quer seguir em frente? Quem sabe ao meu lado? Seria o suficiente? Será que minhas palavras, meu dinheiro, tudo o que tenho a oferecer bastariam para apagá-lo da sua memória para sempre?

O lábio inferior de Char tremia. Com leve assombro, ela balançou a cabeça.

— Não, Jace. Sinto muito, mas não.

Com um sorriso enorme, ele se afastou.

— Fico feliz.

— Oi?

Jace deu de ombros.

— Fiz aula de teatro na escola, por diversão. Preciso admitir que essa foi a coisa mais divertida que já fiz em anos.

Confusa, tudo o que Char conseguiu fazer foi encará-lo.

— Seu idiota! Você fingiu gostar de mim?

— Claro que não. — Jace segurou a mão dela. — Eu ficaria muito feliz em tirar você das mãos daquele babaca, mas você não quer se afastar delas. Acertei?

— Não estou entendendo. — Char massageou as têmporas.

— Uma palavra. — Jace assentiu. — Vovó.

— Não! — disse Char, espantada. — Ela contratou você?

— Não, não preciso de dinheiro. Só queria me recuperar de um término complicado. Aquela mulher está tentando arranjar alguém para mim desde o ano passado. Ela me apresentou a Travis, e o resto é história. Eu já estaria no casamento, de qualquer forma. Foi tudo muito fácil. Travis queria que eu conhecesse você. Vovó tinha outros planos. E aqui estou, bebendo vinho enquanto todos planejam nossa noite de núpcias.

— Caramba! — Char andou de um lado para outro, na frente dele. — Aquela mulher é louca.

— Ela é um gênio louco. — Jace ergueu a taça. — Admita. Ela ajudou mais do que atrapalhou.

— Ela comprou um vestido de casamento para mim.

— Isso não dá azar? — Jace inclinou a cabeça. — Só curiosidade.

— Então você não é um almofadinha babaca.

Ele pareceu pensar no assunto, então respondeu:

— Não, acho que não. Mas se perguntar para a minha ex, ela vai dizer que sou isso e muito mais. Só estou tentando sobreviver ao casamento sem que sua avó me mate e me enterre. Sabe que ela comprou uma coleira de choque, não sabe?

Rindo, Char passou os braços ao redor do pescoço de Jace.

— Não sei se devia agradecer ou dar um tapa na sua cara, por ter me beijado.

— Ei. — Jace se afastou e a beijou no rosto. — Minha oferta ainda está de pé. Mesmo sem a sua avó incrível e manipuladora, eu gostaria de ter o número de seu telefone.

— Obrigada. — Char deu um beijo breve nos lábios dele.

Que aparentemente não foi breve o bastante.

Porque o que ela viu em seguida foi Jake disparando escada abaixo, com os olhos cheios de raiva.

Capítulo 46

Jake viu tudo vermelho em sua frente.

Ela estava nos braços de Jace. Sua garota, sua mulher, seu futuro... nas mãos sujas daquele político! Com um grito de guerra que teria deixado qualquer fã do filme *Coração Valente* orgulhoso, Jake atacou o inimigo, jogando-o em cima do balcão.

Acertou um soco na mandíbula de Jace, fazendo com que a cabeça do outro homem batesse no tampo.

Ao longe, ouviu Char gritando para que parasse, mas era tarde demais. Jace caiu no chão.

— Meu Deus! — Char cobriu o rosto com as mãos. — Você acabou de nocautear um senador!

— Bem. — Jake soltou um palavrão. — As mãos dele estavam em você!

— Que ótimo! — respondeu Char. — Não se esqueça de dizer isso ao juiz, quando perguntarem por que você acha que não deveria ir para a cadeia! — Ela bateu na barriga de Jake e soltou um palavrão.

— Desculpe. Eu... eu entrei em pânico. Estava protegendo a sua honra!

— É o sujo falando do mal-lavado! — retrucou Char.

Jake a olhou irritado.

— Engraçadinha.

— O que você vai fazer? — Char apontou para o corpo de Jace. — Você não o matou, né?

— Não bati tão forte assim — murmurou Jake, então se debruçou sobre Jace. — Ele provavelmente só ficará apagado por um

tempinho.

— Bem, e quanto tempo vamos ficar esperando até ele acordar?

— Char continuava andando de um lado para outro, mas agora também levantava a taça, alternando entre beber e gritar com Jake.

— Não sei. Coloque o vinho na mesa. Você está me deixando nervoso.

— Eu estou deixando você nervoso? — Bem, pelo menos ela havia parado de andar de um lado para outro. — Que direito você tem de vir me resgatar, aliás?

Jake soltou um longo suspiro.

— Sempre quis ser o cavaleiro da armadura brilhante.

— Que engraçado, não lembrava que o cavaleiro dava porrada em um cara inocente.

— Inocente, uma ova! — gritou Jake. — As mãos dele estavam em você!

— E daí? — Ela cruzou os braços. — Por que você se importa?

— Mas que merda, Char! — Em dois passos, ele a tinha nos braços. Ela abriu a boca, e, no instante em que suas línguas se encontraram, pegaram fogo.

Ele a empurrou contra o balcão e aumentou a intensidade do beijo. O corpo dela respondia tão bem ao dele! Eles se beijavam como brigavam: de forma agressiva, passional, sem nada de lento nem monótono.

Incapaz de se controlar, Jake abaixou as alças do vestido dela. A pele de Char era suave como veludo. As mãos dela apertaram seu cabelo enquanto ele deslizava a língua pelo lábio inferior dela, provando, sugando o vinho de sua boca. Char ficou arrepiada quando os lábios de Jake passaram a beijar seu colo, e logo acima do sutiã.

No chão, Jake soltou um gemido.

Jake o ignorou.

O gemido ficou mais alto.

Char enfiou as unhas nas costas de Jake.

Deus o odiava!

Afastar-se dela era provavelmente uma das coisas mais difíceis que ele já tinha feito em toda a vida.

Jace começava a se mexer.

— Devíamos ir embora. — Jake tentou recuperar o fôlego quando seus olhos encontraram os de Char. Ela fora intensamente beijada, completamente desarrumada durante um momento, e por ele. Jake adorava saber que tinha sido o homem que a deixara daquele jeito. A expressão dela era de desejo, de necessidade — e tudo por causa dele.

Jace gemeu outra vez.

— Vamos fugir da cena do crime, não vamos? — Char segurou a mão de Jake enquanto se recompunham.

— Se alguém perguntar, ele caiu.

— De cara na sua mão? — perguntou Char. — Sério? É essa mentira que vamos contar?

— Sinto muito se meu cérebro não está concentrado nisso. A gente tem sorte de eu conseguir andar e falar ao mesmo tempo, sem jogar você nas escadas e levantar sua saia.

— Mas você sabe que pode.

Jake congelou.

— Posso?

— Levantar a minha saia.

— Você está tentando me punir, não é?

Char abriu um sorriso e sussurrou em seu ouvido.

— Comprei algumas lingerie naquela festa. Pense nisso durante o jantar.

— Ah, sim! Que ótimo! — Jake soltou um palavrão. — E então vovó vai pensar que... Pensar o quê? Que flores me deixam excitado? Que tenho tesão em ostras? Acho tudo isso muito desagradável. Vamos pular o jantar. — Quando chegaram ao topo das escadas, ele a empurrou para a parede mais próxima, prendendo-a com o corpo. — Só mais um beijo.

— Nunca é só um beijo com você, Jake.

Ele não pôde impedir o sorriso gigante que se espalhou pelo rosto.

— Que bom. Porque quero que eles nunca acabem. — Jake deu um beijo no nariz dela. — Preciso provar a você que não vai ser só um beijo — ele roçou os lábios nos dela — porque esse vai ser o

primeiro de centenas de milhares de beijos. — Jake passou os lábios pela base do pescoço de Char. — O primeiro dos últimos beijos que você vai receber. — Sua língua explorou a clavícula dela, subindo até o outro lado do pescoço. — Quero estragar os beijos das outras pessoas para você. Quero marcar você como minha. Quero ouvir você dizer meu nome, mas não porque está irritada, e sim porque está tão louca de tesão que não consegue nem raciocinar direito. É isso que quero fazer com você. Quero fazer você ser só minha.

— Sua? — Char sentiu lágrimas nos olhos.

— Acho que você já percebeu que sou um homem bem possessivo. Cansei de fugir.

— Você consegue me prometer isso?

Jake envolveu o rosto dela com as mãos.

— Para sempre. Esta é a minha oferta.

— Então, isso é uma conversa de negócios? — Ela deu um sorriso provocante.

— Com certeza. — Ele a puxou para seus braços e beijou-a na testa. — É claro que eu vou fazer você assinar um papel sem sentido escrito por advogados que não têm nada melhor para fazer além de me proteger. Você vai ter que assinar a linha pontilhada, dizendo que aceita ser minha escrava sexual a qualquer hora do dia ou da noite. E então eu irei puni-la quando você tentar me deixar.

— Que ótimo. Se você ainda fosse executivo, eu poderia chamá-lo de Christian Grey.

— Jake Titus! — O grito de vovó podia acordar os mortos. — Cadê você? Precisamos conversar!

— A gente pode fugir? — perguntou Char.

— Vovó tudo vê. É como se esconder de Deus.

Com um suspiro, os dois se separaram. Jake levou a mão dela aos lábios.

— A gente pode conversar depois.

— Sobre toda essa história de “para sempre”? — Os olhos dela pareciam esperançosos, o que fez o coração de Jake bater ainda mais forte.

— Sim, sobre toda essa história de “para sempre”.

— Ah, aí estão vocês! — Vovó estava ofegante. — Procurei os dois por toda parte! É hora do brinde! Esperem aí, onde está Jace?

— Dormindo — respondeu uma voz atrás dos três. — Decidi tirar uma soneca.

— Na adega? — Vovó cruzou os braços. — Ah, querido! O que aconteceu com seu olho?

— Um esquilo. — Jace estreitou os olhos para Jake. — Parece que o diabinho encontrou as nozes que estava procurando e me atacou.

— Ah. — Vovó assentiu. — Está certo. Bem, tenho certeza de que as nozes dele não são nem de longe tão impressionantes quanto ele quer que a gente pense que são.

Char se pronunciou:

— Ah, são sim!

Jake deu uma piscadela divertida.

Jace disfarçou o sorriso com uma das mãos e olhou para vovó com uma expressão muito séria quando disse:

— Se você estiver pronta, a gente devia voltar para o jantar.

— Está bem. — A senhora aceitou o braço dele, guiando-o para longe de Jake e de Char.

— Obrigado. — Jake segurou a mão de Char. — Por defender minha masculinidade.

— Ah, acho que ela levou um golpe bem grande nos últimos dias. Pensei em dar uma ajudinha.

Com um sorriso presunçoso, Jake a trouxe para mais perto de seu corpo e sussurrou:

— Acho que você vai me dar mais do que uma ajudinha, mais tarde.

— Veremos. — Os olhos de Char se encontraram com os dele por um breve momento, antes de ela piscar e os desviar.

Capítulo 47

Kacey não teve como deixar de notar o olho roxo de Jace quando ele voltou à mesa. Char e Jake o seguiram de perto, com as mãos se tocando. Char riu. Jake alisou o braço dela.

Ah, não.

Kacey olhou feio para vovó, que no momento tentava dar tapinhas nas próprias costas.

— Ela está ganhando. — Kacey cutucou as costelas de Travis.

— Eu sei, pode acreditar. — Travis bateu a cabeça na mesa.

— Ah, pare com isso. Só faltam 24 horas.

— Foram as duas semanas mais longas da minha vida. — Travis suspirou. — O que são outras 24 horas? — Ele passou o braço pelos ombros de Kacey e enrijeceu o corpo.

— O que foi? O que houve?

— Jake beijou Char.

— O quê?

— Aquele safado filho da mãe! — Travis abriu um sorriso. — Olhe só para ele.

Kacey olhou na direção em que o noivo apontava. Jake estava sorrindo para o prato e girando a taça com os dedos. A cada poucos segundos, trocava olhares com Char, e os dois dividiam um sorriso secreto.

— Mas que droga! — murmurou Travis.

— Pare de falar assim. Você parece uma velha de igreja. — Kacey suspirou.

Vovó se levantou e ergueu a taça.

— O padrinho queria dizer algumas palavras aos noivos. Jake?
Jake umedeceu os lábios e se levantou, erguendo a taça à frente do corpo.

— Eu a beijei primeiro.

Kacey caiu na gargalhada enquanto Travis resmungava.

Jake continuou.

— Acho que me lembro de uma aposta idiota que fiz com meu irmão, sobre casar com a garota. Bem, meu irmão, acho que você ganhou! Obrigado por mandar a conta, aliás. Fico feliz. Vocês dois sempre foram importantes em minha vida, e não tenho palavras para dizer como fico feliz por ver meus dois melhores amigos se casando. Ao noivo e à noiva! — Ele ergueu a taça.

— Saúde! — gritaram todos.

Jake apontou para Jace.

— Você não queria dizer algumas palavras?

Jace o dispensou com um gesto.

— Não, acho que você disse tudo.

— Minha nossa! — sussurrou Kacey. — Tem alguma coisa muito, muito errada. Os dois passaram a semana brigando!

Travis olhou de Char para Jake, e de volta para Jake, e então para Jace.

— Não estou entendendo nada. Os três parecem perfeitamente normais.

Kacey agarrou a mão do noivo com tanta força que quase a esmagou. Porque vovó tinha acabado de apontar para algo... no chão.

Para a maldita caixa do microfone.

— Droga! — murmurou Travis. — Essa mulher maldita vai ganhar da gente.

— Acho — Kacey apontou para Jake — que ela já venceu.

Jake estava do lado oposto de Char, à mesa, e a encarava com um olhar de desejo tão inapropriado que Kacey pensou se não seria melhor se apiedar de Travis e cobrir seus olhos.

Mas, quando se virou para dizer alguma coisa, viu que um sorriso malicioso se formara nos lábios do noivo.

— Ops. No que está pensando? — perguntou Kacey.

— Estou pensando em acertar as contas.
— Acertar as contas?
— Ele deseja muito Char. — Travis riu. — E acha que vai ficar com ela hoje à noite, mas...
— O quê?
— Que tipo de irmão eu seria se não protegesse o coração do meu irmãozinho? Que tipo de pessoa eu seria se não protegesse a virtude de Char? — Ele sacudiu a cabeça e levou a mão ao peito. — Eu não conseguiria viver com a vergonha...
— Jake vai me matar.
— Tristeza dividida diminui. — Travis tomou um longo gole de água. — Ah, e como!

Capítulo 48

A sobremesa foi servida. Char optou pelo suflê de chocolate com chantilly. No instante em que o prato foi colocado na sua frente, ela notou os olhos famintos de Jake.

Com um sorriso provocante, enfiou o dedo no chantilly e o lambeu bem devagar.

A boca de Jake se abriu de leve.

Ela lambeu os lábios e enfiou o dedo outra vez na sobremesa.

Jake se inclinou para a frente, com as pálpebras semicerradas, e seu olhar foi de provocante a desejoso.

Char se perguntou quando tinha sido a última vez que ele fora seduzido, ou que tivera que esperar por alguma coisa.

Com cuidado, ela tirou os sapatos de salto e deslizou um pouco mais para a borda da cadeira. Tentando agir com naturalidade, comeu mais um pedaço da sobremesa e ficou olhando Jake, que a observava. No instante em que o pé dela encostou na perna dele, Jake agarrou a ponta da mesa e soltou um palavrão.

— Tudo bem, Jake? — perguntou Petunia, examinando-o por trás dos óculos.

— Tudo ótimo — respondeu ele, com a voz contida. — Só está um pouco quente. — Ele piscou algumas vezes antes de pegar o copo d'água e tomar um longo gole.

— Está mesmo bastante abafado. — Petunia se abanou. — Mas você parece muito corado. Tem certeza de que não está com algum problema?

— Quem dera! — respondeu Jake.

— Hã? — Ela franziu as sobrancelhas.

— Todo o mundo já bebeu. — Ele apontou para uma garrafa de vinho vazia, no meio da mesa.

Char mordeu o lábio inferior, tentando segurar o riso. Ela deu outra mordida no suflê e lambeu o garfo. Do outro lado da mesa, Jake gemeu.

O pé dela encostou na pele dele de novo.

— Filha da...

— Jake? — Petunia balançou a cabeça. — Você está me deixando preocupada.

— A mim também. — Char umedeceu os lábios e foi subindo o pé bem devagar.

Jake segurou a mesa com as duas mãos, e seus olhos estavam deixando Char em chamas, tamanha a intensidade com que ele a encarava.

— Estou bem.

Ele fechou os olhos enquanto Char passava o pé para cima e para baixo na perna dele, e depois a agarrou com as dela, puxando-o para mais perto da mesa.

— Merda. — Ele soltou um suspiro.

— Ah, por favor! — reclamou Petunia. — Jake Titus, pare com essa linguagem chula!

— Ele é um garoto muito, muito mau — concordou vovó, dando uma piscadela.

Jake gemeu, e seus olhos imploravam a Char que parasse ou apenas continuasse e o matasse logo de uma vez.

— Você sabe o que acontece com os garotos maus — disse Char, tentando ajudar.

— O quê? — Ele estava rouco.

— Levam uma surra — rugiu Petunia. — Daquelas!

Jake xingou como nunca.

— Wescott! Por favor, controle esse seu filho! — exigiu Petunia. — Parece que ele não consegue parar de usar essa linguagem chula à mesa de jantar! No meu tempo, a gente mandava as crianças para o quarto se fizessem uma coisa dessas.

— Está bem. — Wescott revirou os olhos. — Vá para o quarto, Jake. Aceite seu castigo como um homem.

— Eu, hã... — respondeu Jake, confuso. — Acho que é melhor ficar aqui.

— Você ouviu seu pai. — Petunia sacudiu a cabeça. — Precisa ficar de castigo.

— Por favor — choramingou ele, apoiando a cabeça nas mãos.

— Jake... — Char afastou o pé e se inclinou para a frente. — Você devia ouvir seu pai. Não vai querer se meter em problemas. Vá para o quarto.

— Não posso — disse ele, com os dentes cerrados.

Vovó se levantou, derrubando sem querer água gelada no colo dele. Os olhos de Jake se arregalaram quando vovó se inclinou de forma que apenas Char e Jake pudessem ouvir o que ela ia dizer:

— De nada.

— Quero morrer — disse Jake.

— Seu desajeitado! Vá trocar as calças — ordenou vovó. — Char, por que não vai pegar mais água na cozinha?

Ela não precisou falar duas vezes.

Praguejando, Jake jogou o guardanapo na mesa e saiu logo depois de Char.

Sem os saltos, Char conseguiu correr pela grama. Quando estava na casa, arriscou um olhar para trás. Jake estava se aproximando. O olhar no rosto dele era o de um predador.

Com um gritinho, Char correu escada acima, até o quarto, bem na hora em que os braços fortes dele a envolviam, empurrando-a mais para dentro do aposento.

— Sua safada! Vou fazer você pagar.

Char se virou nos braços dele e deu uma lambida em seu queixo, como fizera com o suflê.

— Promete?

— Tire a roupa. — Ele a soltou e andou até a cama, deitando-se bem devagar. — Agora.

— Estamos mandões hoje — Char levou as mãos ao quadril —, não é mesmo?

— É. — Jake se apoiou nos cotovelos. — Na minha opinião, você está me devendo uma. Além de eu ter feito uma dança sensual para você, e ainda por cima com calças de caubói, você me fez sofrer durante a sobremesa enquanto minha tia-avó... a virgem, você se lembra dela... me dizia que eu precisava de uma surra.

Char riu.

— Não tem graça. — Jake gemeu. — Foi o momento mais constrangedor da minha vida.

— Isso foi antes ou depois de a vovó fazer você se acalmar? — perguntou Char.

— Se você quiser que eu continue sexualmente ativo, é melhor nunca mais mencionar isso. — Jake soltou um palavrão.

Char brincou com as alças do vestido.

— Eu me lembro.

— Você se lembra? — Os olhos de Jake estavam fixos nos dedos de Char, que brincava com as alças do vestido, puxando-as mais para baixo. — Do quê?

— De nós. — Char deixou o vestido cair no chão e se afastou da roupa amontoada. — Eu me lembro da noite que passamos juntos. Eu menti. Disse a Beth que não lembrava. Disse a você que não tinha sido bom. Só estava tentando fazer você se sentir mal.

— Hum. — Jake se levantou e se aproximou dela bem devagar. — Eu mereci.

— Eu sei.

— Então... em uma escala de um a dez... — Jake estendeu os braços e tocou nos ombros dela — ... um sendo o pior momento da sua vida e dez o melhor...

— Seis — respondeu Char, honestamente. — Vamos ser justos, você tinha bebido tequila.

— Merda — reclamou Jake. — Devo mesmo estar perdendo o jeito.

— E eu não tinha nada com o que comparar.

A mão de Jake parou.

— Você quer dizer que não tinha ninguém com quem comparar? Ou que decidi não me comparar a ninguém, porque fui muito ruim?

E lá estava. Parte da razão por que se apaixonara por ele, naquele momento e para sempre.

— Eu, hã... não tenho ninguém com quem comparar.

Jake soltou um palavrão e encostou a testa na dela.

— Sou um idiota. Eu não sabia. Quer dizer, você mesma disse, muita tequila, e...

— Tudo bem. — Char o beijou de leve.

— Não. — Ele se afastou. — Não está tudo bem. É uma merda, isso sim. — Antes que Char pudesse responder, ele a ergueu nos braços e a levou para a cama. — Isso deveria ser o tipo de coisa que muda a sua vida. Que faz a terra tremer. Que apaga a sua mente. Você devia ter sentido cada toque meu. — Ele passou os dedos da borda do sutiã até a barriga de Char. — Seus músculos deviam ter se contraído cada vez que você sentisse minha respiração em seu pescoço. Seu corpo devia ter se arqueado em direção ao meu. Devia ter implorado para que eu o tocasse, e o meu corpo devia ter sido menos egoísta, para dar a você o que o seu corpo precisava, antes de começar a pensar em mim mesmo.

Char gemeu quando ele tirou a blusa e ficou por cima dela.

— Sexo pode ser descuidado ou consciente. Pode virar um hábito, ou pode ser uma coisa só para satisfazer. Pode ser bem egoísta. Mas decidi que não quero mais fazer sexo.

— O quê? — Parte da paixão escapou da consciência de Char. — Como assim?

— Quero fazer amor — sussurrou Jake. — Com você. Não quero que seja só físico. Preciso que seja uma experiência espiritual, porque é muito mais do que sexo, com você, Char. É tudo. Talvez seja diferente para você, mas para mim... — Jake sacudiu a cabeça e beijou sua boca com vigor. — Eu me entreguei. Você vem comigo?

— Já estou com você. — Char envolveu o pescoço de Jake e o puxou para mais perto de si. Só podia imaginar como seria maravilhoso dividir a cama com ele depois daquele discurso.

Capítulo 49

Virgem. Ela era virgem. Ele a usara para sexo casual e, fazendo isso, poderia ter arruinado a garota perfeita. A garota mais maravilhosa do mundo, sua alma gêmea.

Jake deu um beijo carinhoso na testa dela e se afastou.

— Aonde você vai? — perguntou Char.

— A lugar nenhum — respondeu ele, e estava falando sério. Não iria a lugar algum, a não ser que ela fosse junto. Deixou as calças caírem no chão e se aproximou da cama. Char o encarou. Droga, ele poderia observá-la o dia inteiro! O cabelo castanho-avermelhado caía sobre o sutiã de renda vermelha. Char tinha *mesmo* comprado lingerie. Caía bem nela, bem até demais, considerando os pontos pretos que estavam surgindo em sua visão. Ia perder a cabeça se não pudesse tê-la naquele instante.

Jake se ajoelhou na cama.

— Tenho uma coisa a dizer.

— É mesmo? — Char tremeu sob o toque dele. Jake pegou sua mão e envolveu seu dedo com a boca, sugando-o.

— Estou com ciúmes deste dedo há uma hora. Na verdade, fiquei com ciúmes até do chantilly.

Ela gemeu.

— E agora?

— Agora quero lamber você. — Ele colocou as mãos no quadril dela. — Inteira. Sem me esquecer de nenhuma parte.

— Nenhuma? — Ela arqueou as sobrancelhas.

— Nenhuma — repetiu Jake, beijando-a, aprisionando seus lábios. Ele a pressionou contra a cama e a beijou, absorvendo-a, e então percebeu, naquele momento, que o gosto dela ficaria gravado nele para sempre. Tudo nela combinava perfeitamente com ele, que só estivera cego demais para notar, antes. E agora nunca a deixaria ir embora.

Os lábios de Jake se encontraram suavemente com os dela, enquanto ele pressionava seu corpo contra o calor do corpo dela. Mas, quando ela suspirou, ele se afastou.

— Que foi?

— O que mudou?

As palavras não vinham. Então Jake não só havia perdido o jeito, como também parecia incapaz de comunicar uma das coisas mais importantes que tinham acontecido em sua vida.

Char fechou os olhos de leve. Quando os abriu outra vez, estavam marejados.

Jake segurou o rosto dela entre as mãos e respondeu, bem baixinho:

— Eu. Eu mudei.

Ela franziu a testa.

— Fui eu, não você. Você sempre foi constante. Não importava se queria me esfaquear ou me beijar, você nunca mudou. Fui eu, estou diferente.

— Simples assim? — Char parecia cética.

Mas que droga! Ele queria primeiro se perder nela, e só depois ter a conversa séria. Mas sabia melhor que qualquer um que as mulheres não eram assim. Então, com o autocontrole que raramente conseguia ter, Jake se afastou e se sentou na cama, apenas de cuecas, esperando que Char também se sentasse.

Quando ela se sentou, Jake a envolveu com os braços e a tirou da cama, carregando-a até o banco junto à janela, onde poderiam olhar para o lago, para suas memórias antigas — o passado dele.

Quando Char estava acomodada em seu colo, Jake pegou um cobertor da cesta no chão e os cobriu. O contato com a pele dela fazia seu corpo inteiro formigar. Os dois estavam na cadeira, juntos,

com as pernas emboladas. Jake apoiou o queixo no topo da cabeça de Char e a abraçou de lado.

— Foi bem ali, perto do deque.

Char suspirou.

— O quê?

— A primeira vez que me droguei.

Ela enrijeceu.

Jake engoliu em seco.

— Eu ainda era um garoto, além de um idiota, jovem e arrogante demais. Sei o que está pensando: algumas coisas nunca mudam. Mas não consigo nem imaginar no que eu teria me transformado se ele não tivesse me encontrado.

— Ele?

— Bill. — Jake apertou as mãos de Char. — O pai de Kacey. Eu tinha bebido tanto naquela noite! Tive sorte de continuar vivo. Não parava de beber porque não parava de cheirar cocaína. Me sentia invencível, como se pudesse voar. Quer dizer, não fiquei nem um pouco cansado. Só queria passar a noite acordado, na farra. Eu me sentia um adulto, achava que aguentaria.

— O que aconteceu?

Jake riu.

— Bem, meus pais estavam passando o fim de semana fora. Eu tinha ficado em casa com Travis, mas ele tinha saído com alguns amigos e me deixado sozinho. Então, dei uma festa. Só algumas pessoas. Todas estavam no último ano do colégio ou eram ainda mais velhas. Fiquei me achando o máximo.

“Bem, continuando.” — Jake pigarreou. — Meu pai tinha pedido a Bill que ficasse de olho na gente durante o fim de semana. É claro que eu não sabia. Ele me encontrou dentro d’água: eu tinha caído do deque e batido a cabeça em um dos barcos amarrados. Todos os meus supostos amigos estavam chapados demais e não repararam. Mas Bill pulou na água. Ele salvou a minha vida.

Char apertou ainda mais as mãos dele e disse:

— Acho que... É de pensar que, depois de um momento tão “revelador”, a pessoa mudasse o estilo de vida. Não entendo.

— Eu mudei. — Jake deu de ombros. — Por um tempo. Tirei boas notas, pratiquei todos os esportes possíveis, pedi milhares de desculpas a Bill. Ele só contou para a mulher dele, não disse nada a meus pais nem a Kacey. Aquilo nos aproximou. Ele era o meu exemplo. Eu o respeitava. Tinha sido a primeira vez, na minha adolescência, que um adulto me tratava como adulto, então eu quis que ele sentisse tanto orgulho de mim quanto sentia de Travis e Kacey.

Tremendo, Jake fechou os olhos e murmurou um palavrão. Por que era tão difícil? Talvez porque fosse a primeira vez que contava aquilo em voz alta, e para alguém com quem se importava de verdade, alguém que amava. E, ao expor a alma, percebeu como era assustador amar outra pessoa. Ao amar, você entregava ao outro o poder de feri-lo, de rejeitá-lo. E Jake sabia, lá no fundo, que, no instante em que mostrasse quem realmente era, a máscara cairia e restaria apenas ele, Jake Titus, um homem devastado. Depois de tudo aquilo, será que Char ainda o desejaria? Ou será que o deixaria, como ele merecia que ela fizesse?

— Na faculdade — continuou —, Kacey e eu éramos inseparáveis. Sei que você sabe de todos os detalhes sórdidos. Quer dizer, tenho quase certeza de que era você quem me xingava por mensagem de texto de um número desconhecido, o que durou o ano inteiro.

Char riu.

— Então. — Jake sorriu. — Dormimos juntos na faculdade... Mas naquela noite... Merda, eu sabia o que estava fazendo! Disse a ela que eu era jovem e idiota, mas eu sabia. Só não me importava. Sabia que mudaria nossa amizade. Sabia que mudaria, mas, ainda assim, queria. Ainda a queria, mesmo sabendo que não iria além daquela noite. Acho que, lá no fundo, sempre soube que nos dávamos melhor como amigos. Bill já tinha dito diversas vezes que garotos e garotas não podiam ser amigos. Acho que ele estava tentando me avisar que, não importa a situação, os hormônios sempre assumem o comando. E quando misturamos álcool com hormônios... — Como ele odiava contar aquela parte! — Kacey não se lembra de muita coisa, mas eu lembro.

— Como assim? — perguntou Char, baixinho.

Bem, era hora.

— Bebemos a mesma quantidade, mas ela é bem menor que eu. Ela lembra que transamos e que foi esquisito, mas acho que não lembra que chorou. Ou que, no meio do caminho, me pediu que parasse. Disse que não queria decepcionar o pai...

Char se virou para encará-lo.

— Você não parou, não foi?

— Não. — Jake quase engasgou com aquela palavra. — Eu disse a ela que tudo bem, que era normal ter medo. Disse... — Jake fechou os olhos. — Disse a ela que a amava. E que, já que eu a amava, estava tudo bem.

Char terminou a história para ele.

— E aí você foi embora.

— Como o babaca que era, eu fui embora. — Jake suspirou. — Saí do alojamento dela e fui direto para a república. Estava me sentindo tão culpado que só queria ficar anestesiado. Desaparecer. Então, enchi a cara, acordei na cama de outra garota e descobri, algumas horas depois, que enquanto eu traía Kacey e Bill... Os pais dela sofreram um acidente e morreram.

Eles ficaram em silêncio por alguns minutos, até Jake voltar a falar:

— Sabe qual foi a pior parte? Era uma espécie de encruzilhada. Eu podia ter ido até ela, pedido desculpas, lamentado a morte deles ao lado dela. Podia ter sido o amigo que ela merecia que eu fosse. Mas, em vez disso, culpei a mim mesmo. Senti como se a morte dos pais dela fosse culpa minha, acreditei que, se eu tivesse parado quando ela pediu, os dois ainda estariam vivos.

— Jake. — Char segurou o rosto dele. — Isso não é verdade, e você sabe disso. Não poderia ter evitado o que aconteceu com alguma coisa que deixasse de fazer, assim como não poderia ter provocado tudo.

— Acho que agora já sei — respondeu ele. — Mas ainda me sinto mal. Isso sempre me assombrou, e, para ser sincero, era fácil demais ignorar, me entregar à ideia de que eu podia viver pelo prazer, fazendo o que quisesse. Queria ficar o mais longe possível de Kacey e de tudo o que ela representava.

— Ela confiou o coração a você...

— E eu o parti — concluiu Jake. — Em um milhão de pedacinhos. E, quando tive a chance de consertar, pisei neles, destruindo toda a nossa amizade.

Char estava cabisbaixa, sem se mover.

— No que você está pensando? — sussurrou Jake, sabendo muito bem que estava soando como uma mulher, mas sem se importar.

— Estou triste por você. — Char passou um dedo por seu peito. — Triste por aquele garoto de 14 anos que ainda está lutando para se tornar o homem que deveria ser.

— Eu sou. — Jake segurou o rosto dela. — Sou esse homem. Quero ser esse homem. Você me faz querer ser.

Char olhou bem em seus olhos, procurando, esperando.

— Travis me deu uma coisa, hoje. — Jake a afastou com gentileza e andou até a cômoda, então abriu a gaveta e pegou a carta.

— O que é isso? — Char tomou o papel das mãos dele.

— Uma carta de Bill.

Notando o assombro de Char, Jake continuou falando:

— Travis tinha recebido a ordem de me entregar apenas se atendida uma condição.

— Qual?

— De que eu estivesse apaixonado.

A carta caiu das mãos de Char e planou até o chão.

— Está falando sério?

Em dois passos, Jake estava na frente dela. Ele a ergueu nos braços e a beijou na boca, absorvendo cada parte dela.

— Sim. Eu amo você, e sinto muito por vir com todo esse passado. Sinto muito por ter beijado uma garota e tê-la feito chorar. Sinto muito que essa garota tenha sido você. Sinto muito por não ter me comportado como o homem que fui criado para ser. Mas ao seu lado, Char — mais um beijo fervoroso —, sou esse homem. Você me faz ser esse homem, porque me faz acreditar que posso ser.

Char assentiu enquanto algumas lágrimas escorriam por seu rosto.

— O que ela diz? — perguntou, apontando para a carta.

— Tudo o que eu precisava ouvir — respondeu Jake com sinceridade. — Tudo o que eu não queria ouvir. Disse que você deveria sorrir mais do que chorar. — Ele secou as lágrimas que escorriam pela bochecha dela. — Disse que eu deveria ver você como uma parceira, não apenas como amante. — Ele segurou as mãos dela diante dos lábios e beijou cada um dos dedos. — É quase como se ele soubesse que eu ia fazer merda, mas me amasse mesmo assim.

— Jake, isso é que é o amor.

— Amor. — Jake sorriu. — Amor não é algo que vem sem esforço: ele machuca. Quando olho para você, parece que meu peito vai explodir. Quando você me toca, sinto em todos os lugares do corpo. Quando você inspira, seguro o ar até você expirar. O amor é um inferno. É uma tortura. Pode deixar a gente maluco, é a coisa mais assustadora que já senti. Parece que acabei de entrar em um prédio em chamas... Mas você é a minha água, Char. Só preciso saber de uma coisa.

— O quê? — sussurrou ela.

— Você vai me salvar?

Capítulo 50

Sem responder, Char ficou na ponta dos pés e o beijou. Sua língua buscou a dele, abrindo caminho de leve na boca de Jake, que retribuiu o beijo de modo hesitante. Char pôs as mãos no peito dele e o empurrou para a cama.

— Que Deus tenha piedade de você, Jake Titus, se deixar um bilhete de agradecimento depois desta noite! Porque vou atrás e mato você!

Jake jogou a cabeça para trás e riu.

— Isso quer dizer que você me ama?

— Não. Isso quer dizer que uma mulher desprezada não é uma visão muito bonita.

— Ah. — Ele pareceu desapontado.

— Mas — ela deu de ombros — já que está na hora das confissões... — Char deixou o restante das roupas caírem no chão e deu um passo à frente — ... posso dizer que amo você desde a primeira vez que o vi.

— Você começou a me amar quando eu tinha 7 anos e me escondi no armário dos meus pais, porque estava com medo dos fogos de artifício de 4 de julho?

— Você era loiro — comentou Char, relembrando em voz alta. — Agora, seu cabelo é escuro, mas, quando era pequeno, você era bem loirinho. Eu me lembro de pensar que queria tocar em seu cabelo, que era tão bonito...

Jake sorriu, sem dizer nem mesmo uma palavra, e a absorveu com os olhos.

— Queria que meu primeiro beijo tivesse sido com você — admitiu Char, então avançou de quatro pela cama e pôs uma perna de cada lado do corpo dele.

Jake se inclinou para a frente e sussurrou, junto à boca de Char:

— Que tal o último beijo ser comigo?

— Do que você...

— Eu amo você... estou apaixonado por você. — Jake segurou o rosto dela. — Quero tudo com você, quero você inteira...

Jake a tomou em um beijo fervoroso e passou os dedos por seus quadris, puxando-a mais para perto. Os lábios dele deixaram uma trilha que pegava fogo em seu pescoço enquanto Jake tocava seu corpo de olhos fechados. Devagar, ele correu as mãos até suas pernas e depois subiu de volta, até envolver seus seios.

Umedecendo os lábios, ele tirou as mãos e se afastou.

— Jake?

— Não quero que seja assim. — Ele foi até o interruptor e acendeu as luzes.

Char fez menção de cobrir o corpo.

— Não faça isso. — Jake balançou a cabeça. — Quero ver você. Quero que dessa vez... — ele observou os lábios de Char — ... preciso que dessa vez seja diferente.

— Jake...

— Char, você não é só uma marca na minha cabeceira, como você diz — explicou Jake. — Você não é só mais uma. Isso que vamos compartilhar não é uma noite de bebedeira. Não é mais uma das minhas noites de galinhagem. Não tenho nada a oferecer, a não ser a mim mesmo, e não quero nada em troca, além de cada pedaço do seu coração.

Char concordou com a cabeça, devagar.

— Diga — pediu ele, rouco.

— Você o tem — sussurrou Char.

— O que eu tenho? — Ele andou devagar até a cama.

— Meu coração. — Char se apoiou nos joelhos. — A mim, você me tem inteira, cada pedaço. Quero que você possua tudo.

Ele foi até ela e então fechou os olhos.

— Eu juro que nunca vou deixar escapar.

— Quando foi que você ficou tão romântico?
— Não sei. — Ele a puxou para os braços. — Quando foi que você ficou bonita a ponto de me fazer querer escrever poemas?
— Me beije.
— Não. — Jake a afastou. — Vou fazer isso bem devagar.
— Por favor, faça rápido — choramingou Char, sentindo a falta daquele toque que era como um vento gelado contra o corpo.
— Não. — Os dedos de Jake roçaram seu queixo. — Quero curtir cada momento.

Char quase levou um susto quando Jake puxou seu rosto para o dele e lambeu seu lábio inferior, depois o sugou, deslizando a língua por entre os dentes para sentir seu gosto.

— Meu Deus, você é maravilhosa! — murmurou contra seus lábios, mordiscando e explorando sua boca. Enquanto Jake corria as mãos por todo seu corpo, era impossível pensar ou fazer qualquer coisa que não fosse corresponder às carícias, ao toque, ao amor.

Suspirando, ele a pegou no colo e a carregou até a cama, colocando-a gentilmente entre os lençóis. Ele se afastou para olhá-la, os olhos tomados de desejo, mas ainda assim se segurou.

Sorrindo, Jake passou os dedos em seus cabelos e os espalhou pelo rosto de Char, penteando-os diversas vezes, hipnotizado pelo contato dos fios com a sua pele.

— Sonhei com esse momento — revelou Jake. — Com o jeito como seu cabelo ficaria, espalhado pela cama, nos lençóis de cetim... na verdade, em qualquer coisa. Ele é lindo. Você é linda.

Char abriu a boca para responder, mas ele a calou com um dedo.

Jake se aproximou e beijou seu pescoço, e em seguida a orelha, lambendo-a na pontinha e depois soprando perto do ouvido, provocando arrepios por todo o corpo de Char.

— Você é tão sensível! — Os lábios dele passearam por sua mandíbula, desceram para o pescoço e foram até a outra orelha. Jake repetiu o processo, em seguida deu um beijo molhado entre seus seios, soprando a parte úmida com suavidade. O corpo de Char se encheu de vida outra vez, cada nervo à flor da pele, esperando, ansioso, pelo toque seguinte de Jake.

As mãos quentes dele envolveram a bunda de Char, acomodando-a na cama. Quando ele se inclinou sobre ela, Char sentiu que o calor daquele corpo a queimava. Sem deixar de olhá-la nos olhos, Jake deslizou as mãos até as coxas de Char.

— Esta noite não é minha. É sua, só sua.

— Mas...

Char parou de raciocinar ao sentir o toque habilidoso de Jake. Quando ela soltou um gemido, Jake beijou sua testa e depois suas pálpebras, então passou a massageá-la, das coxas até as panturrilhas, depois subindo até os ombros. Parecia que o melhor sonho erótico de sua vida tinha se tornado realidade. Cada beijo, cada sensação, era como uma droga.

Quando Jake finalmente a penetrou, Char já estava tão perto, que não conseguiu não gritar o nome dele.

E foi então que o autocontrole de Jake, sua lentidão dolorosa e a paciência desapareceram. Em seu lugar havia um homem apaixonado, selvagem e possessivo, disposto a fazer qualquer coisa para reivindicar Char para si.

— Eu te amo — sussurrou ele enquanto seus corpos se moviam juntos, cobertos de suor.

O mundo de Char explodiu. Mudou. As cores ficaram mais brilhantes; as sensações, mais intensas; e sua alma se uniu à dele.

— Para sempre — sussurrou Jake, sem fôlego. — Você é minha para sempre.

Capítulo 51

Eles deviam ter caído no sono. Jake não conseguiu parar da primeira vez, nem da segunda. Ora, tinha sorte de ainda ter energia suficiente para erguer a cabeça. O restante dos convidados devia estar pensando que ele estava chateado. Não poderiam estar mais enganados. Jake estava em êxtase, saciado e ainda um pouco excitado — como era possível? Ele absorveu a visão da pele clara de Char, do cabelo castanho-avermelhado que caía sobre os ombros. Incrível. Ela era incrível. Jake suspirou e olhou pela janela. Estava escuro. Ele se levantou da cama em um pulo quando ouviu vozes que se aproximavam.

— Char! — Ele a cutucou. — Acorde!

O lençol que a cobria escorregou.

Jake travou uma batalha interior. Deveria possuí-la outra vez, mesmo sabendo que a porta poderia estar destrancada, e com a possibilidade de dar a vovó uma bela visão do que acontecia quando ele era mandado para o quarto com uma garota incrivelmente sexy?

Vovó gritou alguma coisa.

O medo venceu.

— Vamos! — Ele recolheu o vestido de Char do chão e o jogou para ela.

Jake pegou as calças e a blusa e se vestiu o mais rapidamente possível. Quando a maçaneta girou, ele estava tentando ajeitar os lençóis.

A porta se abriu.

Char se sentou na beirada da cama, uma das mãos sobre a outra. Jake se juntou a ela e suspirou.

Vovó entrou no quarto.

— Onde vocês dois estavam?

— Aqui. — Jake pigarreou. — Foi você quem nos mandou para cá, para início de conversa.

Travis e Kacey entraram em seguida. Ah, que maravilha! Jake tentou esconder a culpa em seu rosto, mas o olhar do irmão indicou que estava fazendo um péssimo trabalho ao tentar parecer inocente. Não era culpa dele que não conseguisse deixar de sorrir como se tivesse acabado de ganhar na loteria. Sentiu o sorriso se alargar ainda mais. Bem, era melhor aceitar que não estava escondendo nada do irmão.

— O que os dois estavam fazendo aqui... sozinhos? — Vovó cruzou os braços, e as pulseiras balançavam em seus pulsos. — Nada de safadezas, né?

— Não, senhora. — Jake balançou a cabeça e pigarreou. — Estávamos só brincando de...

— Mímica — completou Char.

— Com duas pessoas só? — Vovó olhou desconfiada para a cama atrás de Char.

— Claro. — Jake engasgou com a risada: jogar mímica pelado, um clássico. — É um jogo novo.

Travis gemeu alto.

— Eu que queria jogar mímica!

— Encontre outra pessoa para jogar com você! — retrucou Jake.

— O problema não é encontrar a pessoa, é o juiz da partida. — Ele olhou feio para vovó.

— Ainda estamos conversando sobre mímica? — perguntou vovó, inocentemente.

— Claro! — Char deu uma risada falsa. — É que... hã... O jogo ficou um pouco intenso.

— Aposto que ficou — resmungou Travis.

— Quem ganhou? — perguntou Kacey.

— Eu — responderam Char e Jake, ao mesmo tempo.

— E quantas vezes vocês jogaram? — perguntou Kacey, recebendo uma cutucada de Travis bem nas costelas. — O que foi?

— Não está ajudando.

— Foi mal — murmurou a noiva enquanto Jake viu Char erguer quatro dedos.

Kacey fez um sinal de positivo.

— Não que qualquer um desses meus netos ridículos esteja prestando atenção em mim... — Vovó andou até a cadeira onde o sutiã de Char estava pendurado e se sentou.

Jake arregalou os olhos.

Travis deu uma risadinha.

Kacey andou de mansinho até vovó e jogou o sutiã no chão, antes de falar:

— Eu estou prestando atenção, vovó.

— É que eu precisava contar tudo a Char e Jake, antes que seja tarde demais.

— Tarde demais? — perguntou Char. — Para quê?

— Para anularem o casamento, é claro! — gritou vovó. — Com o que mais eu estaria preocupada?

Jake abriu a boca, depois fechou.

— Por que a gente precisaria anular alguma coisa? Não estamos casados.

— Então... — Vovó brincou com um fio solto da blusa. — Parece que o documento que vocês assinaram como testemunhas do noivo e da noiva... Bem, tecnicamente vocês dois são marido e mulher, agora. — Ela ergueu os ombros. — Ops?

— Ops? — repetiu Jake. — Ops uma ova! Você planejou isso!

— Como ousa! — Vovó ficou de pé. — Nem mesmo eu seria capaz de algo tão baixo quanto fazer meu neto favorito se casar sem saber.

— Eu era o favorito, hoje de manhã. — Travis sentiu a necessidade de acrescentar.

Vovó o ignorou.

— Vocês vão ter que ficar casados, já que esta família não acredita em divórcios. E, pelo estado de Char, imagino que já tenham... — Vovó teve a decência de corar — ... brincado de

mímica. — Então, parecendo lembrar-se de quem era e de que não tinha pudores, ela se virou para Char. — Me conte, querida, como foi o *jogo*?

Char corou e pegou a mão de Jake.

— Mudou minha vida, fez a terra tremer e me ajudou a encontrar minha alma gêmea.

Jake sentiu o coração bater um pouco mais depressa com aquela admissão. Char repetira as palavras dele. Ah, que se dane! Ele agarrou a nuca de Char e a beijou até perder o fôlego. Seus lábios se encontraram, frenéticos. Ele interrompeu o beijo cedo demais, sorrindo como bobo.

— Exibido — resmungou Travis.

— Ora, querido! Amanhã, quando estiver casado, poderá brincar de mímica quantas vezes quiser! — Vovó deu tapinhas no braço do neto mais velho. — Quem sabe? Talvez sua avó tenha um tempinho para uma noite de jogos na casa do sr. Casbon.

— Nossa, espero que não! — murmurou Jake.

— Bem... — Vovó, parecendo muito feliz consigo mesma, se levantou da cadeira. — Agora que resolvemos isso, temos que voltar aos assuntos mais urgentes. Jake, você e Char estão encarregados de fazer com que os bonequinhos do bolo cheguem ao cozinheiro, e não se esqueçam da dança que vão apresentar.

Jake soltou um palavrão.

— De repente, me sinto tão melhor — comentou Travis em um tom superior.

— Dança? Que dança? — perguntou Kacey.

— Não estrague a surpresa. — Travis a guiou para a porta e deu um último sorriso de expectativa para Jake.

— Para cama, vocês dois! — Vovó empurrou Travis e Kacey para fora do quarto. — Eles já estão casados. Mas vocês dois ainda vão passar mais uma noite sozinhos, antes de poderem jogar esses joguinhos.

— Odeio você, Jake! — gritou Travis enquanto era empurrado para fora do quarto.

— Bons sonhos, Travis!

Ainda deu tempo de Jake ver o dedo do meio do irmão antes de a porta se fechar atrás de vovó.

— Ela planejou. — Char sacudiu a cabeça. — Aquela mulher maldita planejou tudo.

Jake se sentou na cama, depois se deitou.

— Ela devia receber um diploma honorário de Harvard, ou coisa parecida.

— Será que lá tem algum curso de manipulação? — indagou Char.

— Não é bem manipulação. Está mais para a arte da guerra.

— Aposto que ela foi um general, na vida passada — concordou Char.

Os dois ficaram em silêncio por um momento. Jake segurou a mão dela.

— Eu tinha um discurso bem romântico planejado e, de repente, percebi que não jantei e estou morrendo de fome. Quer ir atacar a cozinha comigo?

— Claro. — Char se levantou da cama. — Não consegui nem terminar meu vinho! — Ela parecia horrorizada.

— Pense nas pobres crianças da África! Não acredito que você não tenha terminado o vinho. Sabia que eles não têm nem vinho para beber, lá?

— Muito engraçado. — Char saiu na frente dele.

Vovó já estava posicionando a cadeira no meio do corredor.

Ouviram um latido.

Jake se encolheu. O latido ficou mais alto. Ele olhou para baixo, e... Mas que merda! Vovó tinha comprado um cachorro igual a um ewok, de *Stars Wars*!

— O que é isso? — Ele apontou para o animal escandaloso e rezou para que estivesse tendo uma alucinação. Aquilo era pequeno e pentelho demais, não podia ser um cão de guarda.

— É o meu protetor. — Vovó pegou o cachorro no colo. — Não é mesmo, Charles Barkley? Não é?

— Você o batizou em homenagem a um jogador de basquete? Eu nem sabia que você gostava de basquete.

Vovó deu de ombros.

— Tem muitas coisas sobre mim que você não sabe. E considero aquele homem.... fascinante. É tão grande e dominador, entende?

Jake preferiu não entender, para não ter pesadelos pelo restante da vida.

— Vovó, por favor, nunca mais diga isso em voz alta.

— O quê? — Ela deu de ombros. — É verdade. Além do mais, percebi que meu apito não é o suficiente para me proteger de intrusos. Mas o pequeno Charles aqui faz um ótimo trabalho. Bem, eu durmo como uma pedra!

— Você mora com mamãe e papai — comentou Jake.

— Mas moro no primeiro andar! — disse vovó, exasperada. — Quando eu conseguir pegar o apito, os invasores já estarão dentro do quarto! E, se entrarem lá, adeus vovó! — Bem, Jake não tinha muita certeza de que ela partiria sem lutar. O intruso é que provavelmente sairia traumatizado.

Char assistia à conversa e se divertia.

— Então, vovó, é para isso que serve a coleira de choque?

— Ah. — Jake assentiu. — Agora faz sentido!

— O quê? — Vovó colocou o cachorro na poltrona.

— A coleira de choque. É para Charles?

— Não! — Vovó fez carinho no cachorro. — Ele é um bom garoto! Um bom garoto! — Ela se virou para Jake. — Charles é treinado.

O cachorro latiu outra vez.

— É o cachorrinho perfeito. Escuta cada palavra que digo.

Os latidos continuaram.

— Ora, sabe até francês!

O cachorro latiu em concordância.

— Como é que você sabe? — Jake olhou feio para o cachorro, que mostrava os dentes para ele.

Vovó ergueu a mão no ar, impaciente.

— Ele nasceu na França, *oui, oui*.

O cachorro parou de latir e se sentou.

— A coleira foi para assustar Travis.

— Valeu, vovó! — gritou Travis, de um dos quartos.

— Eu te amo, Trav! — gritou vovó em resposta, dando a impressão de que iria quebrar a barreira do som com a voz.

— Certo... — Jake se afastou devagar. — Bem, Char e eu vamos comer alguma coisa. Já voltamos. Como é que passamos do cão de guarda?

— Jake... — Vovó sacudiu a cabeça. — Estou decepcionada. Você, dentre todas as pessoas, devia saber como passar por um cachorro. Afinal de contas, já foi um, não é mesmo?

— Ponto para a vovó — comentou Char, atrás deles.

Ele estreitou os olhos com a risadinha da avó.

— Como é que passamos pela droga do cachorro?

— Pense nisso como um outro *jogo*. — Vovó o dispensou com um gesto. — Aproveite a comida!

Capítulo 52

— Ela tem muito tempo livre — comentou Jake, quando entraram na cozinha. Char não precisava de vinho, ainda estava tonta com aquelas horas na cama. Precisava de comida, isso sim.

— Vovó não tem culpa de o passatempo dela ser justamente os netos. — Char encontrou as taças e trouxe duas para o balcão no meio da cozinha enorme e luxuosa.

Jake pegou uma garrafa de vinho tinto e serviu os dois.

— Ei — ele mordeu o lábio inferior —, que tal a gente ir para a casa da árvore? Quero lhe mostrar uma coisa.

— Nossa, que garanhão! Aposto que dizia isso a todas, no colégio.

Jake revirou os olhos.

— Só pegue sua taça. Vamos lá.

Ela o seguiu, meio boba de felicidade, até a noite fria. Era ridículo, mas sua forma de ver a vida tinha mudado. Talvez fosse porque finalmente estava com o homem que sempre quis.

E casada, para ser mais precisa.

Não apenas saindo com ele.

Haviam invertido o processo? Sem problema.

— Vamos. — Jake pegou a taça das mãos de Char e a colocou no chão da casa da árvore enquanto a ajudava a subir.

Quando estavam no pequeno cômodo, Jake acendeu uma vela e soprou o fósforo.

— Pronta para a surpresa?

— Depende. — Char tomou um gole de vinho. — Você vai me contar uma história de terror ou está mesmo planejando uma surpresa?

— Pronta ou não? — Ele se inclinou para a frente e beijou sua boca com vontade.

— Pronta. — Ah, corpo traidor!

— Feche os olhos.

Ela fez biquinho.

— Feche!

— Está bem! — Ela fechou os olhos e ouviu alguma coisa ser revirada. Parecia que ele estava segurando um embrulho ou uma sacola.

— Abra a boca.

— Não sei se quero fazer isso, não — respondeu.

— Confie em mim — sussurrou Jake.

E, como ele dissera que a amava, e ela finalmente confiava nele, Char obedeceu. Abriu a boca.

A primeira coisa que sentiu foi o gosto do creme doce. Abriu os olhos.

— Um Twinkie! — Rindo, ela pegou o bolinho com as mãos. — Por que você guarda Twinkies aqui em cima?

Jake pareceu corar. Ele mordeu o lábio inferior e se sentou ao lado dela.

— E agora é hora da história...

Ela encostou a cabeça no ombro de Jake.

— Era uma vez um garoto que conheceu uma garota. Ele a ofendeu por tê-la encarado, então a garota deu um soco na cara dele. — Char riu, e Jake continuou: — Então, um dia, a garota deu a ele um Twinkie. Parece que, no primário, comida é considerada uma oferta de paz. O garoto não teve coragem de dizer à bela garota que não gostava de Twinkies, então os guardou. Cada vez que ela lhe dava um bolinho, ele corria para casa e o escondia na casa da árvore.

Os olhos de Char se encheram de lágrimas.

— Como um esquilo?

— Como um esquilo idiota. — Jake riu. — Até que, um dia, acabaram os Twinkies. Você sabe, às vezes os garotos crescem e viram uns idiotas. Pensam que, como cresceu um pelo em seus queixos ou descobriram um músculo no braço, de repente não precisam mais das garotas com Twinkies. Pensam que deviam ter muitas garotas, não apenas uma. E aí estragam tudo... — Ele se virou para Char e engoliu em seco. — Estraguei as coisas com você tantas vezes... Eu era tão apaixonado por você no ensino fundamental, e de repente foi como se nós dois tivéssemos parado de tentar. Foi a primeira vez que fui embora, meu primeiro erro.

Char piscou para conter as lágrimas.

— E qual foi o segundo?

— Abandonar você outra vez, na noite em que fui egoísta e a usei para me sentir melhor comigo mesmo. — Jake suspirou. — E o terceiro e último erro na minha história trágica...

— Qual foi?

— Não beijar você no instante em que a vi outra vez, não pedir desculpas por ter lhe deixado... por ter lhe abandonado, mesmo que, lá no fundo, eu soubesse que era você, que sempre foi você, Char.

Ela limpou algumas lágrimas que escorriam pelo rosto.

— Mas e Kacey? Quer dizer, você e ela foram...

— Não era assim, nunca foi. — Jake sacudiu a cabeça. — Nunca.
— Ele ficou sério e virou o queixo de Char na direção de seus lábios.
— Isto é indescritível.

— Ah.

— Uau! Depois de tudo isso, você só responde "ah"?

Char sorriu e apoiou a cabeça no ombro dele outra vez.

— Bem, estou um pouco cansada depois de toda aquela mímica.

— Que pena. — Jake deu uma risadinha. — Tinha mais alguns truques na manga.

— Claro que tinha, bonito!

Ouviram um barulho no chão perto da casa da árvore. Gesticulando para que Char ficasse quieta, Jake olhou por cima da cerca e viu vovó atravessando o gramado até a casa do vizinho.

— O que ela está fazendo? — sussurrou Char.

— Parece que está indo para um... joguinho da madrugada — sugeriu Jake.

— Com?

— O vizinho. Um velho maluco que só usa camisas havaianas e belisca a bunda da vovó durante os jantares em família. Ele a ama. É obcecado. Planeja suas manhãs de acordo com as caminhadas da vovó.

— Uau, quanta dedicação!

— Com certeza, ela está fazendo alguma coisa certa.

Char deu risada.

— Ela é uma Titus.

— Bem lembrado. — Umedecendo os lábios, ele a puxou para outro beijo. — Eu não a beijei, sabia? Não queria. Nunca quis.

— Quem?

— Amy.

— Ah, ela. — Char bufou. — Minha inimiga da escola e típica menina malvada. Eu sei. Deixa pra lá. Juro que eu tinha esquecido, até que vi aquelas garras de acrílico perfurando seu peito.

— Aquilo dói. — Jake riu. — Pra caramba. E não é uma dor boa. É uma dor que faz os caras se afastarem devagar, para não serem devorados.

As luzes da varanda da casa do sr. Casbon se acenderam e, com uma risadinha estridente, Vovó foi puxada lá para dentro.

— Bem. — Jake estendeu a mão para ela. — Sabe o que isso significa.

Char aceitou a mão dele.

— Podemos voltar para a cama?

Gemendo, ele a puxou para seus braços e a beijou.

— Sem ter que nos preocupar com vovó abrindo a porta.

Mordendo o lábio inferior, Char virou a cabeça para o lado.

— Acho que vi chantilly na geladeira.

— Sério? Vamos! — Rindo, Jake a ajudou a descer a escada e os dois voltaram correndo para a casa. Já na cozinha, Jake encontrou as frutas e o chantilly e Char pegou o vinho. Eles subiram as escadas, dois degraus por vez, mas congelaram ao ouvir um rosnado baixo.

— Merda.

Capítulo 53

— Foi fácil demais — comentou Travis, do alto da escada. — Veja só, Jake nunca aprendeu francês, achava feminino demais para ele. Não é mesmo, irmãozinho?

— Travis... — disse Jake, ameaçador. O que o irmão estava fazendo?

Kacey estava sentada no colo de Travis. Uma expressão de puro contentamento surgiu no rosto dos dois ao verem que o cachorro impedia Jake e Char de chegarem ao quarto.

— Autocontrole faz bem — explicou Kacey, beijando o pescoço de Travis. — Não, sério. Estamos fazendo um favor a vocês dois.

— Como vocês se livraram da vovó? — perguntou Jake. — Ela não ia deixar os dois sozinhos.

Travis abriu um sorriso.

— Sr. Casbon. Parece que ele está se sentindo muito sozinho, desde que vovó decidiu ficar plantada aqui no corredor. Bastou uma ligação, e lá foi ela.

Jake queria socar o irmão até que aquele sorrisinho sumisse do rosto dele.

— Está bem, você ganhou. É mais inteligente que uma pulga. Podemos subir?

Kacey e Travis se entreolharam como se perguntassem um ao outro: *o que você acha?*

Char resmungou atrás de Jake.

— Pensem nisso como um exercício para aprenderem a trabalhar em equipe — respondeu Kacey, por fim. — Vocês terão de unir

forças, se quiserem conseguir subir as escadas e chegar ao quarto, e nós iremos ignorar seus pedidos de socorro.

— E por que estão fazendo isso? — perguntou Jake.

— Perdemos um desafio — respondeu Kacey, entre os dentes. — Parece justo que a gente tenha alguma compensação.

— Por que todos nós não podemos receber uma compensação?

— Porque, por sua culpa, vovó vai cantar no casamento — respondeu Kacey. — Portanto, nós ganhamos compensação e vocês ganham... — Ela apontou para o cachorro. — Charles Barkley.

Travis e Kacey comemoraram com um “toca aqui” e saíram do corredor, deixando Jake e Char sozinhos com o pequeno cachorro.

— Quão perigoso ele pode ser? — Jake estendeu a mão na direção do cachorro, que começou a rosnar e a mostrar os dentes. — Ele está fingindo, não é? Você é bonzinho, não é, Charles? — Ele tentou de novo. Dessa vez, o cachorro quase arrancou um dedo dele.

— É, acho que não é uma boa ideia nos aproximarmos muito. — Char o puxou para trás. — Pode ser que ele decida morder outra coisa, e tenho certeza de que isso acabaria com a noite.

Jake coçou a cabeça.

— O que a gente vai fazer? Ele está controlando o caminho para o nosso quarto, e os quartos de hóspede estão ocupados com os convidados do casamento.

— A gente pode gritar na porta do quarto de Amy, dizendo que a casa está pegando fogo, e depois a deixamos trancada do lado de fora — sugeriu Char, esperançosa.

— Char. — Jake segurou uma de suas mãos. — Seja melhor do que ela.

— Preciso mesmo?

— Só tente. — Jake deu uma risadinha e a puxou para seus braços, beijando-a com voracidade. O cachorro, claramente agitado, começou a latir.

Jake se afastou, reclamando.

— Pare de latir!

O cachorro latiu ainda mais alto e se encolheu como se estivesse prestes a pular.

— Shh! — Char apontou para o cachorro. — Nada de latir!
O cachorro parou por dois segundos, até que começou a uivar.

— Odeio a vovó. — Jake praguejou.

Char se escondeu atrás dele.

— Nossa, obrigado! Como foi que, de marido, passei a ser seu escudo humano?

Char riu.

— Bem, estamos casados.

— É verdade.

— O que vamos fazer?

O cachorro não ia sair dali, isso era óbvio, e Jake não ia correr o risco de deixar que o animal mordesse suas partes íntimas. Sem outras ideias, ele se virou para o corredor.

— Já sei.

Dez minutos depois, eles estavam de volta à casa da árvore. Mas dessa vez tinham cobertores, mais vinho e pipoca.

Jake segurou a mão de Char, envolvendo-a na sua, enquanto olhava o rio pela janela.

— Quanto ao seu trabalho...

— Que se dane o meu trabalho! — Char abraçou o pescoço dele e se sentou de pernas abertas no colo do marido. — É só isso, um trabalho.

— Mas você gostava dele de verdade. — Jake se liberou do abraço de Char, desejando olhá-la nos olhos. — Você e Kacey costumavam apresentar o jornal da manhã aqui na casa da árvore, quando tinham 7 anos. Tenho certeza de que era seu sonho.

— Eu gostava de contar histórias. E gostava de escrever... — Ela deu de ombros. — Gosto mais de você. Às vezes, as coisas que realmente queremos na vida estão sob o nosso nariz.

Jake riu.

— Nossa, assim vou ficar vermelho! Foi um elogio bem sexy. Que bom que você gosta de mim... Será que podemos começar a sair e, quem sabe, um dia até nos casar? Ah, espere um pouco.... — Ele bateu a mão na testa. — Nós invertemos a ordem!

— Não. — Char encostou a testa na dele. — A ordem inversa para uns pode ser a certa para outros.

Jake a fitou, e no seu olhar havia a promessa de que nunca a deixaria partir.

— Acho que gosto de fazer as coisas ao contrário.

Char sorriu, e seus olhos azuis brilhavam ao luar.

— Eu também.

Capítulo 54

— Acho que vou morrer. — Travis soltou um palavrão. — Só para você saber, acho que vou mesmo morrer. Vai sair no jornal. As pessoas vão rir. A situação vai ficar feia, Kacey. Só estou avisando.

— Só por precaução? — Kacey tirou a blusa.

Os olhos de Travis ficaram escuros.

— Isso, só por precaução.

— Entendo. — Ela tirou o short e o jogou no chão.

— Mas que merda! Estou me sentindo como uma criança!

— Você está tentando *acabar* com o clima? — Kacey olhou de cara feia, botando as mãos nos quadris.

Travis desviou os olhos.

— É, não foi isso mesmo o que eu quis dizer.

— Pode explicar melhor?

— Me sinto um adolescente. — Travis abriu um sorriso. — Como na primeira vez que a vi de biquíni.

— Ah, as histórias da sua adolescência pervertida! Diga-me, Satã...

— Aaaaaaah, vamos começar a falar sacanagem. Gostei.

Kacey revirou os olhos.

— Qual era a cor do meu biquíni?

Travis umedeceu os lábios e avançou até ela.

— Rosa. Era um biquíni rosa-shocking. — Ele a puxou para os braços e começou a beijar sua orelha. — Me deixou com calor.

— Ah, é? — sussurrou Kacey, afastando-se. — Por isso você me empurrou na piscina?

— Bem, estava calor. — Travis passou os dedos pelos lábios da noiva. — Você precisava se refrescar... Eu fui um cavalheiro.

— Você foi um babaca — retrucou Kacey.

— Também. — Travis passou os dedos pelo cabelo dela. — Nossa, como você é linda!

Sentindo as bochechas corarem, Kacey olhou para baixo. Ele não dizia aquilo havia quase uma semana, o que era perfeitamente compreensível, já que estavam sendo mantidos separados por vovó. Era algo bom de ouvir!

— Não faça isso. — Travis deu uma risada. — Não fique com vergonha de repente.

— Não estou com vergonha. — Kacey o encarou. — Só estou feliz por ouvir você dizer isso.

Travis franziu a testa.

— Acha que eu não digo o bastante?

— Você diz, sim. — Kacey não soou convincente nem para os próprios ouvidos. — Mas que droga, estou ficando exigente! É porque você me mima demais! — Ela beliscou o braço do noivo e ficou satisfeita ao ouvir o grito de dor.

— Pestinha! — Travis a jogou na cama e a prendeu sob o corpo, segurando seus pulsos, de modo que ela não conseguisse fugir.

Kacey se debateu debaixo dele. Maldito. Era forte.

Um músculo se contraiu na mandíbula de Travis, que cerrou os dentes e fechou os olhos. O cabelo escuro e ondulado caiu pela testa quando ele se inclinou, aproximando-se o suficiente para beijá-la. Em vez disso, inspirou e não fez mais nada.

— Hã, Travis? — sussurrou Kacey.

— Hum?

— O que você está fazendo? Achei que estivesse morrendo. Disse que ia enlouquecer sem contato físico e agora... — Ela riu, sem fôlego. — Está me cheirando?

— Isso. — Ele continuou a inspirar, o nariz fazendo cócegas nas laterais do rosto de Kacey enquanto ele descia até seu pescoço.

Ah, como ele era bom! Ela havia esquecido como tudo parecia certo quando estavam juntos, como tudo parecia ficar bem quando

ela estava perto dele... O resto do mundo tinha desaparecido e só havia eles, nada mais.

— Amo esse seu pescoço — murmurou Travis, e seus lábios queimavam a pele de Kacey. — Tem cheiro de flor. Sempre teve. Não sei se é o seu perfume ou se é você. É incrível!

A língua dele roçou a pele dela, provando-a, sem pressa. Então ele a beijou uma, duas vezes, parando entre cada beijo, como se quisesse guardar na memória o gosto de cada ponto.

Depois, os lábios deixaram o pescoço dela, seguindo em direção ao ombro.

— Fiquei um ano inteiro obcecado com esse ombro.

— Mentira! — Kacey riu. — Qual é o seu problema?

Travis segurou o ombro direito dela, passando o polegar pela pele delicada, espalhando calafrios pelo corpo de Kacey.

— É verdade. Você usava uma blusa que deixava esse ombro, o direito, descoberto. Eu tropecei no corredor, porque estava olhando aquele pedacinho de pele. Jurei a mim mesmo que um dia estenderia a mão para tocar seu ombro. É claro que, quando eu era adolescente, não parava aí. Eu queria...

— Me beijar? Transar comigo?

Travis riu, e seu sorriso provocou reações loucas na barriga de Kacey. Ele não tinha ideia de como era devastador.

— Não, meu amor. Só queria segurar a sua mão. É verdade.

— Segurar a minha mão? Um pouco sem graça, não acha?

— Não acho. — Ele engoliu em seco, os olhos assumindo um brilho sensível enquanto umedecia os lábios e tirava o cabelo do rosto da noiva. — Sabia que, naquela época, você nunca iria querer me beijar. Então disse a mim mesmo que, se pudesse apenas segurar a sua mão...

— O quê? — perguntou Kacey, sem fôlego.

Travis alcançou a mão ainda presa acima da cabeça dela e entrelaçou os dedos nos seus.

— Seria o suficiente.

Kacey sentiu um nó na garganta. Nem conseguiu responder. O que dizer, depois de uma declaração daquelas?

— Eu teria ficado satisfeito — continuou Travis. — Teria ficado feliz mesmo... vivendo a minha vida, seguindo em frente, continuando sem o meu primeiro amor. Isso se eu pudesse segurar a sua mão. Pelo menos, era o que eu achava.

Kacey apertou a mão dele e a levou até a bochecha.

— E agora? O que você acha?

— Nunca. — A voz dele estava rouca. — Nunca mesmo. — Ele soltou a mão e envolveu o rosto dela. — Teria sido o suficiente? Apenas encostar nos seus dedos. — Ele colocou o polegar entre os lábios da noiva. — Teria acabado comigo. E, agora, só quero ficar a seu lado o tempo todo, cada segundo do dia. Não consigo tirar você da cabeça. Nunca vou me cansar de você. E espero que esse fogo, essa febre que você me causa, nunca acabe. — Ele tomou os lábios dela nos dele, sugando-os, e se afastou. — Só para constar, caso você ainda tenha alguma dúvida, acho que você é mais do que bonita.

Kacey sentiu os olhos se encherem de lágrimas.

— Já disse uma vez, há alguns meses, que eu devia dizer isso todos os dias... Mas parece que fui egoísta demais para pensar em dizer. É que não conseguia parar de pensar em como sua mão estava longe do melhor amigo: eu. — Travis deu uma piscadela. — Mas, Kace, graças a Deus você é minha, porque você é linda! Amo esses seus cílios...

— Travis. — Ela o interrompeu com um beijo.

O noivo se afastou.

— Deixe que eu termine. Amo os seus cílios: eles sorriem com os seus olhos. E as suas mãos: Deus as fez para que se encaixassem nas minhas. Sério, vovó perguntou. E Ele respondeu que sim.

— Ah, é? O que mais Ele disse? — brincou Kacey.

— Que você era minha desde o começo, desde a primeira vez que eu quis ver seu ombro, segurar sua mão, beijar sua boca perfeita. Que éramos nós dois contra o mundo, e que sempre será assim. — Ele suspirou. — O casamento é só o começo da nossa história, e espero que, quando Deus escrever o final, a gente ainda esteja de mãos dadas na última página.

Kacey achava que não conseguiria falar. Apenas assentia enquanto observava o amor que Travis sentia por ela tomar conta dele — dos olhos até a postura protetora de seu corpo, que se inclinava sobre ela.

— Amo você. — Ela conseguiu dizer.

Ele suspirou contra os lábios da noiva.

— Querida, amo tanto você! Mal posso esperar para que a gente se torne marido e mulher. E sinto muito pelo que vou fazer.

Já tonta, Kacey sacudiu a cabeça.

— Pelo quê? O que você vai fazer?

Ele se afastou e vestiu a blusa.

— Travis, espere...

— Eu te amo... e sei que vou me arrepender disso em cinco segundos, o que quer dizer que preciso trancar a porta do meu quarto... — Ele suspirou. — Mas, meu amor, vou aceitar o conselho da vovó, já que ela é a razão de estarmos juntos, para começo de conversa. Vou sair por aquela porta e esperar mais doze horas.

— Hum. — Kacey brincou com a alça do sutiã. — Sério? Doze horas inteirinhas?

— Não faça isso comigo. — Travis fechou os olhos e suspirou. — Sim. Agora continue de lingerie enquanto tento passar por aquele cachorro sem ser assassinado.

Ele foi até a porta devagar, como se já duvidasse da própria decisão.

Suspirando, Kacey se levantou da cama e andou até ele. Então o abraçou por trás e encostou o queixo em suas costas.

— Eu te amo, Travis Titus.

— Você... — Travis parou, os músculos tensos sob os braços dela.

— É a minha vida, futura Kacey Titus.

Kacey o soltou e ele saiu.

Travis tinha o autocontrole de um santo e, em vez de deixá-la brava, isso fazia com que ela o amasse ainda mais. Em doze horas, Travis seria dela. Todo dela.

Capítulo 55

Char soltou um gemido ao ser puxada para perto de algo quente. Suspirou, feliz, quando lábios vorazes encontraram os seus. Rindo, Jake foi para cima dela e tirou a blusa. Aquele homem era insaciável — o que, para ela, era ótimo. Jake se afastou, gesticulando com o indicador para dizer que era a vez dela. Char ergueu a blusa até metade do tronco e parou.

Sem aguentar esperar, Jake arrancou a blusa e puxou as alças do sutiã dela. Sua boca se colou à de Char em segundos. As mãos deslizaram até seus quadris, puxando-a para si, quando ele soltou um grunhido que mais parecia um apelo desesperado.

— Não consigo parar — disse, roubando mais um beijo faminto.
— Por favor, não me odeie por eu querer você outra vez.

Odiá-lo? Ela não conseguia tirar as roupas rápido o bastante. Quem poderia imaginar que ela passaria a primeira noite de casada em uma casa de árvore? E com Jake Titus? E Twinkies. Bem, Deus tinha senso de humor, afinal.

— Nossa, você tem um gosto maravilhoso! — A língua de Jake se enroscou na dela enquanto as mãos deslizaram até seus quadris.

Ela ouviu fogos de artifício estourarem no instante em que aquelas mãos roçaram sua pele — ou talvez tivesse sido um apito. Ela o beijou com mais vigor. Tinha alguma coisa errada.

Os fogos de artifício ficaram mais altos.

E alguém começou a bater na porta da casa da árvore.

— Muito bem, vocês dois! — gritou vovó. — Desçam já daí! Temos planos a fazer! E um casamento! Desçam!

Jake, obviamente sem se importar, continuou a beijá-la.

Char retribuiu o beijo — até que seu marido foi arrastado para longe dela pela vovó em pessoa, com o apito nas mãos.

Jake praguejou enquanto se cobria com o cobertor.

— O que você pensa que está fazendo?

Vovó deu de ombros.

— Vocês têm o resto da vida para fornicar na casa da árvore...

— Não é fornicação quando se está casado — comentou Jake.

— Está bem. Vocês podem trepar depois. — Vovó olhou feio para eles. — Mas o pessoal do bufê já chegou, e o bolo também. Preciso dos bonequinhos.

Char sentiu os olhos se arregalarem.

— Hã, foi um...

— Sei que vocês estão com os bonequinhos — explicou vovó, parecendo entediada. — Blanche confirmou que vocês pagaram a encomenda.

— Foram bem caros, esses bonequinhos — grunhiu Jake.

— Desçam já, os dois. — Vovó apitou uma última vez e desceu a escada enquanto gritava: — E vocês têm dez minutos para me entregar os bonequinhos!

— Senão o quê? — gritou Jake, para a avó.

Tudo o que ouviram foi o apito, e então Charles Barkley pulando e latindo lá embaixo. O cachorro usava uma coleira que dava choques. Vovó apertou um botão e ele parou de latir e começou a chorar, caindo na grama e se contorcendo de dor.

— Use sua imaginação. Tenho certeza de que fazem coleiras dessas aqui para as partes...

— Está bem! — gritou Jake. — Como você quiser!

Tinha chegado a hora de entrar em pânico.

— Jake, não temos uma plataforma para os bonequinhos. Não podemos estragar o bolo!

Jake soltou um palavrão.

— Esses bonequinhos vão estragar o bolo: ou afundarão nele, ou estarão sobre uma plataforma na qual se lê TETAS PARA SEMPRE.

Char cobriu a boca com as mãos e riu.

— Bem, nós tivemos algumas distrações.

— Você — Jake apontou para ela — foi uma distração. Se não tivesse desfilado na minha frente de salto alto e saia curta, eu teria construído uma droga de uma plataforma.

— Sei. E cadê o seu martelo? — Ao notar a expressão de culpa de Jake, Char lançou um olhar vitorioso. — Você por acaso sabe usar um martelo?

Ele sorriu, sem pudor.

— Acho que provei que sei martelar muito bem.

— Putz. Não sei se lhe dou um tapa ou os parabéns.

— E quanto à opção em que você fica pelada? A oferta não está mais de pé?

— Não mesmo. — Char colocou a blusa e se levantou. — A oferta acabou no instante em que vovó mencionou a coleira de choque e fez alusão às partes íntimas masculinas.

— Certo. — Jake deu uma piscadela. — Está bem. Vamos acabar logo com isso. Talvez ninguém perceba.

— Sei. — Char assentiu. — E talvez vovó e o sr. Casbon não tenham brincado de mímica na noite passada.

Jake fez uma careta.

— Todo o meu tesão foi embora.

— Ótimo. — Char estendeu uma das mãos para que Jake pudesse ajudá-la a descer a escada. — Porque será extremamente inapropriado se você parecer excitado ao entregar aquela plataforma à mulher do bolo.

Jake desceu atrás dela.

— Você sempre tem uma resposta na ponta da língua.

— Foi por isso que você se casou comigo. — Char abriu um sorriso.

Jake a ergueu nos braços e a carregou pelo gramado.

— Entre outras coisas.

— Me coloque no chão!

— Vou levar você até a porta — explicou Jake. — Gosto de fazer as coisas do jeito certo.

— Só que não, né? — comentou Char.

— Algumas coisas — ele a colocou de pé no instante em que entraram na cozinha —, as que são importantes para mim, eu as

faço corretamente. Tipo as que envolvem uma pessoa chamada Char. Se você ainda não tiver entendido, depois de eu ter dito um milhão de vezes ontem de noite... — Ele a puxou, corada, para si. — Eu te amo.

— Eu também te amo. — Os olhos dela se encheram de lágrimas no mesmo instante em que ouviram outro apito cortar o ar.

— Os bonequinhos. Vamos pegar. — Jake a soltou e disparou pelo corredor.

Capítulo 56

Jake inclinou a cabeça para a direita e fez uma careta.

— Ficou legal, né?

Char estava imóvel a seu lado. Ele a cutucou e repetiu:

— Né?

O silêncio e a expressão tensa no rosto dela não o deixaram mais seguro em relação ao que tinham feito. O pessoal do bufê bolara um plano brilhante. Ainda tinham um pouco de glacê extra, caso um dos laços do bolo caísse. Era um bolo preto e branco, com glacê branco e laços pretos — simples, elegante e, nas palavras de Char, “bonitinho”. Para sorte deles, foi bem fácil esconder a palavra TETAS.

Então agora estava escrito apenas PARA SEMPRE.

Mas não estava bem centralizado, então dava para ver que era para ter mais uma palavra.

— Está legal — disse Char, por fim. — Não dá nem para ver as TETAS.

Jake soltou o ar.

— Sério? Nada de TETAS?

Vovó escolheu aquele exato momento para aparecer.

— O que vocês estão falando sobre tetas? — Ela deu um tapa na cabeça de Jake. — Será que você consegue parar de pensar em sexo e se concentrar em outra coisa por apenas cinco minutos?

Char chutou sua canela, e Jake respondeu bem alto:

— Não, não consigo me controlar. Sou uma causa perdida. — Ele soltou um suspiro pesado, sentindo os ombros se curvarem. — É

isso que sou. Sinto muito, vovó. Não vai mais acontecer. Vou tentar com mais afinco. — Ele cerrou os dentes e olhou irritado para Char.

Vovó olhou para os dois com desconfiança, antes de dar a volta no bolo.

— Tem alguma coisa diferente.

— Do lado de fora. — Char soltou. — É porque estamos aqui do lado fora, e a luz do... hã... a luz refletida nas partículas do ar...

— E o sol! — Jake quase gritou. — O sol faz o bolo parecer...

— Mais bonito! — Vovó uniu as mãos, fazendo Jake e Char suspirarem ao mesmo tempo. — Muito bem! Sabia que podia confiar em vocês dois.

Jake fechou os olhos e soltou um palavrão enquanto a senhora se afastava.

— Vamos matar vovó, isso é o que vai acontecer. Se ela descobrir o que fizemos... — Ele coçou a cabeça. — Ela não pode descobrir. É isso. Não vou ser responsável por arruinar o casamento.

Char agarrou as mãos dele.

— Está tudo bem! Ninguém vai ver TETAS!

Um homem que estava com o pessoal do bufê passou por perto e soltou um assobio.

Jake gritou para ele.

— Ela não está falando das tetas dela! Está falando...

Char cobriu a boca dele.

— Deixe para lá. Só deixe isso para lá.

Ao sentir aqueles dedos contra seus lábios e ver a boca de Char tão próxima da sua, ele perdeu toda a concentração no casamento. Sua atenção se voltou para eles. Para ela, para ser mais exato. Sem nem pensar, ele agarrou a mão dela e a arrastou de volta para a casa.

Vovó não demorou a encontrá-los.

— Vamos logo! Temos que tirar fotos em duas horas, e ainda tem o coquetel antes do casamento, às quatro!

— Beleza — concordou Jake, com a voz contida, ainda puxando Char escada acima. Ele finalmente chegou ao banheiro e bateu a porta. Conferiu duas vezes, para ter certeza de que a trancara. Então ligou o chuveiro.

— Hã, o que você está fazendo?

Ele tirou a blusa.

— Tomando um banho. Vamos ter que nos arrumar em algum momento, e pode muito bem ser agora.

— Mas temos... — Char balançou a cabeça. — O que estou dizendo? Por que estou discutindo?

Jake riu.

— Agora, tire essas roupas, antes que eu as arranque.

— Peça "por favor".

— Mas claro que não! — Jake a empurrou contra o balcão e agarrou seu cabelo. — Não vou pedir por favor, mas você pode muito bem me dizer "obrigada".

— Pelo quê? — Char empurrou o peito dele.

— Você vai ver. — Ele mordeu o lábio inferior. — É mais um "obrigada antecipado, Jake Titus".

— Não antes de você dizer "por favor", Jake Titus.

— Gosto quando você diz meu nome todo.

Char estendeu as mãos para as calças de Jake e abriu os botões, fazendo o jeans deslizar pelos quadris dele.

— Dá para perceber.

Ele resmungou.

— Está bem. "Por favor!"

— Mais alto.

— Esta é a minha garota. — Ele a beijou de um jeito mais agressivo. — "Por favor!"

Ela o empurrou, com força suficiente para que ele se afastasse alguns passos. Mas valeu a pena, só para vê-la tirando a roupa diante dele. Será que nunca se cansaria do modo como ela reagia a ele? Das bochechas vermelhas ou de como aquele corpo pequeno se encaixava ao dele com perfeição?

— Abra a porta, meu filho! — gritou Wescott. — Sei que você está aí! Tia Petunia viu você e... — Ele soltou um palavrão. — Char. E, filho, isso não é certo. Vamos ter que mudar as coisas por aqui. Você não pode simplesmente... — A mãe de Jake disse algumas palavras abafadas para o pai. — Como disse a sua mãe, é hora de deixar a pobre garota em paz. Você já deu muita dor de cabeça a ela, e o

que... Agora não, Bets! Estou tentando conversar com meu filho sobre suas atitudes!

Jake se apoiou na parede com os braços cruzados, esperando.

— Filho! — O pai bateu na porta outra vez. — Agora não, Bets! Não consegue ver que estou ocupado? Não posso deixar que ele arruíne o dia de Travis com...

Todos fizeram silêncio.

E então ouviram um monte de frases gaguejadas, palavrões e — graças a Deus! — o apito de vovó.

— Tchau, pai — gritou Jake.

— Hã, filho. — E foi isso.

Char, ainda seminua, o encarou, parecendo feliz demais.

— Então, agora que todos sabem que nós dois estamos aqui, você ainda quer...

Ele não a deixou terminar. Em vez disso, a agarrou e puxou para o chuveiro, com lingerie e tudo. Não se importava. Compraria o que ela quisesse. No momento, queria que ela ficasse exatamente como estava: a água descendo devagar pelo corpo, toda e unicamente sua. Nem ligava para o fato de seu pai saber que ele tinha se apaixonado e estava tomando banho com a esposa. Seria capaz de postar no Facebook. Ligaria para o noticiário. Na verdade, até que não era má ideia. Queria que todos soubessem que estava comprometido. Porque fora preciso uma garota extraordinária que o fizesse entender o que estivera perdendo esse tempo todo.

Ela não era apenas sua outra metade, sua alma gêmea. Na sua opinião, aquilo era o que os caras diziam quando estavam tentando ser românticos ou dormir com alguma garota.

É, talvez estivesse mesmo ficando maluco. Mas, quando a tocava, provava, sentia, percebia que a questão não se resumia ao fato de que ela o completava. Era o prazer de tê-la por perto. Não soubera o que estava perdendo até conhecer Char como uma pessoa completa, e agora que sabia, finalmente compreendia: morreria antes de deixá-la partir. Ela era sua parceira, sua melhor amiga, sua amante, sua guerreira, e era toda dele.

Capítulo 57

Bem, tomar banho nunca mais seria a mesma coisa. Na verdade, Char estava convencida de que, em um futuro próximo, cada vez que ouvisse o som de água corrente, teria muita dificuldade em segurar um sorriso. Aqueles lábios, aquelas mãos... Ah, que mãos divinas! Sério, Jake devia dar aulas sobre como usar aqueles dons abençoados. Sabia usar muito bem o que Deus lhe dera.

Ainda sentia o corpo vibrar com a sensação que aquelas mãos provocaram em seus quadris, sua bunda, e ainda se lembrava de Jake levantando-a debaixo do chuveiro. Sabendo que estava corando, Char começou a se abanar enquanto seguia para o coquetel. A maquiagem ia acabar derretendo, se continuasse assim.

Ela queria estar com a melhor aparência possível para aquela dança do acasalamento idiota que vovó tinha planejado. Sem mencionar que dançaria com Jake, e ela queria estar bonita para ele.

Quando dobrou o corredor que dava para a área em que aconteceria o coquetel, vovó a interceptou e a levou para o quarto.

— O que você está fazendo? — perguntou Char enquanto vovó a puxava, levando-a para o quarto. Sem dizer nada, a senhora fechou a porta e se virou.

— Você está um horror.

— Hã, obrigada? — respondeu Char, olhando para o vestido horroroso que Kacey escolhera. Ficara sabendo que Kacey na verdade não escolhera o vestido, e sim Bets, que quisera ajudar a planejar o casamento e desenhara os vestidos das madrinhas. Por

isso estava usando aquele vestido “vômito outonal”, que a fazia parecer 20 quilos mais gorda.

Vovó soltou um longo suspiro e descansou a mão na bochecha enquanto examinava a roupa de Char.

— Isso não vai servir. Afinal de contas, você não teve oportunidade de usar um vestido de noiva.

— Eu me pergunto de quem é a culpa. — Char ergueu as sobancelhas.

Vovó deu de ombros e dispensou o comentário com um gesto. Era óbvio que ainda estava bancando a inocente.

— De qualquer forma, uma mulher sempre está preparada. — Ela se aproximou do guarda-roupa e abriu as portas. Depois de resmungar sozinha e revirar o que só podia ser descrito como uma quantidade nada sensata de casacos com estampa de oncinha, tirou do cabideiro um saco que guardava algum traje. — Isso aqui é para você.

Ao notar a hesitação de Char, vovó fez um *tsc* de irritação e colocou o saco na cama. O som do zíper sendo aberto foi quase desconcertante.

— Vamos lá. — Vovó se afastou. — Dê uma olhada.

Quase com medo de ver o que era, Char umedeceu os lábios, enfiou a mão no saco e pegou o vestido.

O vestido.

O vestido da loja.

— Mas o casamento não é meu! — gaguejou Char.

— Mero detalhe. — Vovó a calou com um gesto. — Kacey ficou mais do que feliz com a ideia de a melhor amiga usar algo parecido com um vestido, em vez de uma fantasia de abóbora grávida. Agora, vamos vestir logo esse negócio e fazer meu neto ter um ataque cardíaco.

— Mas...

— Não gostou? — Vovó tocou o vestido nas mãos de Char e suspirou. — Naquele dia na loja, pensei que...

— Não. — Char sentiu as lágrimas queimarem seus olhos. — Não é isso. É só que me sinto em um conto de fadas. — Ela também sentia como se não merecesse nada daquilo.

— Ah, meu Deus! Se Jake é o Príncipe Encantado, estamos com problemas — disse vovó. — Ele ainda tem que cumprir algumas obrigações, começando com a dança que vocês precisam apresentar. E ainda tem que me dar bisnetos também. Vocês vão me dar bisnetos, não vão?

Char sentiu as bochechas corarem. Desviou o olhar e se balançou na ponta dos saltos.

— Estamos trabalhando nisso.

— Esta é a minha garota! — Vovó deu tapinhas na mão de Char e apertou os pulsos dela. — E nem pensem em usar camisinha. Enfiei uma agulha em cada uma que encontrei nesta casa. Espero um bebê na primavera.

Boquiaberta, Char a encarou e sentiu as bochechas corarem ainda mais.

— Nós, hã, veremos o que podemos fazer.

Só vovó pensaria em planejar uma coisa dessas.

— Boa menina. — Vovó se afastou. — Rezei para que você fosse fértil, sabia? — Ela sorriu para si mesma. — Agora, tire essas roupas. — Tinha tanta coisa errada naquela frase que Char enrolou um pouco antes de se virar e permitir que vovó abrisse o zíper da imitação de vestido que estava usando.

Quando foi aberto e deslizou para o chão, Char se afastou e fez uma careta. O vestido era branco, e ela estava de lingerie preta.

— Ah, eu quase esqueci!

Vovó ergueu uma das mãos e pegou uma sacola no chão, de onde tirou um corpete branco, com uma calcinha fio-dental e meias sete oitavos combinando. Nossa, como é que ela sabia o tamanho de Char?

— Perguntei para Jake — explicou vovó. — Parecia que ele sabia o tamanho certinho dos seus quadris. Olhe só. E do busto... Bem, vamos dizer que apitei algumas vezes antes que ele conseguisse voltar a se concentrar. Aquele garoto se distrai muito fácil. É culpa minha. O avô dele sempre gostou muito de peitos. — Vovó estufou um pouco os seios. — De qualquer forma, vamos lá. Coloque isso, depois eu a ajudo com o vestido.

Char hesitou. Vovó queria mesmo que ela ficasse pelada?

— Se você continuar nessa lerdeza, é possível que eu morra antes de ver meus bisnetos. Pode acreditar em mim: não há nada em você que eu não tenha visto antes. Bem, talvez não veja há um tempo, meu espelho aponta mais para baixo, hoje em dia.

Rindo, Char pegou a lingerie que vovó lhe oferecia e a deixou na cama, então tirou a roupa.

Vovó suspirou.

— O que foi? — Char parou, pegando o corpete.

— Nada. — Vovó a dispensou com um gesto. — É só que não acredito que Jake vá assistir à cerimônia até o fim. Não permita que ele se aproveite de você cedo demais, Char! Está me ouvindo? Deus não aprova essas coisas.

— Hã. — Char colocou o corpete. — O quê? Pessoas casadas se aproveitando umas das outras?

— Claro que não. — Vovó a olhou com repreensão. — Deus só não gosta de ver coisas bonitas sendo desperdiçadas, e você, querida, vai estar espetacular. Então deixe que ele sofra um pouco antes. Entendido?

Char deu um sorriso enorme.

— Entendido.

Vovó soltou um ruído.

Dez minutos depois, Char estava usando o vestido de seda mais bonito que já vira na vida. Vovó não parara na lingerie. Também tinha comprado sapatos de cristal que fizeram Char parecer uma modelo. Abençoado fosse o coração manipulador daquela senhora!

Char virou e se examinou no espelho.

Vovó estava atrás dela, radiante.

— Faça-o sofrer.

Capítulo 58

Jake tomou um gole longo de uísque com gelo e fez cara feia quando a bebida desceu queimando a garganta. Estava morrendo de calor. O terno preto com suspensórios que estava usando só piorava a situação. Pelo menos a roupa dele não era tão ruim quanto o vestido de Char. A coitada estava com uma cara péssima quando foi se vestir com Kacey e as outras garotas.

Tomou outro gole e sorriu ao ver Jace vindo em sua direção.

— E aí? — Jace pediu um shot de tequila e o engoliu de uma vez, fazendo careta. — Como vão as coisas?

— Ah, vamos jogar conversa fora. — Jake riu. — Ótimas. Como vai o olho?

— Doendo muito, obrigado. — Jace balançou a cabeça.

Jake olhou por cima do ombro de Jace, procurando por Char. Onde ela estava? Deveriam ter se encontrado havia meia hora. Pegou o braço do irmão, que passava por ali.

— Viu minha esposa?

— Não. — Travis deu de ombros e riu. — Esposa. Merda, nunca pensei que fosse ver esse dia.

Petunia passou bem na hora em que Travis soltava o palavrão, o que o fez ganhar um tapa na nuca e uma bronca. Ele passou os braços nos ombros de Petunia, desculpou-se e pediu duas doses de uísque por trás da tia-avó. Ah, parecia que os frutos da árvore de vovó tinham criado raízes fortes dos dois lados!

— Esposa? — perguntou Jace. — Você tem uma esposa? E Char? Jake não conseguiu esconder o sorriso.

— É uma longa história, mas vovó nos casou por acidente. — Ele fez o sinal de aspas com as mãos.

— Seu canalha sortudo.

Jake sorriu ainda mais.

— Sou mesmo. — Olhou o pátio exterior uma última vez e reparou em uma mulher de branco. Continuou examinando o pátio, então voltou para a garota.

Era sua esposa.

Era Char.

Ela estava usando o vestido da loja. Ele não conseguia parar de olhá-la. Seu corpo inteiro foi tomado pelo calor.

— Podemos lutar por ela? — sussurrou Jace.

— Eu já ganhei.

Jake passou por ele e foi até a noiva, ou melhor, esposa. Queria tanto beijá-la, mas aquilo estragaria a bela imagem que estava olhando. O cabelo estava puxado para trás, em um coque baixo, com mechas caindo pelo rosto. E ela estava mais alta, de algum jeito, talvez por causa dos sapatos de salto. Ele não conseguia raciocinar direito. Char estava com um sorriso enorme, e só tinha olhos para ele.

Graças a Deus!

— Não posso beijar você — disse, quando a alcançou. — Vai estragar a maquiagem.

— Tudo bem — respondeu Char, aproximando-se, permitindo que as mãos dele deslizassem pela seda até seu quadril. — Uma vez, uma mulher muito sábia me disse que sua vida precisava ser estragada... Talvez eu possa fazer isso.

Jake poderia jurar que ouvira vovó dando uma risadinha. Mas ele beijou a esposa — a noiva — e a ergueu no ar, fazendo-a girar.

— Vocês se casaram! — gritou alguém.

Jake colocou Char de volta no chão e se virou. Uma mulher jovem com cabelo loiro e cacheado estava correndo na direção dos dois, agitando os braços. Era Beth, a irmã de Char.

Char soltou um gritinho e bateu palmas quando Beth se jogou em seus braços e gritou:

— Não consigo acreditar! Não consigo acreditar que vocês se casaram! Quando vovó me ligou, alguns dias atrás...

— Alguns dias atrás? — perguntou Jake, olhando para a avó com cara de culpada. — Estava confiante assim, é?

Vovó apenas deu de ombros.

— O que posso dizer? Conheço meus garotos.

— Bom palpite.

Beth deu um beliscão no braço de Char.

— Como é que não me convidou?

— Foi... — Char olhou para Jake, em busca de ajuda.

— Bem de repente. — Ele passou o braço pelo ombro da esposa.

— Muito, muito de repente. Dá até para dizer que não imaginávamos que fosse acontecer.

Àquela altura, vovó já se aproximara e passara o braço pelo de Beth.

— Vamos lá, querida, vou arranjar uma bebida para você. Ouvi dizer que você está solteira...

Beth jogou a cabeça para trás e deu risada.

— Estou casada com a minha carreira.

— Ora, querida, a carreira não consegue fazer o papel de um homem, pode acreditar. — Ela levou Beth para perto do bar, onde Jace estava sentado, e ergueu dois dedos para o atendente.

— Ela vai... — Char cruzou os braços.

— Ela só fica feliz se estiver se intrometendo na vida dos outros.

— Jake puxou Char mais para perto. — Olhe só. — Ele indicou vovó com a cabeça. A senhora acabara de deixar Beth e Jace sozinhos com as bebidas. Com sorte, não haveria Benadryl nelas. Mas não dava para ter certeza, quando o assunto era vovó: ela tinha uma inclinação a usar medicamentos controlados.

— Você está tão bonita! — sussurrou Jake no ouvido de Char. — Que tal a gente ir lá para cima e...

Char se afastou dele.

— Estou sob ordens de fazer você sofrer até depois do casamento. Então, não.

— Ordens de quem?

— Vovó. — Char deu uma risadinha. — Acho que devo uma a ela, por tudo o que fez.

Jake franziu a testa.

— Pense só em todas as surpresas que você vai encontrar mais tarde... — sussurrou Char, contando sobre cada peça de roupa que usava, uma por uma, e encerrando a provocação com um puxão na orelha de Jake.

Com os joelhos fracos, ele quase caiu.

Maldita vovó, que só ficava feliz quando outra pessoa estava sofrendo!

Capítulo 59

Em duas horas, estaria casada. O coquetel tinha sido ótimo, mas era hora. Kacey escolhera um vestido branco cintilante, decotado na frente e nas costas. Era um pouco ousado demais para o seu gosto, e foi exatamente por isso que o tinha escolhido. Ele a fazia se sentir audaciosa e linda. Além disso, ela dera um duro danado naquela série de exercícios idiotas para o casamento, então merecia usar um vestido sexy.

Tiras finas com apliques de pedras envolviam seu pescoço, descendo pelas costas até o vestido. Ele era acinturado, abrindo-se em camadas macias de chiffon a partir do quadril. Sua parte favorita era a camada de renda coberta de cristais, que ia dos seios até a barra do vestido. Ela se virou e sorriu para o espelho. A cauda de 1 metro estava acomodada ao seu redor. Kacey suspirou.

Estava perfeita.

Se era assim, por que ainda estava nervosa? Cerrou os punhos ao lado do vestido. Então se lembrou de que aquilo o deixaria amassado, e soltou os dedos e começou a andar de um lado para outro em frente ao espelho.

— Nervosa, querida? — perguntou uma voz feminina e suave.

Kacey olhou para a frente. Petunia estava parada à porta, esfregando as mãos.

— Hã, um pouquinho — admitiu Kacey.

Petunia assentiu.

— Consigo entender. Afinal de contas, é natural se preocupar com o que acontece na noite de núpcias.

— Ah... — Ela engoliu em seco. — Não é...

— Ah, eu sei. Conversa sobre esse assunto é algo muito frágil. E não sou a melhor pessoa para conversar sobre isso. Eu provavelmente levaria um taco de beisebol, ou algum outro objeto, para me defender, caso ele começasse a ficar atrevido demais. Dê-lhe umas belas porradas, isso vai ensinar a ele uma lição.

— Um taco? — Kacey apertou os lábios. — Acho que não será necessário e não estou nervosa com a noite de núpcias.

— Ah. — Petunia calou a noiva com um gesto, rindo. — Não tem problema estar nervosa, querida. Vou dizer uma coisa: basta chamar a tia Petunia aqui, caso meu sobrinho fique muito... — Ela corou e desviou os olhos. — Ah, você sabe. Se ele, se ele... — Ela apertou as mãos. — Se ele a machucar, só diga que não.

— Acho que Travis não me machucaria — respondeu Kacey, com a voz calma, embora estivesse tentando não cair na gargalhada. — Afinal, ele é um cavalheiro.

— Ah, ele é um cavalheiro na cama. — Petunia assentiu. — E como é que você sabe disso?

Kacey torceu para não parecer culpada.

Petunia arregalou os olhos.

Então vovó entrou.

— Petunia! Você não devia estar aqui.

— Estava dando conselhos preciosos.

— Sobre como continuar virgem, sem dúvida. — Vovó bufou. — Vá se arrumar para o casamento.

— Eu me recuso. — Petunia ergueu a cabeça. — Você já sabe a minha opinião a respeito de cores fortes.

Vovó fechou os olhos por um momento e apertou o ponto entre eles. Quando os abriu outra vez, até mesmo Kacey recuou um passo.

— Você vai usar aquela droga de vestido e vai fazer isso sorrindo. Agora, vá se arrumar, ou... que Deus me perdoe!... vou drogar cada um dos seus gatos!

Petunia engasgou.

— Você não faria isso!

— Diga, como vai Garfield? Ora, ora, ele já está ficando velho! Seria uma pena se caísse das escadas ou se acidentalmente comesse algo que não devia.

Bufando e batendo os pés, Petunia saiu do quarto.

Vovó fechou a porta atrás dela e bateu as mãos como se tirasse alguma poeira. Enquanto ajustava o blazer dourado, olhou para a noiva.

— Minha querida, qual o problema?

As lágrimas que Kacey estivera segurando começaram a cair. Ela se jogou nos braços de vovó, dando soluços suaves.

— Ah, minha querida, não chore! Vovó está aqui, estou aqui com você. É perfeitamente normal estar com medo. Bem, os homens podem ser uns monstros terríveis! Fazem sons que nenhum ser humano devia fazer em público, se acham mais engraçados do que tudo e não entendem o conceito de lavar a louça...

Kacey começou a soluçar.

— Ah, minha querida, mas são maravilhosos! Foram feitos para nós, sabia? Foram feitos para serem fortes no que somos fracas, capazes do que não somos, e para partilhar uma união tão mágica que você vai até se esquecer de como era antes de colocar o anel no dedo. Querida — vovó a fez se afastar e lhe entregou um lenço de papel —, o amor é mágico. E você, minha linda, está tão apaixonada! Dá para ver em cada gesto, em cada suspiro que você dá.

Kacey limpou os olhos e controlou a respiração.

— Não é ele. — A noiva sacudiu a cabeça. — Travis é maravilhoso. E é incrível. Não é ele. Sou eu.

Vovó estava quieta, dando tapinhas nas mãos de Kacey.

— Eu o amo tanto. Só queria que...

— O quê? — perguntou a velha senhora.

— Eu queria — os lábios de Kacey tremiam — que meu pai estivesse aqui, que ele me levasse até o altar. Que minha mãe estivesse sentada na primeira fileira, sorrindo. Não sei... Só queria que eles pudessem me ver.

— Ah. — Vovó a puxou para um abraço. — Mas eles podem, querida! Eles podem vê-la! Eu não disse que o amor é mágico? Bem,

imagino que o amor que você e Travis sentem um pelo outro tenha sido criado por Deus. E, se Deus está olhando por vocês, como é que isso não teria chamado a atenção dos seus pais? Tenho certeza de que eles estarão sentados na primeira fila, hoje à noite. O amor brilha bem forte. É como uma estrela no céu: é impossível não notar. É como o sol: é impossível não sentir. É como respirar, o que não se pode deixar de fazer. Ah, minha querida! O menor dos seus problemas é desejar que seus pais soubessem exatamente como será seu casamento, porque eles estão bem aqui. — Vovó tocou o peito de Kacey. — E também estão aqui. — Ela pegou uma pequena caixa na bolsa e a colocou nas mãos da noiva. — Vá em frente, abra.

Tremendo, Kacey abriu a caixa. Lá dentro, havia uma longa corrente de prata com um pingente oval. Com um puxão leve, o pingente se abriu e revelou uma foto dos pais de Kacey.

— É a coisa velha para você usar no casamento — sussurrou vovó. — Está na minha família há muito tempo. Era da minha mãe, e da mãe dela, antes disso. — Vovó pegou o colar das mãos de Kacey e abriu o fecho. — Quando ficar com medo, lembre-se de que seus pais nunca estarão longe... — Ela prendeu o colar no pescoço de Kacey, e o pingente caiu bem entre seus seios. — Eles estão no seu coração.

Soluçando, Kacey jogou os braços ao redor do pescoço de vovó e a abraçou com força. Nunca tinha esperado por algo assim. Era perfeito, e, de repente, parecia que um peso tinha saído de seus ombros. Ela se sentia viva outra vez, animada, pronta — e cansada de ser apenas Kacey. Estava pronta para ser Kacey Titus.

— Eu te amo, vovó.

— Eu também te amo, querida. — Vovó suspirou. — Agora, vá retocar a maquiagem. Não queremos que pareça que você andou chorando.

Kacey deu um beijo na bochecha da senhora e se levantou.

— Acho que um batom rosa vai ficar legal.

— Esta é a minha garota. — Vovó abriu a bolsa e pegou um batom. — Use-o com sabedoria. Me disseram que lábios cor-de-rosa também têm poderes mágicos.

— Ah, é? Quem disse?

— Bem, seu avô, que Deus o tenha, amava rosa. — Vovó se levantou e saiu do quarto.

— Que Deus a abençoe — comentou Kacey, em voz alta. — E a mantenha viva para sempre... Sei que a quer, Senhor, mas não pode levá-la ainda.

Capítulo 60

— Pronto? — Jake deu alguns tapinhas nas costas do irmão, que se olhava no espelho e reclamava.

— Mas que inferno! Não consigo parar de tremer! — Travis fechou os olhos e balançou os braços, então começou a dar pulinhos.

— Bem, primeiro, pare de pular. — Jake colocou as mãos nos ombros de Travis. — Não é um jogo de basquete. Você não está nas finais do campeonato estadual.

— Certo. — Travis parou de se mexer e assentiu com a cabeça algumas vezes.

— E pare de fazer que sim com a cabeça. Você está parecendo um maluco.

— Merda. — Travis se sentou em uma cadeira e apoiou a cabeça nas mãos. — Preciso dar o fora daqui antes que eu enlouqueça.

— Concordo. — Jake enfiou a mão no bolso da frente do casaco. — Mas, até lá, use isso.

Travis não olhou para ele.

— Jake, acho que as pílulas de Benadryl da vovó não são indicadas nessa situação.

— Não é uma pílula rosa. — Jake enfiou a pequena garrafa de bebida na cara de Travis. — É coragem líquida, meu amigo! Beba.

Travis abriu os olhos e pegou a garrafa de plástico.

— Hum, então é um remédio de Jake Titus? Gostei.

— Talvez seja apenas um remédio dos Titus, apesar de mamãe costumar optar pelo vinho. — Jake deu de ombros. — De qualquer forma, não preciso levar todo o crédito.

Travis tirou a tampa e fez cara feia ao virar toda a garrafa de vodca barata, os 120 mililitros de uma só vez.

— O gosto disto é horrível.

— Roubei da vovó, então eu já imaginava. Nunca vi uma mulher gostar tanto de vodca barata. — Ele deu de ombros. — De qualquer forma, está quase na hora de ir até o altar. Que tal arranjar coragem?

Depois de alguns segundos, Travis respondeu:

— Pronto.

— Nossa, foi rápido!

— É, bem, foi só perceber que vou poder seduzir minha esposa em exatos 46 minutos. Talvez 44, se eu disser os votos rapidamente.

— Assim é que se fala! — Jake deu tapinhas nas costas dele. — Agora, vou sair para encontrar sua futura esposa. Parece que preciso ajudar certa garota a chegar até o altar.

— Se ela tropeçar, você ganha um olho roxo.

— Beleza! — gritou Jake, saindo do cômodo em busca de Kacey. Ele a encontrou parada na entrada da varanda dos fundos, esperando, enquanto uma música suave tocava ao fundo.

Char estava ao lado dela, as duas conversando em murmúrios urgentes. Até Jake pigarrear e indicar que estava lá.

Kacey se virou primeiro, com os olhos brilhantes de animação.

— Eu só, hã... — Char apontou para algo atrás de Jake. — Vou ficar por ali até chegar a minha hora de andar até o altar.

Jake sentiu o perfume de Char quando ela tentou passar direto por ele. O que não ia acontecer. Ele a agarrou pela cintura e a beijou na boca.

— Você não pode passar por mim sem dizer nem um "oi".

Os lábios de Char tocaram os dele outra vez.

— É assim que dizemos "oi", agora?

— É. — Jake abriu os lábios dela com a língua. — Claro que é.

Interrompendo o beijo, Char deu uma piscadela safada e foi embora.

Jake ainda estava olhando para ela quando Kacey falou:

— Nunca pensei que veria este dia.

— O quê? — Jake coçou a cabeça, nervoso, e se aproximou de Kacey. — Que dia?

— Você sabe. — Ela cruzou os braços e indicou com a cabeça a parte do cômodo onde estavam Char e as outras madrinhas. — O dia.

— Ainda não entendi.

Ela deu de ombros.

— Pode chamar de puberdade. Você cresceu e se apaixonou.

— Então, agora eu sou um homem? — Jake piscou.

— Parabéns! — Kacey riu. — Ah, meu Deus! Aposto que você deve até ter cabelo no peito! — Jake fez cara feia. Sempre fora um metrossexual, e talvez levasse as coisas um pouco longe demais, ao fazer limpeza de pele uma vez por mês.

Ele deu um tapa para afastar a mão de Kacey, que tentava tocar seu peito. Peste!

— Está pronta? — perguntou, mudando de assunto.

— Acho que sim.

— Que bom. — Jake riu. — Prepare-se para ficar de boca aberta. Na verdade, prepare-se para chorar. Ouvei dizer que você e vovó tiveram uma boa conversa.

— Aquela mulher não consegue guardar segredo nem que sua vida dependa disso — resmungou Kacey.

— Bem, vou deixar Char alerta, só por precaução. — Jake esticou o braço e segurou a mão da amiga. — Kacey, conheço você desde que era uma garotinha usando maria-chiquinha. Você era obcecada pela Barbie e me disse que eu devia ser seu Ken. Na verdade, tenho certeza de que fiz o papel de Ken mais vezes do que gostaria de admitir.

Kacey deu uma risadinha e continuou a ouvir.

— Nós rimos juntos, choramos juntos, gritamos um com o outro, brigamos, nos odiamos... — Jake tentou controlar as emoções. Droga. Não era só Kacey que iria acabar chorando. Ele se sentia prestes a perder o controle. — Eu parti seu coração e nunca o consertei. — Ele umedeceu os lábios e suspirou. — Travis consertou.

Kacey pegou a mão de Jake e a apertou.

— Meu irmão o consertou — repetiu Jake, fechando os olhos por um breve momento. — Kace, eu aceitei seu coração, na faculdade. Aceitei, mas não fui cuidadoso. Fui descuidado, jovem, idiota, você decide. — Ele soltou a mão da amiga e enfiou a dele no bolso, para pegar um presente. — Então, aqui estou, devolvendo-lhe os pedaços, para que meu irmão possa ficar com tudo. Travis merece. Queria consertar o que eu quebrei. Queria desfazer o que deu errado, mas você sabe que isso é um tanto difícil de fazer, então aqui... — Ele ergueu a presilha de cabelo. — É um coração azul, de safira. A coisa azul que você vai usar também é a coisa nova. — Ele deu de ombros. — Eu sempre te amei, Kace. — Ele ajeitou a presilha no cabelo dela e beijou a amiga na testa.

Kacey deu um tapa no ombro dele.

— Pare de me fazer chorar!

— Foi mal! — Ele se afastou e ergueu as mãos.

— Ah, venha cá! — Kacey o puxou para mais um abraço apertado. — Obrigada, Jake. Por tudo.

Ouviram música vinda do lado de fora da casa.

— Bem, eu ainda não terminei aqui. — Ele estendeu o braço no instante em que seu pai aparecia, dobrando o corredor.

— Está pronta, querida? — perguntou o pai de Jake, enxugando algumas lágrimas ao dar um beijo no rosto de Kacey.

— Pronta. — Ela engoliu em seco e passou uma das mãos pelo braço de Jake e outra pelo do pai dele. — Vamos lá.

Char se aproximou com o buquê da noiva. Jake deu uma piscadela antes de se virar para a porta.

Kacey tremia a seu lado.

— Mãe, pai, eu amo vocês — sussurrou Kacey.

— Estou tão orgulhoso de você! — disse o pai de Jake, e deu para ver uma lágrima caindo por sua bochecha, antes de ele virar o rosto. — E sei que eles também estão.

Jake apertou mais o braço dela e assentiu para o pai, lutando com todas as forças para não se entregar às próprias emoções.

Mas era difícil.

Ainda mais quando a música começou.

E, simples assim, as lembranças voltaram.

A cerimônia era perto da casa da árvore. Kacey voltou no tempo, e se viu, com 5 anos, correndo em volta da árvore, fugindo de Jake.

A mãe dela apareceu, gritando:

— Kacey, largue isso! Não se atreva a jogar lama nele!

Kacey não deu ouvidos.

E sua memória retrocedeu mais alguns anos, na mesma casa da árvore, com o mesmo garoto. Jake estava mais velho. Ele e o irmão discutiam, e Travis disse que tinha encontrado uma cobra e a segurou bem na frente do rosto dela.

Sua mãe e Bets vieram correndo da casa, gritando para que Travis a matasse.

E então estavam no ensino médio. Travis a observava da casa enquanto ela e Jake caminhavam perto do rio. Ela olhou para trás e revirou os olhos quando ele e o pai dela apareceram na varanda dos fundos da casa e começaram a colocar o restante do equipamento de pesca na caminhonete.

— Se cuidem! — ela gritou.

— Sempre! — respondeu o pai, e, como se tivesse acabado de se lembrar de alguma coisa, o pai corre até ela com os braços bem abertos. — Quase esqueci!

— O quê? — Ela deu uma risadinha, correndo na direção dele.

— O príncipe sempre precisa de um beijo da princesa antes de ir para a guerra!

— Você não vai para a guerra, vai pescar peixes.

— E caçar leões, tigres e ursos! — O pai arregalou os olhos enquanto dava mais beijos em sua bochecha.

— Pare! — Ela o empurrou para longe e sorriu. — Está bem. Aqui está o seu beijo, gentil cavalheiro. — Ela fez uma cortesia enquanto seu pai se curvava. — Usará minhas cores, querido príncipe?

— Mas é claro. — O pai puxou um laço rosa do cabelo dela e o segurou. — Vou guardá-lo para todo o sempre, milady!

Quando Kacey voltou ao presente, percebeu que todas aquelas lembranças, todo aquele tempo que passara em Titus Abbey, fora como se os pais estivessem ali com ela, conduzindo-a em direção ao futuro.

Travis ergueu o olhar.

De repente, parecia que ela não conseguia andar rápido o suficiente. Seus olhos encontraram os dele enquanto ia até a frente do terraço. Travis estava tão bonito naquele terno preto! O cabelo estava um pouco bagunçado e o bronzeado fazia o sorriso parecer ainda mais devastador.

Travis deu dois passos na direção dela. Wescott soltou seu braço, assim como Jake, e o noivo estendeu o braço para pegar sua mão.

Quando a pegou, virou-a para cima e fez Kacey abrir o punho cerrado.

E então colocou um laço rosa na palma da mão dela.

Os olhos de Travis ficaram cheios de lágrimas quando ele se inclinou e sussurrou:

— Vou guardá-lo para todo o sempre.

Ignorando a tradição, que dizia que não se devia tocar no marido até que quem tivesse levado a noiva ao altar falasse com o pastor, Kacey jogou os braços em volta do pescoço de Travis e caiu no choro.

Levou cinco minutos até que conseguisse se recuperar. E mesmo assim devia estar com uma aparência péssima. Mas não ligava.

Travis pegou o laço de suas mãos e o colocou debaixo da presilha que Jake dera.

— Então. — O pastor sorriu. — Quem traz esta mulher para este homem?

Wescott não respondeu, nem Jake. Kacey olhou para trás e sentiu alguém tocar seu braço.

Vovó. Ela abriu um sorriso enorme para a noiva e envolveu as mãos de Kacey e de Travis com sua mão macia.

— Os pais dela e eu.

— E eu — disse Jake, à sua direita.

— E minha esposa e eu — acrescentou Wescott.

Kacey nunca se sentira mais amada e em casa. E pensar que estava no mesmo jardim em que brincara a vida toda! Com um sorriso um pouco choroso, abraçou todos e se juntou a Travis diante do gazebo.

Uma brisa quente começou a soprar. Kacey olhou para a água no instante em que o pastor gesticulava para que os convidados se

sentassem.

E talvez estivesse imaginando coisas, mas podia jurar que vira os pais ali no deque, de mãos dadas, olhando para ela e sorrindo.

Capítulo 61

— Está pronta? — sussurrou Jake, no ouvido de Char.

Ela balançou a cabeça. Como alguém poderia estar pronto para aquilo? Eles iam fazer a droga da dança do acasalamento na frente de todo o mundo, embora a dança não remetesse diretamente àquilo — estava mais para um tango, mas ainda assim. Não conseguia entender por que vovó estava forçando os dois a se apresentarem, mas lá estavam, no meio da pista de dança, esperando a música começar. Então vovó pigarreou ao microfone.

— Ah, não — sussurrou Char. — Isso não pode ser bom. Ela vai cantar durante a dança?

— Não acho que dê para ficar pior — murmurou Jake.

— Essa coisa está ligada? — Vovó deu batidinhas no microfone, provocando um barulho agudo, então deu uma risada bem alta. — Ah, adoro tecnologia!

— É, vovó, nós sabemos — disse Char.

— Estou tão feliz em ver meus dois netos casados! A dança que vai começar foi minuciosamente planejada. Cada movimento tem um significado.

— Eu estava brincando — disse Jake. — Acabou de ficar pior. Ela vai explicar o ritual do acasalamento.

— O primeiro giro — começou vovó — significa o amor verdadeiro. O segundo, uma vida feliz para sempre nos braços um do outro. Os ancestrais acreditam que essa dança remeta aos ciganos. Eles acreditavam que uma dança poderia unir duas pessoas

para sempre, apesar do lugar onde foram criadas, da raça, de feridas passadas...

Enquanto vovó continuava a falar, os olhos de Char se arregalaram, assim como os de Jake.

— Então, meu presente de casamento para Char e Jake é essa dança. Que eles aprenderam há algumas semanas. Surpresa! E aproveitem!

A música começou.

Char não conseguiu se mexer.

Vovó tinha planejado tudo, a dança e todo o restante. Tinha certeza disso.

Ela engoliu o nó na garganta quando Jake caminhou ao seu redor e a puxou para os braços dele.

Ele a girou uma, duas vezes, sempre a encarando com tanta intensidade que teria sido impossível não se apaixonar de novo e de novo. Cada vez que Jake a girava, Char via uma nova parte daquele sorriso que a encantava, que dizia “eu amo você” e “eu quero você”.

Jake a puxou para mais perto enquanto Char envolvia a cintura dele com uma das pernas e se curvava para trás. Ele deu um beijo no pescoço dela e a girou outra vez.

O resto da dança era cara a cara.

Jake se inclinou para a frente, e seus lábios roçaram a bochecha de Char.

— Eu sentiria a sua falta, mesmo que nunca a tivesse conhecido. Sentiria a sua falta, porque saberia que uma parte de mim nunca estaria aqui.

Ela prendeu a respiração.

— Mesmo se eu nunca tivesse conhecido você.... Eu ainda a desejaria.

Jake passou os dedos pelos ombros de Char e puxou a cintura dela ainda mais para perto.

— Mesmo agora, sinto sua falta. — Os lábios dele roçaram sua orelha. — Porque, cada vez que toco sua pele, parece que você não está perto o bastante. Meu corpo dói, pedindo que a gente se aproxime mais. Mas, mesmo quando não tem nada além da pele a

nos separar, meu desespero não diminui. Nunca vai diminuir. Porque o que eu desejo é a sua própria essência.

A dança terminou com os dois se encarando.

Char fechou os olhos enquanto puxava o rosto de Jake mais para perto, passando os braços em volta de seu pescoço. Os dois estavam lá, parados.

Os lábios deles se encontraram com suavidade, então Jake suspirou.

— Vou passar a vida correndo atrás de você, desejando, mimando, descobrindo você...

Com um gemido, seus lábios envolveram os dele. Jake a ergueu nos braços e a girou pela pista de dança, aprofundando o beijo, pressionando, buscando, explorando. Calor começou a emanar de todos os poros do corpo de Char, que também sentia arrepios percorrerem os braços e as pernas. Jake pressionou mais ainda seu corpo contra o dela, e depois ainda mais, porém não era o suficiente. Ela tentou chegar mais perto.

— He-hem! — Fez vovó, pigarreando, e depois riu perto do microfone. — Talvez eu consiga um bebê antes da primavera!

Os convidados se juntaram à risada. A risada franca de Jake aqueceu o coração de Char. Como é que um homem que apenas algumas semanas atrás tinha medo de compromissos gostava da ideia de ter filhos? Era um milagre, isso sim! Com um suspiro, ele a soltou. Char deslizou por seu corpo musculoso, até o chão.

— É hora de dançar! — gritou vovó, que então começou a cantar rap.

— Ah, meu Deus! — resmungou Jake.

— E o momento tinha sido tão especial... — Char riu.

A banda The Black Eyed Peas nunca souu tão bem. Pelo menos os convidados acharam graça, e, para dizer a verdade, vovó não era muito ruim.

Travis e Kacey se juntaram a Char e Jake na pista de dança. Dançaram da melhor forma que podiam enquanto vovó passeava pelo palco cantando *Tonight's the night, let's live it up. I've got my money...*

— É melhor entrar na brincadeira. — Travis deu uma cotovelada em Jake. Eles assentiram e começaram a pular. O restante dos convidados os imitou, transformando o que deveria ser uma dança romântica em uma festa animadíssima, em que vovó dominava o palco.

Quando as primeiras músicas terminaram, Char estava toda suada e precisava beber alguma coisa. Ela agarrou a mão de Jake e o levou até seus lugares na mesa.

A música ficou mais suave. Vovó saiu do palco e se aproximou dos dois. Seus olhos brilhavam de animação.

— Como me saí? — perguntou.

— Maravilhosa — respondeu Jake. — Extraordinária, de verdade. Nunca tinha visto uma mulher de mais de 80 anos cantar rap. Aposto dez dólares que amanhã mesmo o vídeo vai estar fazendo sucesso na internet.

— Eu adoro o YouTube — disse vovó com um suspiro.

— O que aconteceu de tão importante? — gritou Petunia, caminhando até a mesa. O vestido azul brilhante acentuava os olhos azuis e o cabelo grisalho. — Tive que vir andando até aqui.

— Espere um pouquinho. — Vovó ergueu uma das mãos.

Char olhou ao redor. O que ela estava esperando?

— Ah, lá vêm eles.

Um senhor de idade bem-apegoado veio na direção deles, amparado por um andador. Havia outro cavalheiro ao lado dele, uma bela figura de terno preto.

— Quem é aquele?

— Meu namorado. Na verdade, estamos pensando em nos casar no inverno. — Ela deu de ombros. — Aliás, ele tem um irmão. Gostaria que você o conhecesse.

— Não. — Petunia cruzou os braços. — Não vou fazer isso. Não vou...

— Nadine! — O sr. Casbon pegou a mão dela e a beijou. — Linda como sempre! E que música bonita você cantou, minha querida.

— Eu andei praticando. — Ela abriu um sorriso.

Jake começou a rir, mas Char deu uma cotovelada em suas costelas. Ele parou e tossiu.

— E quem é essa bela moça? — perguntou o outro homem, para Petunia. — Estou observando você a noite inteira, minha querida. Você é... maravilhosa.

— Hã. — Petunia olhou para vovó e de volta para o homem, então estendeu a mão. — P-Petunia.

— Ah, linda como uma flor! — Ele pegou a mão dela. — Gostaria de dançar comigo?

As bochechas de Petunia ficaram manchadas de um belo tom de rosa antes de ela assentir depressa e o seguir para a pista de dança.

— Vovó? — Jake pigarreou.

— Sim, querido?

— O sr. Casbon não tem irmão.

O sr. Casbon riu e desviou os olhos.

— Nesta noite ele tem, filho.

— Onde você o encontrou?

Vovó mexeu na parte da frente do vestido e examinou as unhas.

— Vovó — insistiu Jake —, onde você o encontrou?

— Ele é um acompanhante. — Ela dispensou Jake com um gesto.

— E cobra uma nota, mas acho que os dois ficam uma gracinha juntos. Sabe, ele perdeu a esposa alguns anos atrás. Faz isso por diversão. Muitas viúvas precisam de companhia.

Char ficou boquiaberta. Jake colocou a mão em seu queixo e o levantou.

— Vamos dançar? — Vovó agarrou o sr. Casbon e o levou para a pista, com andador e tudo.

Chocada, Char viu Petunia rir e dançar como se estivesse tendo a melhor noite da vida.

— Hum. — Jake balançou a cabeça. — Acompanhante?

— Bem, pelo menos ela está feliz — comentou Char. — Quer dizer, olhe só para eles!

Rindo, Jake se levantou e puxou Char.

— Não quero olhar para eles. Quero olhar para você.

— Ah.

— Você é linda.

— Esta coisa está ligada? — gritou Bets, ao microfone. — Ah, sim. Que bom. É hora de cortar o bolo.

Todos aplaudiram.

Jake e Char foram de braços dados até a mesa do bolo e então congelaram.

Os laços estavam derretendo.

— Merda — murmurou Jake. — Precisamos fazer alguma coisa.

O funcionário do bufê virou o bolo de frente para os convidados.

Todos soltaram exclamações surpresas, que foram seguidas por muitos murmúrios.

— Faça alguma coisa! — Char empurrou Jake na direção do bolo.

— Agora!

Ele fincou os calcanhares no chão.

— Nada disso! Não vou sozinho. — Ele segurou o pulso de Char e a puxou consigo bem na hora em que os noivos chegavam até o bolo.

Travis foi o primeiro a reparar. Ele arregalou os olhos e se virou para Kacey.

— Hã... Surpresa! — gritou Char, alto o bastante para que todos ouvissem.

Travis ficou boquiaberto.

— Surpresa?

— Nós... — Char deu um tapa em Jake.

— Queríamos... — Ele tossiu. — Fazer... — Ele ficou pálido. Ah, não. Não tinha nada a dizer, nada! Aquela não era a hora de perder o jeito!

Kacey e Travis esperaram.

Finalmente, Jake baixou a cabeça.

— Somos os piores padrinho e dama de honra do mundo! Não foi possível consertar a tempo. Por isso que está escrito...

— Tetas para sempre! — gritou vovó ao microfone. — E vou dizer que esses garotos Titus adoram umas...

— Um brinde! — gritou Bets, interrompendo vovó. — A Travis e Kacey.

Todos ergueram as taças enquanto os noivos iam até o bolo para olhar os bonequinhos.

— Ao menos eles se parecem com a gente — comentou Kacey.

— E eu realmente gosto d...

— Do seu coração enorme! — interrompeu Bets. — Muito bem! Que maravilha, um bolo maravilhoso! — Ela virou o restante do vinho, parecendo prestes a desmaiar.

Jake suspirou.

— Vamos tirar isso de cima do bolo, antes que nossa mãe pira.

Char caiu na risada.

— Ha-ha-ha, vamos descobrir as tetas. Entenderam?

Eles tiveram ataques de riso, até que alguém passou bolo no rosto de Char. Foi Jake, aquele babaca! Então Travis fez o mesmo com Kacey.

E foi assim que a guerra começou.

Até que Travis e Jake se entregaram, dizendo que não queriam estragar a maquiagem linda das garotas. Mas Char e Kacey sabiam que eles só estavam desistindo porque perceberam que iam perder. Afinal de contas, os rapazes Titus nunca tiveram a menor chance.

Capítulo 62

— Está pronto? — perguntou Kacey, apertando a mão de Travis.

— Pronto. — Ele beijou a cabeça da esposa e a conduziu para o carro, que esperava. Jake estava discutindo com vovó, e Char cobria o rosto com as mãos, rindo.

— Ops. — Kacey se aproximou do carro. — Eu quero mesmo saber?

— Vovó pensa que é artista — explicou Jake, entre os dentes. — Tentei impedir, mas...

— Ah. — Kacey olhou para o vidro de trás. Vovó tinha desenhado um enorme par de peitos e escrito *Tetas Para Sempre*. — Que gracinha!

— É mesmo um dia muito, muito especial — murmurou Travis.

— Vão logo, vocês dois! — Vovó suspirou. — Agora. — Ela os puxou para o lado. — Imagino que vocês saibam como essas coisas... funcionam.

— Coisas? — repetiu Kacey. — Que coisas?

— Ah, minha querida! — Vovó levou a mão à bochecha. — Essas coisas, por exemplo... — Ela deu de ombros. — Quando forem fazer bebês...

— Ah, meu Deus! — Travis fechou os olhos e pareceu desolado.

— É importante manter as pernas para cima. Bem, foi assim que Wescott veio ao mundo! — Ela suspirou. — Entre outras coisas, mantenha as pernas para cima, bem assim, ó. — Vovó abriu a porta do carro, sentou-se e ergueu as pernas esticadas. — Mas é claro que você vai estar com as costas na cama. Entendeu?

— As pessoas estão começando a olhar para cá, vovó — comentou Jake.

— E aí — ela baixou as pernas —, depois de meia hora, você se vira, como fazemos com um assado.

— É preciso virar os assados? — perguntou Char, em voz alta. — Nunca cozinhei assim.

— Então, minha querida, você precisa de umas dicas — retrucou vovó.

— Não, obrigada. — Char deu um passo para trás.

Vovó olhou para Travis e Kacey.

— É melhor que esses soldadinhos sejam fortes! Mas eles têm sangue de Titus, então devem ser razoáveis.

— Razoáveis? — Travis assentiu. — Acho que vão ser melhores que isso.

— Vão, sim. — Kacey deu tapinhas nas costas do marido.

— Ostras — disse vovó, assentindo. — Coma mais ostras, isso faz o sangue ir para os lugares certos. Esses soldadinhos estarão prontos para a guerra!

— Ah, a guerra! — comentou Jake. — Quem me dera!

Vovó olhou para ele de cara feia, então voltou a atenção para Kacey.

— Querida... Tem alguma pergunta para sua avó?

Travis ergueu uma das mãos, assim como Jake.

Ignorando-os, vovó deu tapinhas na mão de Kacey.

— Sei que pode parecer terrível, mas faça isso. E faça isso pela sua avó. Vá para aquele quarto e pense que está fazendo isso pela vovó.

— Não. — Travis sacudiu a cabeça. — Por favor, não precisamos dessa imagem mental. Eu imploro...

— Preciso de bisnetos. — Vovó deu de ombros. — Agora, não vão me decepcionar! — Suspirando, ela pegou a bolsa. — Isto deve ajudar.

— O que é isso? — Travis apontou para o enorme colar que vovó colocava no pescoço de Kacey.

— Contas da fertilidade — explicou vovó, dando de ombros, como se todos devessem saber.

— Maravilhoso — disse Jake, rindo.

— Você é o próximo — murmurou Travis, então passou o braço ao redor de Kacey. — Acho melhor a gente ir, hã...

— Brincar de batalha-naval com os soldados? — perguntou Kacey, brincando.

Ele sorriu.

— Vou afundar esse seu navio.

— Hum, vamos ver se eu deixo — completou ela.

Vovó deu uma cotovelada nas costelas de Jake.

— O que eu falei? Essas contas funcionam que são uma maravilha! Olhe só para esses dois.

Kacey ignorou vovó e entrou no carro.

— Obrigada, pelo... hã... conselho.

— Não há de quê! — Vovó acenou. — E se tiver algum... problema, basta ligar para a vovó, está bem?

— Nunca. — Travis ligou o carro.

— O que você disse? — Vovó colocou uma das mãos em concha na orelha.

— Amo você! — gritou ele, então arrancou para longe do estacionamento.

Kacey estendeu o braço e segurou a mão dele.

— Pronto para brincar?

— Claro. — Ele riu. — Passei a vida inteira esperando por isso.

— Kace, se você não sair por essa porta em cinco segundos, eu vou derrubá-la — gritou Travis, do quarto. Eles passariam a noite de núpcias na nova ala da casa, em vez de na suíte de Jake e Char.

— Só mais um minuto! — Ela riu e tirou toda a roupa. Travis pensou que ela fosse usar alguma lingerie, mas nada disso. Seria apenas ela.

— Kace, estou falando sério! — gritou Travis. — Você está me matando.

— Bem... — Kacey abriu a porta do banheiro. — Eu não ia querer que meu novo marido morresse, né?

Ela abriu a porta devagar e se apoiou no batente. Travis se virou e ficou pasmado. Boquiaberto, seus olhos a acariciaram dos pés à

cabeça, bem devagar, até se encontrarem com os dela.

— Uau!

— É mesmo? — Ela sorriu.

— Meu Deus! — Travis andou até ela e a ergueu nos braços, beijando-a com força. — Estou obcecado pelo seu corpo.

— Trav...

Agarrando-a pelos quadris, Travis aprofundou o beijo. Depois a segurou nos braços e a deixou cair na cama.

— Não vou devagar. Não consigo, não tenho forças. Eu te amo e prometo que na segunda vez vou bem devagar e vou ser romântico, que vou dizer todas as coisas certas. Mas agora só quero estar dentro de você, ao seu redor, perto de você, em você, embaixo... — Ele soltou outro palavrão enquanto arrancava as roupas. — Então, que Deus me perdoe, mas, se eu não tocar em você agora mesmo, vou explodir!

No instante seguinte, Travis estava em cima dela, beijando-a, provocando-a, puxando seu cabelo e rolando na cama para que ela ficasse por cima.

Travis revirou os olhos e soltou outro palavrão, passando as mãos pelo corpo dela, parecendo queimar sua pele a cada toque.

— Eu te amo tanto!

— Eu também te amo. — Kacey se inclinou e o beijou, e seu cabelo caiu ao redor deles como uma cortina, enquanto Travis a puxava mais para perto.

Ele abriu um sorriso largo quando Kacey o puxou para o lado, permitindo que ele ficasse por cima dela.

— Não consigo... — Ele soltou um palavrão. — Não me julgue apenas por essa performance, está bem? É tudo o que vou dizer.

— Bem, vou só fazer a média das performances e acrescentar a de hoje, que tal?

— Combinado. — Ele finalmente a penetrou, sem conseguir conter um gemido. Quando Kacey ofegou, ele parou e a beijou bem devagar. — Fico feliz por você ter se casado comigo.

— Pare de enrolar. — Ela moveu o corpo junto ao dele.

— Sim, senhora.

Capítulo 63

Jake observava enquanto Char pegava uma taça de vinho e vinha até ele na varanda de trás. Beth e Jace tinham ido dar uma volta perto do rio. Ideia de vovó, não deles. Mas os dois aceitaram, para deixá-la feliz, como fazia a maioria das pessoas, e disseram que voltariam mais tarde para planejar o café da manhã do dia seguinte.

— Então. — Jake bateu a taça na de Char. — Onde vamos passar a lua de mel? Quer dizer, você teoricamente foi demitida, então podemos passar o mês inteiro fora, se quiser.

Char deu uma risadinha.

— Simples assim? Pegamos o primeiro avião para qualquer lugar?

— É. — Jake se inclinou para beijá-la. — Simples assim.

— Mas eu não tenho passaporte.

Jake deu de ombros.

— Então dá para esperar ele ficar pronto, e saímos de Seattle, ou podemos viajar aqui pelos Estados Unidos mesmo.

— Havaí. — Nervosa, Char olhou para o outro lado e tomou um gole de vinho.

— Posso perguntar por que o Havaí?

Ela se inclinou para trás, apoiando-se nas mãos. O luar brilhava em sua pele bronzeada, e Char fechou os olhos e suspirou.

— Meus pais sempre prometeram que me levariam para conhecer. Primeiro, depois de terminar a escola, mas aí aconteceu alguma coisa e virou depois da faculdade, e... Bem, dá para imaginar. Sempre foi uma promessa vazia. E eu sempre quis ir.

Deus do céu, como ele a amava! Compraria o Havaí inteiro para ela, se fosse possível.

— Então, combinado: Havaí. — Ele a beijou na bochecha.

— Crianças? — Vovó abriu a porta dos fundos e saiu. — Aqui estão vocês! Estava procurando os dois. — Ela pegou uma cadeira e se sentou. — Então, sei que meus métodos nem sempre são corretos.

— Bem, esse é o eufemismo do século — retrucou Jake.

— Babaca. — Ela estreitou os olhos. — De qualquer forma, eu gostaria de pedir desculpas.

— É mesmo? — Jake se inclinou para a frente, apoiando as mãos nas coxas, e sorriu. — Por quê?

— Por tudo.

— Que seria... — insistiu Jake. — O quê, exatamente?

Vovó desviou os olhos e respondeu, em um tom irritado.

— A dança do acasalamento, mas, em minha defesa, tive que ter certeza de que vocês sentiriam a tensão.

— Ah, nós sentimos! — Char deu uma risada e, notando o olhar irritado de Jake, recuperou a compostura.

— E? — O homem olhou para a avó.

— O presente da farmácia. — A velha senhora fungou.

— Certo. — Jake soltou um palavrão. — Muito obrigado, aliás.

— Ah, seu bobo! Você precisava passar por algumas dessas, ou muitas. Conte, eles usaram o sistema de som para pedir a camisinha no balcão? Estava torcendo para que isso acontecesse!

Jake a ignorou e balançou a cabeça.

— E o que mais, vovó? Pelo que você está realmente pedindo desculpas?

— Enganar vocês para que assinassem uma licença de casamento. Mas vocês sabem a quantidade de leis que tive de quebrar para isso? O dinheiro que passou de mão em mão, os favores que pedi! — Ela se levantou e começou a andar de um lado para outro. — Ora, tive até que fazer doação para a droga da Câmara de Comércio!

— Estou comovido — comentou Jake, seco.

— E tudo isso para fazer um favor a vocês dois.

Depois de alguns segundos, Jake finalmente respondeu.

— Você está certa.

— Estou? — Vovó levantou a cabeça de supetão. — Quer dizer, sim, sim, estou. E não se esqueça disso! Agora, onde é que está aquela sua irmã querida, Char?

— Ah, não. — Jake agarrou a mão da avó e a empurrou de volta para a casa. — Seus dias de cupido acabaram.

— Mas...

— Vá para cama. Agora. E sozinha, ou vou pegar aquele apito.

— Você não se atreveria a perturbar meu santuário!

— Me atreveria sim, e é o que vou fazer. Você merece isso e muito mais.

Com a cabeça erguida, ela entrou na casa batendo os pés, os saltos fazendo barulho no piso de madeira até o fim do corredor.

— Você queria que tivesse sido diferente? — perguntou Char, atrás dele.

Jake se virou e a puxou para um abraço.

— Não. Nunca. Sem dúvida. E você?

— Espero desde o nono ano para ser sua namorada, posso muito bem ser sua esposa. — Ela o beijou.

Epílogo

Aviões.

Todas as viagens do ano anterior haviam sido dramáticas. Ao menos desta vez ele podia ficar tranquilo. Tinha a esposa ao lado, além de Travis e Kacey, que decidiram mudar os planos para a lua de mel em cima da hora e ir com eles para o Havaí.

Quem poderia imaginar que Jake partiria em uma lua de mel? E com o irmão? E mais a garota de quem ele costumava rir. Sem mencionar sua esposa. Meu Deus, sua vida era quase uma novela mexicana!

Pelo menos vovó não ia junto.

Ele deu uma risada nervosa ao tirar os óculos escuros e carregar a mala de Char para o terminal.

— Está rindo de quê? — perguntou ela.

— Nada. — Jake suspirou. — É que, da última vez que viajei de avião, vovó apareceu de surpresa e decidiu ir junto. A vida nunca mais foi a mesma.

Char riu.

— Admita, você está feliz por ela ter se intrometido!

— Vou levar esse segredo para o meu túmulo — resmungou ele, beijando-a.

— Nada disso — repreendeu Travis, atrás deles. — Nada de agarrão até que estejam na suíte de lua de mel. E mesmo assim, vou fingir que vocês estão jogando damas, ou algo do tipo.

— Claro. — Kacey balançou a cabeça. — Porque é isso que as pessoas fazem na lua de mel.

Jake bufou com desdém e puxou Char para si, beijando-a na testa.

Alguns fotógrafos registraram o gesto, mas ele já estava acostumado com a atenção. Nem se incomodou. Até que os fotógrafos começaram a correr na direção deles.

— Ei! — Jake acenou. — Agora não, gente.

Eles continuaram a tirar fotos, passando direto por Jake e Travis.

— Uau! — Travis olhou para os fotógrafos, que se afastavam. — Eles obedeceram.

— Senador, é verdade? Fontes dizem que o senhor estava com uma prostituta na noite em que sua noiva o deixou.

Jace atravessou a multidão de fotógrafos, indo até Jake e Travis.

— Senhor senador! — Uma repórter correu até Jace.

Soltando um palavrão, ele se virou para se dirigir à imprensa.

— Sem comentários. Agora, se me dão licença...

Jake e Travis formaram uma pequena barreira entre Jace e os repórteres enquanto o grupo se afastava. Em pouco tempo, a segurança do aeroporto chegou e começou a afastar o pessoal da imprensa.

— Merda. — Jace cerrou a mandíbula. — Preciso desaparecer por uns dias.

— Alguém falou em desaparecer? — perguntou uma voz feminina atrás deles.

Todos resmungaram ao mesmo tempo quando se viraram para encarar vovó.

Ela segurava em mãos um cartão de crédito e passou direto por todos.

— Olá. Preciso de três passagens para Maui. Kihei? Qual é mesmo o nome? — Vovó se virou. — Kacey, querida, onde é a sua lua de mel?

— Minta — sussurrou Travis, ao mesmo tempo em que Char respondia:

— Kaanapali.

— É claro! — Vovó se virou de volta para o balcão. — Três passagens para lá. Sim, gostaria de usar as minhas milhas.

— Isso é uma piada, não é? — perguntou Jake.

— Bem que eu gostaria! — Travis suspirou. — É como se ela soubesse se materializar.

— Esperem. — Char passou por Jake. — Por que três passagens? Vovó acenou para alguém atrás do grupo.

— Beth, querida? Venha aqui. Preciso da sua identidade.

Char observou, em choque, enquanto Beth se aproximava com uma expressão não muito feliz.

— O que ela tem contra você? — perguntou Jake. — Fotos pornográficas? Algum momento vergonhoso? Mensagens bêbadas?

Beth lhe lançou um olhar desconfiado.

— Mensagens bêbadas?

Jake apontou para Travis.

— Algumas pessoas não são muito inteligentes. Ele caiu nas teias da vovó por causa de mensagens que mandou quando estava bêbado.

— Três palavras! — Travis ergueu três dedos. — Dança do acasalamento!

— *Touché*. — Jake suspirou. — Então o que foi, hem, Beth?

Ela mordeu o lábio inferior e olhou para vovó, então seus olhos passaram por Jace. Os dois desviaram o olhar no mesmo instante.

— Ah, não! — disse Jake. — Escute só, Beth, se teve Benadryl envolvido...

— Você foi drogada. — Travis balançou a cabeça. — Acontece com os melhores.

— Vovó drogou você? — perguntou Char.

Beth ajeitou o cabelo atrás da orelha.

— Não exatamente. Eu só, hã... Bem, ela...

— Beth! — gritou vovó, alto o bastante para chamar a atenção das pessoas ao redor. — Venha cá. Pare de enrolar. Não temos o dia inteiro! Você também, Jace. Traga esse corpinho lindo aqui. E deixe vovó cuidar de tudo.

Jake suspirou.

— É como esperar a tempestade. Não importa quantas vezes a gente grite "Furacão, protejam-se!", as pobres vítimas continuam olhando para o céu, embasbacadas.

— Vovó tem esse efeito nas pessoas. — Char deu o braço para ele.

— Não consigo parar de olhar — comentou Travis. — É como assistir a um acidente de carro. Você sabe que deveria ligar para a polícia e tentar ajudar, mas não consegue fazer nada além de passar dirigindo devagar, de boca aberta.

— Só Deus pode ajudar os dois agora. — Kacey suspirou.

Os quatro ficaram observando Jace e Beth enquanto vovó comprava bilhetes de primeira classe para o paraíso. Que logo viraria o inferno, já que a maioria dos planos de vovó envolvia dor, humilhação, manipulação... Pensando melhor, Jake sorriu.

— Por que você está sorrindo?

Ele deu de ombros.

— Imagino que esse tenha sido o sentimento de Travis quando viu vovó manipulando nossa vida amorosa.

Travis riu.

— Um grande sentimento de superioridade?

— É, isso mesmo.

— Ainda sinto isso — admitiu Travis. — É bom saber que ela seguiu para as próximas vítimas.

Travis e Kacey seguiram para o aparelho de raios x, deixando Jake e Char sozinhos.

— Acha que nosso encontro foi como um acidente de carro?

— Não. — Jake sorriu. — Acho que eu não seria idiota o bastante para ignorar você para sempre... ou ao menos gosto de pensar que não seria. Mais cedo ou mais tarde, acabaríamos juntos. Com ou sem vovó.

Nessa hora, vovó passou por eles e bufou com desdém.

— Mané!

— Ou não. — Jake riu.

— Eu te amo. — Char ficou na ponta dos pés e o beijou na boca. Ele nunca se cansaria dela, nunca mesmo. Talvez vovó o conhecesse melhor do que ele conhecia a si mesmo. Afinal, ela precisara de muitas estratégias para fazê-lo deixar o orgulho de lado. E Jake sabia que, em breve, teria de agradecer a vovó, mais uma vez, a manipulação.